

LEITURA (IN) FLUENTE

arquiteta **LAURI DA COSTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

PROPAR

CURSO DE MESTRADO EM ARQUITETURA
Convênio Pontifícia Universidade Católica do Paraná

DISSERTAÇÃO

LEITURA (IN) FLUENTE

arquiteta LAURI DA COSTA

orientador arquiteto **DR. JOSÉ ARTUR D'ALÓ FROTA**

Reflexão sobre a literatura especializada, a arquitetura de Curitiba
nos anos 50 e algumas obras do período.

Dissertação apresentada como conclusão do
Curso de Mestrado em Arquitetura
Área de concentração de Teoria, Crítica e História da Arquitetura
Convênio PROPAR-UFRGS-PUCPR

CURITIBA, 2002

Agradecimentos e histórico da pesquisa

Agradecer é contar histórias do curso de mestrado e da elaboração desta dissertação.

Ninguém faz nada sozinho, mestrado menos ainda. A todo mundo que colaborou, professores em especial, e a todos demais que contribuíram ao longo de dois anos e meio, da PUC e do PROPAR, meus sinceros agradecimentos, igualmente estendidos a todos que me acompanharam até o fim, lendo este trabalho.

Agradeço muito , sobretudo,

a meu orientador, José Artur D'Aló Frota.

ao Luís Salvador Gnoato, que trouxe o curso para Curitiba, com as possibilidades todas, e foi o irmão mais velho, sempre o ombro amigo disponível.

a Sonia Pessa de Oliveira, a melhor amiga desta fase, que sofreu tanto junto, e até dividiu trabalhos profissionais que ajudaram a pagar o curso. Do mesmo modo, agradecimentos aos colegas e aos amigos de verdade, como Eduardo R Santos, Roberto Piloto, Silviane Muller, Bráulio Carollo e aos meus estagiários, Márcia R. B. Mendes e Fábio Ruiz Pereira, pela solidariedade e inestimável ajuda.

ao caro Dr Witold Mikoszewski, médico homeopata mais para anjo da guarda.

aos clientes deste período, pela paciência, compreensão e estímulo.

Agradecimentos penhorados aos meus três heróis, Meister, Romeu e Elgson, que tanto batalharam nos anos 1950, pelos caminhos que abriram e seguiram, como também pela atenção e carinho nas entrevistas, seguramente a parte mais saborosa de toda esta pesquisa.

E por fim, aos pais e família, agradeço pela paciência e pelo sofrimento adicionado sem querer .

“ Architecture is the printing press of all ages, and gives a history of the state of society in which it was erected” - Morgan

Aos meus heróis do passado

Aos meus heróis do futuro

Resumo

Em **Leitura (in)fluente** é exposta a idéia de que a literatura especializada em arquitetura, tanto livros como revistas, foi uma fonte de informação, instrução, educação e mesmo inspiração para os autores, engenheiros e arquitetos, que fizeram a arquitetura do Paraná nos anos 1950 elaborando para Curitiba projetos arquitetônicos vinculados às idéias modernistas tais como eram praticadas em centros mais avançados. Apresenta também a literatura disponível na época, resgatada dos acervos remanescentes em bibliotecas públicas e particulares, procurando estabelecer um vínculo entre as obras locais e as divulgadas em revistas e livros. Apresenta ainda três destes autores, pessoalmente entrevistados, demonstrando através de suas obras e opiniões a comprovação da idéia sugerida no trabalho. São eles: **Rubens Meister**, engenheiro civil, autor do projeto do Teatro Guaíra; **Romeu Paulo da Costa**, engenheiro civil, autor da Biblioteca Pública do Paraná e **Elgson Ribeiro Gomes**, arquiteto diplomado depois de completar o curso de engenharia civil, autor de inúmeros edifícios residenciais e comerciais com caracter modernista. A dissertação é completada com a demonstração da idéia inicial através de uma análise comparativa entre obras da cidade e obras publicadas que apresentam caráter de similaridade pelo pensamento arquitetônico adotado.

Abstrat

Leitura (in)fluente (Influential Readings) exposed the idea that the specialized literature in architecture, as much books as magazines, was a source of information, instruction, education and also inspiration for the authors, engineers and architects, that made the architecture of Paraná in the fifties (1950), elaborating for Curitiba architectural projects linked to the such modernist ideas as they were practiced in more advanced centers. It is also presented the available literature at that time, rescued of the remaining collections in public and private libraries, trying to establish an entail among the local works and those published in magazines and books. Three of these authors are presented, personally intervieweed, demonstrating through their works and opinions the proof of the idea suggested in this work: **Rubens Meister**, civil engineer, author of Teatro Guaíra' project; **Romeu Paulo da Costa**, civil engineer, author of the Public Library of Paraná; **Elgson Ribeiro Gomes**, architect granted a diploma after being civil engineer, author of residential and comercial buildings traded with modernist character. The dissertation is completed with the demonstration of the initial idea through a comparative analysis between works in the city and works published that present similarity character to the adopted architectural thought.

LEITURA (IN) FLUENTE

Reflexão sobre a literatura especializada e a arquitetura do Paraná nos anos 1950
contendo análises comparativas de obras da época

arquiteta **LAURI DA COSTA**
orientador arquiteto Dr **JOSÉ ARTUR D'ALÓ FROTA**

Dedicatória
Agradecimentos
Resumo-abstract

Sumário

Introdução

Por onde se andou e por quê pg 7
A história do meio no meio da história pg 8
Período e fontes da pesquisa pg 11

1

Imagens de um Ideário Modernista pg 13
Linguagem arquitetônica pg 15
Gêneros discursivos da arquitetura pg 19
Arquitetura brasileira nos anos 50 pg 23

2

Flagrantes históricos e arquitetônicos de Curitiba nos anos 50
Memória I Momento sócio - político do Paraná nos anos 50 pg 27
Memória II As Obras Especiais do Centenário pg 35
Memória III Momento arquitetônico de Curitiba nos anos 50 pg 42

3

Reencontrando leituras pg 47
Leituras e conteúdo pg 51
Acervos pesquisados pg 73
Acervos Encontrados pg 88

4

Protagonistas e releituras pg 101
Rubens Meister pg 105
Romeu Paulo da Costa pg 125
Elgson Ribeiro Gomes pg 147

5

Leitura influente pg 163

Bibliografia pg 173

Anexos

Reflexos do "Brazil Builds" pg I
Questionário de entrevistas pg IX
Entrevista Rubens Meister pg XI
Entrevista Romeu Paulo da Costa pg XVII
Entrevista Elgson Ribeiro Gomes pg XXI
Glossário de Siglas pg XXVII

LEITURA (IN) FLUENTE

Reflexão sobre a literatura especializada, a arquitetura de Curitiba nos anos 50 e algumas obras do período.

INTRODUÇÃO

Por onde se andou e por quê

Um grupo de profissionais residentes em uma cidade de pequeno porte e acentuada cultura provinciana deu início, em meados do século XX, à implantação local de uma arquitetura com perceptível influência do Movimento Moderno, conectada aos acontecimentos contemporâneos de centros mais evoluídos. O que possibilitou tais acontecimentos e de que forma ocorreram?

A observação das obras executadas na Curitiba da época deixa perceptível uma conexão com a influência de profissionais renomados da arquitetura moderna, tanto nacionais quanto internacionais. Neste trabalho é analisado o modo e os meios pelos quais esta influência se deu, qual repertório arquitetônico foi adquirido e como o mesmo foi produzido e aplicado às condições e contexto curitibanos.

Pela verificação das condições locais foi possível perceber que dentre as fontes mais importantes da informação alcançada estava a literatura disponibilizada na cidade, certamente responsável por inspirar a linguagem arquitetônica surgida. A literatura especializada a que estes profissionais tinham acesso parece ser a resposta, compondo o enfoque principal desta pesquisa, cujo objetivo é analisar a influência

desta literatura no desenvolvimento da arquitetura de Curitiba nos anos 50, antes da criação do primeiro curso de arquitetura no Paraná.

Segundo o dicionário Aurélio, de português, por um lado, **Leitura** é a aquisição da informação com base em alguma forma de armazenamento e, por sua vez, **Literatura** é o conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época.

Este trabalho está direcionado a responder aos seguintes questionamentos: *Que formato tinham e quais eram essas fontes de leituras? Alguém foi buscar informação em outros locais? Em que formato vinha esta informação do exterior do país? Eram somente impressas? Eram mesmo as mais importantes, e seriam possivelmente as únicas? Como eram, de onde provinham, qual o conteúdo e quais eram as revistas e os livros? Quais os arquitetos favoritos dos profissionais locais e qual a razão da preferência? O que traziam os periódicos nacionais e qual abordagem que faziam do "mundo exterior"? Com que velocidade isto acontecia ?*

Para uma dissertação de mestrado com concentração de teoria, crítica e história foi escolhido um tema que, embora detalhe no

contexto geral arquitetônico, permitiu a abordagem dos três enfoques. O enfoque teórico foi visto com a verificação da influência do modernismo na aparentemente longínqua Curitiba. O enfoque histórico foi abordado na verificação do desenvolvimento local e da inserção de uma arquitetura especial em um momento também especial. Finalmente, a abordagem crítica apresentou-se na avaliação dos resultados da qualidade arquitetônica alcançada através de obras inseridas no contexto histórico-espacial apresentado.

Estudar as fontes de informação disponíveis naquela ocasião tem a intenção de acrescentar mais um capítulo ao registro de uma história ainda bastante acessível, ainda quase ao vivo, de uma época que já deixou sua forte marca e influência e que, decorrido meio século, continua visível de modo especial na arquitetura de Curitiba. Procura também servir de referência aos que prosseguirem com pesquisas que relatam a história da arquitetura do Paraná, os quais vem sendo realizados por diferentes estudiosos arquitetos em suas dissertações e teses sobre o período dos anos 50 do século XX no Paraná.

Alguns pesquisadores arquitetos, como Luiz Salvador Gnoato e Irã Dudeque, já se debruçaram, sob enfoques históricos, sobre aspectos desta arquitetura paranaense e sobre os profissionais que abriram caminho para o desenvolvimento da arquitetura do Paraná.

Mas, de que arquitetura se está falando? Qual modernismo, ou qual aspecto modernista? Que significado tem esta palavra para efeito deste trabalho? Uma breve resenha sobre arquitetura modernista ajudará a

enquadrar os enfoques aqui pretendidos, aspectos que estão destacados em **Ideário Modernista**, onde o entendimento sobre modernismo, sob a ótica desta pesquisa, é esclarecido.

A história do meio no meio da história

Pouco antes destes anos 50, e pouco depois também, Curitiba era uma cidade pequena, ainda que capital de Estado. Viajar para longe era para corajosos, a maior parte das pessoas que ali nascia por ali ficava a vida inteira. No entanto, em centros mais avançados, tanto deste mesmo Brasil como do exterior, outro momento histórico artístico e arquitetônico estava acontecendo. A Semana da Arte Moderna já havia acontecido há cerca de trinta anos, em 1922, e seus reflexos no mundo da arte brasileira já se faziam sentir há algum tempo. A própria arquitetura do Movimento Moderno já estava prestes a passar por reavaliações importantes. Para melhor compreensão da história tornou-se conveniente conhecer um pouco do ambiente dos anos 50 no Paraná, especialmente em Curitiba, e já aqui, no exame das Obras Especiais do Centenário, começaram a surgir respostas para um entendimento sobre a arquitetura influenciada pela literatura arquitetônica desta década.

A composição deste referencial incluiu uma visão da Curitiba dos anos 50, especialmente com uma resenha da arquitetura da época na cidade, o que foi feito em **Flagrantes históricos e arquitetônicos de Curitiba nos anos 50**. As comemorações do

Centenário de Emancipação Política do Paraná deram origem às Obras do Centenário as quais por sua vez também influenciaram fortemente a arquitetura local. Cumpre destacar que Curitiba da época tinha cerca de 180 mil habitantes. O restante do Paraná era ainda pouco desenvolvido e as cidades que hoje são pólos regionais tinham sido recém-criadas. Vem daí o hábito, nem sempre justo, de referenciar Paraná quando se está na verdade falando mais restritamente sobre Curitiba.

Na metade do século XX a informação, matéria prima que acelera o desenvolvimento de idéias, não dispunha dos mecanismos eletrônicos que hoje são o motor deste desenvolvimento. Televisão, informática, Internet, telefonia e fax via satélite, além de equipamentos sem fio e informática, hoje meios populares, nos anos 50 não era pensado que pudessem vir a ser úteis e acessíveis a qualquer um que os desejasse. No Brasil, a imprensa escrita era o veículo principal de notícias. O rádio fazia a comunicação mais rápida, mas sintética, sem imagens. Havia o cinema, mas a televisão apenas começava, para privilegiados, já quase em 1960.

A literatura se colocava então como principal fonte de informações. Em **Reencontrando Leituras**, é relatada a pesquisa dos acervos encontrados e através destes foi verificada a literatura especializada em arquitetura que era mais divulgada entre diferentes profissionais. Foram verificados os livros mais comuns e revistas e periódicos mais encontrados em diferentes acervos. Neste meio foi pesquisada a influência mais evidente, tanto de autores preferidos, brasileiros e estrangeiros, como de tendências arquitetônicas, resultantes

desta gama de informações. Igualmente foi especulado sobre a divulgação nas leituras de princípios arquitetônicos do Movimento Moderno através da visualização do projeto brasileiro em centros mais desenvolvidos, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Quem distribuía? A literatura disponível deve muito à Livraria Universitária, de Alceu Collares Marques e os entrevistados são unânimes na sua lembrança e admiração por ambos. Por outro lado, é compreensível que o livreiro trouxesse o que era mais vendável e mais acessível para ele mesmo, e este fatos delimitaram o acervo disponível, e de certo modo o limitaram. A origem da literatura oferecida era européia, americana, argentina e, sempre que possível, de São Paulo e do Rio de Janeiro. No entanto, nem tudo que existia no mercado nacional e internacional era adquirido pelo livreiro.

Ainda como fonte de informação havia também assinaturas de algumas revistas, que eram recebidas com regularidade por alguns profissionais, conforme relatado pelos mesmos nas entrevistas.

Paralelamente existiam as bibliotecas técnicas, como a da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa foi estendida entre os acervos mais importantes, herdeiros dos acervos da época, como a Biblioteca Pública do Paraná. A pesquisa nas bibliotecas não foi das mais animadoras e compreende-se logo por que os melhores profissionais tratavam de adquirir seu próprio acervo assim que podiam.

Por outro lado, como quem produziu esta arquitetura foram profissionais da área, arquitetos e engenheiros, e não leigos, este

estudo procura também avaliar a influência da informação vinda das leituras na formação complementar e na atuação dos profissionais ativos na época, como foi verificado em **Protagonistas e releituras.**

O grupo de profissionais atuantes era até significativo para as dimensões da cidade. Dentre os mesmos foram entrevistados três profissionais ainda ativos nos seus quase 80 anos, Rubens Meister, Romeu Paulo da Costa e Elgson Ribeiro Gomes, os quais responderam gentilmente ao questionário apresentado, fato que, além de ressaltar a personalidade de cada um, avivou aspectos importantes sobre a influência recebida.

De onde vieram estes profissionais atuantes na arquitetura local, qual a sua família, formação e qual o repertório arquitetônico adquirido? Quais seus principais clientes: órgãos públicos, construtoras ou particulares? Quais foram seus campos de maior atuação: edifício público, comercial ou residencial? Qual sua interação com o mercado, quem aceitava mais o trabalho que vinha sendo desenvolvido? Em função das obras executadas é perceptível, à primeira vista, uma influência mais acentuada de alguns autores famosos, como Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Frank Lloyd Wright. Parece haver uma ligação ideológica com arquitetos dos Estados Unidos, europeus, brasileiros e latinos. Quais e como? Havia ligação com movimentos dos “ísmos”, como o nacionalismo, expressionismo ou futurismo?

Além dos três entrevistados, alguns outros profissionais poderão também ser vistos em **Flagrantes históricos e arquitetônicos de Curitiba nos anos 50.**

É sabido que um grupo destes profissionais, entre os quais se incluíram Meister e Romeu, foi motivado para criar a primeira escola de arquitetura local, o que se efetivou com a criação do curso de arquitetura da Universidade Federal do Paraná.¹

Por fim, para sublinhar as análises realizadas e conduzir a visualização do que se pretendeu demonstrar foram pesquisados exemplares da produção arquitetônica local edificadas nos anos 50, para que pudesse ser identificada a fonte da influência arquitetônica pela verificação de seus mais importantes aspectos em comparação com a arquitetura encontrada nas publicações. Desta forma foi feita a verificação de quais arquitetos citados em revistas e livros foram mais influentes e em que medida esta influência se deu, destacando o porque da preferencia dos profissionais locais por alguns autores em detrimentos de outros, sínteses que se complementam em **Leitura Influente**, última parte desta dissertação.

Necessário faz-se esclarecer que por edifício público entende-se o que foi construído com erário público, e ao contrário, edifício privado é o que foi realizado por iniciativa empresarial. Não foi feita distinção sobre o modo de uso, pois tanto um como outro podem ter acesso livre ou restrito para o público.

Ressalte-se que houve certa dificuldade em datar com precisão algumas obras dos anos 50, às vezes por falta de registros oficiais, às vezes por falta das páginas de projetos. Por outro lado, esta precisão não interfere nos objetivos propostos.

¹ Sobre a criação das Escolas de Arquitetura do Paraná é recomendável a leitura da dissertação “Arquitetura e Ensino no Paraná: Uma trajetória em Análise”, Silviane Müller, 2001.

Período e fontes da pesquisa

Considerado o enfoque principal nos anos 50, a delimitação temporal da pesquisa se estendeu por cerca de 15 anos, de meados dos anos 40 até inícios de 60, quando, em 1961 foi criado o Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. A partir desta data, chegaram à cidade muitos arquitetos, com origem em outros estados e formações diversificadas, que vieram a Curitiba para lecionar e aqui estabeleceram sua vida profissional produtiva. Nessa ocasião, com a mudança de perfil do profissional, ocorreu também uma significativa mudança na arquitetura paranaense, não mais vinculada exclusivamente aos profissionais locais.

A pesquisa procurou identificar, quantificar e qualificar o material obtido a partir das seguintes fontes:

1. Livros e revistas da época que existem ainda nas coleções dos profissionais que foram entrevistados, os quais permitiram com gentileza acesso a seus acervos. Isto permitiu relacionar o material encontrado à preferência de certas publicações sobre outras, bem como relacionar o conhecimento adquirido às obras realizadas. A maior parte das ilustrações referenciadas nesta dissertação provém destes livros e revistas.

2. Parte deste material sobreviveu em bibliotecas, onde chegaram por aquisição ou doação, principalmente na Biblioteca Pública do Paraná e na Universidade Federal do Paraná. Parte foi encontrado ainda na biblioteca da PUC-PR. A procura dos acervos particulares que não mais existem, devido ao falecimento

de seus proprietários, levou à busca de volumes em diversos sebos da cidade, mas as pesquisas não foram frutíferas.

3. O programa Memória do Arquiteto, criado na gestão da autora quando presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, departamento do Paraná, tem registro de entrevistas de Meister, Romeu e Elgson, além de outros. São gravações em vídeo, ao vivo, sem cortes nem recortes, em voz própria.

4. Existem também publicações sobre os protagonistas em outras entrevistas concedidas à jornais e periódicos de entidades, além de discursos, elaborados para ocasiões especiais, cujas cópias foram cedidas à autora. Neste material foram procuradas manifestações pertinentes às idéias deste trabalho.

5. Foram realizadas entrevistas pessoais com os profissionais escolhidos, Meister, Romeu e Elgson, com enfoque na informação bibliográfica, objeto da pesquisa. A transcrição fiel de cada entrevista pode ser encontrada nos Anexos deste trabalho.

6. Além da literatura especializada foi realizada uma prospeção em jornais ou revistas da época, no sentido de verificar a divulgação junto ao público, para observar como a nova arquitetura foi apresentada, sobretudo no que se refere às Obras Especiais do Centenário.

7. Foi também realizado um levantamento principalmente fotográfico de obras significativas da época, edificadas em Curitiba, especialmente dos autores entrevistados e das Obras do Centenário.

8. As fotografias antigas, ou melhor, de época, provém do acervo dos protagonistas

entrevistados. Algumas provem de periódicos, sobretudo revistas, dos anos 50. As fotografias recentes são em sua maioria da autora, e procuram também mostrar o entorno urbano atual das obras citadas.

Dentre todo o material encontrado na pesquisa foram selecionadas e agrupadas imagens pertinentes a cada capítulo, e solicita-se que as mesmas sejam apreendidas juntamente com o texto, pois ambos, imagens e texto são solidários na construção da idéia apresentada.

Consta dos anexos um glossário da siglas referenciadas nesse trabalho.

A capa externa, bem como a encadernação, remetem ao modo de apresentação dos livros dos anos 50, quando os bons livros recebiam uma capa dura, com letreiros muito simples, e uma sobrecapa a cores.

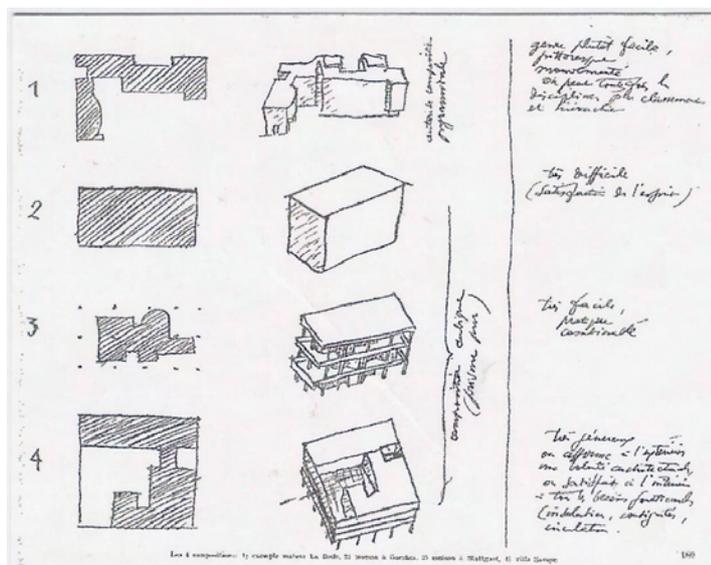


Fig 1 As quatro composições de Le Corbusier, comentadas em seu livro, tornaram-se referências paradigmáticas do Movimento Moderno
 fonte: Le Corbusier et Pierre Jeanneret, 1948, pg 189

1

IMAGENS DE UM IDEÁRIO MODERNISTA

Embora calcado sobre uma ideologia onde o novo era tudo que importava e estava sendo proposto algo entendido como absolutamente novo, este não é um ponto de vista aceito pelos teóricos nos anos 2000, quando são remetidas as bases da vanguarda da arquitetura do Movimento Moderno para meados dos século XVIII. As idéias que se desenvolveram no século XIX sedimentaram-se nas primeiras duas décadas do século XX. A partir dos anos 20 o movimento radicalizou-se como um todo, apresentando aspectos de ruptura nas artes, na pintura e na arquitetura e já se encontrava bem consolidado na Europa como expressão arquitetônica predominante quando se refletiu no meio paranaense, ao chegarem os anos 50.

D'Aló Frota² mencionou que o Movimento Moderno significou mais do que um movimento estilístico, tendo criado um modelo idealista cujos conceitos vieram a participar, nas artes e na arquitetura, com estruturas significativas e reais.

A arquitetura moderna vem sendo objeto de profundas análises. No entanto, não se pretende aqui discorrer longamente sobre a mesma, seus protagonistas ou seu desenvolvimento, mas apenas delimitar um referencial para a compreensão da literatura que está sendo discutida.

Os pontos aqui destacados do ideário modernista visam estabelecer uma conexão em

² D'ALÓ FROTA, José Artur, "El Vuelo del Fenix", Barcelona, 1997, Tese (Doutorado), ETSAB

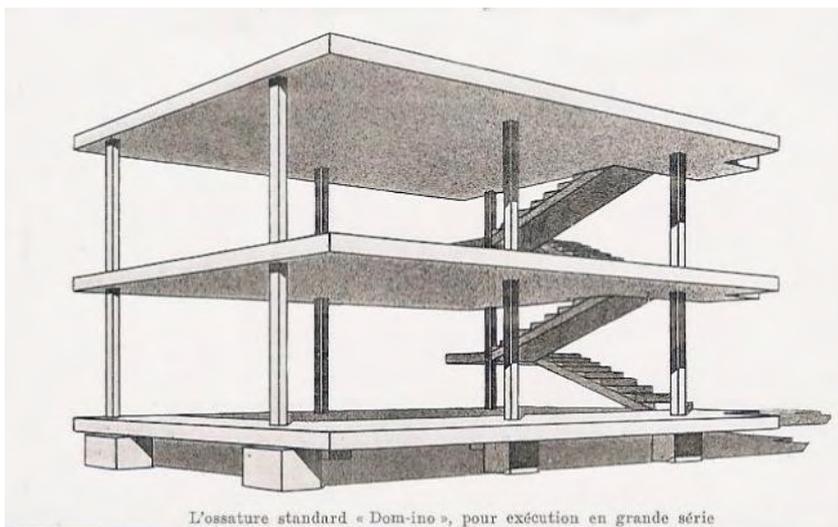


Fig 2 A Estrutura Dom-ino, de Le Corbusier, para execução em série, sintetiza um dogma do Movimento Moderno
fonte: Le Corbusier et Pierre Jeanneret, 1948, pag 23

Curitiba, entre a influência da leitura e a arquitetura, cujo caráter era inspirado no ideário do modernismo arquitetônico. Por outro lado também é admitido hoje que os principais dogmas modernistas contribuíram para a criação de uma linguagem arquitetônica a qual, por sua vez, veio a se tornar o referencial dos profissionais do Paraná nos anos 50.

Para a compreensão destas influências, além de referenciar alguns teóricos da arquitetura, é preciso referenciar igualmente a questão discursiva da arquitetura, assunto que também tem merecido a atenção de estudiosos³.

Por outro lado, as manifestações encontradas em escritos dos anos 50 também ajudam a compreender a forma como o ideário modernista foi recebido pelos profissionais locais.

Considerando as diferentes formulações existentes é preciso esclarecer a abordagem sobre o significado do modernismo neste trabalho, fixando idéias sobre modernização e modernidade, além de contemporaneidade, conceitos que tem sido muito discutidos e nem sempre são claros. A abordagem desta dissertação considera que modernismo e modernista dizem respeito ao movimento intelectual ocorrido como reação ao que era considerado aceitável no final do século XIX e início do século XX, com a contraposição de idéias que se pretendiam novas em diversos campos. O enfoque aqui adotado se atém mais à arquitetura, quando se consolidou o que pretendia ser uma nova arquitetura, com novas imagens baseadas em um novo ideário.

Por modernização e modernidade, na arquitetura, é entendida a atitude de assumir, além do ideário modernista, a tecnologia que o tornava acessível, tal como o uso da estrutura

³ SILVA, Elvan "Matrizes do Discurso Doutrinário na Arquitetura", 2000 (Texto prévio distribuído em aula)

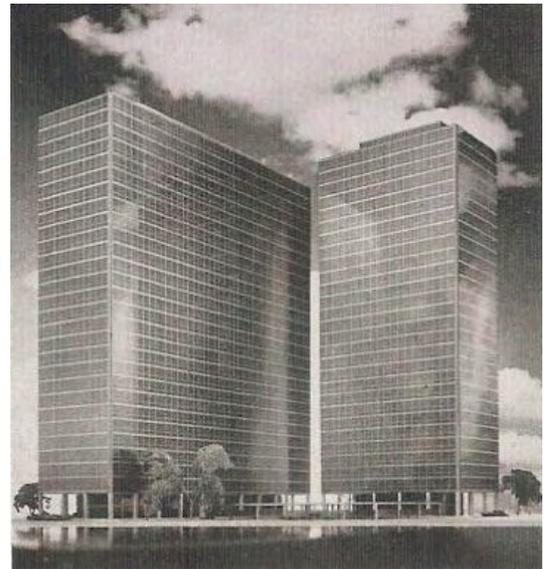
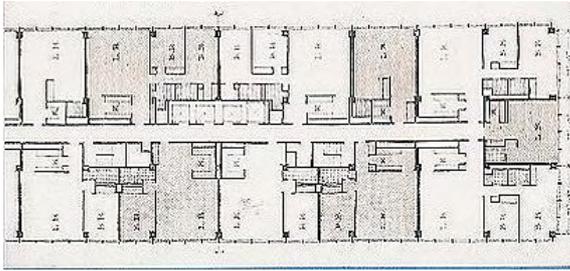


Fig 3 Proposta estrutural de Mies, pilares internos em rígida modulação que se reflete nas esquadrias
fonte: Architectural Forum , novembro 1955 , pag 144

metálica, freqüente nos Estados Unidos, e do concreto armado, adotado como material preferencial no Brasil. Contemporaneidade e contemporâneo referem-se aqui ao que ocorria no âmbito dos anos 50.

Fotos, desenhos e gráficos selecionados para este capítulo procuram sublinhar e complementar as abordagens expostas, cujo aprofundamento não é cabível neste trabalho. Todas as referências gráficas foram encontradas em revistas e livros, dos anos 1950 e proximidades, que compuseram a base desta pesquisa, introduzindo desta forma uma amostragem das leituras que exerceram influência sobre os profissionais atuantes na época em Curitiba. Desta forma estão mostrados alguns aspectos de arquitetura de Le Corbusier (fig 1), incluindo a paradigmática Dom-inó (fig 2), as modulações de Mies (fig 3 e 4), um trabalho de Wright (fig 5) e uma síntese sobre esquadrias modernistas (fig 6). Baseada na literatura em estudo, acrescentou-se referencia

a um estudo aprofundado a respeito de insolação nos trópicos (fig 9), e o uso dos brises detalhados no Brazil Builds (fig 10). Foram acrescentadas também algumas referências á arquitetura brasileira do período (fig 11, 12, 13 e 14).

Ao longo deste texto há outros comentários que remetem a estas imagens.

Linguagem arquitetônica

A existência de uma linguagem deve ser entendida como constatação de paradigmas que podem ser aprendidos e reproduzidos, resultando em uma manifestação que pode ser reconhecida ou repetida por outros que as conheçam, seja no todo ou em parte.

O ideário modernista estabeleceu-se como uma linguagem universal e neste sentido a arquitetura moderna utilizava-se de um determinado repertório formal que implicitamente continha a fórmula de uma combinação de

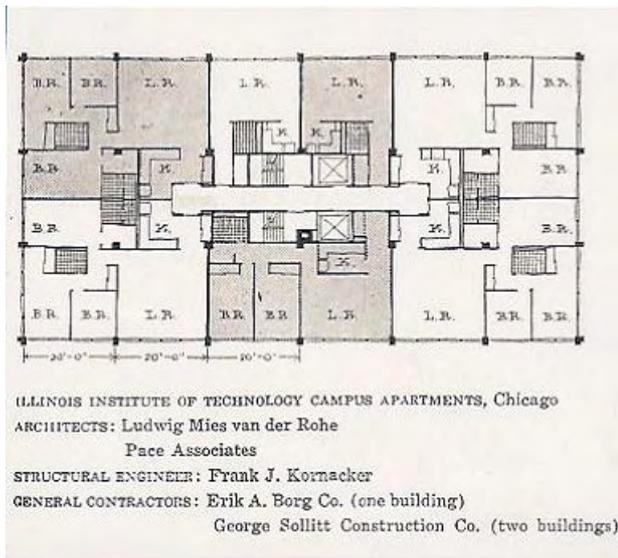


Fig 4 Proposta estrutural de Mies na qual, pilares externos evidenciam a modulação
 fonte: Architectural Forum, novembro 1955 , pag 145

preceitos e elementos que podiam ser aplicados a contextos idealizados.

Le Corbusier estabeleceu cinco pontos que passaram a constituir o dogma do movimento modernista da arquitetura. Com o uso do **Pilotis**, propunha liberar o solo. Com a **Planta Livre**, pretendia liberar o uso, separando os elementos estruturais das vedações que subdividiam o espaço e com a utilização da **Fachada livre**, buscava a correspondência com a planta livre. No plano vertical, facilitava a transparência física e construtiva com o uso da **Abertura em fita**, onde procurava uma contraposição às clássicas janelas unitárias, com o objetivo de liberar a paisagem. Por fim a imagem do **Terraço-jardim** correspondia ao paradigma do uso da cobertura com a intenção de recriar o solo ocupado pela construção.

Tornaram-se paradigmáticas também as quatro composições de Le Corbusier, exemplificadas

nas obras da Maison La Roche, pela vila em Garches, pela Weissenhofsiedlung em Stuttgart e pela extremamente conhecida Ville Savoye. (fig 1)

No entanto, a doutrina modernista não se esgotava nos preceitos de Le Corbusier. Havia outros caminhos, tanto europeus como americanos, que se desenvolviam de forma diferente, fosse na Bauhaus de Gropius (fig 7) ou na idéia de um certo *Estilo Internacional*, cujo mestre reconhecido era Mies van der Rohe. A expressão *Estilo Internacional* foi cunhada em 1932 por Philip Johnson e Henry Russel Hitchcock, para definir a tendência da arquitetura moderna que trabalhava volumes com superfícies planas, com todas transparências possíveis em uma caixa aberta. Para Frampton (1997), *Estilo Internacional* foi pouco mais que uma expressão conveniente, denominando uma arquitetura que pretendia flexibilidade da planta livre com o uso de

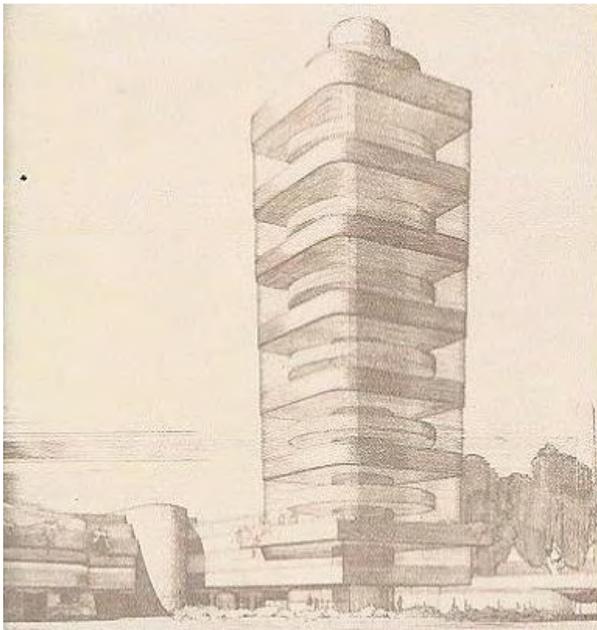


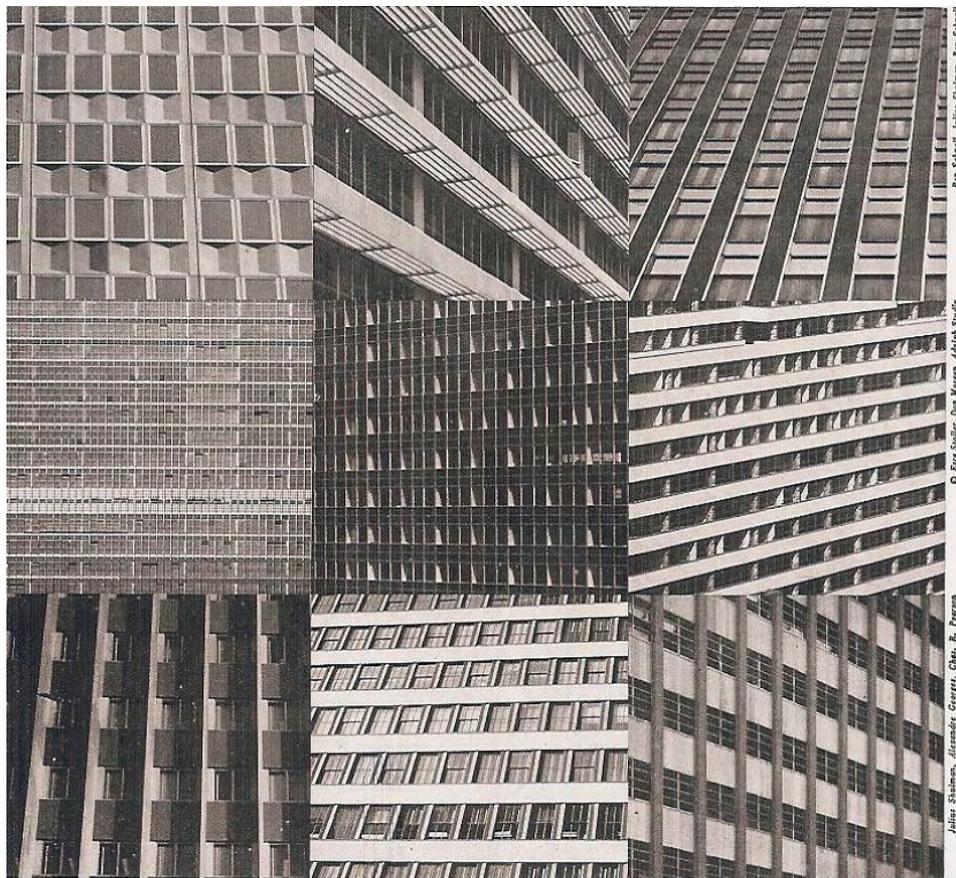
Fig 5 Edifício Johnson, de Frank Lloyd Wright, esquerda, desenho, Architectural Forum, janeiro 1948 pag 111 direita, foto, Architectural Forum, fevereiro 1953, pag 143

construções que utilizavam estrutura em arcabouço com o mínimo de alvenaria e fechamentos. Desenvolveu-se mais nos EUA, enquanto que na Europa sustentavam-se o racionalismo e o funcionalismo.

Mies Van der Rohe fazia contraponto ao “*forma segue a função*” de Louis Sullivan, e estabelecia paradigmas próprios, como os que foram divulgados na revista Architectural Forum de novembro de 1952, quando declarava que fazia o oposto, criando uma forma e instalando a função na mesma, porque os usos sempre mudam e economicamente os edifícios não podem mudar tanto. Arquitetura não tem nada a ver com invenção de formas, dizia, mas é uma verdadeira arena para o espírito. Mies tinha paixão por organização, ainda que não por normas, e dizia que é importante preservar e estender o ritmo dos pilares por todo o edifício. (fig 3 e 4)

Havia também outra faceta do Movimento Moderno, representada pelas propostas de Frank Lloyd Wright, que veio a ser reconhecida como arquitetura orgânica. A mesma revista citada trazia, em número de cerca de um ano depois, um extenso artigo sobre o arquiteto, onde o mesmo declarava seus paradigmas, tais como considerar que abrigo é o que todo edifício deve parecer e que a dimensão da figura humana deve estabelecer cada proporção de todos edifícios. Dizia também que o caráter do lugar deve ser o início de toda construção e que o espaço intermediário contido é a realidade de um edifício. (fig 5)

De qualquer forma alguns pontos eram comuns. Entre eles, a supressão das formas do classicismo, como as ordens, e dos seus esquemas compositivos, como simetria ou proporções canônicas. Também havia a subordinação da planta e do edifício como um todo aos requisitos funcionais, que resultou no



Ben Schacht, Julius Shulman, Ben Schacht

© Eric Steiner, Jim Morgan, Ralph Steady

Julius Shulman, Assembly Group, Chas. H. Perera

New thinking on

the effect of office windows on design

99 Park Ave., New York City
Emery Roth & Sons, architects

UN Secretariat New York City
Wallace K. Harrison, director of planning

General Petroleum Building, Los Angeles
Wurdeman & Becket, architects

Prudential Building, Los Angeles
Wurdeman & Becket, architects

Lever House, New York City
Skidmore, Owings & Merrill, architects

1407 Broadway, New York City
Kahn & Jacobs, architects

525 William Penn Place, Pittsburgh
Harrison & Abramovitz, W. Y. Cocken, architects

Look Building, New York City
Emery Roth & Sons, architects

Public Safety Building, Seattle
Naramore, Brady, Bain & Johanson, architects

Fig 6 Janelas de edifícios de escritórios, efeitos nos desenhos, observando-se a modulação sempre presente.
fonte: Architectural Forum, setembro de 1953, pag 117



Fig. 7 Bauhaus, Walter Gropius, 1926, onde foi abrigado parte do desenvolvimento do Movimento Moderno
fonte: Sartoris, Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale, pag 34

famoso preceito “*a forma segue a função*”, de Louis Sullivan. O emprego dos materiais remetia à sinceridade de uso das possibilidades dos mesmos, com a exploração racional e explícita de suas qualidades físicas e visuais. Outro dos pontos comuns previa a negação do historicismo e a aceitação do aspecto cultural da arquitetura, a qual devia atender às necessidades de sua própria época. Havia ainda em comum compromissos com visões sociais e éticas, além de contemporaneidade.

Apesar do aparecimento de alguns movimentos, Silva (2000) destaca bem que a doutrina moderna nunca foi uma unanimidade e que sempre houve arquitetos os quais, mesmo observando os avanços do Movimento Moderno, faziam concessões ou críticas, como as que procederam dos últimos CIAM⁴ e do seqüente Team X⁵, grupo de jovens arquitetos .

⁴ CIAM – Congrès Internationaux D'architecture Moderne, de 1928 a 1956.

⁵ Team X – entre outras posturas criticaram a rigidez e a uniformidade da Arquitetura Moderna.

Hoje é admitido que o modernismo tem um sem número de caras, que foram paulatinamente aparecendo com o decorrer do tempo. Assim, várias tendências podem ser reconhecidas, como expressionismo, futurismo, correntes racionalistas e até correntes esotéricas, na Alemanha dos anos 20, com Bruno Taut e Poelzig, entre outros. (fig 8)

Enquanto as primeiras críticas e revisões conceituais aconteciam os profissionais paranaenses atuantes na época procuravam seguir os preceitos do Movimento Moderno, inspirados nas leituras que recebiam e sob cuja influência procuravam desenvolver seus trabalhos.

Gêneros discursivos da arquitetura

Para arquitetura, qual é a facilidade de compreender imagens, uma vez que a descrição de uma obra arquitetônica fica

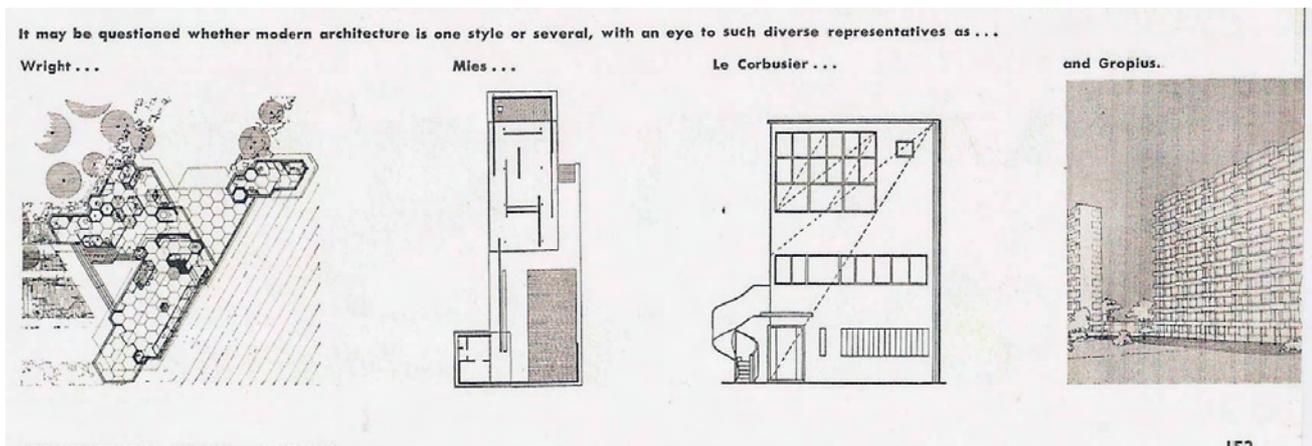


Fig 8 As várias faces da arquitetura moderna já eram discutidas nos anos 1950
 fonte: Architectural Record, agosto 1952, pag 175

pendente da leitura de quem recebe a informação?

É perfeita a citação que Elvan Silva (2000) faz de D. Wiebenson.

os livros de arquitetura, pelo mero fato de ter de combinar a imagem a palavra, se encontram com freqüência entre as grandes maravilhas da criação bibliográfica

Uma resenha breve da história do livro de arquitetura mostra que a primeira compilação conhecida escrita sobre arquitetura é obra de Vitruvius, estima-se que em torno de 24 AC. Para ele os atributos da arquitetura podiam ser resumidos em *“utilitas, firmitas e venustas”*, utilidade, solidez e beleza.

A criação da imprensa facilitou a divulgação dos inúmeros tratados que surgiram desde a partir do Renascimento e desde então a literalização da cultura profissional arquitetônica tornou-se irreversível.

Os tratados que descreviam arquitetura organizavam conhecimentos que já eram praticados, como fez Leon Battista Alberti no *“De Architectura”*, do século XV. Um dos primeiros tratados surgidos, lançado em 1485, tem sua importância devida ao fato de que Alberti era um intelectual e não um mestre de obras, introduzindo com seus escritos um novo status à profissão do arquiteto, até então visto como um artesão.

Nos idos de 1600 foram publicados os livros de Palladio, onde ele propunha e examinava conceitos que verificava nos seus próprios projetos e obras. O abade Cordemoy, em 1706, no *“Nouveau Traité de toute l’Architecture”*, substitui a trindade de Vitruvius por *“ordonnance, distribution et bienséance,” isto é, ordem, distribuição e conveniência*. Nas idéias do Abade Cordemoy podem ser reencontradas os pensamentos que foram, muito tempo mais tarde, compartilhados pelos

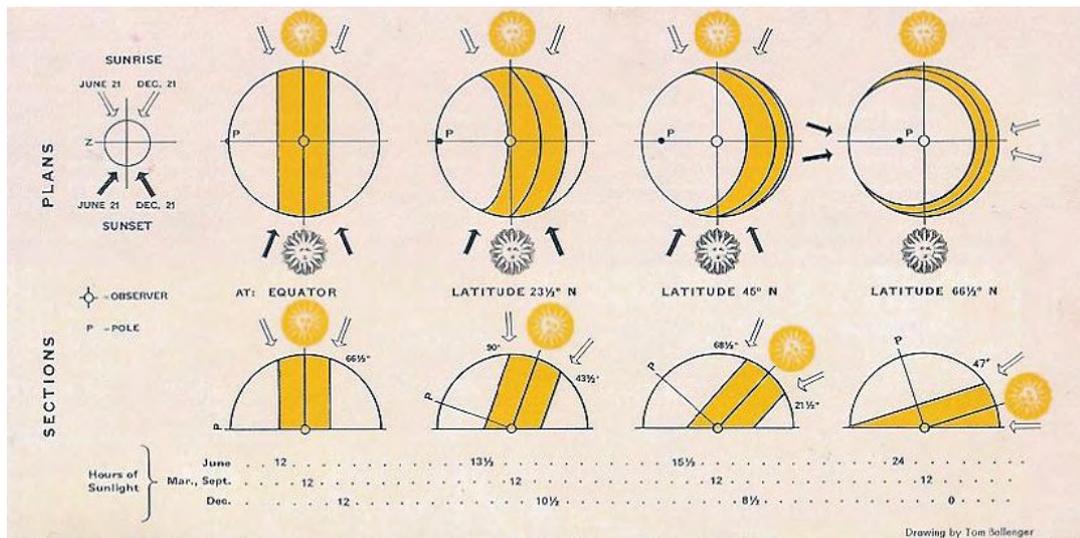


Fig. 9 Gráfico de Insolação nos Trópicos, cujo estudo era destacado na arquitetura moderna brasileira. fonte: Architectural Record, agosto de 1952, pag 173

racionalistas e funcionalistas, como é encontrado em Alberto Sartoris (1935), quando este disse que:

Os ideais que animam o trabalho atualmente realizado na Europa, América, Austrália e Japão, segundo as regras da precisão geométrica e numérica, precisão esta que é feita de síntese, de elevada ordem, de máxima exatidão, são ideais que tem levado a arquitetura moderna à esfera de um período áureo de renovação e vitalidade, inspirados na transfiguração e transposição do esquema utilitário da civilização mecânica.

A partir do Renascimento livros sobre o ofício da arquitetura se sucederam, como os de Quatremère de Quincy e os de Claude Perrault, Laugier, Blondel e Boullé, até chegarmos a Durand, por volta de 1750. A criação das Academias institucionalizou o ensino de arquitetura e começaram a surgir os livros de teoria de arquitetura.

Durand, criador de uma tipologia normativa e econômica da edificação, publicou

o “*Precis des leçons données à l’École Polytechnique*”, nos quais difundiu um sistema que permitia o uso de elementos modulares com formas clássicas, que podiam ser organizadas para qualquer solução arquitetônica, e que se adaptavam ao ecletismo que vigorava.

Outros nomes importantes sucederam-se e surgiram diversos livros tratando de arquitetura e agora também de urbanismo. Eugène Viollet le Duc, nascido em 1814 em Paris, em 1854 começou a publicar “*Dictionnaire Raisonné de L’Architecture Française du XI au XVI Siécle*”, que concluído em 1858, foi seguido de “*Entretiens sur l’Architecture*”.

É de Kenneth Frampton (1997) a constatação de que quanto mais rigorosamente é procurada a origem da modernidade mais atrás no tempo ela parece estar. A tendência atual parece ser recuá-la para meados do século XVIII, quando os arquitetos questionaram

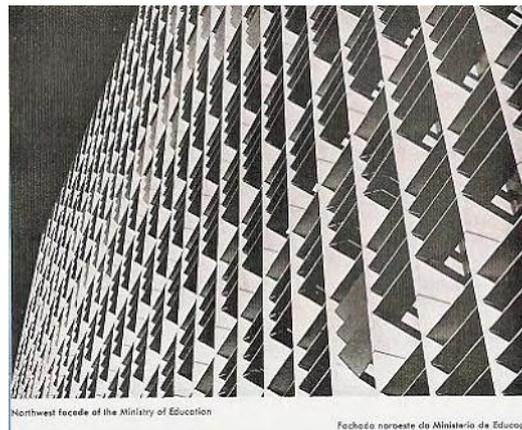
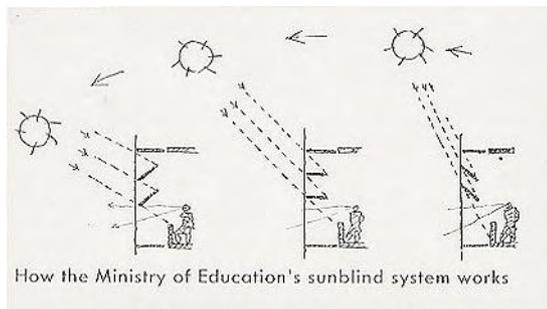


Fig 10 Ministério da Educação e Saúde; Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Le Corbusier.
 esquerda Fachada noroeste, com aplicação de brises.
 direita Parassois, (brises) e estudos de insolação.
 fonte: Goodwin, "Brazil Builds", pag 84 e 85

os cânones clássicos de Vitruvius.

Relata Elvan Silva (2000) que depois que os grandes tratados renascentistas deixaram de ser a melhor forma de divulgação de idéias e ideários arquitetônicos o Movimento Moderno adotou preferencialmente o manifesto e a monografia histórico-crítica como forma de expressão discursiva.

O manifesto tinha como objetivo convencer, angariando adeptos para uma nova doutrina. O mais conhecido manifesto da arquitetura modernista é o *Vers une Architecture*, de Le Corbusier, de 1923, inicialmente publicado como uma série de artigos na revista *L'Ésprit Nouveau*, editada pelo próprio Le Corbusier. Há hoje quem o considere conceitualmente frágil, mas foi durante 40 anos o paradigma do pensamento vanguardista. (Silva, 2000)

Já a monografia histórica tinha um caráter mais prático, e foi viabilizado pela reabilitação da história da arquitetura, em

contraposição ao discurso modernista da criação independente e absoluta.

Nos anos 50 a questão discursiva da arquitetura se servia das revistas como instrumento de divulgação imediata e dos livros para aprofundamento. A facilidade de imprimir imagens também contribuiu para que a literatura se tornasse atraente para um número maior de profissionais, na maioria mais voltados à prática e do que à teoria. A ampla divulgação da arquitetura e do ideário modernista exerceu um acentuado papel didático não só sobre os profissionais como também sobre o público cliente da arquitetura.

Como vem sendo visto nesta dissertação, foram os livros e revistas que, dando acesso e informações sobre fatos acontecidos em lugares distantes, contribuíram para influenciar profissionais curitibanos e possibilitaram a introdução da arquitetura do Movimento Moderno na cidade.

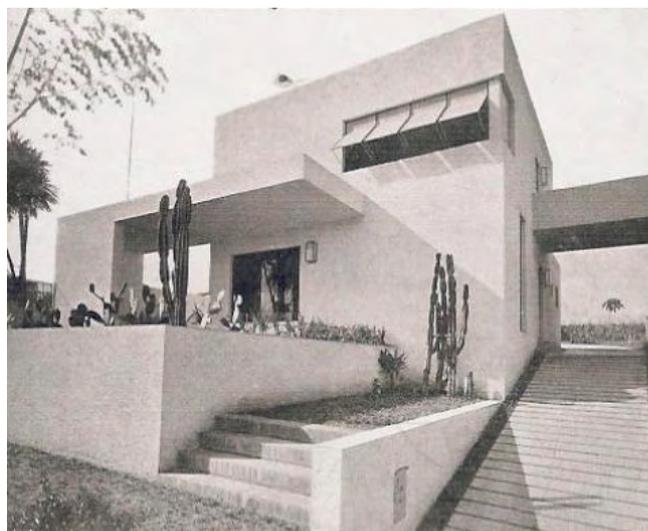


Fig. 11 Residência Paulista, Gregori Warchavchik, obra com espírito racional-funcionalista
fonte: Sartoris, Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale, pag 121.

Arquitetura brasileira nos anos 50

Na arquitetura do Brasil o modernismo impôs-se com mais força após a segunda Grande Guerra, manifestando-se alguns anos antes, desde os últimos anos 1930, e firmando-se nos anos 50, sobretudo no eixo Rio-São Paulo. Refletia o desejo de expressar a modernização que o país buscava desde 1930, quando atravessava tempos de alguma prosperidade, em que pese a vida política passar de uma crise para outra.

Lúcio Costa, liderando na arquitetura, na teoria e na educação, convidou Oscar Niemeyer, primeiro a participar do projeto do MEC (1936) e pouco depois a realizar o Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional da Nova Iorque (1939). O Ministério da Educação e Saúde, com a intensa participação de Le Corbusier em sua vinda ao Brasil de 1936⁶, é

⁶ Le Corbusier visitou o Brasil em 1929, 1936 e 1961

considerado o principal ponto de partida para o início da arquitetura moderna no país

A política do bom vizinho, uma forma americana de procurar apoios, fez com que fosse realizada em 1943 a exposição *Brazil Builds*, cujo livro-catálogo se encarregou de divulgar ao mundo a arquitetura brasileira, o que mostrava também um lado sério do que se convencionou ser a cultura brasileira, que do outro lado era representada por Carmem Miranda e Zé Carioca. *Brazil Builds*⁷ foi responsável pela primeira divulgação da arquitetura brasileira, que passou a ser objeto de atenção no meio arquitetônico internacional.

Os reflexos do *Brazil Builds* foram notáveis e, em espelho, a arquitetura brasileira passou a ser conhecida pelos próprios brasileiros também através das revistas importadas que a mencionavam. Em setembro de 1947, a revista *Architecture D'Aujourd'Hui* publicou "*Bresil*", um

⁷ Ver *Reflexos do Brazil Builds*, em Anexos nesta dissertação



Fig. 12 Edifício Prudência, Rino Levi, 1944, muito divulgado internacionalmente.
fonte: Progressive Architecture, agosto 1952.

número especial dedicado a arquitetura brasileira. Diversos periódicos e autores passaram, a partir daí, a referenciar e acompanhar o que era realizado no Brasil⁸.

Comas⁹ analisa a arquitetura brasileira mencionando que

Tampouco parece impertinente reconhecer nas obras de Lúcio, Oscar e seu grupo a expressão de uma vontade de caracterização aplicada a uma matéria prima que não é mais a composição de cunho classicizante, senão a composição corbusiana (...).

Comas ressalta ainda a escolha dos elementos que integravam a nova arquitetura, como plantas e elevações com o emprego de geometria curvilínea, elementos de proteção solar para panos envidraçados, uso de murais de azulejos e uso dos materiais de acordo com suas potencialidades técnicas e expressivas.

⁸ SEGAWA Hugo, *Arquiteturas do Brasil –1980-1990*. (1999) – pag 107.

As características da arquitetura moderna brasileira deste período, carioca e paulista, apontaram para duas trajetórias.

No Rio de Janeiro, onde a arquitetura moderna brasileira recebeu um impulso mais forte, surgiu a figura preponderante de Oscar Niemeyer, cuja maior referência é a obra de Le Corbusier, acrescida da inovação de características muito próprias e contextualizadas. Niemeyer, dinâmico, criativo e trabalhando muito tornou-se o mais citado arquiteto brasileiro na imprensa internacional, mas diversos nomes fizeram-se igualmente presentes, entre eles Affonso Reidy, os irmãos Marcelo, Mauricio e Milton Roberto, Sergio Bernardes e Olavo Redig de Campos, arquitetos que consolidaram um vocabulário arquitetônico que, mais recentemente, vem sendo denominado por alguns críticos de *escola carioca* ou *linha carioca*.

⁹ Comas, Carlos Eduardo Dias, *Uma certa arquitetura moderna, 1999, texto distribuído em aula*



94. Franz Heep e Jean Ginsberg: edifício de apartamentos em Paris, 1934.



95. Franz Heep: edifício Tinguá, São Paulo, década de 1950.

Fig 13 Edifícios de Adolf Franz Heep

esquerda Edifício de Apartamentos, Paris, co-autoria Jean Ginsberg, 1934, Segawa, *Arquiteturas do Brasil*, pag137.
direita Edifício Tinguá, São Paulo, década de 50, Segawa, *Arquiteturas do Brasil*, pag 137.

As primeiras manifestações do Movimento Moderno em São Paulo foram realizadas por arquitetos que estavam muito ligados aos europeus, fosse por formação, pois estudaram no exterior, fosse por serem imigrantes que chegaram ao Brasil já formados. Exponentes desta fase foram Rino Levi e Warchavchik. Seguindo principalmente os paradigmas do racionalismo e do funcionalismo, o grupo de São Paulo vem sendo denominado de *escola paulista* ou *linha paulista*.

Entre os arquitetos que atuaram em São Paulo cabe fazer uma referência ao arquiteto Adolf Franz Heep pela grande influência que este exerceu sobre Elgson Ribeiro Gomes, destacado nesta dissertação, que por sua vez veio a ter importante atuação em Curitiba. Franz Heep era checo e arquiteto formado em Frankfurt, tendo sido aluno de Walter Gropius e Adolf Meyer. Convivendo com Le Corbusier em Paris, Heep manteve um escritório parisiense

de projetos por 18 anos, em parceria com o arquiteto Jean Ginsberg, atividade interrompida pela guerra 40-45.¹⁰ (fig 13). Mudou-se então para São Paulo em 1947, onde reiniciou suas atividades em escritório próprio em 1950. Elgson relata sobre o período durante o qual trabalhou com Heep:

... assimilei muito do que é o processo educacional e a vida na Alemanha.

Muitos projetos de Heep se destacaram em São Paulo, e entre inúmeros outros edifícios de escritórios estão o Edifício Itália e o Edifício Attilio Mattarazzo. No Paraná realizou, em parceria com Elgson, o Parque Balneário Caiobá-MAPI e o Edifício Souza Naves-IPASE, em Curitiba.

Heep publicou alguns trabalhos na Acrópole. (fig 14) Seus primeiros projetos podem ser incluídos na tendência funcional

¹⁰ SEGAWA Hugo, *Arquiteturas do Brasil –1980-1990*. (1999) – pag 137.

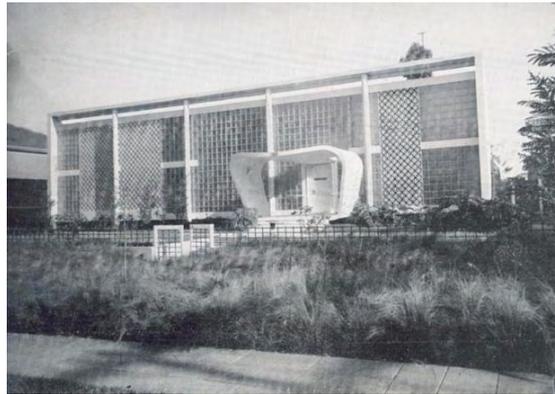


Fig 14 Obras publicadas de Adolf Franz Heep

esquerda Edifício Caeté, Santos, Adolf Franz Heep, 1955; Acrópole, maio 1955, nº 199.
centro Residência no Jardim América, Adolf Franz Heep, 1956, Acrópole, julho 1956, nº 213.
direita Edifício de Apartamentos, Adolfo Franz Heep, 1958, Acrópole, outubro 1958, nº 240

racionalista e Heep alinhava-se com os modernistas. Ao longo de sua atividade, mesmo depois de traçar caminhos próprios, Elgson manteve ligação de referência com Heep, como poderá ser visto adiante em *Protagonistas e Releituras*.

No Paraná os arquitetos internacionais mais citados pelos profissionais eram Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright. O evento mais conhecido era a Bauhaus. Dos brasileiros falava-se de Lúcio Costa, Rino Levi, Osvaldo Bratke e do paranaense Villanova Artigas. Niemeyer era observado e causava polêmicas desde que surgiu. Os autores das *Obras do Centenário* tornaram-se conhecidos, como David Xavier Azambuja e Sergio Rodrigues Bernardes, entre outros.

Os escritos de Lúcio Costa e a divulgação da arquitetura brasileira chegavam a Curitiba através das revistas brasileiras,

sobretudo pela Acrópole, além das notícias e artigos que chegavam nas revistas importadas.

Algumas obras e autores relacionados ao Paraná, especialmente as *Obras do Centenário*, serão vistos e analisados no capítulo seguinte, *Flagrantes Históricos e Arquitetônicos de Curitiba nos anos 50*.



Fig 15 esquerda Curitiba 1953
fonte Revista A Divulgação, set/out 1953
direita Curitiba 1953, início de verticalização nos anos 50
fonte Revista Ilustração Brasileira /
Edição Comemorativa do Centenário do Paraná, nº 224-dezembro 1953

2

FLAGRANTES HISTÓRICOS E ARQUITETÔNICOS DE CURITIBA NOS ANOS 50

Memória I Momento sócio-político do Paraná nos anos 50

A intenção de visualizar de modo adequado o tempo e espaço do período desta pesquisa levou a um apanhado histórico do Paraná dos anos 50 do século XX.

Desmembrado de São Paulo em 1853 como nova província, o Paraná tinha uma forte tradição agrícola que continuou durante todo o século XX, quando seu vizinho já estava trilhando caminhos de industrialização. O primeiro presidente, Zacarias Góes e Vasconcelos, assumiu em 19 de dezembro de

1853, data adotada como de instalação da Província do Paraná.

Em 1873 ocorreu a inauguração da estrada da Graciosa e por ela escoava a produção da erva-mate, cuja exportação instaurou um ciclo econômico que durou cerca de meio século. Além da erva-mate também eram produzidos couro e madeira. Um pouco mais tarde, em 1885, a inauguração da ferrovia viabilizou a extração e a exportação da madeira do excelente pinho do Paraná, abundante na natureza das florestas locais, cuja extração era totalmente predativa, sem as preocupações ecológicas surgidas muitos anos depois.



Fig 16 esquerda Passeio Público , arborização natural do primeiro parque ambiental, 1953
fonte Revista Ilustração Brasileira / Edição Comemorativa do Centenário do Paraná, nº 224 – dezembro 1953
direita Curitiba 1953, manhã de neblina e modernidade
foto Romeu P Costa, anos 1950

Até a década de 1920 a erva-mate continuou ocupando o primeiro lugar na pauta de exportação paranaense, seguida da madeira e do café. No período da segunda guerra mundial a madeira passou a ser o principal produto, seguido pelo café e só então pela erva-mate, que deixou de ser o produto mais importante da economia estadual. O ciclo econômico seguinte foi o do café e é nesta época que acontece em Curitiba um salto arquitetônico significativo em termos de desenvolvimento e contemporaneidade.

Para Curitiba existem registros do pequeno povoado desde 1648. No entanto, o primeiro pelourinho foi autorizado somente anos depois, em 1668, no dia 4 de novembro. O atrativo inicial da região era a lavra de ouro, que não se mostrou muito produtiva. O desenvolvimento seguinte, muito lento, foi devido ao tropeirismo, por volta de 1812, quando a vila veio ser ponto de passagem na

criação de gado e, algum tempo depois, evoluiu para local de internadas e criação de gado.

A composição inicial de sua população era igual a do resto do Brasil, contando brancos, negros e índios. Prosseguiu assim por quase duzentos anos, crescendo muito devagar, recebendo imigrantes europeus em meados do século XIX, principalmente alemães, suíços, franceses e muitos italianos. Em 1871 chegaram os imigrantes poloneses e com eles as técnicas construtivas em madeira que vieram a ser bem desenvolvidas devido à abundância do material.

Curitiba era ainda uma cidade muito pequena e simples, praticamente uma vila, quando teve que disputar com Paranaguá a primazia de ser capital da nova província emancipada de São Paulo. Pela primeira vez foi sentido que era necessário fazer de Curitiba uma cidade de fato. Os serviços e equipamentos urbanos começaram a se desenvolver e em

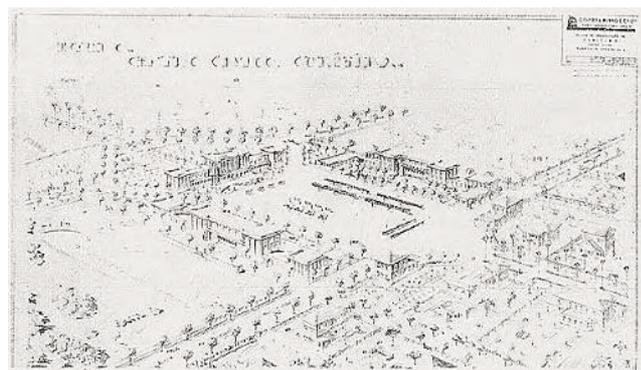
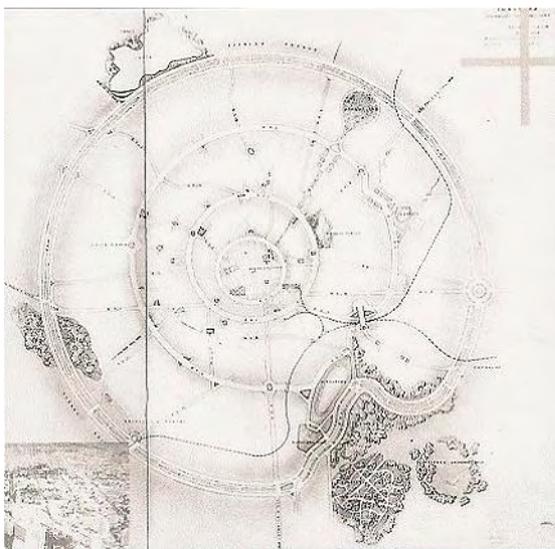


Fig 17 Plano Agache para Curitiba, 1941
esquerda planta em círculos concêntricos
direita proposta para o Centro Cívico
fonte Boletim PMC – ano II – nº 12 Agenda / Mais 2001

1854 surge o primeiro jornal local, o “Dezenove de Dezembro”. Até 1857 não havia farmácia na capital, que ainda comprava medicamentos em Paranaguá, e foi só neste ano que chegou Augusto Stellfeld e instalou a primeira drogaria.

Para ordenar a área urbana, por volta dos anos 1850, foi contratado o engenheiro francês Pierre Taulois, que iniciou mudanças para regularizar o traçado da cidade procurando introduzir um desenho ortogonal pela retificação de ruas existentes.

A partir de 1870, algumas intervenções urbanas começaram a ocorrer na capital de forma organizada. A instalação da estação da estrada de ferro motivou um dos primeiros planos urbanos e fez surgir a Rua da Liberdade, mais tarde rua Barão do Rio Branco. Com ares de avenida, a Rua Barão inspirou o governo local a instalar aí o primeiro Centro Cívico da cidade, resultante da construção de diversos edifícios oficiais ao longo da via.

Também nesta época aprimorou-se o código de edificações, que obrigou os edifícios a seguirem uma tipologia determinada, com casas coladas lado a lado, construídas no alinhamento predial, contendo comércio no térreo e habitação acima, estabelecia também a altura das edificações de modo que a perspectiva da rua fosse uniforme.

Em 1886 a cidade ganhou o primeiro parque, o Passeio Público (fig 16), que aliava um conceito ambiental de área verde com saneamento. Boas administrações se sucederam e, na virada do século XX, serviços urbanos de água, esgoto limpeza e iluminação foram sendo instalados, novas ruas foram abertas, pavimentadas e arborizadas. Em 1913, as ruas principais, Barão do Rio Branco e XV de Novembro, receberam paralelepípedos e os bondes tornaram-se elétricos. Nos seguintes anos 30 outras novas avenidas foram abertas.



Fig 18 esquerda Eixo da Av. Cândido de Abreu, 1953, ainda sem algumas obras do Centenário
 fonte Revista Paraná, nº 5 / abril - dezembro 1954
 direita Eixo da Av. Cândido de Abreu, adensamento em 2001
 foto autora 2001

Embora o Estado já estivesse sendo ocupado no seu interior, com a criação de cidades que se desenvolviam bem, como Londrina e Maringá, Curitiba continuava a ser a cidade principal, por sua localização estratégica no escoamento da produção, sendo passagem para São Paulo, Rio Grande do Sul e conexão do interior com o litoral.

Nos anos 40 surgiu o primeiro plano realmente urbanístico (fig 17). Donat Alfred Agache, nascido em 1875, era renomado urbanista francês, participante do grupo fundador da Sociedade Francesa de Urbanismo, tendo sido catedrático de História da Arte no *College Libre des Sciences Sociales* e professor na *École des Beaux-Arts* de Paris. Era especializado em problemas de habitação e urbanismo, tendo publicado livros associados às *cités-jardins* e à reconstrução da Europa após a Primeira Guerra Mundial. Tinha participado da elaboração de planos

urbanísticos em Chicago e Camberra, entre outros, e no Brasil já havia atuado no Rio de Janeiro, em 1928. A parte de sua proposição carioca que foi implantada constituíram os quarteirões que fecharam quadras inteiras na Esplanada do Castelo, onde foram construídas diversas obras seguindo a tendência *Art Déco*.

Contratado pela empresa paulista Coimbra Bueno e Cia Ltda, por solicitação do prefeito Rosaldo de Mello Leitão, veio propor uma nova ordenação urbana à cidade. Curitiba, sendo o centro brasileiro do positivismo ao qual Agache era ligado, o recebeu da melhor forma, com prestígio e colaboração. O trabalho que ficou conhecido como Plano Agache foi elaborado entre 1941 e 43 e tinha como prioridades o desenvolvimento social da cidade, descongestionamento das vias e estruturação do centro, além de uma séria proposta de saneamento. São integrantes do plano Agache as galerias pluviais na Rua XV, via principal da

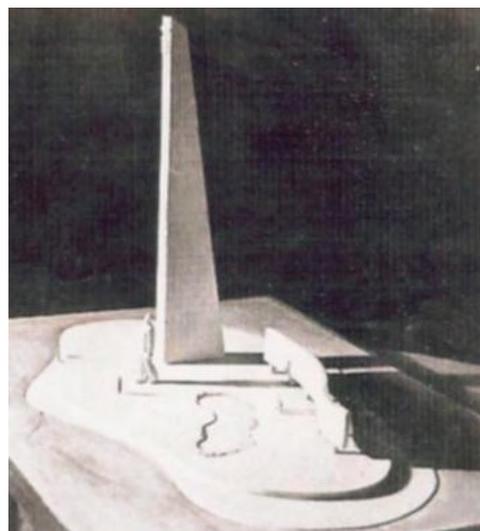


Fig 19 esquerda Praça Dezenove de Dezembro, escultura E Stenzel ,representando o homem do Paraná
foto Romeu P Costa, anos 1950
direita Maquete Praça Dezenove de Dezembro , comemorativa do Centenário
fonte Revista CC - 1953

época, que foram saneadoras dos banhados curitibanos. Uma característica especial do Plano Agache eram as grandes avenidas em círculos concêntricos ao redor do núcleo inicial, interligados por radiais. Apesar dos problemas surgidos na sua implantação restaram, e são configurantes ainda hoje, algumas grandes avenidas e algumas zonas especiais, como Centro Politécnico, Mercado Municipal, e o plano básico do Centro Cívico. Uma Zona Industrial proposta atrás da estação ferroviária provou-se inadequada em pouco tempo pelo crescimento urbano acelerado. Os recuos obrigatórios de cinco metros para novas construções permaneceram nos planos seguintes e são ainda adotados para a maior parte da cidade .

Agache propôs um conjunto neo-clássico para o Centro Cívico (fig 17), criando uma esplanada que atuava como fechamento de uma grande avenida e na qual o elemento

central era o palácio do governo, ladeado por outros edifícios administrativos

Segundo Carollo (2002)¹¹, o trabalho de Agache se diferenciava das propostas modernistas ortodoxas por não utilizar elementos que visavam o controle da cidade pela Carta de Atenas, tais como o uso de conceitos de permeabilidade entre privado e coletivo e lotes comuns sem muros. Agache, sendo um urbanista renovador de formação acadêmica, preferia trabalhar com zoneamento e circulação viária pesquisadas sobre a realidade da cidade, utilizando técnicas da sociologia sobre dados verificados *in loco*, com adequação à escala urbana existente. Para Carollo, a cidade de Agache é assemelhada à realidade que subsiste hoje em dia na maioria das cidades não modernistas. Para Curitiba uma importante influencia de Agache foi a

¹¹ CAROLLO, Bráulio .*Alfredo Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo*, Curitiba,2002, dissertação de mestrado Propar-Puc PR



Fig 20 esquerda Praça Dezenove de Dezembro, obelisco.
foto autora 2001

direita Praça Dezenove de Dezembro, painel de Poty , representando a história do Paraná
foto autora 2001

introdução da percepção que a cidade passou a ter de sua própria identidade e a modificação da mentalidade administrativa que preparou a aceitação dos planos posteriores.

Agache atuou em um momento importante que marcou a transformação da cidade como concepção integrada, e foi neste cenário urbano que atuaram os profissionais que materializaram as idéias arquitetônicas difundidas pela literatura influente de que se está tratando.

Curitiba tinha aspectos urbanos agradáveis nos anos 50. Havia parques e praças amplos e bem cuidados, com monumentos comemorando personalidades especiais. Era bem arborizada, com exemplares de grande porte remanescentes da floresta nativa. (fig 15 e 16)

Nos anos 50 o Paraná vivia tempos de riqueza econômica. Depois do ciclo da erva-mate veio o ciclo do café e as atividades

agrícolas traziam recursos abundantes. Mesmo assim, ao comemorar 100 anos de emancipação política de São Paulo, em 1953, a capital ainda mantinha suas características provincianas, contando com cerca de 183 mil habitantes.

A revista *A Divulgação* trazia em sua edição comemorativa do Centenário um indicador onde foi verificado quais serviços estavam disponíveis na cidade. Atuavam vinte e um bancos, dos quais quatro eram paranaenses, entre eles, Banco Comercial do Paraná, Banco de Curitiba SA, Banco do Estado do Paraná SA e Banco Mercantil e Industrial do Paraná SA. Havia sete cinemas e cinco clubes sociais. Seis jornais diários eram editados. Além disso contava com hotéis, confeitarias, bares e restaurantes, bomboniéres e fábricas de chocolate, primeiro a Basgal e depois a Icab. Sete companhias de aviação atendiam seu aeroporto e já havia serviço de



Fig 21 esquerda Maquete Centro Cívico, 1953
 fonte Revista A Divulgação, set/out 1953
 direita Arq. Azambuja, autor do projeto e Eng.º Elato Silva, presidente da CEOC
 fonte Revista Ilustração Brasileira nº 224 dezembro 1953

táxis. Continha também uma universidade, com diversos cursos como engenharia, medicina e direito, entre outros, datando desta época o título referencial de Cidade Universitária, devido a presença de numerosa população de estudantes.

O Paraná, e sobretudo Curitiba, foram vistos de forma ufanista pela imprensa durante a comemoração do Centenário de Emancipação Política, em 1953. Diferentes revistas e publicações oficiais exaltavam a modernidade de Curitiba.

Tudo tinha que ter caráter moderno. A modernidade era um estado de espírito e um estado da arte, chegando na arquitetura da capital pelos projetos de profissionais atuantes tanto nas obras do Centenário como nas obras comuns, comerciais e residenciais. Este espírito refletiu-se até mesmo no interior do Estado, onde apareceram tendências modernistas em pequenos edifícios e obras importantes, como a

rodoviária de Londrina, projeto de Villanova Artigas, de 1951.

As empresas tinham orgulho de suas novas sedes. Na propaganda impressa o que era mostrado, mais do que o produto à venda, era a fotografia do edifício sede, novo e moderno, a imagem da empresa.

Mas, na verdade, o meio social muda muito devagar e por trás das fachadas arquitetônicas de idéias avançadas havia a sociedade curitibana, tradicionalista e fechada. Ao serem entrevistados, Elgson comentou seu desencanto com a imobilidade social em Curitiba e Romeu comentou que a batalha pela ascensão social era difícil. Mesmo com o impacto dos anos 50, a arquitetura tradicional que se fazia continuava coexistindo, uma questão cultural. A evolução foi lenta, e por muito tempo houve pessoas que só aceitavam o tradicional. É preciso lembrar que a obra de

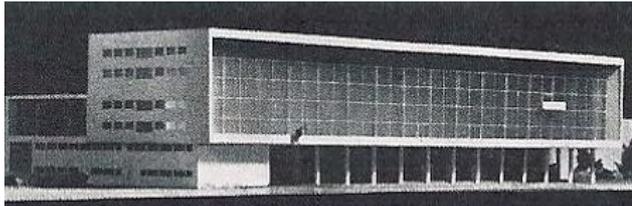


Fig 22 esquerda acima Palácio Iguçu, projeto David Xavier Azambuja foto autora 2001
 esquerda abaixo Maquete Palácio Iguçu fonte Revista CC, ano 1953
 direita Palácio Iguçu foto autora 2001

Kirshgastner¹², de 1929, foi rejeitada pela população. Sobretudo para o arranjo dos interiores prevalecia o que era chamado de bom gosto, que em nada se reportava ao modernismo. O convencional bom gosto preferia interiores antigos e as roupas “*de bem*” também eram recatadas. Aplicava-se aos interiores de Curitiba o que Witold Rybczynski (1999) procurou explicar quanto à reação do público em geral às propostas modernistas:

Apesar da classe dos arquitetos e dos seus defensores terem exaltado as virtudes morais do Espírito Novo, para os leigos ele era simplesmente mais um subproduto desagradável, mas inevitável, da vida moderna, como engarrafamentos e garfos de plástico.

Nos anos 50 assumiu o governo do Paraná o Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, esclarecido, de grande cultura, filho de

família política e influente, cujo pai também já havia sido governador. Personalidade forte e reta, no dizer de sua mulher Flora, em entrevista ao jornal “*O Estado do Paraná*” no ano 2000,

duas coisas o Bento não sabia fazer, política e ganhar dinheiro. Fazer política para ele era fazer um discurso num comício e pronto. Não fazia campanha. Quando deixou o Palácio Iguçu voltou a trabalhar na Caixa.

A bem da verdade, era jeitoso e carismático, qualidades de político. Bento era engenheiro civil, professor da Universidade Federal do Paraná, capaz de conquistar simpatias com seus dotes de orador. Era filiado ao partido republicano, conservador. Em suas próprias palavras, dizia

O que se fizer no Paraná deve ser em grande escala. Fazer com timidez, com acanhamento e mediocridade será um crime contra o futuro do Paraná

¹² Frederico Kirshgastner (1899-1988), ver comentários a seguir, em Memória III



Fig 23 esquerda cima Assembléia Legislativa, projeto Olavo Redig de Campos
foto autora 2001
esquerda abaixo Maquete Assembléia Legislativa, 1953
fonte Revista CC, ano 1953
direita Assembléia Legislativa, auditório
foto autora 2001

Bento, como sempre foi chamado, decidiu que era hora de inserir Curitiba e o Paraná no mundo moderno da época, com uma capital digna, concluindo que um dos modos de manifestar o desejado crescimento aconteceria também através da cultura e que seria visível e identificável para todos através da arquitetura. No dizer de Euro Brandão (1999),

Havia resolvido dar a capital do estado um centro administrativo à altura da complexidade crescente dos negócios públicos, além de outras construções necessárias à afirmação do Paraná nos campos político e cultural.

Memória II As Obras Especiais do Centenário

As obras do Centenário merecem um estudo em destaque pelo conjunto uniforme que compõe e pelo impacto que tiveram sobre a cidade, tanto por sua arquitetura como pelo curto espaço de tempo em que surgiram.

As comemorações do Centenário de Emancipação Política do Paraná ofereceram a oportunidade e o governador planejou um conjunto significativo de edifícios a serem construídos em diversos pontos, concretizando a idéia de modernidade pretendida para Curitiba. Foi criada a Comissão de Obras do Centenário-CEOC, com a coordenação o engenheiro Elato Silva e, com prazo exíguo e dinheiro disponível, as obras do Centenário foram programadas em escala grandiosa para a cidade em construção e conduzidas em ritmo alucinante.

Conhecedor do Plano Agache, o governador decidiu implantar o novo Centro Cívico, que previa a reunião de todas as repartições públicas estaduais instaladas em uma esplanada ligada ao centro da cidade por uma ampla avenida. O Centro Cívico englobava o Palácio do Governo, contendo a residência do Governador, o Palácio da Secretarias, a

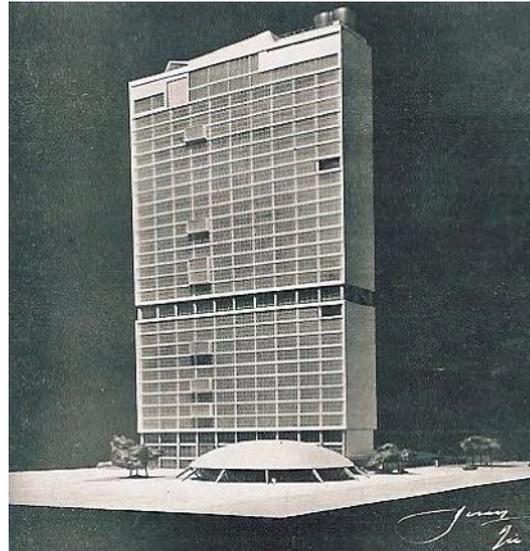


Fig 24 esquerda Edifício da Secretarias, atual Secretaria da Justiça , projeto Sérgio Rodrigues
foto autora 2001
direita Maquete Edifício das Secretarias 1953
fonte Revista CC, ano 1953

Pagadoria do Estado, a Assembléia Legislativa com três edifícios, o Palácio da Justiça e o Edifício do Forum. A isto acrescentava a criação do eixo da avenida Cândido Abreu, iniciada na Praça Tiradentes e pontuada com a Praça 19 de Dezembro, monumento ao Centenário. Com a inclusão da nova Prefeitura, o conjunto configurava a fachada de apresentação e representação da capital do Estado, instalando adequadamente os governos estadual e municipal. As obras comemorativas eram completadas por edificios destinados à cultura, fora do Centro Cívico, sendo os mesmos um teatro, Teatro Guaira, uma biblioteca, Biblioteca Pública do Paraná, e o Centro de Letras do Paraná, além de algumas obras utilitárias, como Corpo de Bombeiros, Casa da Criança e Grupo Escolar Tiradentes.

Iniciadas com grande euforia, as obras sofreram um baque forte e inesperado com as chamadas *Geadas Negras*, ocorridas entre

1951 e 53, as quais, destruindo as plantações de café, destruíram também a economia do Estado. De repente não havia mais todos os recursos previstos e necessários para obras de vulto. Na data das comemorações, 19 de dezembro de 1953, apenas a Biblioteca Pública estava concluída, além da parte do Teatro Guaíra que era o pequeno auditório, e estes edificios, juntamente com o Corpo de Bombeiros, passaram ser utilizados, sem aguardar a conclusão dos demais. O presidente Getúlio Vargas entregou ao público o monumento da Praça Dezenove e fez uma espécie de pré-inauguração do Palácio do Governo, depois concluído e inaugurado de fato por Café Filho. Atrasadas para o Centenário, as demais obras foram sendo completadas aos poucos, mas consolidaram a modernização do Paraná e se tornaram um evento marcante na arquitetura curitibana.



Fig 25 esquerda Maquete conjunto Palácio da Justiça, 1953 , projeto Flávio Régis do Nascimento
fonte Revista CC, ano 1953
direita Conjunto Palácio da Justiça,2001
foto autora 2001

O governador escolheu profissionais reconhecidos e de algum modo ligados ao Paraná, ainda que residentes fora do estado, como autores dos projetos arquitetônicos para o Centro Cívico. Os arquitetos convidados eram figuras proeminentes no Rio de Janeiro, com prêmios importantes, e participavam do grupo que tem sido chamado de *escola carioca*.

As características gerais das obras do Centenário, tanto as do Centro Cívico como as localizadas em outras áreas, podem ser referenciadas dentro dos paradigmas da forma corbusiana, da maneira como esta foi assimilada e contextualizada pelos cariocas. Os volumes tendem a ser ortogonais, com amplas janelas envidraçadas, colocados sobre pilotis. A parte superior quase sempre recebe volumes que remetem a cobertura borboleta e formas curvas. Brises e elementos vazados aparecem nos projetos e nas maquetes, embora nem sempre tenham sido executados. Painéis de

azulejos foram incluídos em algumas das obras, e Rubens Meister os incluiu em muitos de seus projetos .

Depois de ter trazido autores do centro mais avançado do Rio de Janeiro, onde estava a capital do país, o governador escolheu autores locais, jovens engenheiros atuantes e residentes em Curitiba, que se dedicavam à arquitetura. Os projetos do grupo local causam surpresa até hoje, pois tem inspiração do Movimento Moderno, perfeitamente inseridos na contemporaneidade nacional e internacional da época, compatíveis com os demais edifícios do Centro Cívico e dentro do espírito de modernidade que desejava o governador. Por este caráter modernista, incluindo o próprio Centro Cívico, foram obras muito além da costumeira arquitetura oficial dos governos de até então, que eram geralmente de um misturado estilo eclético, entre acadêmico e clássico, como, por exemplo, é o edifício da

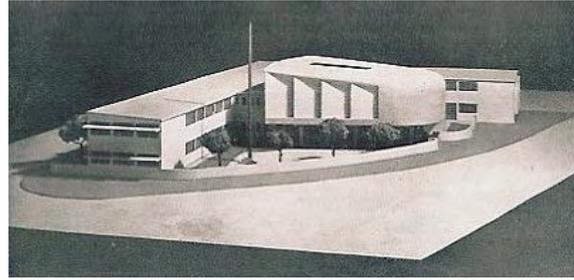
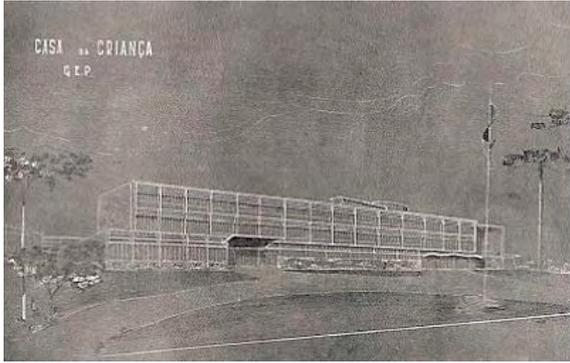


Fig 26 esquerda Casa da Criança, 1953 , projeto Edmir Silveira D'Ávila
 fonte Revista CC, ano 1953
 direita Maquete Grupo Escolar Tiradentes , projeto Rubens Meister
 fonte Revista CC, ano 1953

Universidade Federal na praça Santos Andrade, em frente ao Teatro Guaíra.

As imagens que vem acompanhando este capítulo remetem às obras que estão sendo comentadas, sobretudo as figuras numeradas de 18 a 28, para as quais são acrescentados os comentários a seguir.

A **Avenida Cândido de Abreu** (fig 18) compõe o eixo de acesso ao Centro Cívico. Previsto no Plano Agache, inicia-se na Praça Tiradentes, core da cidade tradicional. Indo em direção ao Palácio do Governo, o marco seguinte é a Praça Dezenove de Dezembro (fig 19), comemorativa do Centenário, contendo entre seus elementos um obelisco de 40 metros de altura, revestido com granito paranaense, com o escudo do Paraná esculpido no topo. Esta praça é projeto dos escultores Humberto Cozzo e Echo Stengel, que incluíram duas estátuas de grandes proporções representando o povo paranaense. Lembra-se aqui a proposta de

Le Corbusier para a execução de uma grande estátua representando o homem brasileiro, que seria construída no Rio de Janeiro. O painel da Praça 19 de Dezembro é de Poty Lazarotto e, em relevo de um lado e azulejos do outro, representa a história do Paraná (fig 20). O eixo da Avenida Candido de Abreu tinha a função de integrar o centro tradicional com a nova área administrativa, caráter que manteve ao longo do meio século seguinte, durante o qual suas laterais foram sendo ocupadas por edifícios comerciais. A avenida finalizava na esplanada que continha os edifícios administrativos, com o Palácio do Governo ocupando a centralidade que o coloca em destaque no conjunto do Centro Cívico.

As publicações comemorativas do Centenário, quase todas no formato de revistas e muitas delas oficiais, diziam que o projeto do **Centro Cívico** (fig 21) foi estudado e delineado pelo engenheiro governador, mas como foi

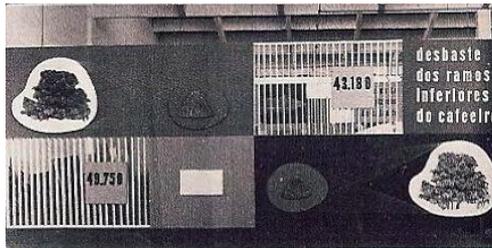
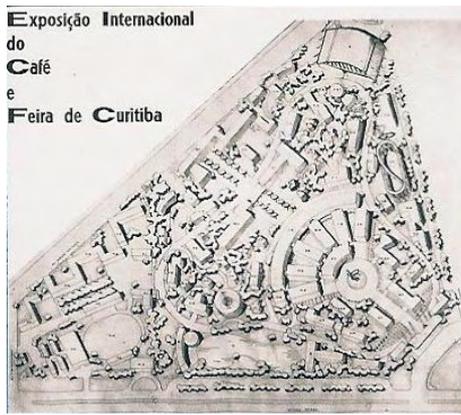


Fig 27 Feira Internacional do Café 1953

Acima: esquerda Maquete ,fonte A Divulgação, set/out 1953; direita Foto Aérea fonte Revista CC-1953
 Abaixo: esquerda Entrada de um Pavilhão, direita Portal de Entrada da Exposição,
 Fonte Catálogo da Exposição Internacional do Café. 1953

visto, já tinha sido previsto pelo Plano Agache em 1943. O autor do projeto final do Centro Cívico foi o arquiteto **David Xavier de Azambuja**¹³, juntamente com os arquitetos Flávio Régis do Nascimento, Olavo Redig de Campos e Sérgio Roberto Santos Rodrigues.

Para o **Palácio Iguazu** (fig 22), sede do governo estadual, o próprio Azambuja disse, na revista *CC*,

tendo em vista a composição plástica do Centro Cívico, coube ao Palácio do Governo, devido à sua relação com a Avenida Cândido de Abreu e os demais edifícios que compõe o Centro Cívico, uma linha de predominância horizontal,

Esta linha horizontal de composição foi acentuada pela grande escadaria de acesso e pelo bloco horizontal-ortogonal do edifício, com

quatro pavimentos, que repousa sobre pilotis e não tem saliências na parte superior. A grande fachada envidraçada contém pequeno balcão, previsto para aparições no governante principal mas, ao que se sabe, este balcão nunca foi utilizado, nem na época nem depois. Foi projetada a residência do governador como parte do conjunto, mas esta obra não chegou a ser executada.

O **Palácio do Governo** tem uma composição arquitetônica tal como vinha sendo adotada na arquitetura carioca. Uma caixa de planta livre repousa sobre colunas que permitem a transparência de pilotis. Internamente um saguão do térreo de pé direito duplo é ligado ao pavimento superior por uma monumental escadaria em mármore branco Paraná. A atual crítica de arquitetura começa a perceber certa incoerência de composição entre frente e fundo do edifício do palácio, uma vez que a transparência da frente dá lugar a

¹³David Xavier de Azambuja nasceu em Curitiba a 27 de novembro de 1919 e fez o curso de arquitetura na Escola Nacional de belas Artes, no Rio de Janeiro. Participou da comissão do plano da cidade e foi premiado no Congresso Pan-Americano de Arquitetura e Urbanismo. Em Curitiba projetou diversas obras, como consta neste capítulo.



Fig 28 esquerda Centro de Letras do Paraná, projeto David Xavier Azambuja
foto autora 2001.
direita Hall de Entrada da residência Governador Rocha, interior elegante de 1953
fonte Revista A Divulgação, set /out 1953

uma modulação diversa e sem transparência, indicando que a frente tem maior importância do que o fundo¹⁴. Na época a cidade quase não existia a partir do Centro Cívico, mas hoje já o envolveu na sua expansão.

O conjunto da **Assembléia Legislativa** (fig 23) é projeto de **Olavo Redig de Campos**¹⁵. Dos três edifícios projetados foram construídos dois, o Plenário e o Prédio das Comissões. São projetos modernistas, baixos, com formas que se propunham compatíveis com o Palácio do Governo. O edifício das comissões é uma caixa ortogonal com janela em fita, sobre pilotis, encimada por volume com cobertura borboleta. Rampas sobre pilares em V acessam o Plenário e os dois blocos são conectados por uma passarela envidraçada.

¹⁴ DUDEQUE, Irã, *Espirais de madeira*, 2001

¹⁵ Olavo Redig de Campos, carioca formado na Europa, estudou arquitetura em Roma e diplomou-se em Milão. Trabalhou na equipe do Mec e entre seus projetos consta a embaixada brasileira em Washington.

O **Palácio da Secretarias** (fig 24) pretendia ser o maior edifício do mundo em concreto armado, em 1953, segundo a revista *CC*, uma publicação oficial. Além da torre principal haveria uma cúpula de 52 metros de diâmetro destinada à Pagadoria que não foi construída. A crise econômica que se seguiu à geadas interrompeu as obras e levou o governo a optar algum tempo depois por concluir o edifício, pelo menos provisoriamente, com doze pavimentos, mas o mesmo nunca mais foi completado. Seu autor, **Sérgio Rodrigues**, arquiteto da Faculdade Nacional de Arquitetura, formado em 1951, ficou inconformado, conforme contou no Memória do Arquiteto, quase 50 anos depois. Como se observa na foto da maquete, seria um bloco ortogonal encimado por outro volume com uma cobertura borboleta característica. Foi colocado sobre colunata, que poderia representar pilotis, mas aqui o espaço do térreo foi fechado por vidro, o que é observável na maquete. Na fachada



Fig 29 Reitoria e Faculdade de Letras da UFPR , projeto David Xavier Azambuja , anos 50
foto autora 2001

executada foram acrescentados brises verticais que não constavam do projeto original.

Flávio Régis do Nascimento, arquiteto formado pela Escola Nacional de Belas Artes em 1931, projetou o conjunto judiciário do **Palácio da Justiça** (fig 25). Composto também por 3 blocos, só teve um deles construído. Tempos depois, já nos anos 80, foi iniciada a construção do segundo bloco previsto com sete pavimentos, que conteria as varas cíveis. O projeto dos anos 80, de Lauro Andrade, proposto bem mais alto do que previa o plano original, teve sua estrutura construída mas não foi concluído, e hoje apresenta uma estrutura inacabada que compromete o conjunto da paisagem do Centro Cívico.

A **Casa da Criança** é projeto de **Edemir Silveira D'Avila**, (fig 26) engenheiro dos anos 1950, mas a obra também não foi construída conforme projetada. O edifício existente não lembra em quase nada o projeto original, que

previa um volume também ortogonal com brises horizontais, encimado por volumes curvos. Marquises curvas marcavam, no projeto, o acesso do térreo.

Em frente à praça Dezenove de Dezembro foi construído o **Grupo Escolar Tiradentes** (fig 26), projeto de Rubens Meister e uma das obras complementares do Centenário. A visibilidade desse edifício cercado por muros e vegetação é hoje muito prejudicada. O importante elemento compositivo do auditório, cuja forma cônica em planta acompanhava a forma da platéia, não mais existe.

A gigantesca **Exposição Internacional do Café** (fig 27), parte das comemorações, foi construída e realizada. Foi projetada por David Xavier Azambuja, mas a imprensa da época divulgou apenas a maquete da obra e destacou fotos do evento político, sendo escassas as informações sobre a arquitetura da exposição propriamente dita. Curiosamente, pelo porte e



Fig 30 esquerda Secretaria da Saúde Pública, projeto Carlo Barontini foto autora 2001
 direita: acima Colégio Estadual do Paraná, projeto devido a Francisco Basile foto autora 2001
 abaixo Colégio Estadual do Paraná, 1953 fonte Revista Ilustração nº 224 - dezembro 1953

importância que a exposição deveria ter tido, as lembranças de Romeu e Meister sobre a mesma não são significativas. É destacável o pórtico de acesso da exposição, em estrutura metálica em semi-arco, solução mais rara na arquitetura moderna brasileira, opção que pode ter sido adotada devido ao fato de ser uma construção temporária.

Dentro do conjunto do Centro Cívico há ainda a **Prefeitura de Curitiba**, um dos projetos mais importantes de **Rubens Meister**. Sobre esta obra os comentários estão em Protagonistas e Releituras, capítulo 4 desta dissertação, como também lá estão uma abordagem mais aprofundada sobre o **Teatro Guaira**, o mais importante projeto de Meister, e outra sobre a **Biblioteca Pública do Paraná**, de **Romeu Paulo da Costa**, ambas igualmente obras comemorativas do Centenário.

Localizado em outro local, mas ainda integrante das obras do Centenário, na Rua

Fernando Moreira, hoje integrada à área central da cidade, está o **Centro de Letras do Paraná** (fig 28), projeto de **David Xavier Azambuja**. Obra de pequeno porte, inclui na fachada os habituais elementos vazados da arquitetura carioca, integrados a painéis retangulares, mas diretamente apoiado no chão, sem pilotis.

A **Reitoria** da Universidade Federal do Paraná (fig 29) é outro projeto da mesma época de **Azambuja**, que utilizou blocos ortogonais sobre pilotis, com elementos vazados nas fachadas e rampas internas, típicos elementos do Movimento Moderno da arquitetura. O auditório construído um pouco mais tarde foi projetado por **Rubens Meister**.

Memória III Momento arquitetônico de Curitiba nos anos 50

O que acontecia na arquitetura curitibana não oficial de meados do século XX, ao tempo das obras do Centenário?



Fig 31 esquerda Hospital das Clínicas, consta como projetado por Bittencourt de Paula foto autora 2001
direita Residência Frederico Kirchgässner , projeto do mesmo
fonte *Arquitetura no Brasil 1900-1990 / Segawa 1999*

A arquitetura da pequena cidade apresentava lapsos de modernidade que já eram detectados nos anos 30-40, existindo uma representativa produção desta arquitetura moderna funcionalista, denominada por Hugo Segawa (1999) de "arquitetura pragmática"¹⁶.

Algumas obras trouxeram a Curitiba a presença precursora de modernidade na cidade que já se desenvolvia com mais vigor. Os edifícios mostrados a seguir são alguns entre estes representantes de uma arquitetura que procurava caminhos mais contemporâneos e se aproximava da maneira racional funcionalista, já desvinculada de aspectos ecléticos, não mais Art-Déco, mas ainda não inteiramente moderna.

O **Colégio Estadual do Paraná** (Fig30), um pouco anterior aos anos 50, tem seu projeto devido a **Francesco Basile** e foi um marco na arquitetura escolar do estado.

Carlo Barontini, que não era arquiteto diplomado mas desenhista e reconhecido pintor, de origem italiana, fez o projeto da **Secretaria de Saúde Pública** (fig 30).

Obra da mesma época, o **Hospital das Clínicas** (fig 31) consta como projetado por **Bittencourt de Paula**, engenheiro civil sócio da Gutierrez, Paula & Munhoz Ltda, mesma empresa construtora do Teatro Guaíra. A marquise de acesso do Hospital o aproxima bastante do uso dos elementos da linguagem moderna que se tornou usual um pouco mais tarde.

Complementando esta aproximação com a arquitetura curitibana, neste ponto devem ser destacados também alguns outros profissionais que atuaram na cidade, elaborando diversos projetos para uso comum, como habitação e comércio, e que são notáveis por serem parte do grupo responsável pela

¹⁶ SEGAWA, Hugo, *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*, 1999



Fig 32 esquerda Hipódromo do Tarumã, 1952 , projeto Edmir Silveira D'Ávila
 fonte Silviane Muller ,2001
 direita Casa do Expedicionário, projeto Euro Brandão
 fonte Álbum do Centenário do Paraná, 1953 - Revista A Divulgação

evolução da arquitetura da cidade rumo à modernidade.

Frederico Kirchgässner era catarinense e fez o curso de arquitetura por correspondência na *Kunstschule* de Berlim, onde prestou exame e obteve diploma em 1929. Em 1930, em Curitiba, construiu sua própria residência de forma moderna, dotada de terraços que miravam a Serra do Mar e mobiliada de modo coerente com a modernidade que propunha. (fig 31) A obra foi recebida com hostilidade pela provinciana Curitiba, e o arquiteto voltou a trabalhar de modo tradicional. Kirchgässner está sendo hoje lembrado como um pioneiro incompreendido. (Piermartiri,1989). (H Segawa, 1999).

Edmir Silveira D'Avila, formado em engenharia civil em 1947, faleceu muito cedo e dele só temos algumas obras que demonstram seu potencial perdido. Entre elas há a Casa da Criança, obra do Centenário já citada,

localizada na Avenida Cândido de Abreu. Sua outra obra mais conhecida é a sede do **Jockey Club** (fig 32), construída com a idéia de uma estrutura de concreto com grande vão livre e balanços.

Ernesto Guimarães Máximo era arquiteto formado no Rio de Janeiro. Sendo um dos primeiros arquitetos diplomados a se instalar em Curitiba é também outro pioneiro que está esquecido. Dedicou-se mais a executar obras do Estado do que a projetar, por ser mal compreendido, como comentou Romeu. Máximo foi o representante do IAB por muitos anos antes da inauguração oficial do Departamento do Paraná do Instituto dos Arquitetos do Brasil que só veio a ocorrer nos anos 60, após a criação do curso de arquitetura que trouxe muitos outros arquitetos à cidade.

Euro Brandão, também engenheiro civil e ligado à área educacional universitária, projetou o monumento comemorativo aos



Fig 33 duas residências, projeto de Oswaldo Bratke, à Rua Carmelo Rangel, Curitiba
foto autora 2001

pracinhas saídos de Curitiba para a 2ª Guerra Mundial, denominado **Casa do Expedicionário** (fig 32). Este edifício é um pavilhão eclético que resgata elementos classicistas e racionalistas. Pintor e escritor muito conceituado, Euro Brandão foi Reitor da PUC-PR no final do século XX.

Um dos proeminentes arquitetos de fora, não instalados na cidade mas com projetos aqui executados, foi **Oswaldo Arthur Bratke**, paulista, formado como engenheiro-arquiteto pela Universidade Mackenzie em 1926. Foi contratado para projetar uma residências modernas para famílias abastadas e seus projetos curitibanos contém todas as características de seu estilo personalizado, com painéis retangulares, vigas bem evidenciadas, elementos vazados e pérgolas. (fig 33)

Dentre os arquitetos não residentes destacava-se também **João Batista Villanova Artigas**, paranaense de Curitiba, mas formado

em 1937 em São Paulo, onde residia. Considerado um dos principais arquitetos da chamada *escola paulista*, entre suas realizações participou da fundação da FAU-USP¹⁷, na qual foi diretor. Através de seu laços familiares fez o projeto de algumas residências e do **Hospital São Lucas** (fig 34). O Hospital, contendo um prisma dobre uma base, solucionado em uma esquina, foi um marco de modernidade na arquitetura da cidade, não só por sua proposta volumétrica como também pela proposta de funcionamento muito voltada ao bem estar do paciente.

Além dos destaques aqui examinados Gnoato (1996) destacou alguns outros profissionais de projeto dos anos 1950, como Léo Lindzmeier, Jaime Wasserman, Carlo Giacomo Clausi e Lolô Cornelsen, cujas trajetórias vem sendo reconhecidas e resgatadas em trabalhos acadêmicos.

¹⁷ FAU-USP Faculdade de Arquitetura e urbanismo da Unoversidade de São Paulo.



Fig 34 Hospital São Lucas , projeto Villanova Artigas, anos 50
foto autora 2001

Mas a cidade entendeu a mensagem de modernização e despertou. Além das obras oficiais do Centenário começaram a aparecer outros edifícios de inspiração modernista, fossem públicos, em escolas e hospitais, ou privados em habitação e comércio. A imagem da arquitetura com a nova referência começou a ser bem recebida pelos seus habitantes e houve espaço para atuação de profissionais capazes de fazer projetos mais ligados ao modernismo e à modernidade que se instalava.

As obras do Centenário e os edifícios importantes da Curitiba dos anos 50 introduziram na cidade a linguagem arquitetônica do Movimento Moderno, sendo também fator de influência sobre os profissionais locais e sobre a população que passou a aceitar os novos projetos e a compreender a nova arquitetura.

Dentre os profissionais com atuação importante nos anos 50 foi possível conversar com Rubens Meister, Romeu Paulo da Costa e Elgson Ribeiro Gomes, que concederam entrevistas para esta dissertação. Seus comentários e a amostragem de suas obras serão vistas adiante, em Protagonistas e Releituras.

Antes porém, em Reencontrando Leituras, capítulo seguinte, serão examinadas as leituras disponíveis em Curitiba nos anos 50, em livros e revistas, para que seja possível apreender, pelo seu conteúdo, a influência que a literatura exerceu sobre estes profissionais.

3

REENCONTRANDO LEITURAS

Foram verificadas as publicações disponíveis em Curitiba nos anos 50 e seu conteúdo, bem como a localização dos acervos remanescentes para compreender melhor a influência desta literatura sobre os profissionais da época.

A pesquisa de livros e revistas que existiam em Curitiba nos anos 50 levou às bibliotecas e aos acervos particulares, e obviamente, o que se procurou foram exemplares ligados à arquitetura. Algumas das bibliotecas pesquisadas não existiam nos anos 50 e foram procuradas por se presumir que sejam herdeiras dos acervos então existentes e que aqueles livros e revistas estavam em Curitiba na época, independentemente da forma como foram parar nestas bibliotecas, estando portanto, no período, nas mãos de profissionais que se serviam dos mesmos como fonte de instrução para seus trabalhos.

Foram realizadas também visitas a alguns sebos, lojas que revendem livros usados, na busca de livros e revistas de interesse desta pesquisa, mas foram encontrados apenas uns poucos livros e nenhuma revista da época. É aceitável pois que a maior parte dos volumes remanescentes dos anos 1950 está realmente nos acervos públicos e particulares ainda existentes.

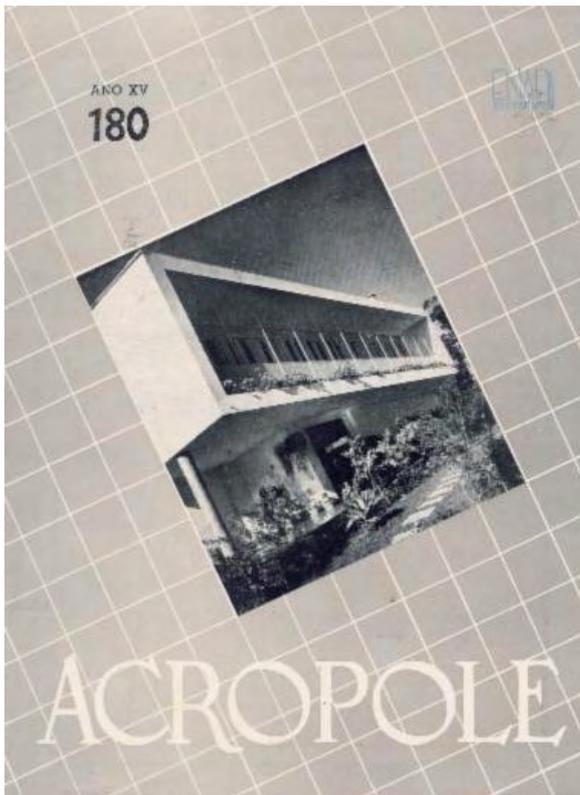
Cada visita a um acervo antigo é sempre um pouco triste, pois apesar da decorrência de apenas meio século, de 1950

aos anos 2000, tudo o que foi encontrado está maltratado e a esperança é que isto tenha acontecido pela assiduidade de uso e não apenas pelo passar do tempo. A exceção, como é de se esperar também, são os acervos privados, evidentemente de uso restrito e cuidados maiores. Vale lembrar que livros eram objetos caros, antigamente mais que hoje, e eram ainda mais caros os de arquitetura por serem ilustrados. Era preciso adquiri-los aos poucos e os acervos pessoais curitibanos foram formados graça à boa vontade de Collares Marques, da Livraria Universitária, reconhecido por todos.

Tanto Romeu como Meister destacaram que primeiro compravam revistas e depois buscavam livros específicos, que compravam após examiná-los na Livraria Universitária. Na verdade, devido tanto a disponibilidade, que era relativamente escassa, quanto ao interesse idêntico, e também à influência mútua, foi verificado que os dois acervos são muito parecidos.

A literatura disponível no anos 1950 foi pesquisada sob os aspectos de conteúdo das leituras e localização dos acervos.

A primeira abordagem diz respeito aos títulos e conteúdo das leituras encontradas nestes acervos remanescentes. O material identificado, sempre dentro da área de interesse deste trabalho, foi agrupado em dois grandes conjuntos: revistas, por sua vez nacionais e



Capa

ANO XV — N.º 180

ACROPOLE
REVISTA MENSAL

Redação e Administração
Rua Barão de Itaipetinga, 93
8.ª andar - sala 507
Telefone: 23-1536
Caixa Postal 3708

S. PAULO — BRASIL

Fundador — Diretor Geral
(1929-1932)
Roberto A. Garcia de Brito
Diretor Geral e Proprietário
Max Grunewald

Diretor Secundário:
Eng. Cyro Ribeiro Pereira

Conselho Técnico de São Paulo
Arq. Alfredo de Castro Licker
Arq. Eduardo Kneuss de Mello
Arq. Walter Santos Kneuss
Arq. Carlos A. Gomes Carlini Filho
Prof. Francisco J. E. Knorst

Conselho Técnico de Rio de Janeiro (R. J.)
Eng. J. G. de Moraes Ribeiro
Eng. Victor Casagrande Barboza
Eng. Henrique E. Minello
Eng. Sebastião Luis Teles

Conselho Técnico de R. G. de São Paulo
Eng. Henrique da Silva Lima
Eng. Olynth de Castro Albuquerque

Impressoras:
Rua de Janeiro Fátima
Rua Evaldo de Vaga 18 - 15.
Telefone: 42020
Paris Alagoas Max Walter
R. Garibaldi 228 - Ca. Postal 1124
Capi. F. G. Correa MAB

♦

FOTOGRAFIAS:
Siver, pág. 476
Carlos, pág. 475, 471
E. Mandelkern
J. Almonquer: Capa, pág. 443 a 445
I. Liberman
Zanella-Mazzanti: pág. 446 a 456, 457 a 464

♦

Preço desta edição Cr.\$ 20,00
Assinatura anual Cr.\$ 180,00
Registro " Cr.\$ 20,00

III Congresso Nacional de Arquitetos
VI Congresso Nacional de Arquitetos
Concurso de Hospital entre Universitários
Arq. Jurias Karmin

Residência no Jardim Paulista 443
Eng. Ciri Sívio Jaguaribe Euzain

Piôto de Gasolina 446
Arq. Oswaldo Curvo Gompere

Prédio de Hotel e Escritórios 448
Arq. Francisco Beck

Uma Residência de Frank Lloyd Wright
Arq. Rodrigo Oribe de Faria

Igreja Presbiteriana de Esaré 454
Arq. Semon Lafato

Edifício Samarati 457
Eng. Cyro Ribeiro Pereira Lida

Estádio Municipal de Santo André 461
Arq. Nestor Lindenberg

Decorações 465

Móveis Modernos Brasileiros 470
Joacim Teixeira

Lareiras Decorativas 472

Estufas 475

Restaurante em São Paulo 476

Iluminação Moderna Alemã 478

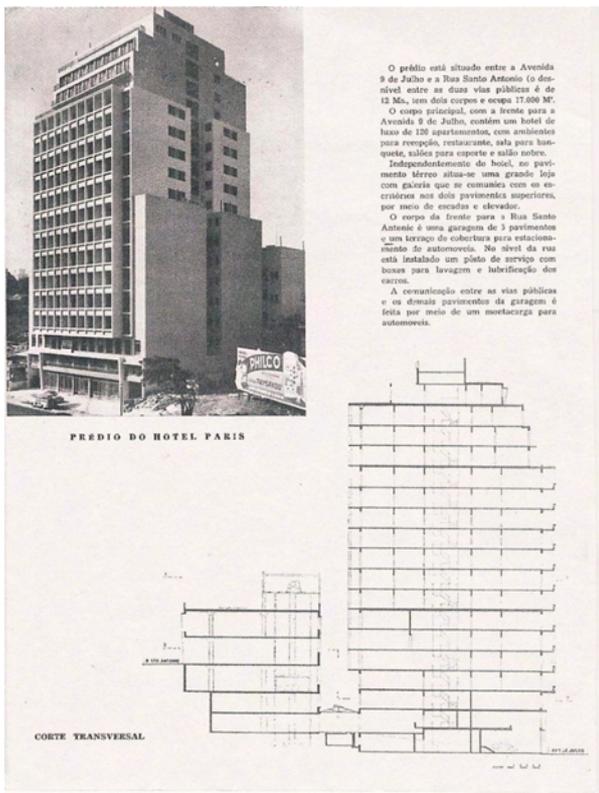
Abajurs 480

Livros e Revistas 482

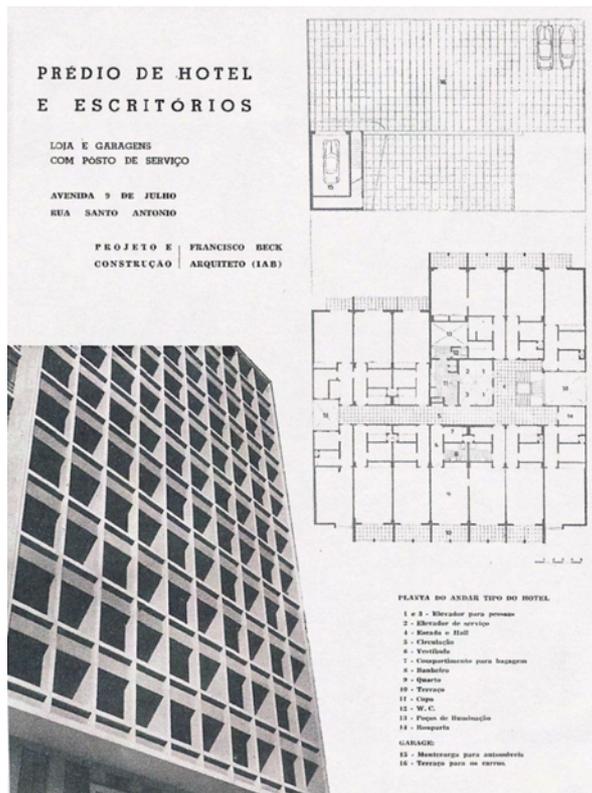
Detalhes Técnicos 483

NOSSA CAPA: Residência Benedicto Levi
Rua Amélia (quina Rua Inglaterra)
São Paulo
J. Vilanova Artigas - Arquiteto

Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 34 Revista Brasileira: ACROPOLE
Ano XV (1953), Nº 180

estrangeiras e livros, que eram de teoria e história de arquitetura e de técnicas construtivas.

Nos acervos particulares havia também livros de cultura geral, aqui denominados de fontes culturais, que não eram de arquitetura mas cujo acesso contribuiu muito na formação dos profissionais e na ampliação de seus horizontes humanistas. Ficou mais evidente nestas bibliotecas privadas que o interesse pela literatura extrapolava a área especializada. A busca de um conhecimento universal era alcançado através de leituras que incluíam humanidades, história, sociologia, psicologia, fotografia e, sobretudo, artes plásticas.

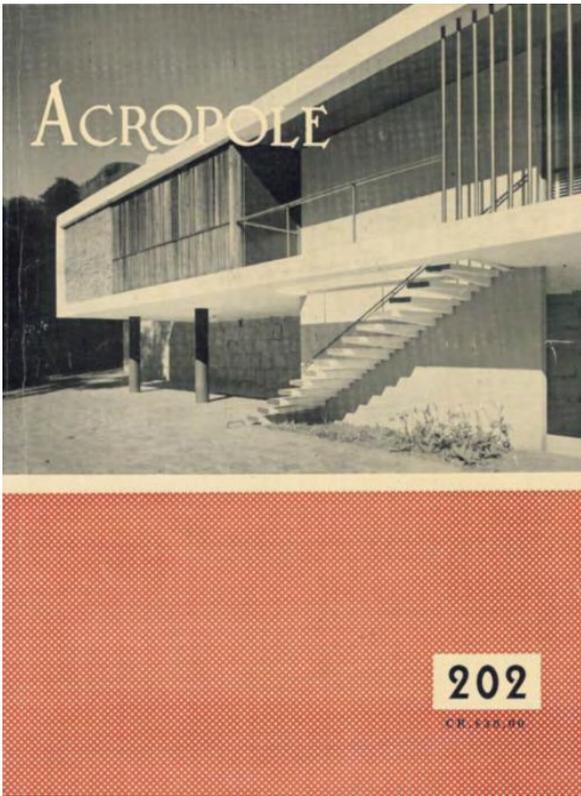
A abordagem seguinte procurou identificar a localização dos acervos. A decepção fica por conta da quantidade de material encontrado em bibliotecas, que é mínimo, para a época, como bem ressaltaram os entrevistados, que preferiam adquirir o que fosse possível. Já as visitas às bibliotecas privadas foram empolgantes. O acervo atual Meister tem cerca de 4000 livros, com muita coisa sobre arquitetura, e o de Romeu conta com quase 3000 livros, entre profissionais e outros e neste, para os anos 50, foi verificado um acervo de cerca de oitenta volumes sobre arquitetura e construção, conforme será detalhado mais adiante.

Enquanto material físico, livros são mais preservados e costumam sobreviver à passagem do tempo melhor do que revistas, que são vistas muito rapidamente como papel velho e, por ocuparem uma quantidade enorme de espaço, fazem com sejam descartadas com mais facilidade. Especialmente as revistas de arquitetura americanas dos anos 50 eram muito

volumosas, com mais de 300 páginas de cada vez, das quais praticamente três quartos eram anúncios publicitários. No entanto, certamente por ter vindo em maior quantidade do que os livros e por terem preço muito mais acessível, foram as revistas que despertaram muito interesse e marcaram presença nos acervos visitados. A maior parte dos livros encontrados nos acervos públicos demonstram que foram muito manuseados, estando quase desmanchados, ainda que alguns tenham sido encadernados com capa dura.

Nas páginas seguintes estão apresentados comentários sobre o conteúdo das revistas e livros, bem como reproduções de capas, páginas de rosto e páginas típicas, de modo a propiciar a visualização dos mesmos.

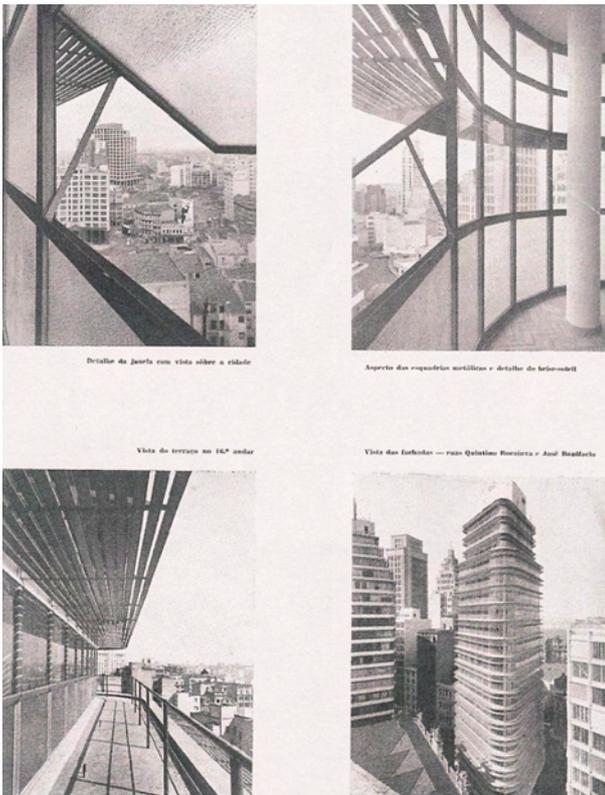
A distribuição das imagens procurou manter a amostragem dos acervos sempre presente ao longo do texto, embora nem sempre tenha sido possível colocar o comentário exatamente ao lado da figura correspondente. No entanto, a seqüência das figuras é a mesma das referências que se faz a cada uma nos textos.



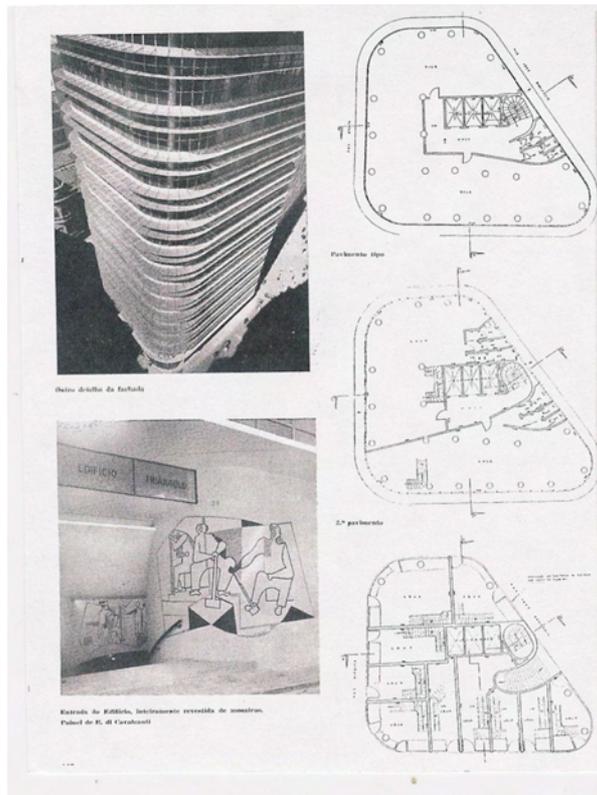
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 35 Revista Brasileira: ACROPOLE, agosto 1955

LEITURAS E CONTEÚDO

Revistas traziam o imediato do dia-a-dia, como em todas as épocas, e eram adquiridas pela novidade do seu conteúdo. Profissionais que não se tornaram depois tão famosos ou reconhecidos tiveram seus projetos publicados e seus trabalhos tornaram possível perceber a existência de uma linguagem arquitetônica que, filtrada pelas publicações, permeava e uniformizava a arquitetura praticada na época em estudo. As revistas traziam informações de livros publicados e como disse Meister, “*uma revista puxa outra*”.

O livro remetia a um assunto ou arquiteto específico. Embora aprofundasse informações, não permitia a surpresa da descoberta e cada livro era adquirido com objetivo predeterminado, na busca de conhecimento específico para pesquisa destinada a algum trabalho ou com fins didáticos.

REVISTAS DE ARQUITETURA

Nos acervos examinados foram encontradas tanto revistas completas, incluindo volumes encadernados nos acervos mais antigos, como outras das quais só foi preservada a parte literária propriamente dita, descartados os anúncios. Em uma construção antiga, foram encontrados e resgatados três volumes encadernados contendo exemplares da Architectural Forum pertencentes a Copara, empresa onde Romeu desenvolveu trabalhos na época de aquisição destes volumes e é possível imaginar que ele mesmo os lia.

Eram encontradas nas revistas estrangeiras referências a arquitetos e obras brasileiras, com especial destaque para Niemeyer, muitas vezes com perceptível tom de surpresa. Estas referências se ampliaram a partir da publicação do “Brazil Builds”, o livro-catálogo da exposição do mesmo nome, realizada em Nova Iorque em 1953.

A **Acropole** era a revista brasileira mais importante e a mais conhecida. Era de lamentar, como bem disse Meister, que aparecessem revistas de bom padrão que tinham vida curta, desaparecendo depois de poucos números.

REVISTAS BRASILEIRAS

A **ACROPOLE** existiu desde 1938, conforme página de rosto, até 1971. Era a mais conhecida das revistas brasileiras, ligada ao IAB- São Paulo, cujos boletins eram publicados nas páginas iniciais.

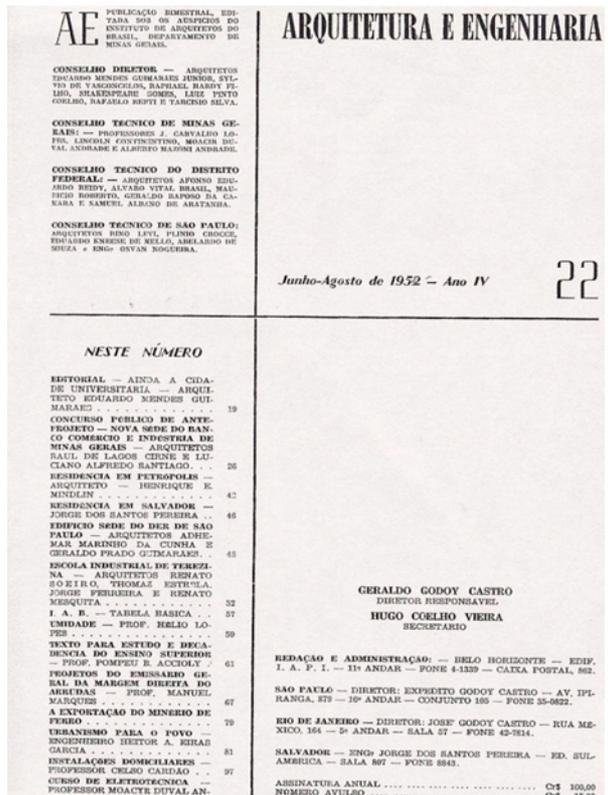
Foram pesquisados nesta dissertação os números entre 1944 e 1960. Em 1971 a Acropole deixou de ser publicada.

Um dos primeiros números encontrados nos acervos visitados era de 1944 e assemelhava-se bastante às revistas argentinas, sem conter quase nenhuma informação sobre o Movimento Moderno. A Acropole estava nesta ocasião, em maio 1944, comemorando seis anos de existência.

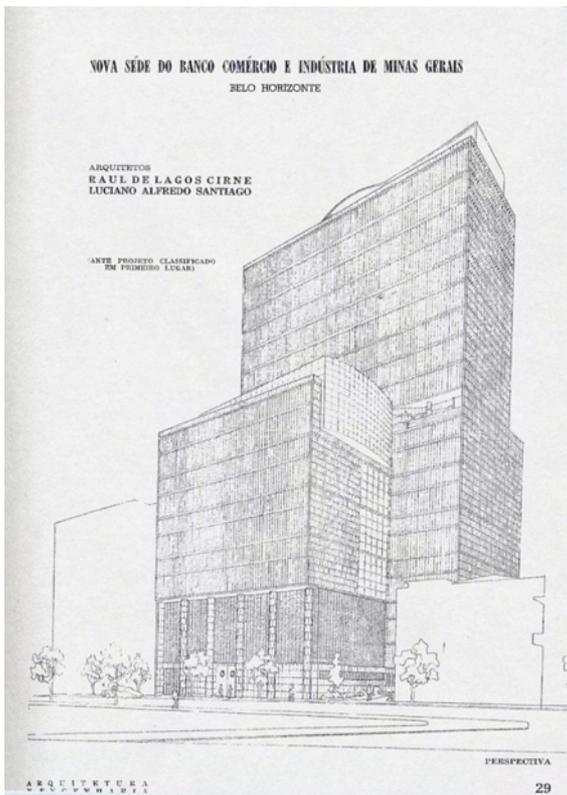
O principal conteúdo da Acropole eram projetos de arquitetos paulistas, que foram imediatamente divulgados tão logo os mesmos começaram a projetar em moldes modernistas.



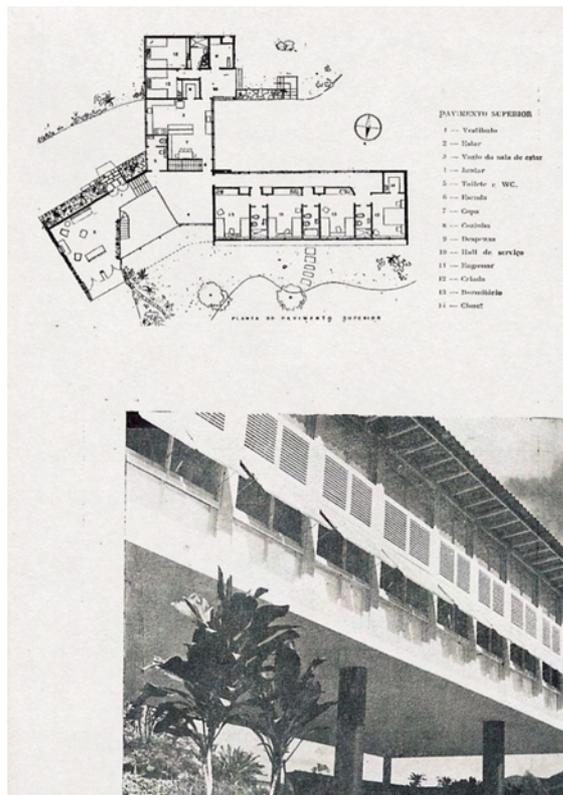
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 36 Revista Brasileira: ARQUITETURA E ENGENHARIA julho – agosto 1952

Segawa(1999) comentou que a Acrópole firmou-se como uma publicação importante que era virtualmente o órgão oficial dessa linhagem de arquitetos. Eram publicados projetos de todo tipo e dimensões, desde habitações unifamiliares a edifícios e obras especiais, como hospitais e teatros, e os textos descreviam e discutiam os projetos.

Rino Levi, que foi presidente do IAB SP, publicou aqui muitos de seus trabalhos, textos, projetos e detalhes. A revista publicava resultados de concursos e podiam ser encontrados obras de muitos arquitetos que se tornaram depois renomados, como Niemeyer e Oswaldo Bratke.

Acropole tinha seções fixas importantes como a *Revista das Revistas*, resenha das principais publicações do mundo, preocupando-se em buscar as menos conhecidas no Brasil, como revistas inglesas e australianas. Trazia resenhas de livros, apresentando novidades da literatura especializada de todo o mundo. Publicava também artigos sobre mobiliário, já com caráter moderno. Além disso, divulgava os boletins do IBA, Instituto Brasileiro de Acústica, tendo publicado também uma série de artigos de história da arquitetura brasileira, de Carlos Lemos. Eventualmente dedicava números a temas especiais, como acústica e pré-fabricação.

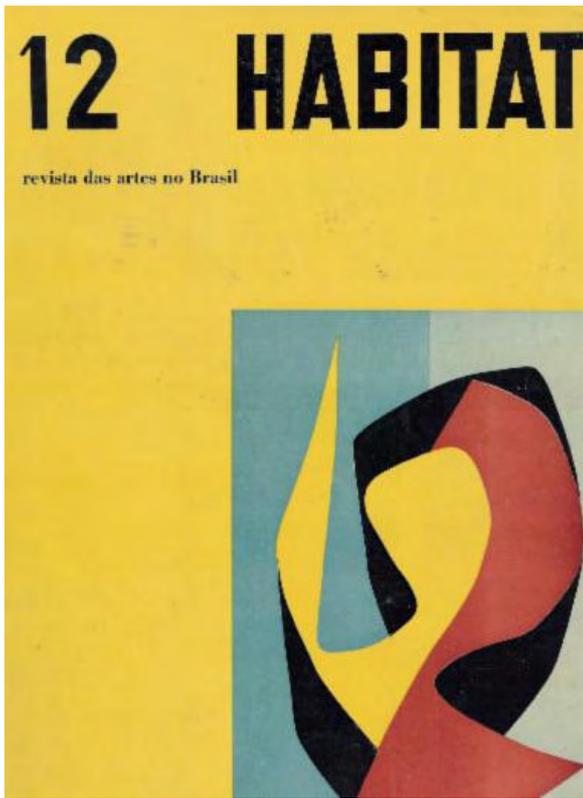
A publicidade de produtos que a Acropole trazia continha muita tecnologia de materiais disponíveis no Brasil, o que merecia a atenção de Romeu, bem como continha artigos bem detalhados sobre concreto armado, pré-fabricação, blocos de concreto, esquadrias

com novas técnicas, elementos vazados e brises, entre outros.

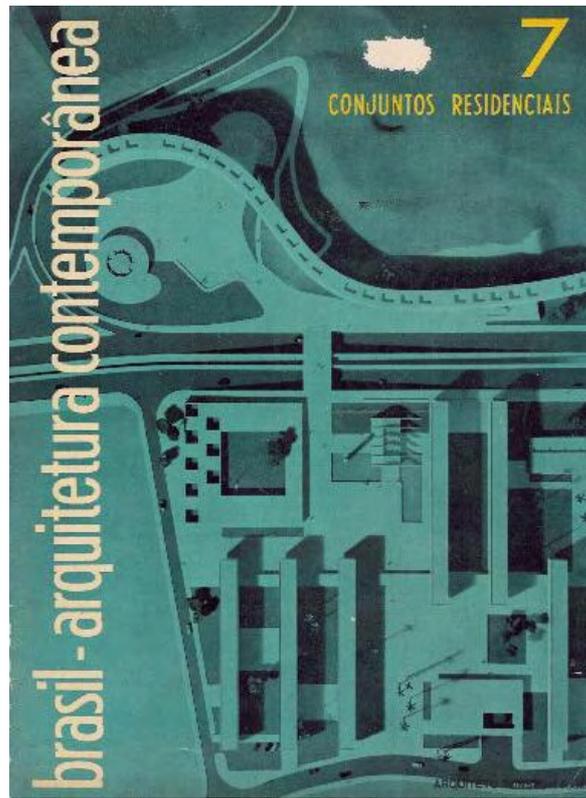
ARQUITETURA E ENGENHARIA, A&E, era uma revista bimensal editada sob os auspícios do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de Minas Gerais. Foram encontrados números de maio de 48 até novembro/ dezembro de 55. Publicava o que havia de mais recente, novo e integrado ao Movimento Moderno, que estivesse ocorrendo no Brasil. Reproduzia alguns artigos de periódicos do exterior mas pode-se dizer que era voltada à realidade brasileira. Os editoriais de Eduardo Guimarães eram explícitos quanto a modernidade, comentando a arquitetura e os arquitetos de vanguarda, sobretudo europeus e americanos, recomendando que este era o caminho a seguir.

Além de ser vanguardista a A&E era também preocupada com o exercício profissional como um todo, contendo artigos sobre exercício profissional, legislação, direitos autorais, história de arquitetura brasileira e de arquitetura da antigüidade e artigos de técnicas construtivas. Continha fotos em preto-e-branco e dava muito destaque aos desenhos, plantas e perspectivas.

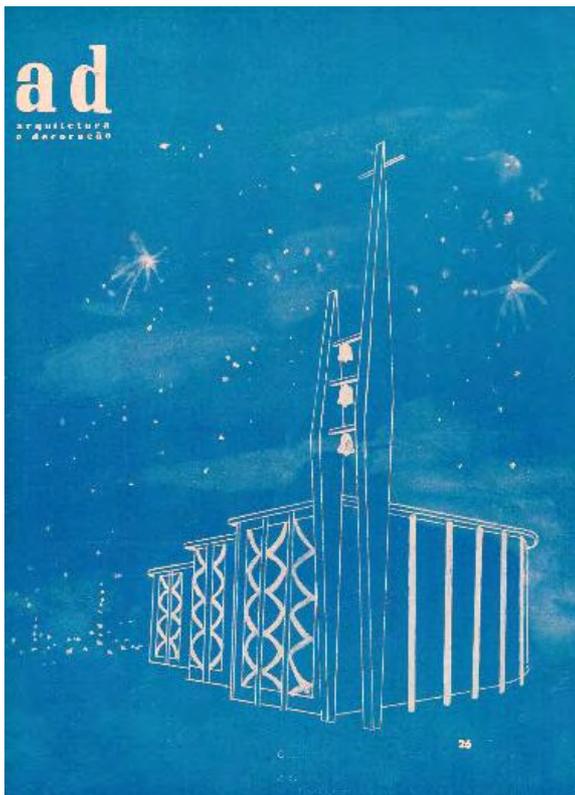
Entre os artigos especiais encontrados é possível ressaltar o que foi publicado sobre composição, de Sylvio Vasconcelos, e vários textos de Alvaro Vital Brasil. Foram publicadas algumas obras que se tornaram ícones da arquitetura brasileira, como o Hotel Quitandinha de Oscar Niemeyer, e diferentes projetos com a cobertura borboleta, traço modernista usado por muitos arquitetos brasileiros.



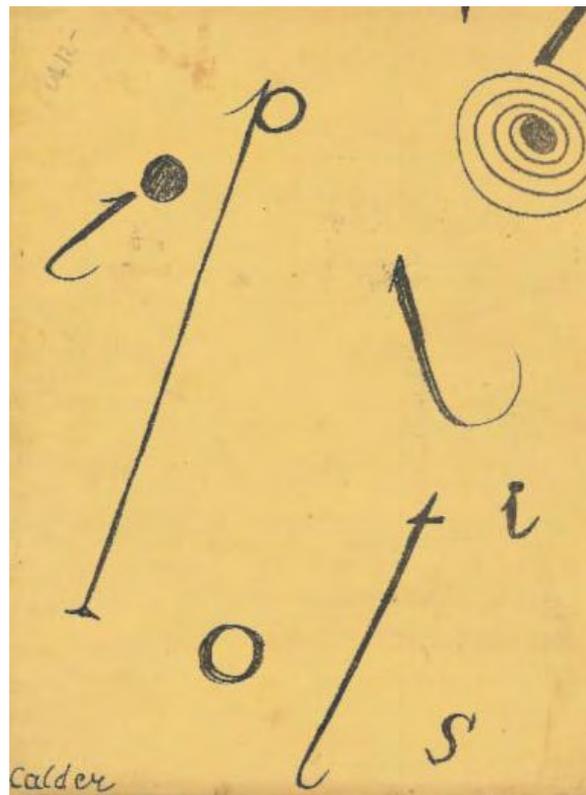
Capa 1



Capa 2



Capa 3



Capa 4

Fig 37 Capa 1: Revista Brasileira: HABITAT, setembro, 1953, nº 12
Capa 2: Revista Brasileira: BRASIL ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, 1956, nº 7
Capa 3: Revista Brasileira: AD – ARQUITETURA E DECORAÇÃO, dezembro, 1957 nº 26
Capa 4: Revista Brasileira: PILOTIS, setembro, 1949, nº 3

O conselho técnico da revista, formado por maioria de arquitetos, dava destaque às linhas retas dos modernistas e às manifestações contextualizadas do Movimento Moderno na arquitetura brasileira. Procurando motivar debates a A&E publicou a íntegra da carta de Atenas e reproduziu artigos de Walter Gropius, Bruno Zevi e Zenon Lotufo. O número 31, de maio/ junho 54, trouxe sumário em inglês e francês, o que mostra uma expansão em seu alcance. No número 27, de 1953, foi encontrado um artigo sobre o Centro Cívico de Curitiba, com destaque para a maquete. A A&E publicou ainda um extenso edital propondo normas para a criação de um Instituto Superior de Urbanismo no Brasil. Rino Levi, que um pouco mais tarde compareceu muito na Acropole, já escrevia na Arquitetura e Engenharia e foram encontrados artigos de sua autoria sobre o ensino de arquitetura e sobre normas de concursos.

Durante a pesquisa foram encontrados também alguns números avulsos de publicações que não vieram a se constituir coleções mas contribuíram na educação arquitetônica dos profissionais de Curitiba.

Entre estas, **HABITAT** era dirigida por Lina Bo Bardi desde fevereiro de 56 e existiu até cerca de 1965. O número encontrado foi o 27 e a revista estava no sexto ano de publicação. Abordava arquitetura, urbanismo e artes em geral. Referenciava projetos importantes de fora do país mas dedicava a maior parte do número à arquitetura brasileira. Uma certa dificuldade de aquisição pode ter sido a razão da sua pouca presença Curitiba.

A revista **BRASIL-ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA** era inicialmente dirigida por Enrique Mindlin, sendo publicada no Rio de Janeiro, mas já no número 12, em agosto de 1957, mudava de administração. Dedicava-se a arquitetura brasileira, mas era uma revista rara em Curitiba.

AD-ARQUITETURA E DECORAÇÃO era uma pequena revista editada em São Paulo, voltada à arquitetura brasileira. O nº 26, de dezembro 1957 trazia um artigo sobre Brasília, escrito por Edgar Albuquerque Graef, analisando as propostas do concurso que escolheu o plano piloto de Lucio Costa, comparando-o com o plano proposto por MMM Roberto.

PILOTIS, outra revista brasileira voltada à arquitetura do Brasil e às artes foi fundada por estudantes, entre eles, Jorge Wilhelm e Salvador Candia. O número encontrado foi o nº 3, de setembro 49.

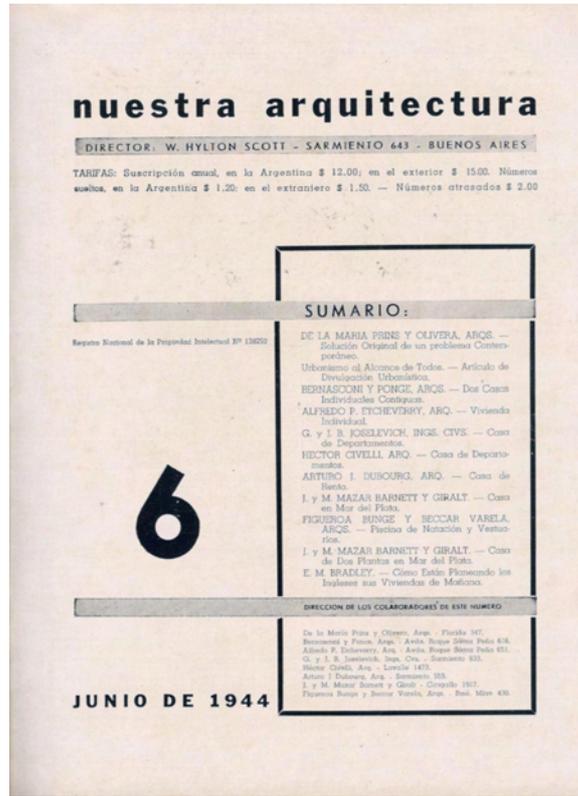
Da **ARQUITETURA E URBANISMO**, vinculada ao IAB–Rio de Janeiro foram encontrados apenas seis volumes de 1941 e outros seis de 1942. Era bimensal e divulgava principalmente a arquitetura carioca.

Duas outras publicações, A Casa e Estrutura, foram encontradas em coleções na Biblioteca Pública do Paraná. Embora um pouco distanciadas do espírito de modernidade que alimentava outras publicações brasileiras, eram correlatas ao assunto de fazer arquitetura e construção.

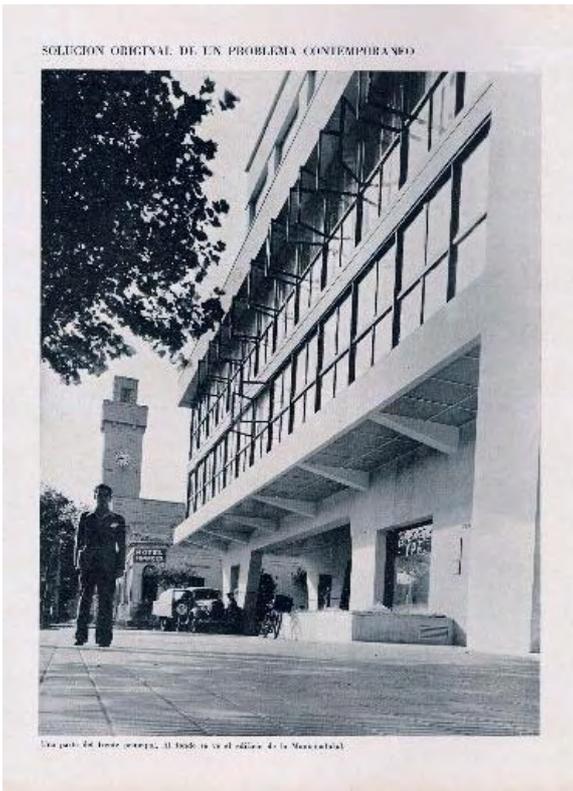
A CASA era uma pequena publicação impressa no Rio de Janeiro, pretendendo discorrer sobre arquitetura, urbanismo,



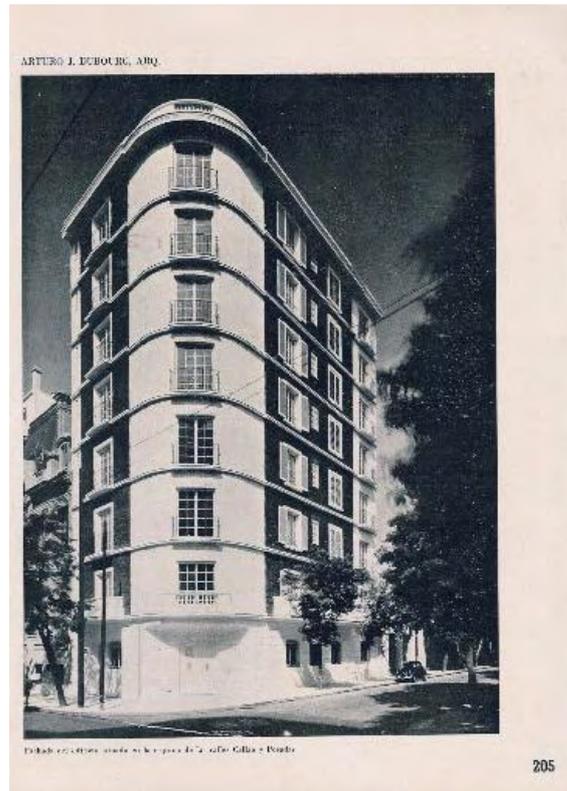
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 38 Revista Argentina: NUESTRA ARQUITECTURA
junho 1944

engenharia e artes decorativas. Fundada em 1923, propriedade de Segadas e Cordeiro, na Biblioteca Pública do Paraná há uma coleção a partir do número 26. Neste período, até o número 37, refletia um saber popular, comum ao dia-a-dia, ainda que profissional, sendo completamente desligada dos movimentos arquitetônicos que então ocorriam. A partir do número 37 tem outros donos, M L Jordão e Cia, e assume ares mais contemporâneos. Trouxe um artigo sobre a Expo Paris de 1937 e outro sobre concreto armado, apresentado como uma tecnologia em desenvolvimento. Para os projetos trazia plantas e indicava autores, muitos deles arquitetos. Repetia alguns artigos da Nuestra Arquitectura. Publicou um guia do construtor e trouxe a propaganda de um curso de concreto armado por correspondência. Esta pequena publicação não foi mencionada pelo entrevistados. Romeu Paulo da Costa disse que a conhecia, mas sem muito entusiasmo. Não era aparentemente uma fonte de inspiração para os projetistas os anos 50 que estavam ligados aos aspectos modernos, mas deve ter servido a muitos outros, até mesmo não profissionais, como construtores ou proprietários.

ESTRUTURA, Revista Técnica das Construções, da Editora Científica, Rio de Janeiro, foi encontrada também na Biblioteca Pública do Paraná, em números de 1957 até os anos 80. Voltada à engenharia de construção, continha artigos escritos por muitos professores. Foi encontrada uma colaboração de Samuel Chameki, professor da escola de engenharia da UFPR dos anos 50, denominado "*O Moderno Conceito de Segurança nas Construções*". Outro número trouxe uma

extensa reportagem sobre desabamentos em obras de concreto armado. Estrutura continha sumário em inglês, o que indica possivelmente intercâmbio com outras universidades de fora do país.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

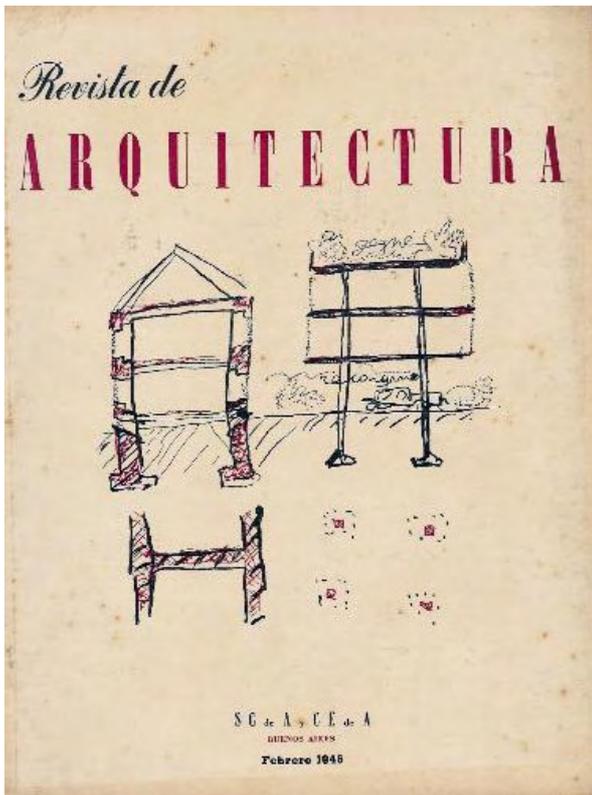
Quatro revistas estrangeiras que tiveram presença especialmente marcante foram Architectural Forum, Architectural Record, Progressive Architecture e Architecture D' Aujourd' Hui. Tinham vários pontos em comum, como serem muito atraentes, conterem muita ilustração da boa qualidade, serem muito interessantes, por apresentarem projetos com detalhes construtivos, e também por conterem artigos teóricos sobre filosofias de arquitetura, além de uma grande quantidade de informação na publicidade.

Foi notada a ausência de revistas inglesas, representadas apenas por um boletim de Londres, denominado **ARCHITECTS JOURNAL**, do qual foram encontrados na biblioteca da UFPR números esparsos entre 1953 e 1955.

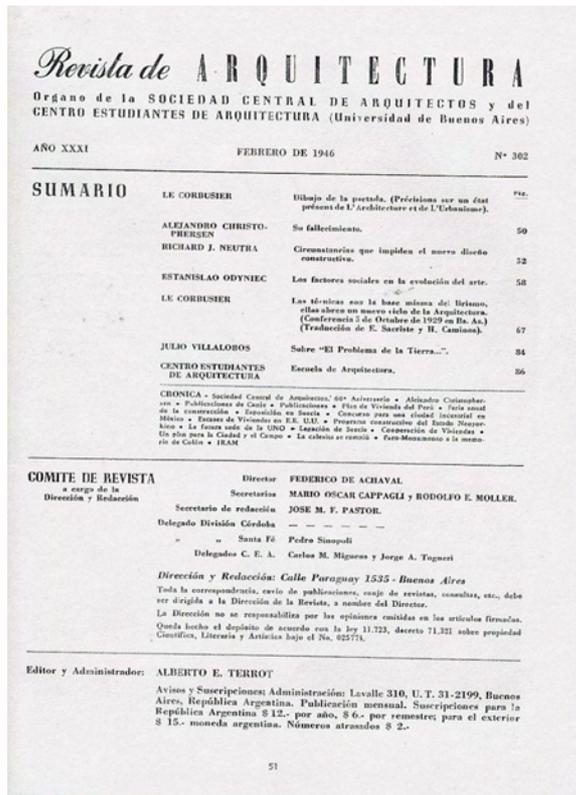
DOMUS, italiana de Milão, mencionada por Elgson como uma das suas leituras favoritas, era rara em Curitiba, em que pese sua excelente qualidade. Não foi encontrada nas coleções de Romeu e Meister mencionou ter adquirido algumas mais tarde, depois dos anos 50.

REVISTAS ALEMÃS

BETON KALENDER era publicada em Berlim e dedicada à tecnologia da construção.



Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 39 Revista Argentina: REVISTA DE ARQUITECTURA fevereiro 1946

Na biblioteca da UFPR foram encontrados números desde 1938, em coleção quase completa de 1945 a 1955, depois mais alguns números de 1959 a 63, continuando até 1988.

SCHÖNER WOHNEN era uma revista de decoração alemã, com artigos sobre interiores e mobiliários tradicionais, com alguns cautelosos enfoques mais contemporâneos. Trazia também soluções de projetos voltados a moradias unifamiliares. Foi encontrada uma grande coleção na Biblioteca Pública, desde os anos 50, e certamente era uma favorita de público certo junto à colônia alemã da cidade.

Rubens Meister mencionou suas leituras em revistas alemãs, com um conteúdo dedicado sobretudo a detalhes construtivos, mas não recordava a denominação exata das mesmas. As revistas dedicadas a acústica estão citadas na bibliografia de seu acervo, listado adiante.

REVISTAS ARGENTINAS

NUESTRA ARCHITECTURA era publicada em Buenos Aires e foi uma das primeiras revistas a serem adquiridas por Meister e Romeu, desde 1943 até início dos anos 50.

Continha a arquitetura praticada no país vizinho e nos anos 40 era ainda muito pouco ligada ao Movimento Moderno, contendo projetos com traços diversos de Art-déco e ecletismo. Mas já trazia artigos americanos e ingleses que falavam deste movimento e cumpriam um papel educativo. Além de boas fotografias, em preto-e-branco, trazia plantas dos pavimentos, que remetiam aos programas

e às soluções funcionais. Não era minimalista e aprofundava detalhes, tendo publicado diversos exemplos de edifícios de esquina, com a quina em curvas, como é percebido nos primeiros projetos de Romeu e Meister.

Pode-se creditar a ela, juntamente com a Revista de Arquitectura, também argentina, o primeiro contato dos profissionais curitibanos com os artigos de revistas americanas, que eram traduzidos para o espanhol.

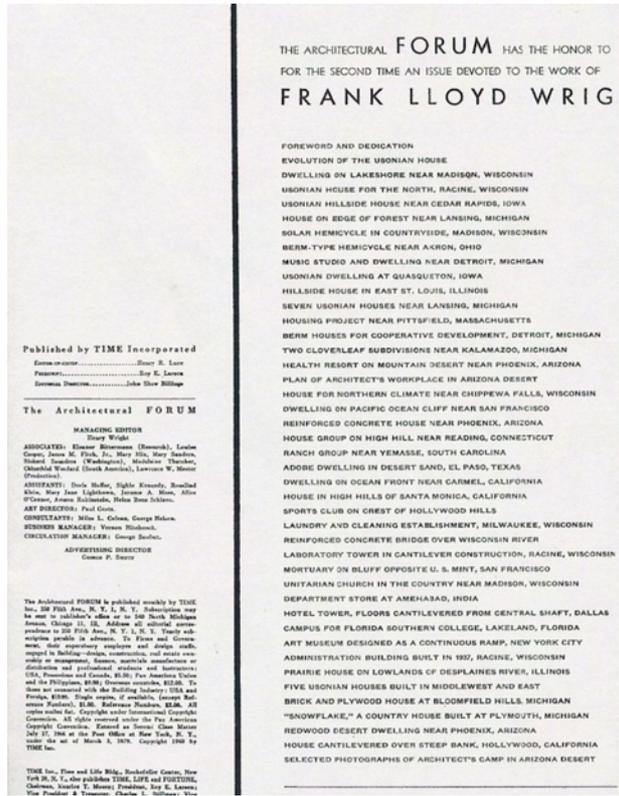
As casas argentinas publicadas eram de alto padrão, amplas e pitorescas, de inspiração inglesa, com telhados altos, sótãos e águas furtadas. Dependências amplas mostravam alto nível financeiro e econômico dos projetos escolhidos e percebe-se aí que o país estava em fase de prosperidade. Programas bem desenvolvidos mostravam que mesmo casas em série dispunham de pátios internos separados para atividade social e serviço. Os edifícios publicados seguiam o mesmo padrão. A tipologia residencial argentina foi chamada de paradigmática por Romeu, porque se adaptava bem ao modo de vida curitibano, cujo clima frio se assemelhava ao argentino, e cuja população era então de muitos imigrantes europeus.

Como a Inglaterra tinha profundas ligações político-econômicas com a Argentina e estava promovendo a reconstrução pós guerra, inúmeros eram os artigos que mostravam os trabalhos desenvolvidos na Grã-Bretanha, tanto em arquitetura como em urbanismo, com destaque para habitação popular.

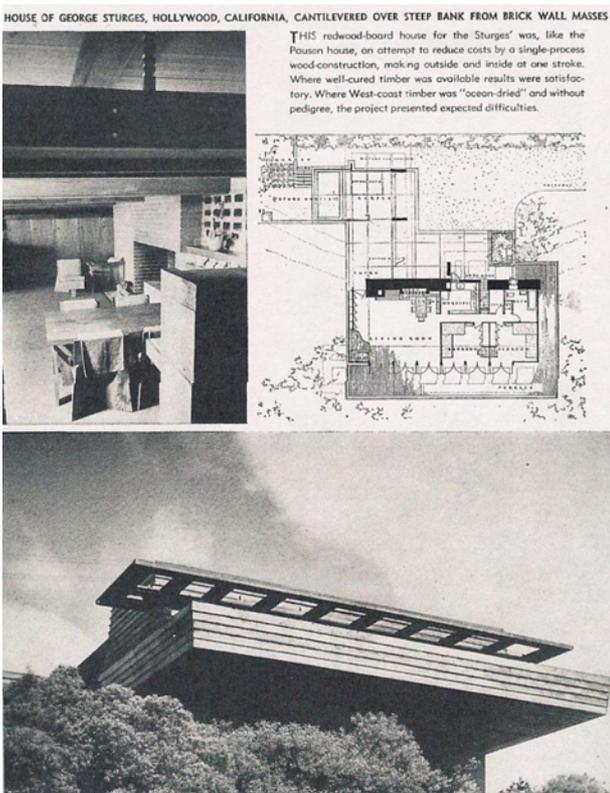
Na Nuestra Arquitectura foi encontrada a divulgação da conclusão da casa Falling Water de Frank Lloyd Wright. Entre outras reproduções de revistas americanas trouxe



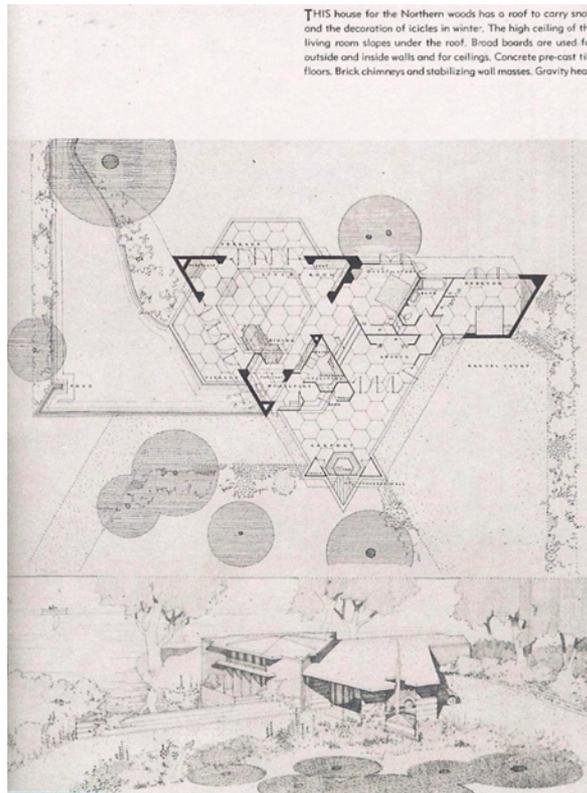
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 40 Revista Americana: ARCHITECTURAL FORUM janeiro 1948

artigos de Richard Neutra, Marcel Breuer e Walter Gropius, além de mostrar residências americanas da Architectural Record. Fazendo referência à exposição Brasil Builds, reproduziu a casa de Bernardo Rudofsky, em São Paulo, com todos os detalhes. Seguidamente trazia também abordagens sobre urbanismo.

Outra revista argentina freqüente nos acervos privados era a **REVISTA DE ARQUITECTURA**, publicada também em Buenos Aires, sendo órgão da Sociedade Central de Arquitetos e Centro de Estudantes de Arquitetura de Buenos Aires. Os números encontrados vão de fevereiro de 43 a maio 50, no acervo de Romeu, tendo sido citada por Meister.

Muito didática, publicava sempre artigos sobre história e tendências da arquitetura argentina. Trazia continuamente trabalhos das escolas e dos salões nacionais de exposições de arquitetos argentinos. A publicação dos concursos era completa, contendo projetos com todos seus desenhos, e é possível perceber a influência sobre Romeu e Meister nas perspectivas, com ponto de vista baixo, céus e árvores característicos.

Em 1943 mostrava apenas pinceladas sobre o Movimento Moderno, voltada mais a arquitetura tradicional argentina, com a já citada forte influência pitoresca inglesa. Em abril de 45 trouxe notícias do CIAM e de arquitetos americanos, iniciando uma publicação seriada de artigos sobre o Movimento Moderno na arquitetura. Começa então a destacar mais a arquitetura contemporânea e em novembro de 45 traz um numero especial sobre Neutra, sempre citado como um dos favoritos por

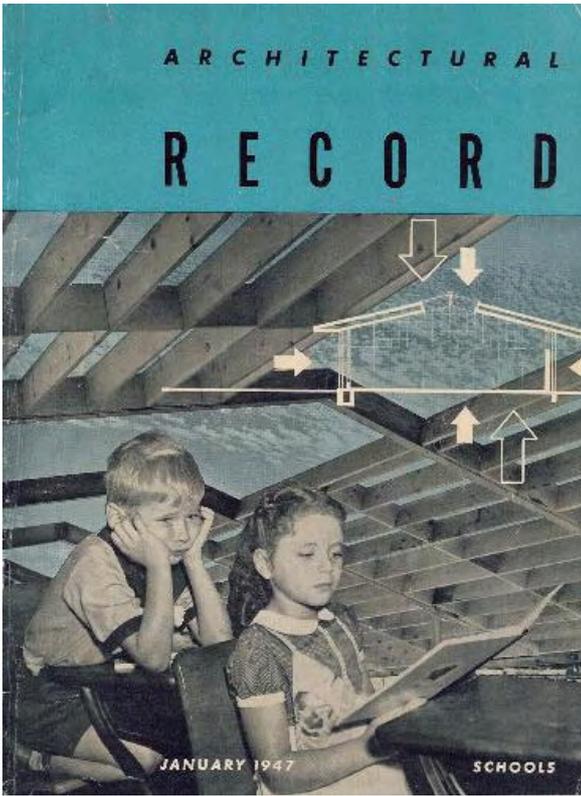
Romeu. A partir desta época diminui muito as publicação de casas típicas, adotando uma postura mais atualizada.

Do mesmo modo que a Nuestra Arquitectura, o pós-guerra e a preocupação com a reconstrução da Grã-Bretanha são motivos de artigos constantes, tanto em urbanismo como em habitação popular. O terremoto de San Juan e sua reconstrução por meio de plano urbanístico são destaques constantes, trazendo um acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos.

Reproduz na integra uma palestra realizada por Le Corbusier para um grupo de estudantes argentinos. A revista mantém a postura de publicar assuntos completos, não apenas referencias, e assim publicou um aprofundado curso sobre perspectivas, que deve ter sido muito educativo para os profissionais curitibanos.

Em março 46 apareceu a integra da carta de Atenas e em agosto do mesmo ano trouxe a íntegra da Teoria e Organização da Bauhaus, de Walter Groupius, estendida por diversas páginas. Em janeiro de 47 dedicou-se às casas de Marcel Breuer. O número de outubro de 47 foi dedicado a alguns grandes arquitetos internacionais. Trouxe certa vez a íntegra do artigo teórico de Alejandro Klein, original de 1927 de Berlim, sobre "*Simetria e axialidade na casa unifamiliar*". Com o passar do tempo passa a se dedicar mais a textos, com menos fotos e desenhos.

Em 1948 publicou um número especial sobre auditórios, com destaque sobre a forma



Capa

VOL. 101 - NO. 1 January 1947

ARCHITECTURAL RECORD

CONTENTS

RENTAL HOUSING—PRIME PROBLEM IN 1947 57
An Editorial . . . by Conroy K. Stearns

FEDERAL TELECOMMUNICATION LABORATORY 58
Electronic Laboratory and Microwave Tower, "Radio, N. E., for Federal Telecommunication Laboratories, Inc., Colfax & Yale, N. E., Boston, Engineers and Architects"

NEW BUILDINGS FOR BOYS TOWN, NEBRASKA 66
See A. Nels Conrath, Architects

MEDICAL-DENTAL CENTER, OKLAHOMA CITY 74
Conroy and Frankfurt, Architects and Engineers

AIR CONDITIONING CALLS FOR COMPACTNESS 76
Editors: Emerson Ralph Schick, Inc., C. G. Frohling, Corp. & Sals, Architects-Engineers

TEXAS HOUSE WITH NATIVE FRANKNESS 78
Residence for Mr. and Mrs. Carl A. Faby, Austin, Texas; Faby and Oringer, Architects

BUILDING TYPES STUDY NO. 121 SCHOOLS IN TRANSITION 79

A YEAR OF BASIC SCHOOL PROGRESS 79

CLEAN DESIGN STANDS UP IN USE 81
Editors: Emerson Ralph Schick, Inc., C. G. Frohling, Corp. & Sals, Architects-Engineers

UNILATERAL LIGHTING, TWO-STORY SCHOOL 86
Teachers' Union School District, Toledo, St. Louis Industries, Architects-Engineers

NEW BEATLIER LIGHTING, OPEN PLAN 88
Midwest Oak School, Oak Cliff, Maywood Industries, Architects

PLANNING FOR CENTRAL SOUND SYSTEMS 90
With Diagrams by Richard de Haan

"TRI-LATERAL" LIGHTING, PANEL HEATING 93
Second Grade School, California, Franklin & Fox, Architects-Engineers

PERFORMANCE CODE FOR NEW HEATING 97
New York State Recommendations Covering Many Novel Details

A BALANCED HEATING SYSTEM 98
Walter M. Smith Associates, Architects-Engineers

ARCHITECTURAL ENGINEERING Technical News and Research 99

FULL SIZE MOCK-UP FOR LIBRARY PLANNING 99
R. B. O'Connor and W. H. Johnson, Jr., Architects

QUONSET HUTS ARE BACK FROM THE WAR 102

FACTORY-PRODUCED HOUSES IN THE NEWS 103

PRODUCTS See Better Buildings 104

TIME-SAVER STANDARDS School Landmarks and Credits 107

MANUFACTURERS' LITERATURE 112

THE RECORD REPORTS News from the Field 7

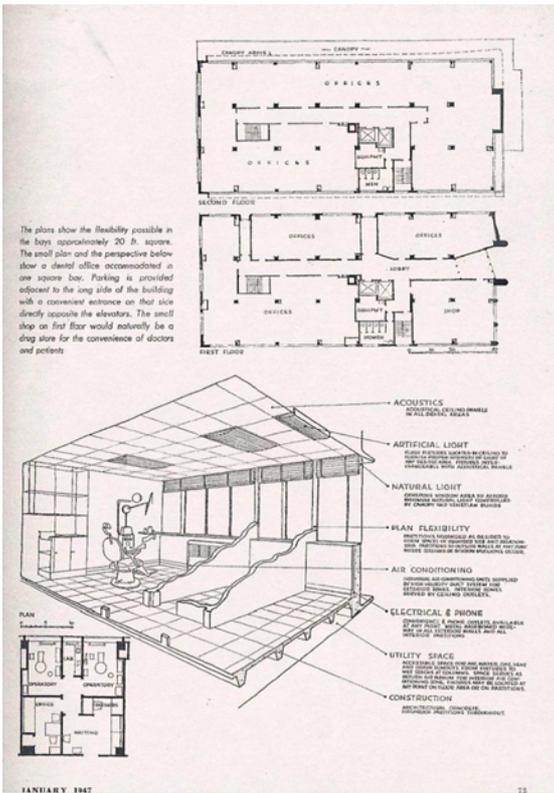
REQUIRED READING 26

INDEX TO ADVERTISEMENTS 158

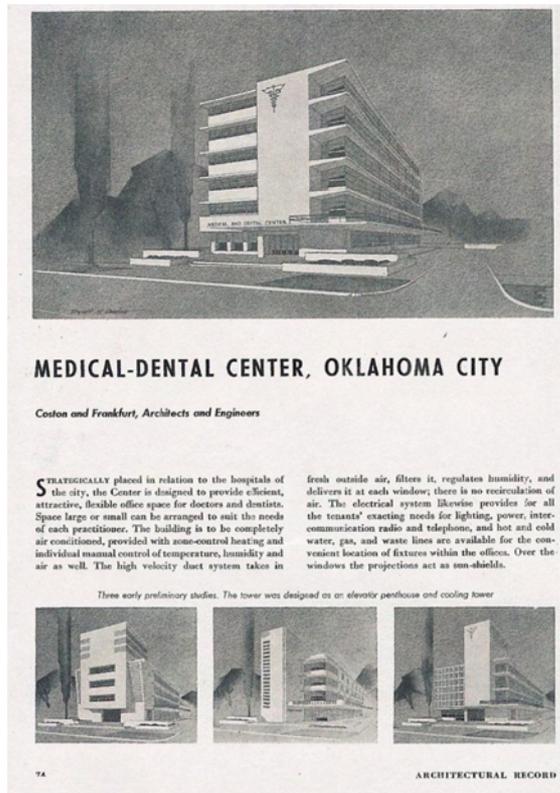
COVER: Budgetary photo by R. B. Thayer; photo of children, Fritz Auer.

JANUARY 1947 3

Página Sumário



Página Típo



Página Típo

Fig 41 Revista Americana: ARCHITECTURAL RECORD janeiro 1947.

acústica, assunto que interessava muito a Meister devido a seus projetos de teatros.

O número de maio de 1950 contém algumas reproduções americanas e é preenchida basicamente com textos sobre exercício profissional. Esta foi a última aquisição desta revista feita por Romeu, possivelmente mais interessado em arquitetura propriamente, e que já adquiria, como Meister, revistas americanas e francesas, bem mais recheadas de fotos e projetos e que eram as fontes das reproduções argentinas.

REVISTAS AMERICANAS

A três revistas norte-americanas que eram adquiridas ao mesmo tempo e tinham muitas características em comum eram **Architectural Forum**, **Architectural Record** e **Progressive Architecture** .

“Comprávamos tudo o que vinha, porque éramos crentes e porque era tudo que tínhamos”, comentou Romeu.

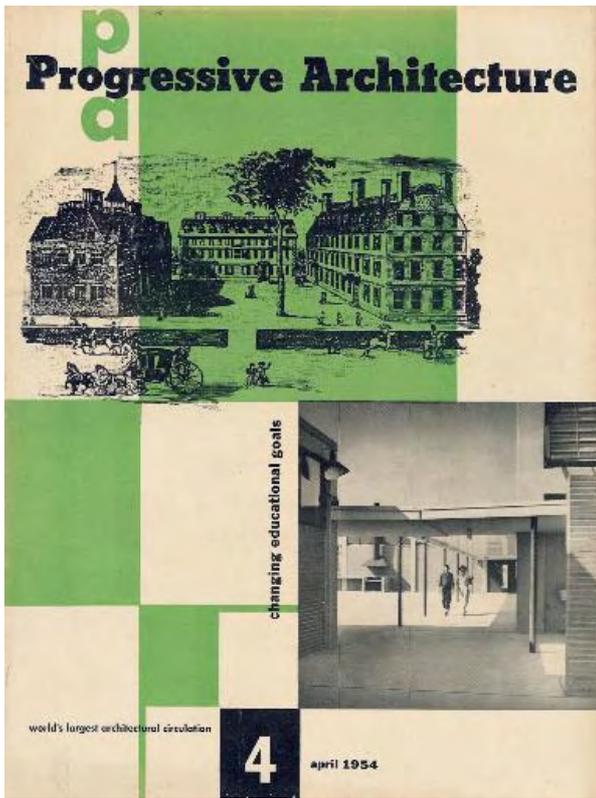
As revistas tinham formato grande, a Forum media 24,5x31,5 centímetros, e eram muito bonitas, como destacou Meister, com muitas fotos, desenhos e comentários. Exerciam uma função didática com seus assuntos completos, em que procuravam aprofundar aspectos arquitetônicos, análise espacial e detalhes construtivos de execução de obras, com preocupações que iam além do aspecto visual. A publicidade era colocada antes e depois dos textos o que possibilitava o destaque dos mesmos para coleção, daí porque, passados muitos anos, Romeu preferiu guardar apenas os artigos, sem a publicidade.

Atentas as novas experiências, as revistas americanas abordavam todo tipo de temas arquitetônicos e todo tipo de edifícios, fossem residências, edifícios altos, escolas, hospitais e quaisquer outros, em todas escalas, das áreas mínimas residenciais às máximas do shopping center, o que acentuava seu interesse como fonte de instrução.

As residências eram sempre destacadas por propostas e programas novos, ressaltando a simplicidade das formas modernas, com o uso de muito vidro. Os entornos e as paisagens onde as residências estavam implantadas eram sempre magníficos, o que ajudava a acentuar a idealização das soluções propostas. Os programas residenciais mostravam áreas de viver unificadas, muitas com a cozinha integrada, em contraste com o hábito local da cozinha isolada e da sala de visitas e jantar utilizadas somente em ocasiões especiais.

Os arquitetos mais conhecidos tinham espaço certo nestas publicações, sendo comum encontrar artigos de Walter Gropius e Mies van der Rohe, entre outros. Frank Lloyd Wright era assíduo, pois vários artigos e até mesmo números especialmente dedicados a ele foram encontrados, onde podia ser observado que Mr. Wright não descuidava da divulgação do seu trabalho.

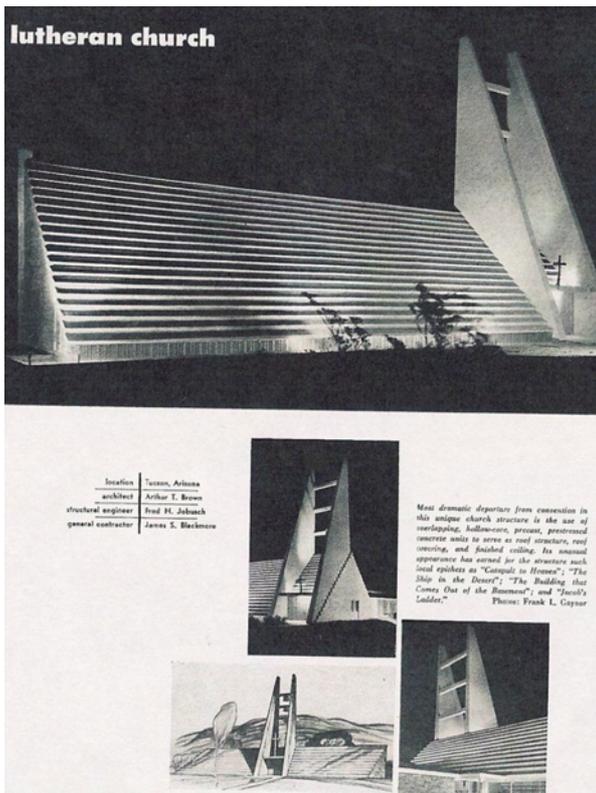
Vários números acompanharam a edificação da Lever House, publicando o andamento da construção e discutindo tanto a arquitetura como a tecnologia. Outro tema novo da época eram Shopping Centers, analisados sob todos aspectos, do arquitetônico ao urbanístico.



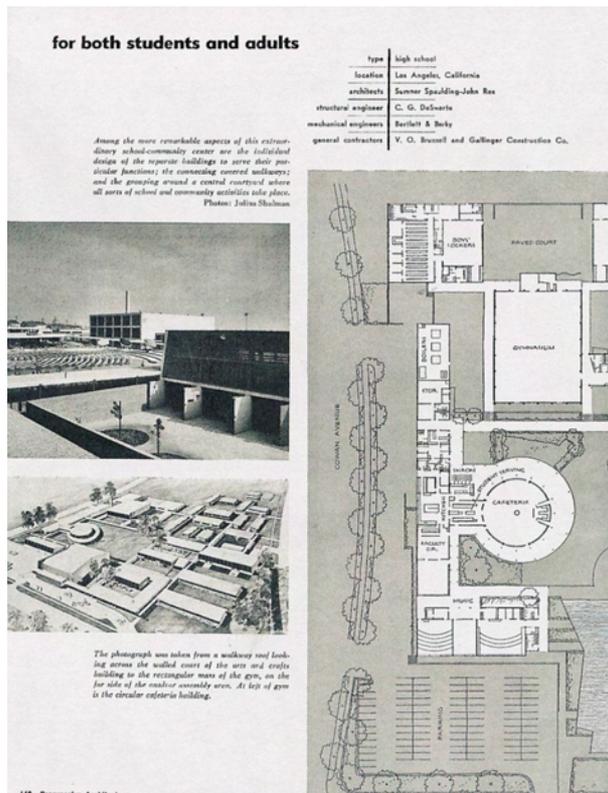
Capa



Página Tipo



Página Tipo



Página Tipo

Fig 42 Revista Americana: PROGRESSIVE ARCHITECTURE
abril 1954

Também era habitual as revistas adotarem um tema específico para cada número, tais como edificações escolares, hospitalares ou edifício de escritórios.

A **ARCHITECTURAL FORUM** era a maior delas e a mais completa, contendo cerca trezentas páginas, dois terços das quais de anúncios, sendo que esporadicamente já trazia fotos a cores. No início dos anos 1950 subdividiu cada número em duas seções, *The Magazine of Buildings*, com abordagens diversificada sobre edifícios e *House e Home*, dedicada especificamente à habitação unifamiliar. Para os entrevistados era a mais importante e aparentemente estabelecia um padrão para as demais.

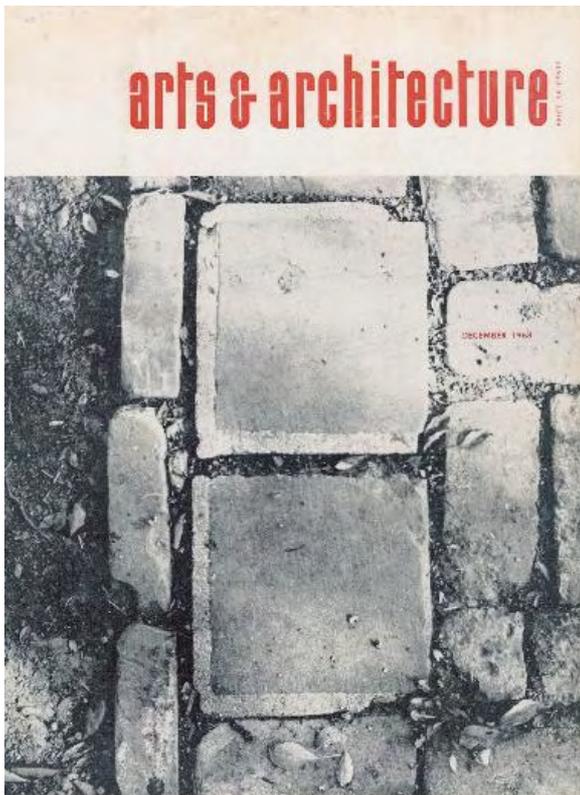
Da **ARCHITECTURAL RECORD**, menor que a Forum, foram encontrados volumes dos anos 1952 a 55. Entre seus consultores constava Oscar Niemeyer. Foi publicado um extenso artigo a sobre o Rio Sport Center , que contem o Estádio do Maracanã, com detalhes, projeto e acompanhamento da construção. Na época estava sendo construído o Pequeno Estádio, para o qual revista discutia com profundidade o sistema estrutural .

PROGRESSIVE ARCHITECTURE era a menor das três, mas a mais intelectualizada, com mais ênfase em desenhos e contendo mais propostas pioneiras do que as demais. Rino Levi teve publicado aqui seu projeto do Edifício Prudência. Em 52 foram encontrados artigos sobre análise espacial de escolas e interiores escolares do ponto de vista ergonômico, assunto de interesse imediato de Romeu.

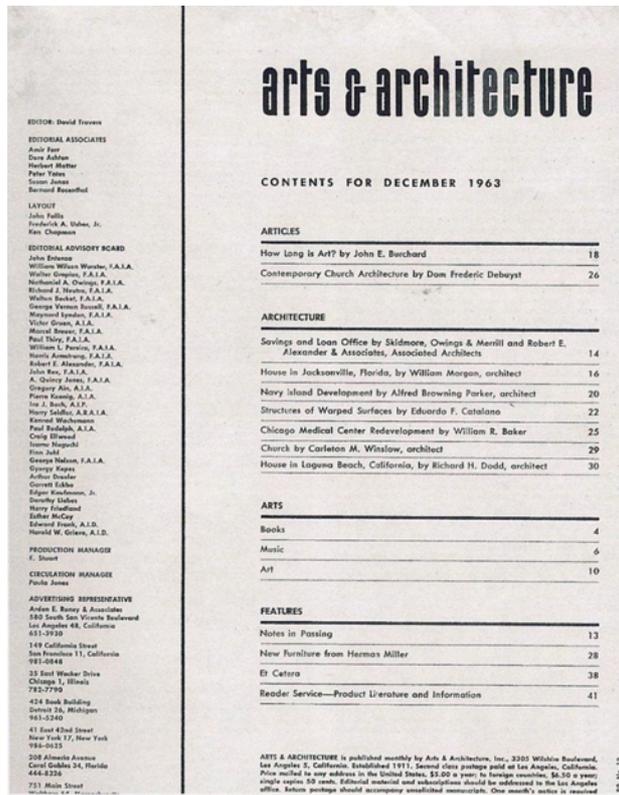
ARTS & ARCHITECTURE era uma revista fina com cerca de 50 páginas e formato grande, em preto-e-branco, de excelente qualidade gráfica. O primeiro exemplar encontrado é de 1963, já no final dos limites impostos a esta pesquisa. Seu editorial dizia que estava estabelecida desde 1911 e era publicada em Los Angeles, Califórnia. Custava apenas meio dólar. Foi citada como admirável por Romeu e Meister, razão de sua referência. Tinha um mínimo de propaganda, em anúncios discretos nas contracapas. O conselho era composto por participantes das entidades americanas FAIA e AIA. Adotava uma postura intelectual de vanguarda e seus artigos sempre traziam uma proposta de arquitetura diferenciada, sobretudo no aspectos de programas e soluções. Continha também artigos teóricos e filosóficos, além de abordar artes plásticas, livros em resenhas e comentários sobre música. Entre vários artigos foi encontrado um especial a respeito de Walter Gropius, reproduzindo seu discurso de 80º aniversário na Harvard University, onde expressava sua preocupação pelo não relacionamento entre edifícios de um mesmo entorno urbano.

REVISTAS FRANCESAS

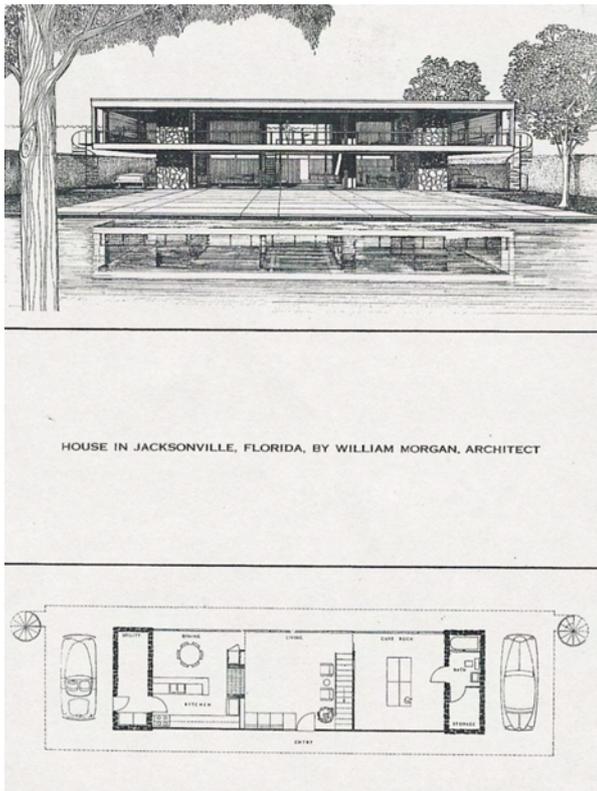
A **L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI** era uma revista européia que diferia das revistas americanas por ter tradição como revista de vanguarda artística, principalmente francesa. Era publicada desde 1929 e gozava do favoritismo dos entrevistados, contendo cerca de 110 páginas de texto e também muita propaganda. Ao contrário das americanas a



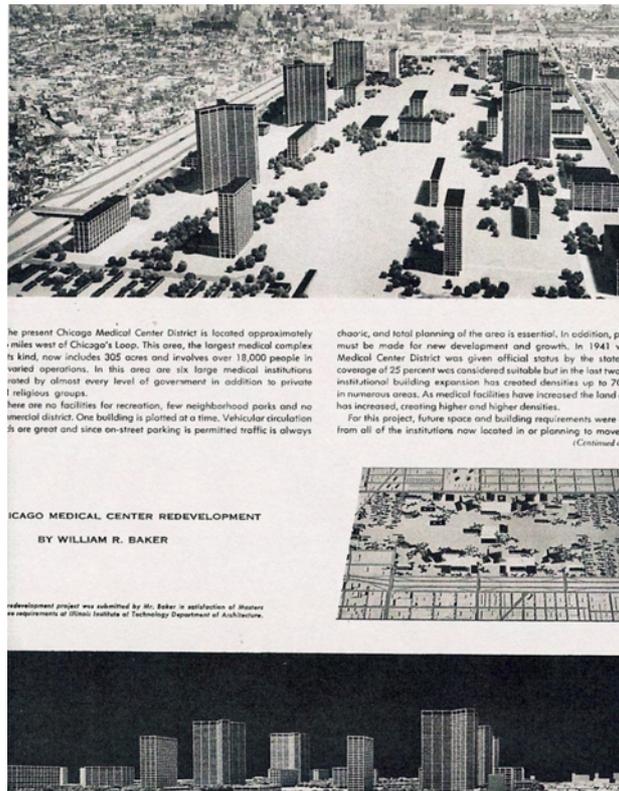
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 43 Revista Americana: ARTS & ARCHITECTURE dezembro 1963

publicidade vinha misturada com os textos de notícias. Era muito diferente das americanas, dando destaque a notícias européias, abordando arquitetura de diferentes países, com especial ênfase ao que acontecia sobre novas abordagens na arquitetura e eventualmente trazia também notícias americanas. Deu destaque às atividades dos CIAM e às reuniões da UIA. A seção de notícia diversas era muito ágil e abrangente. Seguiu o padrão de divulgar notícias de assuntos correlatos à arquitetura, com enfoque em artes, mobiliário e bibliografia. Adotava também o número temático e para os temas especiais a abordagem era aprofundada, com muitas fotos, desenhos e textos. Um de seus números mais famosos e de grande interesse para os brasileiros denominou-se "*Brésil*", de 1947.

Os exemplares mais antigos foram encontrados na biblioteca da PUC, cerca de dez volumes, entre 1950 e 1955. Também nesta revista francesa Oscar Niemeyer fazia parte da comissão de patronato, o que nos dá mais uma medida de seu prestígio internacional.

Foi encontrado um exemplar da única edição argentina, em espanhol, denominada "**LA ARQUITECTURA DE HOY**", nº 1 de janeiro de 1947. Publicada em Buenos Aires, os anúncios eram locais, embora o conteúdo fosse francês e o papel de pior qualidade. Este número trouxe o projeto da igreja da Pampulha de Niemeyer com ótimos desenhos e croquis explicativos, e talvez por isso tenha sido adquirido.

Outra revista francesa encontrada foi a **TECHNIQUES ET ARCHITECTURE**. Foram

encontrados dois números de 1947, um com temas de habitação individual e outro com moradia coletiva. Publicada na França era dirigida inicialmente por Auguste Perret. Era editada nos mesmos moldes da *Architecture D'Aujourd'Hui*.

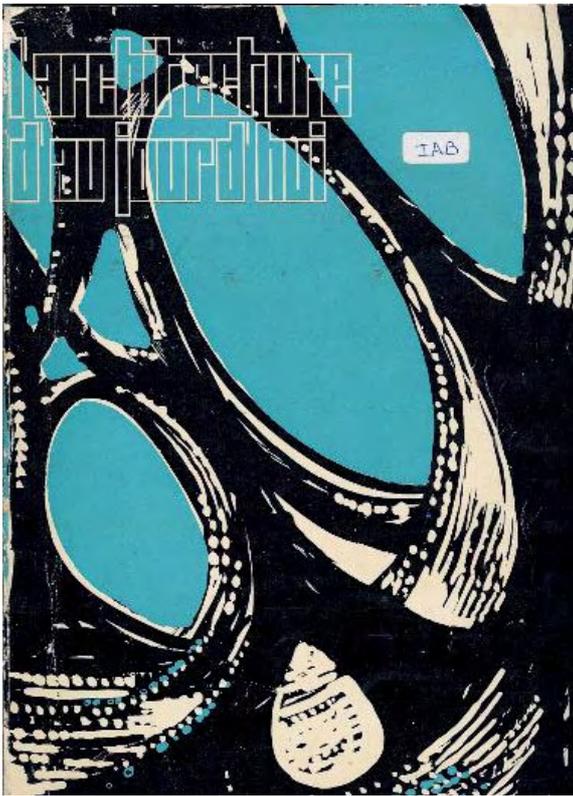
LIVROS DE TEORIA, HISTÓRIA E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Os livros que abordavam teoria, técnica ou história da arquitetura eram assinados por autores e arquitetos reconhecidos. Alguns exemplos dos livros encontrados nos acervos são aqui destacados com a finalidade de estabelecer uma amostragem de como eram os mais lidos pelos profissionais dos anos 1950, mas não se pretendeu uma análise exaustiva, como se pode verificar ao comparar as listagens mostradas dos acervos Romeu, Meister, PUC e UFPR.

As figuras são uma amostragem dos livros encontrados, como foi feito para as revistas, e visam dar uma idéia de como eram estes volumes.

Os livros de **LE CORBUSIER** eram encontráveis em todos acervos e constituíam um ponto focal de conhecimentos da arquitetura do Movimento Moderno, e igualmente foram encontrados outros autores que apresentavam e analisavam a arquitetura do famoso arquiteto.

Movimentos como o funcionalismo e o racionalismo, cujo contato inicial se dera em revistas, eram estudados com mais profundidade nos livros. Um dos autores mais divulgados entre os profissionais curitibanos era



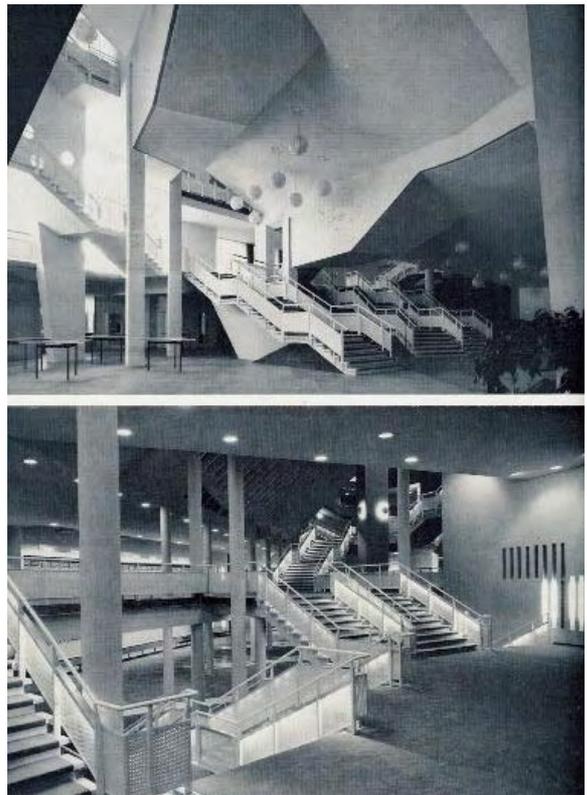
Capa



Página Sumário



Página Tipo



Página Tipo

Fig 44 Revista Francesa: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI março 1949

Alberto Sartoris, italiano, que apresentava funcionalismo e racionalismo, incluindo exemplos brasileiros, em “**Gli elementi Dell’ Architettura Funzionale**”, de 1935, e “**Introduzione Alla Architettura Moderna**”, de 1949, ambos contendo referencias à arquitetura brasileira.

História da arquitetura estava entre os volumes com grande presença, como o livro de Raymond Stites, “**Arts and Men**” citado por Meister, e o de Banister Flether, citado por Elgson. Outro destaque é “**Teoria e Filosofia de Arquitetura**”, de Adolfo Morales de los Rios Filho. Pequena preciosidade encontrada é um livro de Eduardo Corona e Carlos Lemos, uma separata das Acropoles 295/296, com obras paulistas entre anos 50-60, chamado “**Roteiro, Arquitetura Contemporânea São Paulo**”.

Temas especializados, que certamente respondiam a pesquisas sobre trabalhos a serem realizados, eram encontrados em publicações que apresentavam assuntos tais como edifícios para cultura, esportes, escritórios, hotéis, habitação e educação, entre outros. Foi encontrada uma coleção italiana chamada “**Manuali di Composizione e Tecnica nell’Architettura Moderna**”, de Antonio Vallardi Editore, de Milão, em que cada volume era denominado “**Edifici per la Cultura**”, “**Edifici per gli Spettacoli**”, “**Edifici per L’Istruzione**”, entre outros, volumes estes que eram muito ligados aos interesses de Meister, pelos projetos de teatros, e aos de Romeu, pelo projeto da biblioteca.

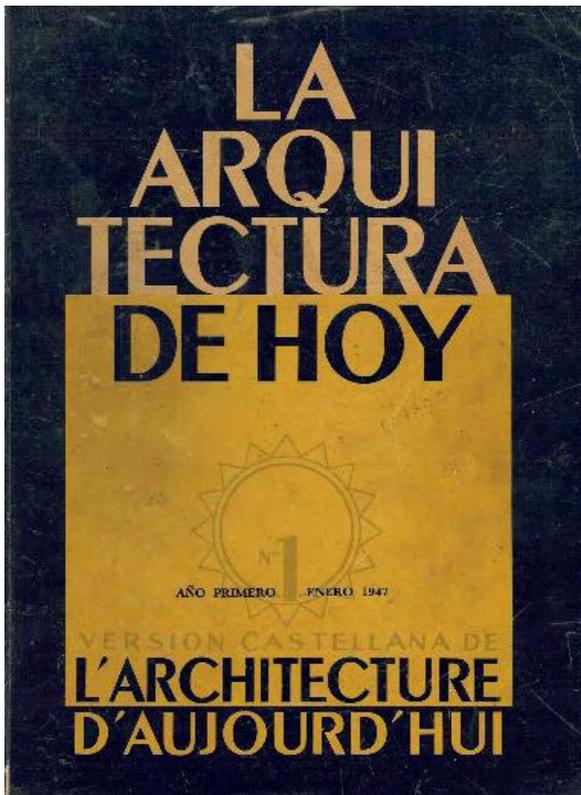
Autor encontrado em quase todos acervos é Enrico A Griffini, cujos livros valiam por cursos de arquitetura, abordando também

desde historia até técnicas construtivas. Tal é o caso de “**Costruzione Razionale della Casa**” onde é encontrado um estudo tipológico de habitações individuais e coletivas .

Voltado também para a arte de construir em geral, mas em grande parte dedicado à arquitetura, desde história, da antiga ao movimento moderno, até tecnologia passando por enfoques sobre estética e paisagismo era a francesa “**Encyclopedie Pratique Du Bâtiment et des Travaux Publics**”, edição de 1952, em três volumes, de Quillet. A “Batimã” foi encontrada no acervo de Romeu e na UFPR .

Como quase todos os profissionais atuantes no mercado curitibano tinham formação original em engenharia, incluindo os três entrevistados, de lá trouxeram o apreço aos aspectos técnicos das construções e ao cuidado de detalhes executivos responsáveis por conforto arquitetônico. O uso dos brises, por exemplo, detalhe modernista, estava solidamente embasado no conhecimento de insolação. Foram encontrados nos acervos livros de detalhes e técnicas sobre concreto armado, estruturas, esquadrias, insolação, madeira e coberturas, como os livros de Griffini e Neufert, este popular até os dias atuais. A versão encontrada do Neufert foi a de 1951, da Gustavo Gili, em espanhol, “**Arte de Proyectar en Arquitectura**”.

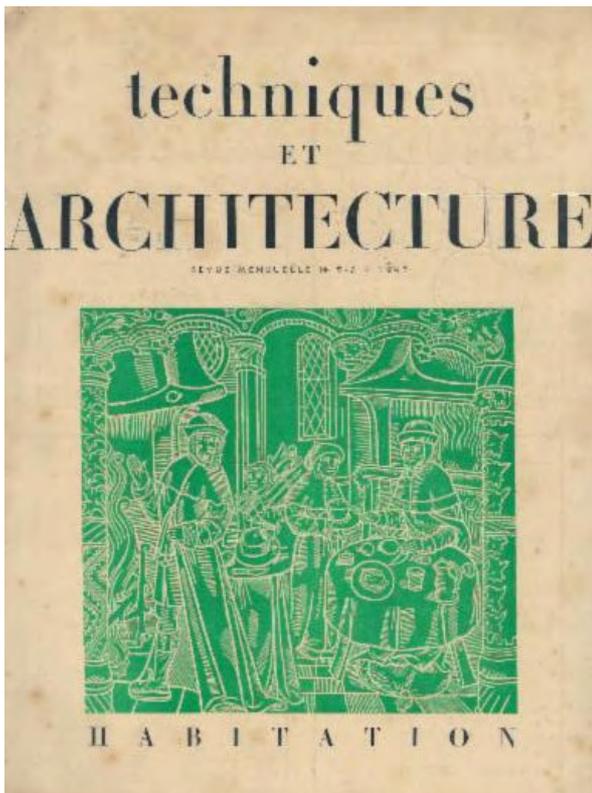
“**Brazil Builds**” foi encontrado na coleção de Romeu e Meister o mencionou. O destaque é dado a este livro importante porque é sempre citado ao se examinar as referências ao Brasil na imprensa internacional, sobretudo nas proximidades dos anos 1950. “**Brazil Builds**”, que despertou a atenção mundial



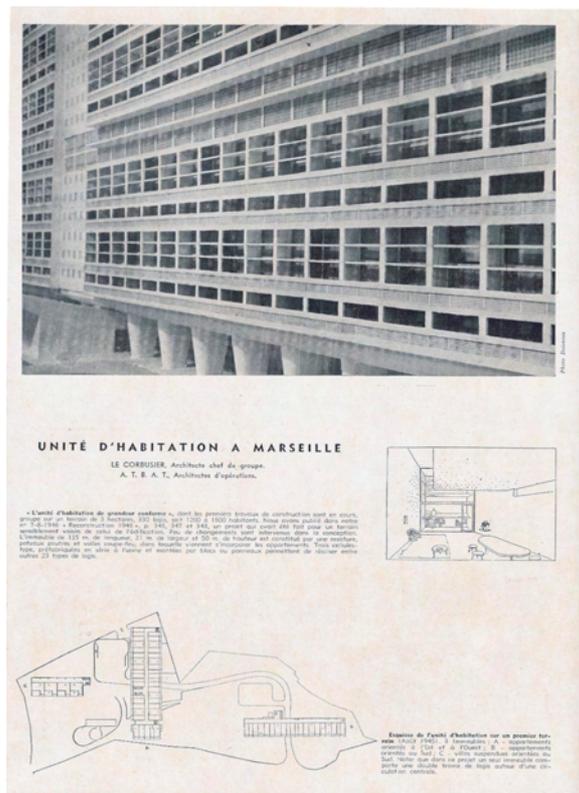
Capa 1



Página Tipo 1



Capa 2



Página Tipo 2

Fig 45 Capa 1: Revista argentina LA ARQUITECTURA DE HOY
Versão castelhana de L'Architecture D'Aujourd' Hui, 1947.

Capa 2 Revista francesa: TECHNIQUES ET ARCHITECTURE
1947, Nº 5-6

sobre a arquitetura brasileira, era um catálogo apresentando a exposição do mesmo nome, a qual era parte de um programa mais completo de intercâmbio cultural e políticas de boa vizinhança dos Estados Unidos. A exposição continha uma parte fotográfica com textos ou espaços explicativos, três maquetes, uma pioneira apresentação de slides com textos gravados em voz e o próprio livro, que foi escrito em 1942, publicado em 1943, por Philip L. Goodwin, arquiteto. A intenção era revelar a arquitetura brasileira aos americanos, em particular aos arquitetos, avaliando sobretudo as soluções de controle ambiental para o problema do calor e dos efeitos da luz e insolação sobre as grandes superfícies de vidro, colocadas em uso pela arquitetura moderna nas décadas iniciais do século XX.

Goodwin dividiu sua pesquisa em dois aspectos gerais: edifícios antigos, que organizou por localização, e edifícios modernos, que organizou por tipos de uso. A apresentação bilingüe, inglês e português, tornou-o referência útil para todos, além de um marco histórico. *Brazil Builds* contém opiniões do autor e desta forma transmite uma idéia de como arquitetura brasileira era vista nos anos 50. O que mais chamava atenção de Goodwin era a ousadia das formas na nova arquitetura brasileira, que lhe parecia uma revisão do antigo barroco tradicional.

O livro ressalta a influência da França sobre o Brasil, em diversificados aspectos culturais, o que facilitou a aceitação de Le Corbusier, e reconhece que os arquitetos brasileiros estavam bem informados e familiarizados com todas as minúcias da arquitetura contemporânea na Europa,

sobretudo italianas e germânicas. Nota que muito pouco da teoria arquitetônica dos Estados Unidos foi aproveitada, mas em compensação muito da prática foi adotado, como banheiros confortáveis, elevadores e detalhes técnicos de construção. Considera também que apesar da forte influência estrangeira, sobretudo européia, o Brasil encontrou seu próprio modo de expressão nas artes e na arquitetura, onde o Movimento Moderno brasileiro não recusava a influência da arquitetura tradicional, ao contrário do purismo proposto pelo modernismo que hoje está rotulado como ortodoxo. Na área técnica um grande destaque foi novamente dado aos pára-sóis (brises) como solução para controle ambiental.

Os arquitetos citados no livro, cujas obras são mostradas em fotos e desenhos, são atualmente nomes muito reconhecidos, exercendo ainda influência na produção arquitetônica atual, como Rino Levi, M.M.M. Roberto, Henrique Mindlin, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer, entre outros.

O trabalho de Mr Goodwin foi altamente valorizado, e ele foi agraciado com o título de membro honorário do IAB-Instituto de Arquitetos do Brasil. A Bienal de 1999 promoveu um evento comemorativo sobre o *Brazil Builds* e Marcos Carrilho publicou na *AU, Arquitetura e Urbanismo*, nº 77, maio 1998, extenso texto sobre o histórico livro. Além dos comentários, o grande interesse do artigo está na comparação das fotos dos edifícios do *Brazil Builds* com fotos que mostram como os mesmos se apresentam hoje, alguns já restaurados como peças históricas, outros precisando de atenção urgente.

No acervo da biblioteca da UFPR foi encontrado um volume do livro considerado outro grande divulgador da arquitetura brasileira **L'ARCHITECTURE MODERNE AU BRÉSIL**, de Henrique E Mindlin, de 1956, editado no Rio de Janeiro, New York e Amsterdan. É assemelhado ao *Brazil Builds*, mas não relacionado a uma exposição, e reforçou o reconhecimento dos melhores arquitetos brasileiros dos anos 1950 a nível internacional.

Este reflexo da arquitetura brasileira que retornava pela imprensa de todo mundo certamente refletia-se também na valorização que os profissionais locais percebiam sobre a arquitetura brasileira, suprimindo a escassez das publicações nacionais. Após o *Brazil Builds* a imprensa americana, sobretudo através das revistas como *Architectural Forum*, *Progressive Architecture* e *Architectural Record* tornaram-se atentas e traziam sempre alguma notícia sobre os trabalhos brasileiros. O mesmo pode ser dito da imprensa europeia, através da revista *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, nas quais aconteceram muitos artigos e números especiais sobre o Brasil. Também livros de caráter didático passaram a fazer referências ao Brasil, como foi o caso dos livros de Sartoris.

ACERVOS PESQUISADOS

Serão vistos a seguir relatos sobre os acervos públicos e privados das bibliotecas visitadas nesta pesquisa, onde foram verificados exemplares remanescentes dos anos 50. Os volumes citados são destacados pelo seu interesse especial e propõe uma amostragem não exaustiva dos volumes encontrados, sempre enfocados os que tratam de arquitetura.

BIBLIOTECA DA UFPR- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ -

O curso de arquitetura foi criado dentro da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná no ano de 1961, mas o curso de engenharia civil é muito mais antigo e já era reconhecido e bem conceituado nos anos 50. Dispunha de biblioteca, mas note-se que os entrevistados, e parece que isto valia para os demais estudantes, não gostavam de pesquisar neste acervo, preferindo a Livraria Universitária.

Segundo a bibliotecária Dulcinéia Levis, os livros eram comprados na "*Livraria Universitária*" e depois na "*Livraria Estudantil*". Mais tarde eram adquiridos na "*Livraria Técnico-didática*", a qual veio a se chamar "*Ao Livro Técnico*" em 1978. Havia também a livraria "*A Tocha*", de Mr. Dupuy, que era importadora. As doações sempre foram importantes, mas a falta de espaço obriga até hoje a que os livros duplicados sejam intercambiados com outras bibliotecas. Atualmente as aquisições são feitas, para universidades, através da *Capes*, pelo *Serviço de Documentação Bibliográfica* que centraliza as compras no país.

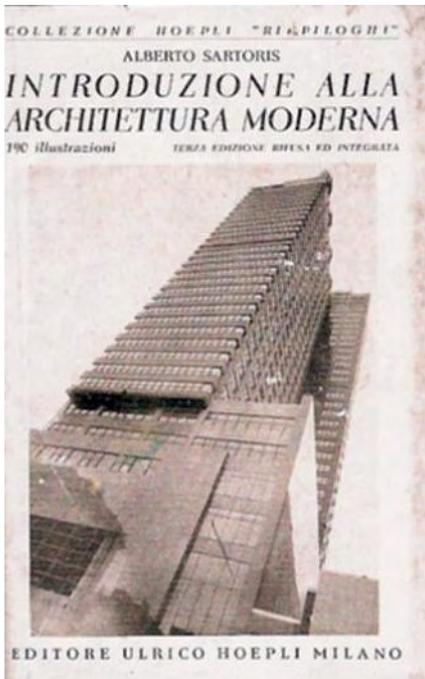


Página Rosto



Página Tipo

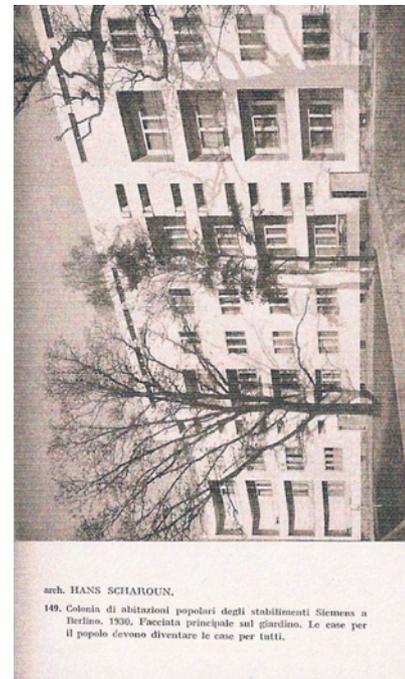
Fig 47 Livro Teórico: Gli Elementi Dell' Architettura Funzioanale SARTORIS, Aberto, 2ª edição, Milano, Ulrico Hoepli, 1935.



Capa



Página Rosto



Página Tipo

Fig 48 Livro Teórico: INTRODUZIONE ALLA ARCHITETTURA MODERNA SARTORIS, Alberto, Milano, Ulrico Hoepli, 1949.

Todo o acervo tecnológico da Universidade Federal foi unificado por assuntos, ou por áreas, a partir de meados dos anos 70 (1973), quando ocorreu uma reforma no ensino universitário. O acervo da área tecnológica, antes disperso em locais diversos, foi concentrado na biblioteca do Centro Politécnico e está organizado de acordo com a classificação decimal de Dewey, onde arquitetura recebe a sigla 720 e seqüências, conforme especializações. Esta classificação é internacional e é adotada oficialmente no Brasil. Pela forma de registro e documentação adotada nessa biblioteca é possível verificar a data de aquisição de apenas alguns dos livros.

O acervo ainda hoje disponível, para os anos 50, é relativo ao curso de engenharia, com enfoque mais voltado para construção e tecnologia. A visão que os entrevistados ainda têm deste acervo registra que a pequena parte existente sobre arquitetura relacionava-se mais à história antiga e clássica, sem muita relação com a atualidade daqueles anos 50 e quase sem referência ao momento arquitetônico que ocorria no mundo.

O levantamento realizado, no entanto, apontou para a existência de livros voltados ao Movimento Moderno, ao contrário do que disseram os três entrevistados, que afirmavam que a biblioteca era deficiente e desatualizada nos anos 50. Como é difícil a verificação da origem e da data de aquisição dos volumes, resta a sugestão de estes volumes tenham sido adquiridos por ocasião da criação do curso de arquitetura, já nos anos 60. A verificação das listas de empréstimos em alguns livros aponta para anos posteriores a 1960 para os primeiros empréstimos. Vale lembrar que o acervo talvez

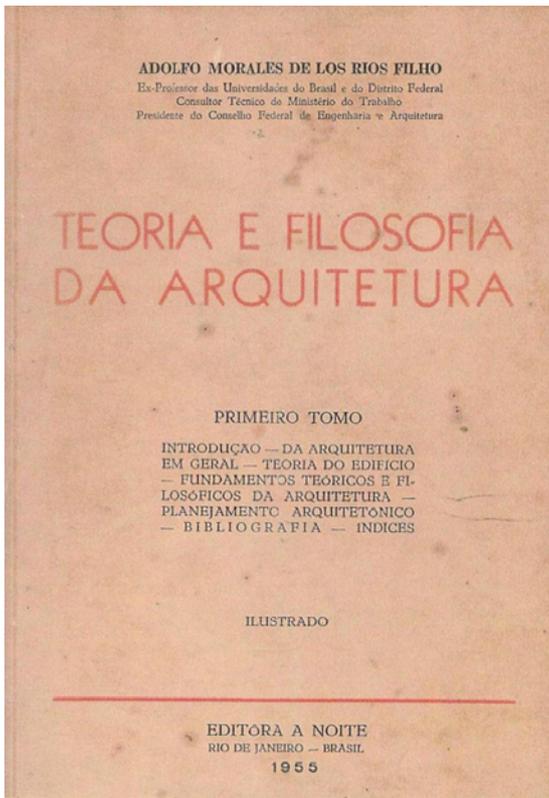
estivesse disperso nos anos 50, antes da unificação das bibliotecas, o que podia ser um fator de dificuldade de consultas.

Apesar de ser um acervo muito freqüentado, por ser uma biblioteca pública, com acesso permitido ao público em geral e alunos de qualquer curso de qualquer universidade, apenas 10% do catálogo está informatizado e a busca manual em fichários ainda prevalece. A busca pelos livros dos anos 50 foi realizada pelo catálogo topográfico, que indica a localização dos volumes por assunto. Foram localizados quase setenta livros. No entanto o fichário manual não possui referências completas e não estão indicados detalhes como edição e editora, entre outros, os quais teriam que ser procurados em outro catálogo, por título ou por autor.

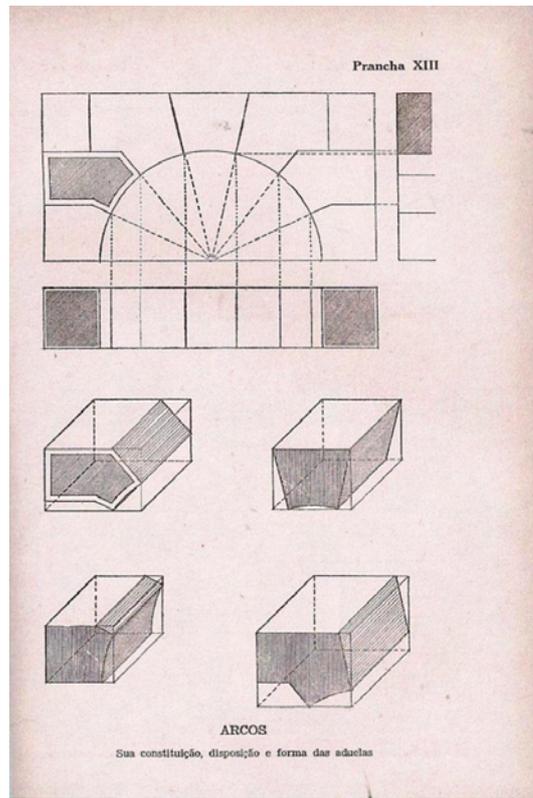
As revistas remanescentes na UFPR são semelhantes às leituras comuns a todos, contendo exemplares de Acropole, Arquitetura e Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, entre as nacionais. Architectural Forum, Architectural Record, Architecture d'Aujourd'Hui, Architects Journal, Beton Kalender, Domus, estão entre as importadas.

O projeto original do edifício, de Meister, previa o uso de três pavimentos para biblioteca, incluindo salas de estudo para uso de alunos. Hoje a universidade está no aguardo de verbas para reforma e retomada do piso inferior que desde a inauguração do campus ainda não foi usado pela biblioteca.

Os livros dos anos 50, que ainda existem nesta biblioteca são realmente poucos e eram dedicados principalmente a história da arquitetura. Entre estes destacam-se:

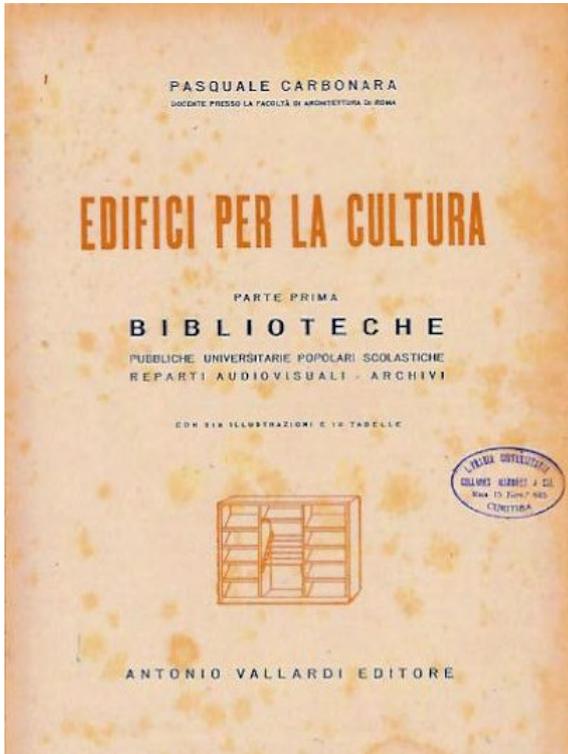


Capa

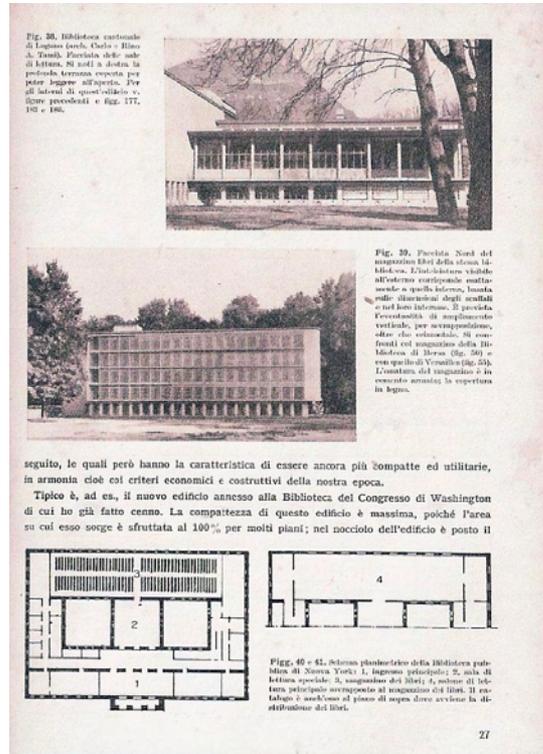


Página Tipo

Fig 49 Livro Teórico: TEORIA E FILOSOFIA DA ARQUITETURA
FILHO, Adolfo Morales de Los Rios, Rio de Janeiro, A Noite, 1955.



Página Rosto



Página Tipo

Fig 50 Livro Teórico e Técnico EDIFICE PER LA CULTURA
CARBONARA, Pasquale, Milano, Antônio Vallardi, 1947.

JURÇAT, Andre. *Formes, Composition Et Lois D'Harmonie*, Paris, Editions Vincent, Freal e Cie, 1929. Integrada a biblioteca em 1962. (720. L967).

CHOISY, Auguste. *História de La Arquitectura*. 2ª edição Buenos Aires: Editorial Victor Ieru, SRL, 1951. (720.9 C546,ex 2).

FARIAS, Javier. *História de La Arquitectura*, Buenos Aires Atlantida, 1944, adquirido em 1950(720.4 F224).

FLETCHER, Sir Banister. *A History of Architecture on The Comparative Method*, 11ª edição, New York: C. Scribner's Sons, 1943. (720.9 F612). Era um livro de história muito conhecido e foi mencionado por Elgson na sua entrevista. Primeira edição de 1896.

WRIGHT, Frank Lloyd. *El Futuro de La Arquitectura*. edição de julho de 1957. Buenos Aires: Editorial Poseidon, S R L, 1957. Primeira edição de 1953 "The Future of Architecture." (720.9 W 949).

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ- BPP

O principal objetivo da BPP é atendimento ao público em geral. O acervo básico compõe-se de literatura em geral, literatura destinada a pesquisas escolares e um grande acervo histórico sobre o Paraná, denominado Seção Paranaense. Livros e revistas estão classificadas por categorias de uso, tais como Livros, Periódicos, Obras Raras, Belas Artes, entre outros, sendo possível encontrar o assunto arquitetura em diversas seções. Livros estão na Seção Técnica e revistas na Seção Periódicos, havendo alguma coisa na Seção Belas Artes. É difícil descobrir a

origem do acervo, se adquirido ou recebido em doação, não há registros deste tipo. Aqui também as únicas pistas podem estar nos próprios livros ou revistas quando trazem a assinatura ou carimbo do antigo dono, o que é também raro e muitas vezes ilegível.

O acervo da Seção Técnicas engloba todas as áreas tecnológicas, não sendo grande nem muito atualizado para arquitetura. Com escassos recursos para aquisições a BPP não prioriza a área técnica, uma vez que este não é seu objetivo básico. Foram encontrados alguns poucos livros de arquitetura, engenharia ou construção, sendo a maioria de prática profissional voltada à Técnica da Construção. Não foi encontrado quase nada sobre teoria e filosofia de arquitetura.

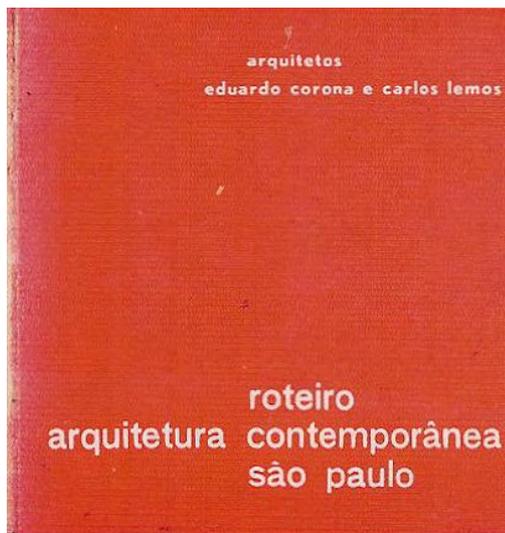
Para os anos 50 foram destacados os seguinte volumes, encontrados na BPP:

GUARNIERI, Libero. *Elementi e organismi costruttivi nell' architettura*. Milano: Gorlich, 1955 (690-g916)

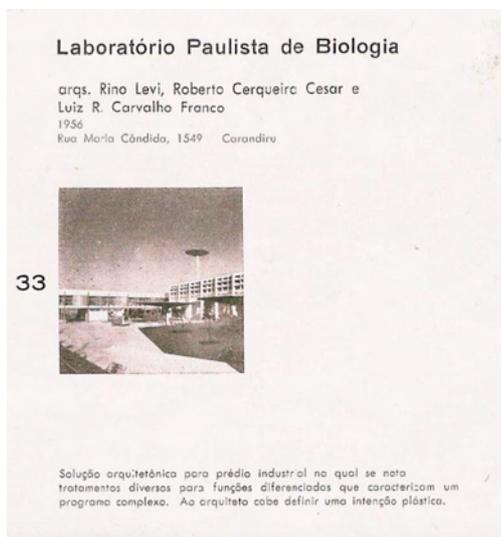
RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. *Decretos e resoluções que regulamentam o exercício da engenharia, arquitetura e agronomia no Brasil*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1959 (620.003681-n828). Há também uma edição de 1947.

RIBEIRO, Carlos José Assis. *Arquitetura como profissão*. Rio de Janeiro: Edição Nacional de Direito, 1945.

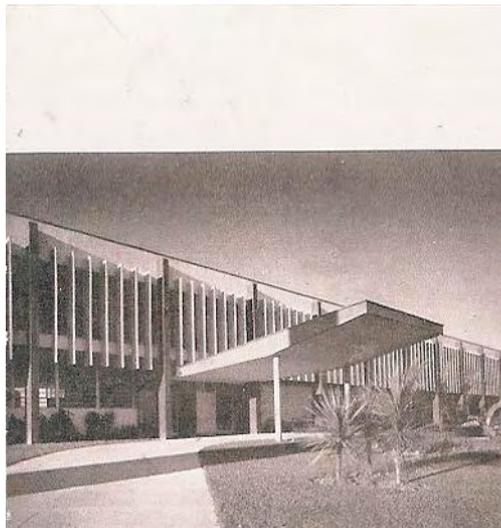
LEITÃO, Luiz Augusto. *Curso Elementar de Construções*. Lisboa: Imprensa Nacional 1890, 690.2 L533)



Capa



Página Tipo



Página Tipo

Fig 51 Livro Teórico: ROTEIRO ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA SÃO PAULO
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos, São Paulo, Impressora Iphis S.A, Separata da Revista Acropole 295/296.

MIRÓ, Francisco Escandel. *Construcciones Rurales*. Barcelona: Sintet, 1958.

GRIFFINI, Enrico A. *Elementi costruttivi nell'edilizia*. 2ª edição Milano: Ulrico Hoepli, 1953.

GRIFFINI, Enrico A. *Construzioni Razionale della Casa*. Milano: Ulrico Hoepli, 1950.

ROBIN, Pierre, *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics*. Quillet, 1953.

CASTELFRANCHI, Gaetano, *Scienza delle costruzioni*. 3ª edição Milano: Ulrico Hoepli, 1946.

CARICCHIO, Leonardo Mario. *Construção civil*. 4ª edição Rio de Janeiro: Olímpica.

CHAMECHI, *Curso de estática das construções*. Rio de Janeiro: Científica, 1956.

A denominada Seção Periódicos, engloba revistas, jornais, boletins e outras publicações derivadas. Aí foram encontradas revistas de arquitetura, que apesar de não serem muitas, tem representantes de quase tudo que foi mencionado pelos entrevistados, sendo que algumas coleções estão mais completas do que nos demais acervos públicos. Algumas delas estavam encadernadas, o que pode evidenciar origem em alguma coleção particular, mas, como na BPP há um departamento de encadernação pode-se inferir que talvez ela mesma tenha providenciado a encadernação.

Não são permitidas fotocópias de livros ou revistas antigos por ser entendido que o

facho de luz de copiadora pode prejudicar o papel envelhecido, motivo pelo qual não se tem aqui reproduções de exemplares como A Casa e Estrutura, que só foram encontrados, neste acervo.

Estão presentes as revistas:

ARCHITECTURAL RECORD, anos de 48 a 52, em 3 volumes.

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, com um ótimo acervo dos anos 37 a 61, e mais, até anos 80.

L'ARCHITETTURA, CRONACHE E STORIA de 1961, revista coordenada por Bruno Zevi.

ARCHITECTURAL FORUM, acervo dos anos de 52 a 55.

A CASA, pequena publicação impressa no Rio de Janeiro.

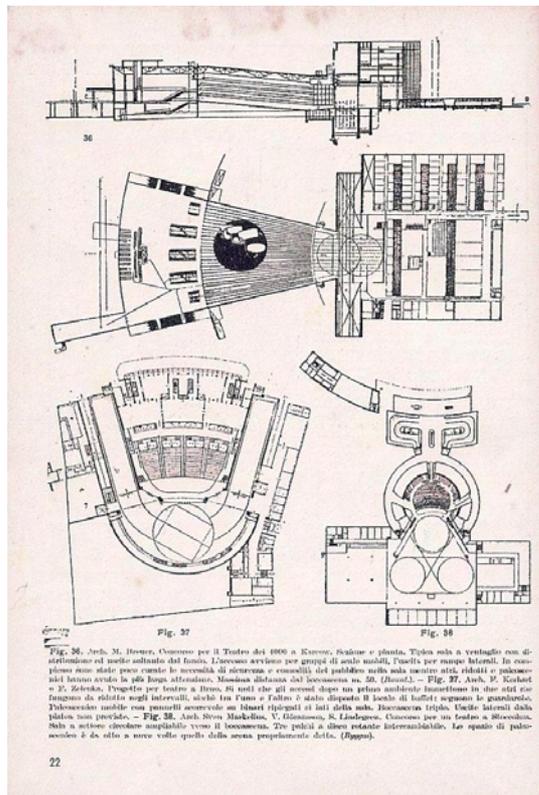
ESTRUTURA, Revista Técnica das Construções, números de 1957 até os anos 80.

SCHÖNER WOHNEN, revista de decoração alemã.

No acervo da BPP livros muito antigos são tratados como obras raras e colocadas na Seção Obras Raras e estão disponibilizados apenas para consultas monitoradas. O acervo desta Seção contém alguns exemplares que é até surpreendente que tenham vindo para Curitiba, presumindo-se que tenham sido parte de coleções particulares especiais. Infelizmente não é possível precisar sua origem nem a data de aquisição pela BPP. Diretamente vinculados à arquitetura foram identificados os exemplares a seguir:

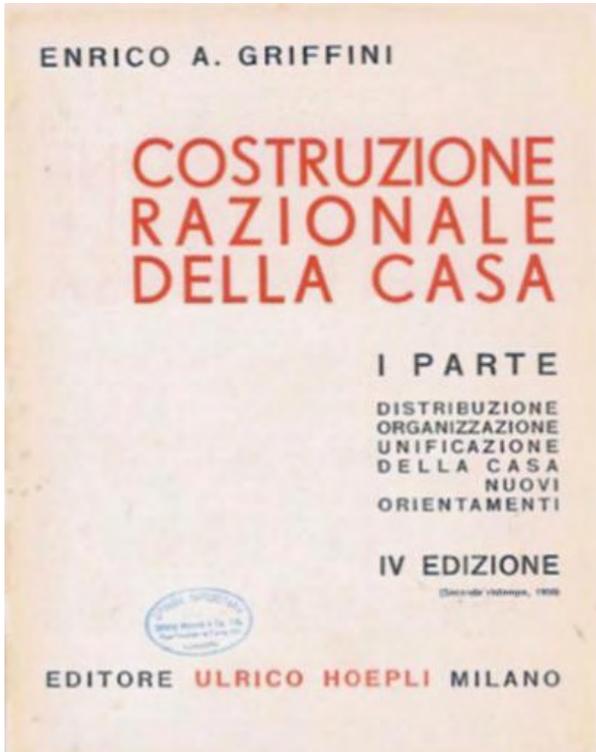


Página Rosto

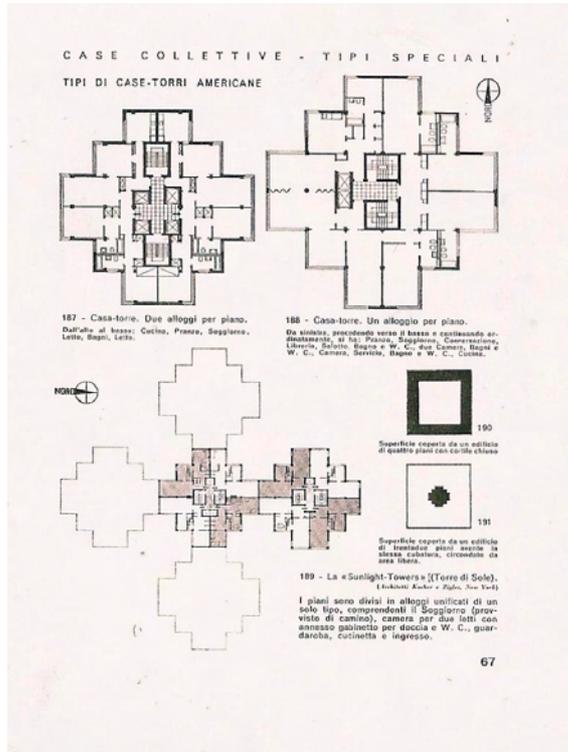


Página Tipo

Fig 52 Livro Teórico e Técnico: EDIFICE PER GLI SPETTACOLI
RAMELLI, A Cassi, 2ª edição, Milano, Antônio Vallardi, 1948.



Página de Rosto



Página Tipo

Fig 53 Livro Teórico e Técnico: COSTRUZIONE RAZIONALE DELLA CASA
Griffini, Enrico A, 4ª edição, Milano, Ulrico Hoepli, 1950.

Exemplar de **“DE ARCHITECTURA”**, de Vitruvius, edição, de 1836, Roma, AB Aloisio Marinio. Belo livro medindo 30x55x 5cm, em latim, contendo os textos dos cinco livros de Vitruvius, sem ilustrações, mas com referências às mesmas.

Exemplar de **“L’ARCHITETTURA E LA SCULTURA DEL RINASCIMENTO IN VENEZIA”**, em dois volumes, de Pietro Pauletti di Osvaldo, de 1893, Venezia, editado por Ongania-Naya Editori. Faz referências a vários arquitetos, com muitas ilustrações, incluindo obras especiais como Palazzo Ducale e Sta Maria dei Fiori. Cita entre outros os arquitetos Giovanni Grisostomo, Pietro Lombardo, Giovanni Candi, Giovanni Bura, Giorgio Spavento, Sebastiano de Lugano, Mauro Coducci e Antonio Rizzo.

Exemplar de **“LES ARTS AU MOYEN AGE ET A L’ ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE”**, por Paul Lacroix, de 1880. Aborda artes em geral, é ilustrado com xilogravuras, contendo um capítulo sobre arquitetura, com planta e vitrais da Igreja de Notre Dame, de Paris.

Exemplar de **“L’ ARCHITECTURE GOTHIQUE”**, de Edouard Corroyer, Paris, Ancienne Maison Quantin, 1891, abordando tudo sobre arquitetura gótica, arquitetura religiosa, monástica, militar e civil, com desenhos e detalhes construtivos.

Coleção completa dos dez volumes de **“DICTIONNAIRE RAISONNE DE L’ ARCHITECTURE, DU XI AU XVI SIECLE”**, de Viollet Le Duc, Paris, data de publicação não encontrada, adquirido pela BPP em 1953. A primeira edição foi publicada em 1863 –72.

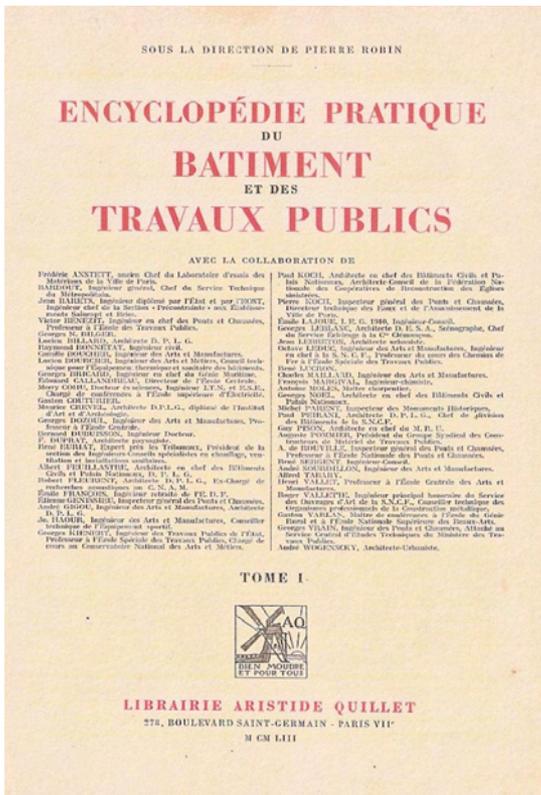
BIBLIOTECA DA PUC PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

O curso de arquitetura da Puc foi fundado cerca de dez anos depois do curso da UFPR, em meados dos anos 70, como também o foi seu curso de engenharia. Dispõe hoje de uma biblioteca primorosa para arquitetura, com todo acervo organizado e catalogado por informática, igualmente por Dewey. Somente na área de arquitetura contava, no ano 2000, cerca de 729 títulos em catálogo, com um total de 1500 volumes. Dentro deste acervo foram encontrados 29 livros editados até 1964, mas não é possível identificar a época de aquisição. O mais provável, e o mais lógico, é que tenham sido adquiridos na época da criação dos cursos, possivelmente em saldos das livrarias da cidade.

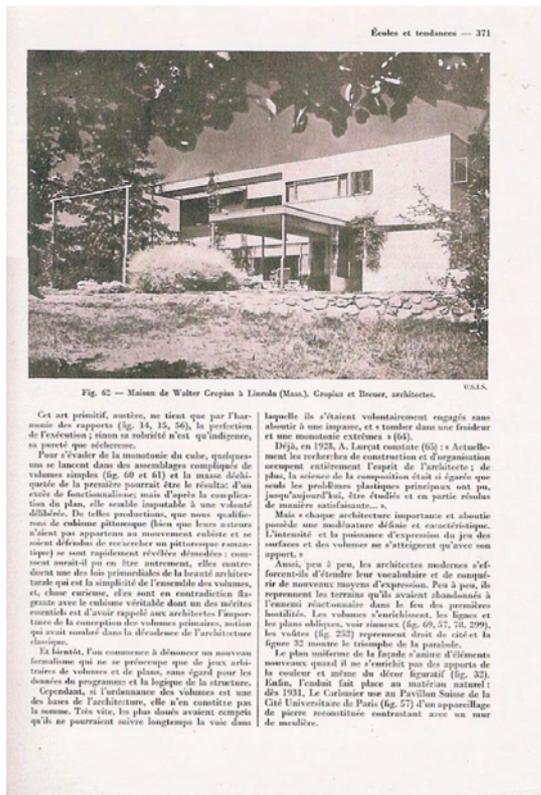
Dispõe também de acervo de revistas, nas quais se destacam a Architectural Forum e a Architectural Record, além da brasileira Acropole. Restou um pequeno saldo da Architecture D’Aujourd’Hui, cerca de dez exemplares dos anos 1950 e algumas mais recentes.

A Puc mantém em depósito um acervo de exemplares antigos de diversas origens, que a bibliotecária disse serem “vencidos”, mas que podem ser solicitados especialmente. Também aí muito pouco sobrou que remeta ao assunto de arquitetura dos anos 50.

Levando em consideração a imprecisão mencionada quanto à aquisição, a listagem anexada é a dos livros com data de publicação dentro do período desta pesquisa, e devem ser vistos apenas como um referencial de livros possivelmente disponíveis em Curitiba.



Página Sumário

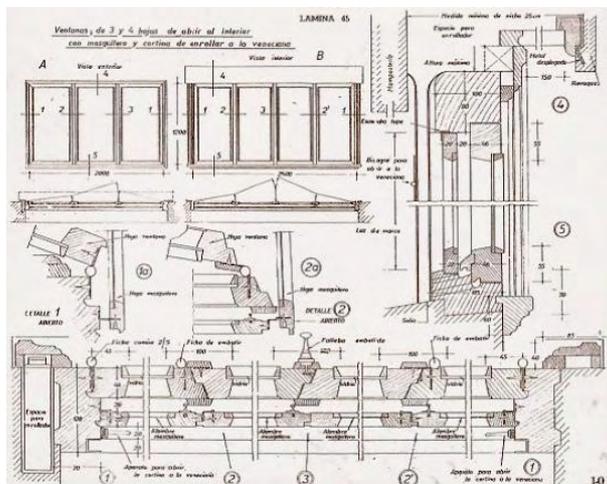


Página tipo

Fig 54 Livro Teórico e Técnico: ENCYCLOPÉDIE PRATIQUE DU BÂTIMENT ET DES TRAVAUX PUBLICS ROBIN, Pierre direção, Paris, Librairie Aristide Quillet, 1952.



Página Rosto



Página Tipo

Fig 55 Livro Técnico: LA MADERA AL SERVICIO DEL ARQUITECTO PITA, Severino, Buenos Aires, Contemporanea S.R.L., 1950.

**BIBLIOTECA DO IPPUC,
INSTITUTO DE PESQUISA E
PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA**

Esse acervo foi visitado em função da afinidade do IPPUC com arquitetura e urbanismo. O IPPUC foi criado em 1975 e seu acervo original constava dos trabalhos realizados pelo próprio órgão. Dispõe de uma biblioteca bem organizada sobre arquitetura e urbanismo mas com quase nenhum acervo anterior à sua criação. Foram encontrados apenas alguns números da Acropole.

**ACERVO DO IAB PR
INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL,
DEPARTAMENTO DO PARANÁ**

Embora presente no Paraná desde os anos 30 ou 40, quando era representado por Ernesto Guimarães Máximo, foi somente depois da chegada dos arquitetos, professores do novo curso de arquitetura da Universidade Federal, que o IAB PR se consolidou e foi oficialmente criado. Começou então a formar sua biblioteca, a partir de 1965, mais por doações do que por aquisição recebendo alguns livros e revistas, principalmente *Domus* e *Architecture D'Aujourd'Hui*. A pesquisa verificou que não há livros dos anos 50, e das revistas para estes anos há apenas raros números da *Architecture D'Aujourd'Hui*.

**ACERVO DO DECOM – DEPARTAMENTO DE
OBRAS**

Decom é o Departamento de Obras, hoje vinculado à Secretaria de Obras, órgão estadual. O Decom deveria ser o herdeiro direto do DEOE, Departamento de Obras Especiais, parte da SVOP, Secretaria de Viação e Obras Públicas, sob cuja responsabilidade foram

executadas obras do Centenário, obras escolares e todas obras públicas dos anos 50.

Segundo Romeu, que trabalhou no DEOE, o departamento dispunha de uma pequena biblioteca técnica, com as mesmas revistas disponíveis nos outros acervos. Nos anos 70, quando começaram modificações orgânicas da administração estadual e surgiu a Emopar, Empresa de Obras do Paraná, este acervo foi distribuído entre diversos outros órgãos, como Fundepar, que trata de educação, e Iparde, órgão da Secretaria de Administração

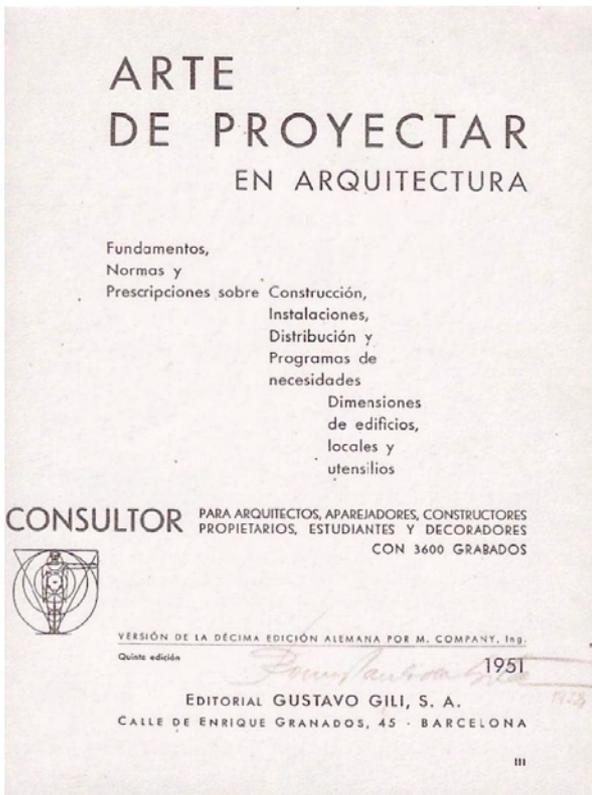
Nada restou nesta biblioteca sobre literatura de arquitetura. Mas o Decom é depositário da maioria dos projetos de obras públicas dos anos 50 e das Obras Especiais do Centenário, em originais ou cópias.

ACERVO RUBENS MEISTER

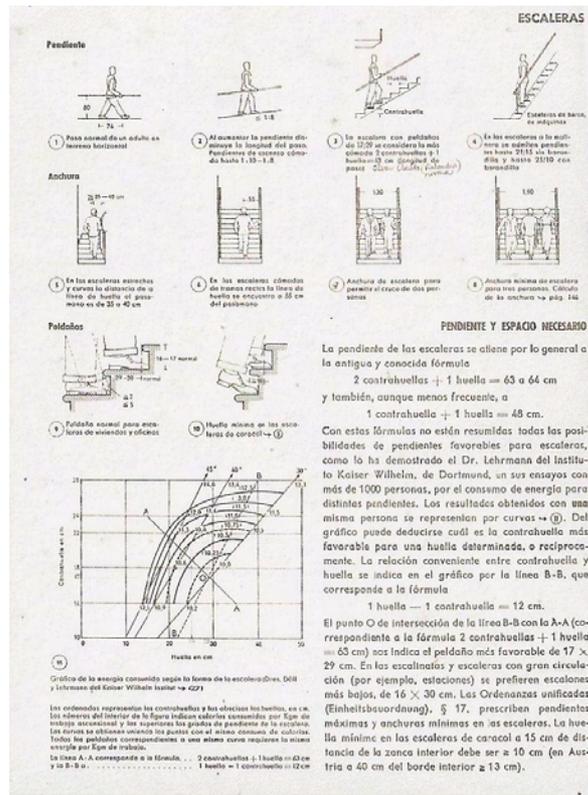
Meister e Romeu, tendo optado objetivamente por estudar em livros e aprender da literatura construíram o que poderíamos chamar de bibliotecas de estimação.

Como disse Rubens Meister no Memória do Arquiteto, em 1995,

“...e eu vou descrever as dificuldades que ocorrem com um recém-formado, que não era formado em arquitetura mas tinha feito os estudos através de publicações e de revistas na mais tenra juventude. Nós tínhamos no Brasil a revista Acropole, que só apresentava projetos de obras construídas, projeto em estilo mexicano, etc. Uma boa revista era a revista argentina Nuestra Arquitectura, onde eram mostradas discussões dos grandes movimentos de arquitetura daquela época,

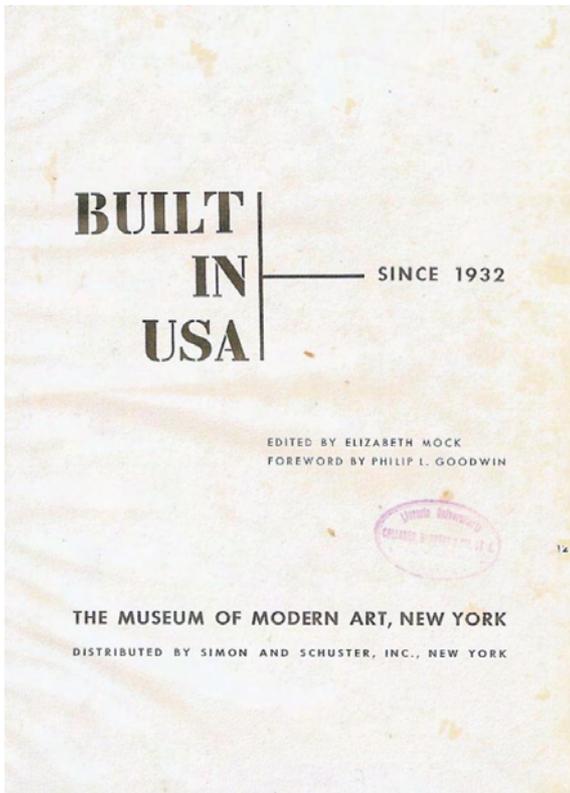


Página Rosto

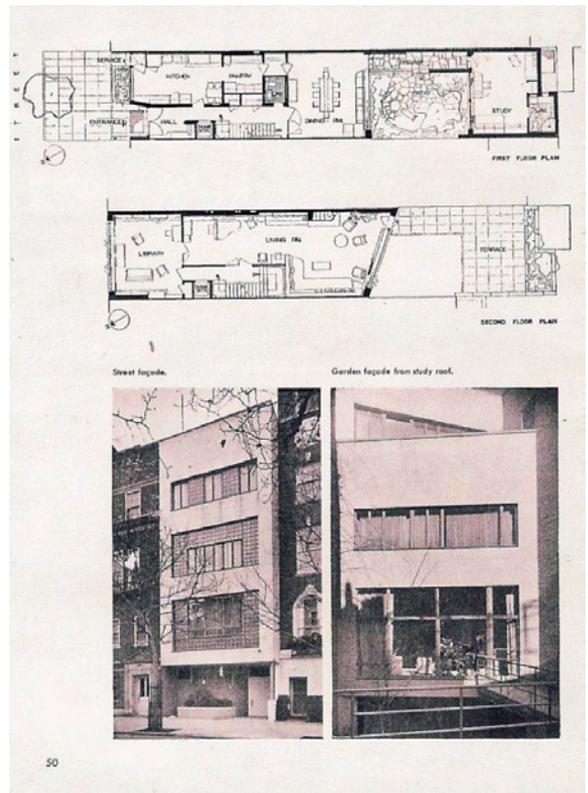


Página Tipo

Fig 56 Libro Técnico: ARTE DE PROYECTAR EN ARQUITECTURA NEUFERT, Profº Ernst, 10ª edición, Barcelona, Gustavo Gili S.A, 1951.



Página Rosto



Página Tipo

Fig 57 Libro Teórico: BUILT IN USA GOODWIN, Philip L., New York, The Museum of Modern Art, 1945.

como Le Corbusier, apresentando La cité radieuse, Frank Loyd Wright, Mies Van der Rohe, e discussões da época de 20, quando nasceu o movimento da Bauhaus, o funcionalismo e o racionalismo e que acredito que seja o mais importante movimento deste século”.

Aos poucos Meister foi juntando uma preciosa biblioteca de cerca de 4000 volumes, que enchem paredes de seu escritório em casa, com quase 3 metros de pé-direito, “*e tem mais na outra sala*”, contou. O mais importante é que são livros que foram lidos, estão marcados e anotados. A maior parte das revistas foi doada, guardando apenas as preferidas, como números da Architectural Forum e as alemãs sobre construção e detalhes.

No acervo Meister foram encontrados varios livros encontrados também no acervo Romeu.

Além de arquitetura, Meister adquiria livros de filosofia, história e humanidades, compatíveis com a sua cátedra, conforme comentou na entrevista e pode ser visto adiante, em Protagonistas e Releituras, e em texto integral nos Anexos.

Nos dias de hoje Meister procura se entender com um computador, para acessar a Internet e para escrever.

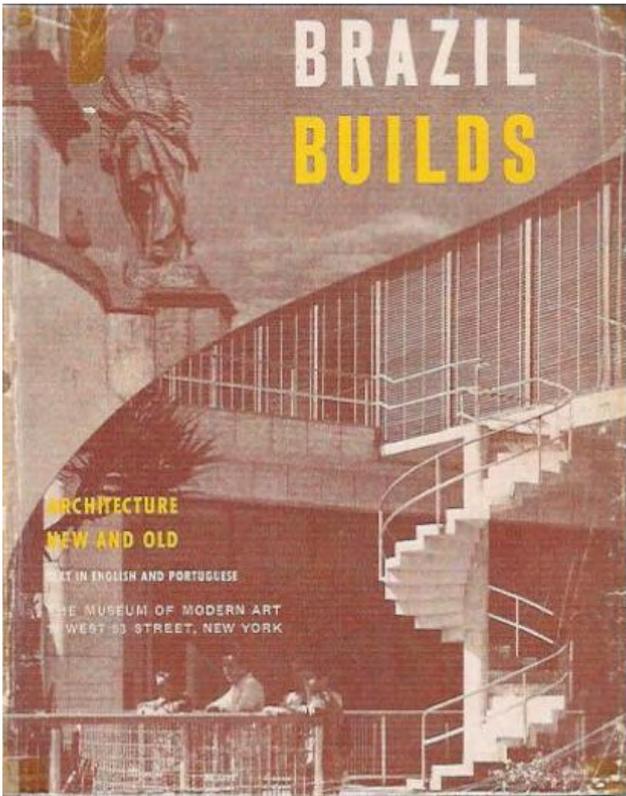
Apesar de não recordar os nomes exatos das revistas alemãs de arquitetura, Meister mostrou seu acervo de acústica e arquitetura de teatros, como pode ser visto na listagem dos acervos a seguir.

ACERVO ROMEU PAULO DA COSTA

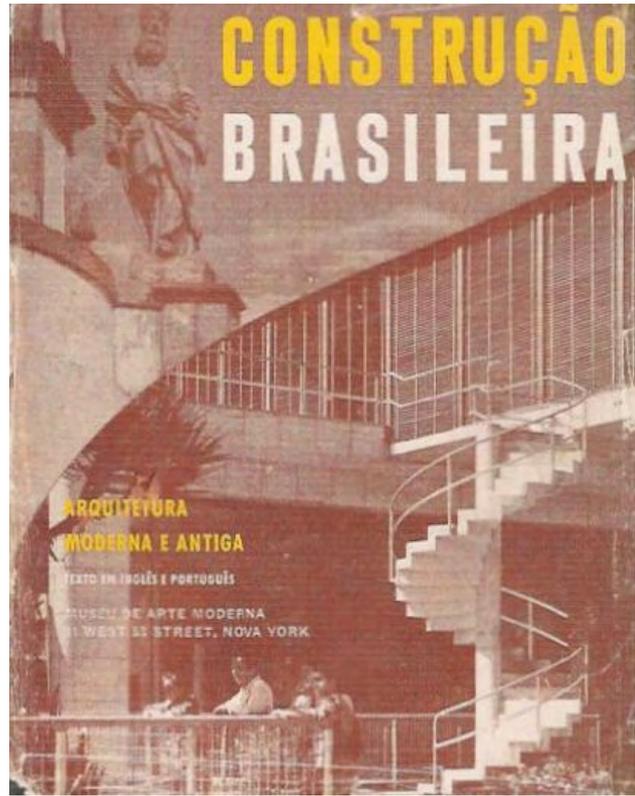
Romeu comprava livros por uma questão de hábito, que mantém até hoje e, como mencionou na entrevista, era freguês de caderno da Livraria Universitária. Todas suas atividades intelectuais eram apoiadas em literatura, fosse para fazer arquitetura, construção ou qualquer outra coisa. Conforme contou, lia tudo de ponta a ponta, até todos manuais dos diferentes equipamentos que adquiriu ao longo da vida. Assim foi que, interessado em fotografia, comprou cerca de 15 volumes sobre o assunto. À semelhança de Meister adquiriu também uma grande quantidade de livros de literatura geral, história da civilização, psicologia, filosofia e arte. Relata que leu todos os livros de Freud. Continua ainda comprando livros, principalmente de artes e dispõe hoje de cerca de 3000 volumes.

Deu-se conta da importância da exposição do Brazil Builds, referenciado em outra revistas, e adquiriu um dos raros volumes encontráveis em Curitiba. Seu interesse em interiores o fez adquirir também alguns livros americanos de decoração. Nos anos 70 começou a guardar apenas a parte importante de suas revistas de arquitetura, dispensando a propaganda, restando agora cerca de doze caixas de extrato de revista.

A listagem do acervo de arquitetura de Romeu transmite um panorama bastante completo do que era encontrado em Curitiba nos anos 50, bem como do conteúdo do seu acervo e por extensão, do acervo de Meister.



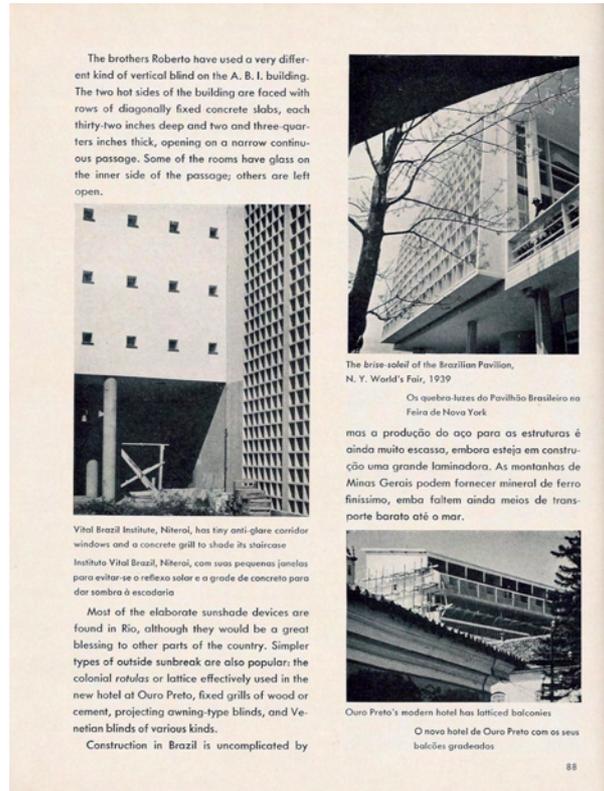
Capa



Contra Capa



Página Tipo



Página Tipo

Fig 58 Livro Teórico: BRAZIL BUILDS
GOODWIN, Philip L., 4ª edição, New York, The Museum of Modern Art, 1943.

ACERVO ELGSON RIBEIRO GOMES

Elgson dispõe de pouca coisa dos anos 50 em livros e revistas. É preciso lembrar que naquela época Elgson trabalhava e estudava em São Paulo, onde procurava tirar o curso de arquitetura. Foram encontrados em seu escritório alguns livros e algumas revistas, entre elas Architectural Forum, Architectural Record, Architecture D’Aujourd’Hui.

As leituras de Elgson ocorriam mais em São Paulo, como relatou na entrevista, utilizando principalmente os acervos de Franz Heep, com quem trabalhava, e a biblioteca do IAB-SP.

Depois de retornar a Curitiba e se interessar pelo tema hospitalar começou a organizar sua própria biblioteca, dispondo hoje de importante acervo sobre hospitais.

A bibliografia dos acervos pesquisados que puderam ser listados encontram-se detalhados a seguir, onde podem ser confirmados títulos e autores presentes em Curitiba nos anos 50.

O material encontrado sinaliza para o acerto da hipótese condutora desta dissertação de que havia elementos de referencia sobre o Movimento Moderno da arquitetura ao alcance dos profissionais locais, em bibliotecas públicas e em livrarias, que alimentavam acervos pessoais. As mesmas justificam o interesse despertado nos aspectos compositivos da arquitetura com este caráter e também refletem a inquietação dos profissionais ante as ainda novas tendências divulgadas. Assim, havia um clima de absorção daquelas novas idéias que passaria por uma releitura, com o filtro das condicionantes e dos compromissos com o

lugar. Esta releitura poderá ser experimentada no capítulo a seguir, onde três profissionais que atuaram sob a influencia destas leituras comentam sobre as mesmas e onde estão também exemplificadas projetos resultantes das interpretações que eram feitas a partir do aprendizado desenvolvido com a literaturas e com o exemplos das obras do Centenário.

ACERVOS ENCONTRADOS

ACERVO ENCONTRADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – LISTAGEM TOPOGRÁFICA

LIVROS

- AALTO, Alvar *Alvar Aalto*, 1961.
- ABRAHAM, Pol. *Architecture préfabriquée, Paris*, 1947. Aires: Poseidon, 1948
- ARGAN, Giulio carlo. *Walter Gropius y el Bauhaus*, 1957.
- BEHRENDT, Walter Curt. *Arquitectura Moderna*, 1959.
- BLAKE, Peter. *Maestros de la Arquitectura*, 1960.
- BOLIS, Bruno. *Edifici per i Transporti*. Milano: Antonio Vallardi, 1947.
- BRAYDA, Carlo. *Stili di Architettura e Dizionario dei Termini Usuali*, 1947. *Builders and Draftsmen*, 1953.
- CELSONO, Angel T. Lo. *Euritmia Arquitectonica (Estudio de Una Expresion Estética)*. Córdoba (R. A):
- CHIODI, Cesare. *la Città Moderna – Tecnica Urbanística* 1935.
- CHOISY, Auguste. *Historia de la Arquitectura*, 1951.
- CUTTON, André. *Conversation sur l' Architecture*, 1954.
- DODI, Luizi. *Elementi di Urbanistica*, 1953.
- FARIAS, Javier. *História de la Arquitectura*, 1944.
- FLETCHER, Banister. *A History of Architecture on the Comparative Method for students*, 1943.
- GAUDÍ, Antonio. *Antonio Gaudí*, 1961.
- GENOVESE, Adalberto. *Historia de la Arquitectura*, 1946.
- GIEDION, Siegfried. *Arquitectura y Cominidade*, 1958.
- GIEDION, Sigfried. *Space, Time and Architecture*, 1943.
- GIEDON, Sigfried. *A Decade of New Architecture*, 1951.
- GIEDON, Sigfried. *Walter Gropius: Work and Teamwork*, 1954.
- GRIFFINI, Enrico Agostinho. *Progetti e Realizzazioni*, 1954.
- GUTHEIM, Frederic. *One Hundred Years of Architecture in America*, 1957.
- HALSE, Albert O *Architectural Rendering*, 1960.
- HESS, Friedrich. *Construccion y Forma*. 1954.
- HOLMES, Burton H. *Materiais and Methods in Architecture*, 1954. Imprensa da Universidade Nacional de Córdoba, 1943.
- JEANNERET, Charles Édouard, Le Corbusier. *Quando Las Catedrales eram Brancas*. Buenos
- LE CORBUSIER, *Towards a New Architecture*, 1946.

LE CORBUSIER, Charles Edward Jeanneret. *Le Corbusier 1910-1929*, 1954.

LE CORBUSIER, Charles Edward Jeanneret. *Le Corbusier 1910-60*, 1960.

LE CORBUSIER. *La Carta de Atenas*. 1950.

LE CORBUSIER. *U. N. Informe de la Comision del Cuartel General*, 1959.

LINCOLN, Astro. *Acerca da Verdade em Arquitetura*. 1961.

LOSSIER, Henry. *La Pathologie du Béton Armé*, 1952.

MARKES, Percy Leman. *Composicion de Plantas de Edificios*, 1926.

MAROTO, José Paz. *Urbanismo y servicios urbanos*, vol. 1,2,3. 1947.

MILLS, Eduard David. *The New Architecture in Great Britain*, 1953.

MINDLIN, Henrique E. *L'architecture Moderne au Brasil*, 1956.

MITTAG, Martin. *Architekturdetails*, 1958.

MORETTI, Bruno Ospedali. *Hospitais – Construções*, 1951.

MUMFORD, Lewis. *...A Cultura das Cidades*, 1961.

NAVARRO, V. Horácio Moyano. *Elementos de Teoria de la Arquitectura*. 2ª edição. Córdoba(R.A): Assandri, 1946.

NERVI, Pier Luigi. *Pier Luigi Nervi*, 1960.

NEUENSCHWANDER, Eduard. *Alvar Aalto and Finnish Architecture*, 1954.

NEUFERT, Ernst. *Arte de Projectar en Arquitectura*. 6ª edição. Barcelona: Gustavo Gili, 1953.

PAGANI, Carlo. *Architettura italiana Oggi*, 1955.

PEVSNER, Nikolaus. *Esquema de la Arquitectura Europea*, 1957.

PEVSNER, Nikolaus. *Pioneiros del Disenõ Moderno*, 1958.

RAMSEY, Charles George. *Architectural Graphic Standars, for Architects, Engineers, Decorators*,

RIGOTTI, Giorgio. *Urbanistica, la composizione*, 1952.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. *Teoria e Filosofia de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1960.

ROBERTSON, Howard. *El Proyecto en la Arquitectura Moderna*, 1955.

ROBERTSON, Howard. *Modern Architectural Design*. 1ª.edição em 1932. Londres: Great Britain by Willmer Brothers and Co. LTD, 1952.

ROSENFELD, Isadore. *Hospitais, Integrates Design*, 1950.

SARTORIS, Alberto. *Introduzione alla Architettura Moderna*. Milano: Ulrico Hoepli, 1932.

SCHNEIDER, Relf. *...El Auxiliar del Dibujo Arquitectónico Coleccion de Plantillas...*, 1955.

Sudamericana, 1951.

TEAQUE, Walter. *Dorwin Design this day; The Thechnique of Order in the Machine Age* New York, 1940

VASCONCELOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil*, 1959.

VINÕLA. *Tratado de los Cinco Ordens de Arquitectura*. Buenos Aires: Construcciones

VITALE, Salvatore. *Attualità dell'Architettura*, 1947.

WARD, Ronald. *The Design and Equipment of Hospitals*. Londres: Baillière, 1949.

WINGLER, Hans H. *La Bahaus; Weimar Dessau Berlim (1919-1933)*. Barcelona: G. Gile, 1962.

WORRINGER, Wilhelm. *La Esencia del Estilo Gotico*, 1957.

WRIGHT, Frank Lloyd. *El Futuro de la Architettura*, 1958.

WRIGHT, Frank Lloyd. *Frank Lloyd Wright to 1910...*, 1958.

WRIGHT, Frank Lloyd. *Io e L'Architettura, volume I,II,III*, 1955.

ZEVI, Bruno. *História de la Arquitectura Moderna*, 1954.

ZEVI, Bruno. *Poética dell'Arquitettura Neoplastica*, 1953.

ZURKO, Edward Robert de. *La Teoria del Funcionalismo en la Arquitectura*, 1958.

REVISTAS

REVISTAS NACIONAIS

ACROPOLE, São Paulo, Composto e impresso na Gráfica Brescia LTDA, números: 131 de março de 1949; 142 de fevereiro de 1950; 162 de outubro de 1951; 184 de janeiro, 185 de fevereiro, 188 de maio, 189 de junho e 191 de agosto de 1954; um exemplar de novembro de 1956; os números 246, 249, 250, 252, 253 e 254 de 1959; quase todos os exemplares de 1960 e a coleção completa de 1961 à 1971.

ARQUITETURA E URBANISMO Rio de Janeiro, Institutos de Arquitetos do Brasil, números de 1 à 6 de 1941 e de 1942.

ARQUITETURA/ENGENHARIA, Minas Gerais, Instituto de Arquitetos do Brasil, números de setembro de 1952; março de 1953; fevereiro de 1954; janeiro, março, junho, setembro e dezembro de 1957; janeiro, março, setembro, novembro e dezembro de 1958; janeiro, março, agosto, outubro e dezembro de 1960; janeiro, abril e junho de 1963.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Revistas Alemãs

BETON KALENDER, Berlim, alguns números de 1938, coleção completa de 1945 a 1950, alguns exemplares de 1951 e 1953, coleção completa de 1955 a 1955, números de 1961 e 1963, estando completa de 1963 a 1988.

Revistas Americanas

ARCHITECTURAL RECORD, New York, F. W. Dodge Corporation/combined with american architect and architecture, números de janeiro de 1944; janeiro, fevereiro, março, junho, julho, agosto e novembro de 1945 e janeiro de 1953.

ARTS E ARCHITECTURE, Califórnia, exemplares desde o número 3 de 1963 até o número 40 de 1966.

THE ARCHITECTURAL FORUM, New York, Time Incorporated, números de janeiro, junho, julho, agosto e setembro de 1941; julho de 1944; janeiro, abril, junho, setembro, novembro e dezembro de 1946; janeiro, fevereiro, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro de 1947; janeiro, fevereiro, março, julho, agosto, outubro, novembro e dezembro de 1948; janeiro, fevereiro, março, abril, agosto, setembro, outubro e dezembro de 1949; apresenta números diversos de 1950 à 1959 e após 1963.

Revista Italiana

DOMUS, Milão, Itália, números de setembro, outubro, novembro e dezembro de 1954; todos os meses de 1961 e 1968.

Revistas Francesa

ARCHITECTURA D'AUJOURD'HUI números de janeiro, fevereiro, abril, junho, setembro, novembro e dezembro de 1955; janeiro, março, maio, julho, setembro e dezembro de 1956; janeiro, abril, dezembro de 1957; janeiro, fevereiro, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1958; janeiro e dezembro de 1960; janeiro, março, maio, setembro e novembro de 1961 e janeiro e fevereiro de 1962.

Revista Inglesa

ARCHITECTS JOURNAL, London, The Architectural Press, alguns números de 1953 até 1955.

ACERVO ENCONTRADO NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

LIVROS

CARICCHIO, Leonardo Mario. *Construção civil*. 4ª edição. Rio de Janeiro; Olímpica, 1948.

CASTELFRANCHI, Gaetano. *Scienza delle costruzioni*. 3ª edição. Milano; Ulrico Hoepli, 1946.

CHAMECHI. *Curso de estática das construções*. Rio de Janeiro; Científica 1956.

GRIFFINI, Enrico A. *Elementi costruttivi nell'edilizia*. Milano; Ulrico Hoepli, 1949.

GRIFFINI, Enrico. *A Construccioni Racionale della Casa*. Milano; Ulrico Hoepli, 1950

GUARNIERI, Libero *Elementi e organismi costruttivi nell' architetture*. Milano; Gorlich, 1955. (690-g916).

LEITÃO, Luiz Augusto. *Curso Elementar de Construções*. Lisboa; Imprensa Nacional, 1896. (690.2 L533)

MIRÓ, Francisco Escandel. *Construcciones rurales*. Barcelona; Sintes 1958.

RIBEIRO, Carlos José Assis. *Arquitetura como profissão*. Rio de Janeiro; Edição Nacional de Direito, 1945.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. *Decretos e resoluções que regulamentam o exercício da engenharia, arquitetura e agronomia no Brasil*. Rio de Janeiro; Borsoi, 1959. (620.003681-n828). Há também uma edição de 1947.

ROBIN, Pierre. *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics*. Paris; Aristide Quillet, 1953.

REVISTAS:

REVISTAS NACIONAIS:

AD – ARQUITETURA E DECORAÇÃO, números de dezembro de 1953; janeiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1954; janeiro, fevereiro, março, abril, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1955; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, novembro e dezembro de 1956; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, setembro, outubro e dezembro de 1957 e fevereiro e março de 1958.

A CASA, pequena publicação impressa no RJ, apresenta os números de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro de 1933; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1934; janeiro, março, abril, julho, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1935; janeiro, abril e maio de 1936; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1937; fevereiro, abril, julho, novembro e dezembro de 1939 e fevereiro, março e abril de 1940.

ESTRUTURA, Revista Técnica das Construções, números de outubro, novembro e dezembro de 1957; fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1958; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1959; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1960; janeiro, fevereiro, março, abril,

maio, junho, julho, agosto e setembro de 1961; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho e julho de 1962.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Revista Alemã:

SCHÖNER WOHNEN, revista de decoração alemã, números de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1958 e janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1961.

Revistas Americanas:

ARCHITECTURAL FORUM, volumes encadernados de abril e junho de 1952 e agosto de 1953; junho, julho e agosto de 1954; fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 1955.

ARCHITECTURAL RECORD, volumes encadernados de dezembro de 1948 e janeiro e fevereiro de 1949; março e abril de 1949 e março de 1951; março e agosto de 1952.

L'ARCHITETTURA, CRONACHE E STORIA de 1961, revista coordenada por Bruno Zevi, números de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1958; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1961.

Revista Francesa:

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, números de maio, junho, julho, agosto e setembro de 1947; dezembro de 1949; junho e maio de 1950; setembro, outubro e dezembro de 1951; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho e outubro de 1952; junho de 1954 e março e abril de 1955.

ACERVO ENCONTRADO NA PUC, PUBLICAÇÕES DOS ANOS 1950:

LIVROS

BEHRENDT, Walter Curt, "Arquitectura moderna: su naturaleza, sus problemas y formas", Buenos Aires: Infinito, 1959.

BLAKE, Peter, "Le Corbusier: architecture and form", [S. l.]: Pelican Books, 1963.

BORISSA VLIEVITCH, Miloutine, "Las teorías de la arquitectura: ensayo crítico sobre las principales doctrinas relativas a la estética de la arquitectura", Buenos Aires: El Ateneo, 1949.

- BORISSA VLIEVITCH, Miloutine, "Traité d'esthétique scientifique de l'architecture", Paris: Les Presses de L'I.F.M.R.P., 1954.
- CARVALHO, Benjamin de Araújo, "Duas Arquiteturas no Brasil", Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- CELSO, Algel T. lo, "Filosofia de la arquitectura", Córdoba: Universidad Córdoba, 1952.
- COSTA, Lúcio, "Sobre arquitetura", Porto Alegre: C. dos Estudantes Univ. de Arquitetura, 1962.
- DOXIADIS, Constantinos Apostolou, "Arquitetura em transição", Coimbra: A Amado, 1963.
- GOODWIN, Philip L., "Brazil builds: architecture new and old 1652-1942, Construção Brasileira Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942", Nova York: Museu de Arte Moderna, 1949.
- GREIGHTON, Thomas H., "Contemporary houses: evaluated by their owners", New York: Reinhold Publishing Corporation, 1961.
- HAMLIN, "World architecture: an illustrated history, 5ed. London: Hamlyn, 1963.
- HASTINGS, Alan, "Chalets fin de semana; cottages; y bungalows", Barcelona: Dalmau y Jover, S.A., 1947.
- LE CORBUSIER, 1887-1965, "Entretien: avec les étudiants des écoles d'architecture", Paris: Minuit 1957.
- LE CORBUSIER, 1887-1965, "Vers une architecture", Paris: Vincent, Fréal etc., 1958.
- MOLES, Antoine, "Histoire des charpentiers: leurs travaux", Paris: Grund, 1949.
- MORETTI, Bruno, "Ville: esempi di ville, piccole case private di abitazione scelti fra le opere più recenti degli artisti di tutto il mondo", Milano: U. Hoepli, 1934.
- MOYANO NAVARRO, Horacio, "Elementos de teoría de la arquitectura: introducción al curso y rudimentos de partidos", 2ed. aum. Córdoba: Assandri, 1946.
- MUNNUCCI, Gateano, "Scuole: asili d'infanzia, scuole all'aperto, elementari e medie, case del balilla palestre ed impianti sportivi", Milano: U. Hoepli, 1936.
- NEUFERT, Ernst, "Arte de proyectar en arquitectura", Barcelona: G. Gili, 1942.
- NEUFERT, Ernst, "Arte de proyectar en arquitectura", 2 ed. Barcelona: G. Gili, 1944.
- NEUFERT, Ernst, "Arte de proyectar en arquitectura", 5ª ed. Buenos Aires: G. Gili, 1951.
- REICHARDT, Walter, "Residential architecture in Southern California" [S.I.]: AIA (American Institute of Architects), 1939.
- ROBERTSON, Howard, "El proyecto en la arquitectura moderna", Buenos Aires: V. Lerú, 1956.
- SARTORIS, Alberto, "Introduzione alla architettura moderna", 3ed. Milano: Ulrico Hoepli Milano, 1949.
- SCHILDT, Göran, "Alvar Aalto" [Jyväskylä]: K. J. Gummerus, 1962.
- SFAELLOS, Charalambos Ath., "Le fonctionnalisme dans l'architecture contemporaine", Paris: Vincent, Fréal etc., 1952.

SMITH, Robert C., "Arquitetura colonial", Salvador: Progresso, 1955.

VASCONCELLOS, Sylvio de, "Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências", Rio de Janeiro: MEC, 1956.

ZEVI, Bruno, "Historia de la arquitectura moderna", 2ed. Buenos Aires EMECE, 1957.

REVISTAS

REVISTA NACIONAL

ACROPOLE, São Paulo, Técnicas Brasileiras, números: 244 de fevereiro, 248 de junho e 248 de dezembro de 1959; 254 de janeiro e 260 de maio de 1960; 268 de janeiro, 270 de março, 271 de abril e 272 de maio de 1961; 283 de junho de 1962; 295/296 de junho, 297 de julho, 298 de agosto e 299 de setembro de 1963.

REVISTA ESTRANGEIRA

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, Paris, Groupe Expansion, 1952, números: 30 de julho de 1950; 40 de abril, 41 de junho, 42/43 de outubro de 1952; 48 de julho de 1953; 53 de março e 56 de janeiro de 1954 e 96 de junho de 1961.

ACERVO RUBENS MEISTER

LIVROS E REVISTAS REFERENTES A ACÚSTICA

REVISTAS

ACÚSTICA, ZÜRICH, S. Hirzel Verlag, 1953.

PHILICIDADDE, Phillips, 1963.

JOURNAL OF SIMPTE SOCIETY OF MOTION PICTURE AND TELEVISION ENGENIEERS, N. York.

KINO TECHNIK, revista alemã, Berlim, Tecnologia de Cinema.

BÜHNENTECHNISCHE RUNDSCHAU, Berlim.

LIVROS

RANZI, Ivo. *Acustica Applicata Alle Contruzioni*. Itália; Antonio Vallardi, 1948.

TAMBURINI, Cesare. *Lineamenti di Acustica*. Milano; Libreria Emtrice Politecnica, 1946.

OLSON, Harry F. *Elements of Acoustical Engineering*. USA; Do Van Nostrans Company, 1ª edição 1940, 2ª edição 1947.

KNUDSEN, Vern O *Architectural Acoudtics*. USA; John Niley e Sons, INC, 1ª edição 1932, 4ª edição

1949.

GOECKE, Theodor Diversos artigos organizados por, *Baukunde des Architekten*. Berlim; Verlag Von Ernest Toeche, 1900.

MONTOYA, Francisco J. Escuredo. *Electro Acustica Aplicada*. Madrid; Editorial Dossai AS, 1954.

WAGNER, Fernando. *Tecnica Teatral*. Espanha; Editorial Labor AS, 1952.

KNDSSEN, Vern O *Acoustical Designins in Architecture*. USA; John Wiley e Sons, INC, 1ª edição 1950, 2ª edição 1951.

BODE, Paul. *Kinos - Filmtheater, Grundlagen, Bispriere*. Munchen; Georg DW Calewey, 1957

GRAUBNER, Gerhard. *Theater Baw Aofgabe und Planung*. Munchen; Georg DW Calewey, 1968.

TEMPLO REALE DELL' OPERE IN NOUVO PALCOSCENICO MECCANICO. Milano; Bestetti e Fumminelli.

ACERVO ROMEU PAULO DA COSTA

LIVROS

BARCELLOS, Aguinaldo. *Reflexão Luminosa*. Rio de Janeiro; Instituto Nacional de Tecnologia, 1944.

BOLIS, Bruno. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna*. Milano; Officine Grafiche Dell' Editore Antonio Vallardi, 1947.

CAMPANINI, R., et, Del. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Implanti Sportivi*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1954.

CARBONARA, Pasquale. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifici per la Cultura*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1947

CARBONARA, Pasquale. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifici per L'Istruzione*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1947

CLUTE, Eugene. *Drafting Room Practice*. New York; The Pencil Points Press, 1928.

COLLEÇÃO F.T.D. (Autor não citado), *Noções de Perspectiva Exata*. São Paulo; Siqueira Salles Oliveira e CIA. LTDA, provável 1936.

CRUZ, Pedro Moacyr do Amaral. *Contribuição ao Estudo do Traçado de Perspectivas em Quadros Planos e Inclínados*. São Paulo; Departamento de Publicações da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1957.

DIREÇÃO DE ROBIN, Pierre. *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics*. Paris; Librairie Aristide Quillet, 1952.

GOBAIN, Saint. *Matériaux de Construction*. Paris; Eyrolles

GOLDENHÓRN, Simon. *Calculista de Estructuras de Hormigon Armado, Hierro, Madera*. Buenos

- Aires; Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rosso, 1937.
- GOODWIN, Philip L.. *Built in USA*. New York; The Museum of Modern Art, 1945.
- GOODWIN, Philip L.. *Brazil Builds Architecture New and Old*. New York; The Museum of Modern Art, 1942.
- GRAFF, Ray Mond K., et. *The Prefabricated House*, New York; Dou Bleday e Company, Inc, 1947.
- GRIFFINI, Enrico A. *Costruzione Razionale Della Casa*. Milano; Ulrico Hoepli, 1952.
- GRIFFINI, Enrico A. *Elementi Costruttivi Nell Edilizia*. Milano; Ulrico Hoepli, 1949.
- GUIMARÃES, Admar. *A Carta De Atenas*. Bahia; Publicação do Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, 1955.
- JEANNERET, Charles Edouard, Le Corbusier. *Le Corbusier Et Pierre Jeanneret*. Zurick; Les Édition D' Architectura SA, 1947.
- JEANNERET, Charles Edouard, Le Corbusier. *Le Corbusier Et Pierre Jeanneret*. Zurick; Girsberger, 1951.
- JEANNERET, Charles Edouard, Le Corbusier. *Le Corbusier Et Pierre Jeanneret*. Zurick; Les Edition D' Architecture AS, 1948.
- JEANNERET, Charles Édouard, Le Corbusier. *Quando Las Catedrales eram Brancas*. Buenos Aires; Poseidon, 1948.
- KLOCK, Catharine, "The Complete Home Decorator", New York, Cadillac Publishing Co., Inc., 1946
- KOCK, Alexander. *Hotels/restaurants Café-und Barräume*. Stuttgart; Verlagsanstalt Alexander Koch GMBH, não consta (provável anos 50)
- KOUES, Helen. *Encyclopedia of Home Decorating*. New York; Garden City Publishing Company, Inc., 1948.
- LA CHAMBRE SYNDICALE, (Autores diversos). *Cent Ans de Béton Armé*. Paris; Science e Industrie, 1949.
- LÖSER, B. *Hormigón Armado*. Buenos Aires; Coni, 1939.
- MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo, "Teoria e Filosofia da Arquitetura", Rio de Janeiro, A Noite, 1955.
- MEISTER, Rubens. *Morfogenia dos Cine-Auditórios*. Curitiba, 1957.
- MEISTER, Rubens. *Morfogenia dos Cine-Auditórios*. Curitiba; Tese para concurso à Cátedra, 1953.
- MELIS, Armando. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifice Per Gli Uffici*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1947.
- MOIA Jose Luis. *Curso Completo de Dibujo Arquitectonico*. Buenos Aires; Windsor, 1948.
- MOIA, José Luis. *Como debe proyectarse una vivienda*. Buenos Aires; Windsor, 1947.

- MORA, Vicente Nadal. *Estetica de la Arquitectura Colonial y Postcolonial Argentina*. Buenos Aires; FYM. Mercatali, 1946.
- NEUFERT, Ernst. *Arte de Proyectar en Arquitectura*. Barcelona; Gustavo Gili, S.A, 1951.
- NEUFERT, Ernst. *Industrializacion de las Construcciones*. Barcelona; Gustavo Gili, S.A, não consta (provável 1967).
- OBERG, L.. *Curso de Desenho Arquitetônico*. Rio de Janeiro; Gertum Carneiro S.A, 1950.
- ORGANIZADO PELO DASP,(Autores diversos). *Obras de edifícios públicos*. Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas, 1964.
- ORMEA, G. B. *La Teoria e La Pratica nelle Costruzioni*. Milano; Ulrico Hoepli, 1952.
- PAREDES, Cesar Fernandez, et. *Una escuela nacional de música y canto/ urbanización de una isla y museo*. Santa Fé; Universidade Nacional del Litoral, 1938.
- PEKKINS, Lawrence B., COCKING, Walter D. *Schools*. New York; Reinhold Publishing Corporation, 1949.
- PEREIRA, Orlando Silveira. *Novo Processo de Perspectiva Axonométrica*. Curitiba; Tese, 1954
- PITA, Severino. *La Madera Al Servicio Del Arquitecto*. Buenos Aires; Contemporanea, S. R. L., 1950.
- RAES, A C. *Acustica Arquitectonica*. Buenos Aires; Victor Leru S.R.L., 1953.
- RAMELLI. *A Cassi, "Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifice Per Gli Spettacoli*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1948.
- SÁ, Paulo. *Indústrias de Construção – Orientação de Edifícios*. Rio de Janeiro; Instituto Nacional de Tecnologia, 1948.
- SÁ, Paulo. *Indústrias de Construção/Conforto e Iluminação*. Rio de Janeiro; Instituto Nacional de Tecnologia, 1948.
- SARTORIS, Alberto. *Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale*. Milano; Ulrico Hoepli, 1932.

REVISTAS

REVISTAS NACIONAIS

- ACRÓPOLE**, São Paulo, Composto e impresso na Gráfica Brescia LTDA, números diversos de 1944 à 1964.
- AD**, Arquitetura e decoração, São Paulo, dezembro de 1957.
- ARQUITETURA/ENGENHARIA**, Minas Gerais, Instituto de Arquitetos do Brasil, números diversos de 1948 à 1955.
- BRASIL-ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA**, Rio de Janeiro, Edições Contemporâneas LTDA., 1957
- HABITAT**, São Paulo, Habitat Editora LTDA, exemplares de 1951 e 1956.
- PILOTIS**, São Paulo, Revista fundada por estudantes de arquitetura, 1949

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Revistas Americanas

ARCHITECTURA USA, United States, American Institute of Architects, ? (provável anos 50).

ARCHITECTURAL RECORD, New York, F. W. Dodge Corporation/combined with american architect and architecture, números diversos de 1952 à 1955.

ARTS E ARCHITECTURE, Califórnia, números de 1963 à 1966.

HOME BUILDING IDEAS, United States, Meredith Publishing Company, 1955.

THE ARCHITECTURAL FORUM, New York, Time Incorporated, números diversos de 1946 à 1955.

Revistas Argentinas

CACYA, Buenos Aires, La revista del Centro de Arquitectos, Constructores de Obras y Anexos, dezembro de 1945.

NUESTRA ARQUITECTURA, Buenos Aires, números diversos de 1943 à 1947.

REVISTA DE ARQUITECTURA, Buenos Aires, Organo de la Sociedad Central de Arquitectos y Centro Estudiantes de Arquitectura, números diversos de 1943 à 1948.

Revista Francesa

TECHNIQUES ET ARCHITECTURE, Paris, 1947, n.º 5 - 6

4

PROTAGONISTAS E RELEITURAS

A verificação da influência da literatura sobre a conceituação projetual das edificações realizadas nos anos 50, dentre as que apresentavam características do Movimento Moderno, levou à busca de depoimentos de autores que houvessem trabalhado desta maneira naqueles anos. Foram escolhidos três deles por sua disponibilidade, acessibilidade e também por sua amabilidade em conceder entrevistas. Além disto foram também escolhidos por terem formação da época e por terem desenvolvido intensa atividade profissional, com uma importante produção arquitetônica de qualidade. Desta forma foram entrevistados Rubens Meister, Romeu Paulo da Costa e Elgson Ribeiro Gomes.

Já a primeira vista as obras examinadas permitiram perceber acentuada influência da arquitetura de alguns autores renomados, como Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Frank Lloyd Wright e de alguns brasileiros, sobretudo do Rio de Janeiro. Os próprios entrevistados mencionaram clara ligação com o trabalho de arquitetos dos Estados Unidos e da Europa. Foi então solicitado que destacassem as obras preferidas dentre as suas próprias, favoritismo que é normalmente indicativo de bons resultados na execução, levada a efeito de acordo com o pensamento autoral.

Após ajustada a listagem de obras foram buscadas fotos próprias, atuais, exclusivas para

este trabalho. Sempre que possível foi também procurado material da época em fotos e desenhos dos autores, além de referências na literatura disponível, uma vez que algumas eram obras públicas e foram muito divulgadas. A partir daí foi investigado um quadro relacional entre as publicações da literatura e as obras locais, tecendo-se comentários sobre as relações arquitetônicas entre as mesmas, procurando-se estabelecer assim uma interpretação do pensamento arquitetônico que levou à conceituação dos projetos das obras escolhidas.

Cumprido ressaltar a importância das fotos nesta pesquisa, pois arquitetura é também uma arte visual. São as fotos que facilitam as comparações entre o que foi pensado e projetado, o que foi feito e construído e o que uma edificação é hoje, contextualizando-a na paisagem dos anos 50 e na de hoje. São também as fotos, antigas e recentes, que complementam os pensamentos expostos e devem ser vistas como um conjunto em que o relacionamento entre as mesmas, e destas com o texto, formam um todo contínuo, promovendo o sincretismo das idéias, formando um mosaico único.

As perguntas apresentadas aos entrevistados estabeleceram um roteiro, mas como em toda conversa, serviram principalmente para estabelecer um assunto em pauta. A personalidade própria de cada entrevistado deu

o rumo final da entrevista e cada um se expressou a seu gosto. Romeu, mais calado, seguiu o roteiro, Elgson telefonou no dia seguinte, com mais lembranças, enquanto Meister buscava seus livros na biblioteca e discorria sobre suas memórias, fossem sobre literatura ou outras.

O bate-papo foi gravado e transcrito, além de ter sido feito o possível para manter a fidelidade ao que foi dito, preservando a expressão de cada um e o sabor da simpatia pessoal da maneira de falar. A transcrição integral de cada entrevista pode ser vista nos anexos, bem como as questões apresentadas .

O resultado das entrevistas e de outros textos pesquisados sobre os protagonistas, bem como da pesquisa na literatura da época foi organizado sob quatro abordagens. São elas: o Profissional, Leituras, Reflexões e Releituras. O **Profissional** contém a resenha da trajetória de cada um, procurando identificar o contexto onde o protagonista vivia e desenvolvia seu trabalho. **Leituras** identifica a literatura acessível a cada um, bem como seu próprio ponto de vista sobre a mesma. **Reflexões** procura resgatar e compreender o pensamento dos autores, procurando compreender sua atitude projetual. Finalmente, **Releituras** procura descobrir e evidenciar as influências vindas das leituras através de algumas das obras dos autores em relação à interpretação que os mesmos faziam do aprendizado obtido.

Mesmo com o que está dito nestes textos são possíveis ainda algumas reflexões sobre o espírito de cada um. Nossos três personagens seguiram o curso de engenharia

civil na Universidade Federal do Paraná, sendo formados em 1947 e 1948. Um deles, Elgson, não se deu por satisfeito com a formação obtida e escolheu o caminho de buscar mais conhecimento em uma escola de arquitetura. Mas Romeu e Meister optaram por caminhar sozinhos e estudaram arquitetura através de leituras, complementando a base técnica do curso de engenharia com os indispensáveis conhecimentos teóricos de arquitetura, atitude que tiveram ainda durante o curso e continuaram depois de formados. Sem desprezar as lições da engenharia, os conhecimentos vindos das leituras refletiram e influenciaram no ato criativo da arquitetura, pois ao final, todo conhecimento adquirido torna-se uma aquisição sincretizada e é devolvida em forma de criatividade. Se a literatura, para Meister e Romeu, foi a única possibilidade de educação, pode-se conjecturar que para outros paranaenses a situação repetiu-se, pois não se deve esquecer que houve outros, ainda que poucos, conforme mencionaram Gnoato (1999) e Dudeque (2001).

Os protagonistas consideravam também a escola da vida, a prática profissional, como parte educacional de extrema importância, pois pensavam que não era suficiente somente estudar sem ter a experiência da praxis que estabelecia conexão com a realidade local. Por outro lado, como não estudaram arquitetura numa academia, Meister e Romeu exerciam uma liberdade resultante da ausência marcante de um professor e chegavam a conclusões devidas a seu próprio raciocínio. Já Elgson seguiu seu aprendizado com Franz Heep por algum tempo, vindo buscar sua própria maturidade mais tarde, em Curitiba.

Meister e Elgson tinham, e ainda tem, um destacado senso da durabilidade histórica da arquitetura, e projetavam para sempre. Romeu já visava mais o cliente bem atendido, e percebia que a arquitetura, sobretudo a do dia a dia, podia ser perecível.

Os três são também, pessoalmente, mais que arquitetos ou engenheiros. São humanistas, no sentido da abrangência de interesses humanos, complementando seus conhecimentos com sociologia, artes plásticas e fotografia, música clássica e jazz, além de literatura geral.

A produção arquitetônica dos entrevistados foi grande, tanto pelas oportunidades surgidas como pelo longo tempo de atuação profissional. As fotografias que acompanham o texto trazem amostras desta produção ao longo dos anos de atuação. Para evidenciar a influência das leituras, para Romeu e Meister foram selecionadas algumas obras importantes mais próximas dos anos 1950. Para Elgson foram escolhidas suas obras com Heep e as mais próximas dos anos 1960.

Para cada autor foram escolhidas algumas obras para evidenciar seu pensamento arquitetônico, cujas imagens foram organizadas em seqüência cronológica. Dentre estas foram escolhidas algumas das mais representativas para realizar comparativos com a literatura dos anos 50. Página Tipo 2

Depois de relatadas as entrevistas e verificada a releitura arquitetônica realizada em edifícios construídos no final dos anos 1950 em Curitiba, na última parte desta dissertação, em *Leitura Influente* foram realizadas as considerações que podem ser generalizadas.



Fig 59 Rubens Meister, 2001 foto autora 2001

RUBENS MEISTER

O PROFISSIONAL MEISTER

Rubens Meister¹⁸ não nasceu em Curitiba por mero acaso, pois em 1922 seu pai trabalhava em bancos e prestava serviços em Botucatu, São Paulo. A família voltou pouco depois para Curitiba, trazendo o filho Rubens com cinco meses.

De família curitibana de origem suíça-alemã, Meister estudou no Colégio Bom Jesus, a *Deutschenabeuschule*, setor alemão, e conta com nostalgia:

Quando estava no segundo ano primário, no Bom Jesus, na ala alemã, ganhei um presente do meu professor que era uma folhinha só sobre arquitetura das catedrais góticas e fiquei admirado e pensei, que bela profissão. E assim foi, o desenho para mim era facilidade.

Ainda estudante começou a trabalhar em empresas de construção, como desenhista, e ao final de um ano já fazia “*umas plantinhas*”.

Em 1943 venceu o concurso para o “Panteão dos Heróis da Lapa”, junto com o colega Romeu Paulo da Costa. Antes de concluir o curso de engenharia foi para o Rio de Janeiro, fez o vestibular da Escola de Belas Artes, passou, mas ficou desapontado com o que observou dos trabalhos dos alunos, parecendo-lhe que era dada pouca atenção para técnicas de construção. Também diante de um curso de sete anos quando em Curitiba lhe faltavam apenas três para ter um diploma, optou por retornar. Formou-se em engenharia civil em 1947 e logo depois começou a lecionar como assistente da cadeira Construções de Edifícios, Arquitetura, no Curso de Engenharia da Universidade do Paraná, a qual pouco tempo depois foi federalizada, tornando-se a Universidade Federal do Paraná. No curso que ministrava procurava subsidiar seus alunos com a compreensão de arquitetura através de um

¹⁸ a pronuncia é maister



Fig 60 esquerda: Rubens Meister, 1953. fonte Revista CC, 1953.
direita: Amigos da época da construtora Irmãos Thá.
Meister, a esquerda, Romeu á direita, cerca de 1945.
foto arquivo Romeu P Costa.

programa didático que continha História, Teoria da Arquitetura e Técnicas Construtivas.

Sempre trabalhando, participa em 1948 de um concurso arquitetônico para o Teatro Oficial do Estado, no qual é classificado em terceiro lugar. O governador seguinte, Bento Munhoz da Rocha, ao decidir pela construção do Centro Cívico e das obras do Centenário, chamou Meister para desenvolver o projeto de caráter moderno.

Em 1951 Meister estabeleceu seu próprio escritório de projetos, onde passou a desenvolver incontáveis trabalhos ao longo de muitos anos, sempre de modo profundamente profissional, inclusive estabelecendo honorários dignos. Trabalhava com equipe própria em um escritório bem organizado, exercendo um profissionalismo pioneiro, cioso de seus direitos autorais.

Paralelamente ao escritório estava exercendo docência e realizou um concurso de cátedra em arquitetura. Relata com indisfarçada paixão:

A vida de um professor, sua carreira, exigia o máximo, por isso defini uma tese e fui fazer um concurso para professor catedrático, que era aprovada anos atrás. Isto foi em 1957, eu estava com 37 anos, foi uma carreira rápida. Eu tinha algumas vantagens de ordem prática, já havia ganho primeiro lugar em concurso de arquitetura e ganho terceiro lugar num concurso para um teatro, já havia feito também projeto de um teatro e publicado estes projetos todos. Eu já era catedrático interino da cadeira de Construção Civil e Arquitetura, por nomeação do presidente da República, publicada em diário oficial, quem nomeou foi Getúlio Vargas. Eu já vinha ministrando a cadeira, por nove anos. Há grande vantagem em um professor viver na vida prática, e especialmente em arquitetura, porque senão as aulas se tornam apenas teóricas.

Participante da comissão universitária que criou o curso de arquitetura, foi escolhido para coordenador por ser catedrático e titular da cadeira de arquitetura. No entanto, foi impedido de fazer as cadeiras complementares que lhe dariam o título de arquiteto por não poder conciliar as posições de aluno e professor. Reconhecido pelos colegas, foi paraninfo da



Fig 61 esquerda: Edifício Casa do Jornaleiro, anos 40/50, um dos primeiros projetos de Meister
foto autora 2001
direita: Residência do Senor Eduardo Saenz Garcia, referência literária de arquitetura argentina.
fonte revista Arquitectura, maio 1946

primeira turma do curso, uma classe especial de alunos já formados em engenharia.

Tinha gosto acentuado por viagens, conforme relata na Locus (1995) sobre a viagem que mais o marcou:

Foi a viagem de volta ao mundo. Cinco meses fora, uma experiência extraordinária. Aprendi muito sobre arquitetura e tive muitas possibilidades de colher elementos para as aulas que eu ministrava. Durante seis meses, a universidade perdeu um professor, mas ganhou outro com mais base e conhecimento. Afinal, tudo aquilo que eu ensinava antes era teórico e livresco! Na viagem, eu tive oportunidade de tirar fotografias e fazer cursos, nos quais é chamada atenção para coisas que não são citadas nos livros. E as histórias vinculadas às obras são muito interessantes.

Meister ainda hoje trabalha um pouco, fazendo assessoria e alguns projetos, desenhando a mão com precisão e letra elegante.

Agora mesmo (2000), eu estou trabalhando no projeto de uma igreja, onde introduzi uma modulação triangular para dar mais variedade a forma. Quem usou essa modulação foi Frank Lloyd

Wright, e o triângulo equilátero dá uma versatilidade muito grande de forma. Uma igreja facilita isso.

Depois que desativou seu escritório conservou boa parte de seu acervo profissional ocupando o porão de sua casa.

Tendo angariando um grande prestígio pessoal participou por muito tempo de inúmeras comissões, como a Comissão Permanente para Discutir Legislação Urbana em Curitiba, (1950-53). Como representante do IEP (Instituto de Engenharia do Paraná), gestão 64-65, conseguiu a aprovação da Lei do Silêncio na cidade. Na comissão de estudos sobre Prevenção de Incêndio, em 1966, valeu-se da literatura americana para convencer seus pares da necessidade de escadas enclausuradas. Era procurado para opinar sobre Arquitetura e Urbanismo, e participou da fundação do IPPUC e da URBS.



Fig 62 esquerda projeto Meister proposto para Reitoria UFPR (não executado).
 fonte arquivos Romeu P. da Costa.
 direita Prudential Building, Wurdeman & Becket, composto com prismas ortogonais.
 fonte revista Architectural Forum, maio de 1949.

LEITURAS DE MEISTER

Nos anos 50 Meister era leitor voraz. Perguntado sobre seu contato com a arquitetura moderna disse:

para falar francamente o que mais me valeu foi a bibliografia. Sempre li muito. Projetei o Guaíra sem ter saído do Brasil.

Disse também no Memória do Arquiteto, em 1995:

e eu posso descrever as dificuldades e o que ocorre com um recém-formado, que não era formado em arquitetura mas estudou através de publicações e de revistas na mais tenra juventude. Nós tínhamos no Brasil a revista Acropole, que só apresentava projetos de obras concluídas, projeto em estilo mexicano, etc. Uma boa revista era a revista argentina Nuestra Arquitectura, que mostrava discussões de Le Corbusier, apresentando La Cité Radieuse, debates de Frank Lloyd Wright, de Mies Van der Rohe, e da época de 20 quando nasceu o movimento Bauhaus, o funcionalismo e o racionalismo, que acredito que sejam os mais importantes movimentos deste século.

Sua biblioteca dos anos 50 era semelhante

em conteúdo a de Romeu, sobretudo porque as disponibilidades nas livrarias locais eram as mesmas. Tinha muito interesse na área de história da arquitetura, dispo de muitos volumes sobre o assunto. Guarda ainda de algumas de suas revistas, tendo doado boa parte do que adquiriu.

Sobre as revistas e periódicos relata sua experiência:

Em um primeiro lugar devo dizer que as revistas nacionais eram poucas, Acropole e outras, e tinham uma vida muito efêmera, muitas boas revistas em pouco tempo apareciam e desapareciam. Infelizmente essa face do país continua sendo como hoje, não fomentava muito a produção de revistas especializadas. Das revistas de peso, eu notei que a Architecture D'Ajourn'Hui era boa. Havia a Architectural Forum e as revistas alemãs, felizmente eu aprendi alemão, eu ainda tenho algumas aí. Muitas eu mandei para o Centro Politécnico para o Curso de Arquitetura. Havia também as italianas e as alemãs.

Revistas, uma vai puxando outra, eram de arquitetura moderna, Beaux Arts, alemãs, fui colecionando, assinando. Comprava e importava, só

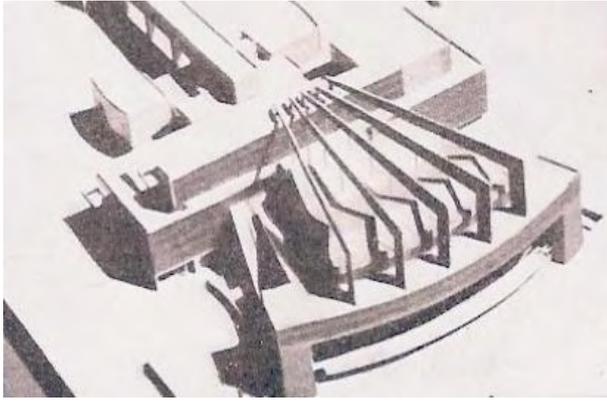


Fig 63 esquerda Palais Des Soviets, 1931, com estrutura externa e volumes curvos, Le Corbusier
fonte: livro Le Corbusier 1929-34, 1947
direita Auditorio da Reitoria da UFPR, Meister anos 1950
foto autora 2001

mais tarde é que eu fazia assinaturas. Algumas eu assinei depois, mas quem colaborou muito, com catálogos e ajudou muito neste sentido, foi o Collares Marques, da Livraria Universitária, que era uma verdadeira mãe para os estudantes, mostrava revistas novas, catálogos, não precisava comprar que ele não forçava nada. Outra coisa que ele fazia para os estudantes: muitos iam estudar lá, pesquisar nos livros, ele tinha uma salinha, a loja dele funcionava como biblioteca. Temos que homenagear o Collares Marques, que me auxiliou muito.

Em revistas e livros eu procurava muito sobre acústica, uma inclinação, por que eu apreciava tanto concertos sinfônicos e eu achava que a coisa mais bela em um bom auditório deveria se reproduzir a música em toda a sua riqueza, então eu me empenhei muito com os problemas de auditório.

Meister dispõe hoje de um grande acervo de livros, estimado em cerca de 4000 volumes. Com suas próprias palavras:

Os livros aqui (nesta biblioteca) são todos vinculados a um conhecimento geral. Por exemplo, (mostra a estante), aqueles cinco livros ali, sobre o Egito, a Grécia. Não posso dizer quantos livros há

aqui, por que estão aqui e em outra sala também, não tinha nada quando me casei, só poucos livros e revistas e depois fui acumulando, acumulando.

Adquirir livros sempre foi caro, principalmente livros de arquitetura. Aqueles livros ali são muito caros, não sei se ainda existem. Há ali sobre o Egito e a Grécia, como falei, são livros formidáveis, há outros livros lá, italianos, do Griffini e outros, há também filosóficos, e mais, que achei muito interessantes, sobre artes. Não é só sobre arquitetura, porque eu sempre gostei muito de pintura, tinha inclinação para artes.

No entanto, as bibliotecas públicas da época eram vistas com restrições:

Naturalmente a gente visitava, mas realmente nunca freqüentei bibliotecas, porque fazia questão de ter o livro em casa, sempre à disposição, mesmo porque as bibliotecas possuíam mais livros de história, quer dizer, não completavam. Eu tenho um livro que pertenceu a um membro da minha família, do século atrasado, não o passado, mas 1800, sobre teatros, e eu olhava ali os desenhos de teatros notáveis, com a descrição, com os projetos e o interior apresentados, não só esquemas, com os desenhos todos, até com o pessoal sentado, tais



A



B



C

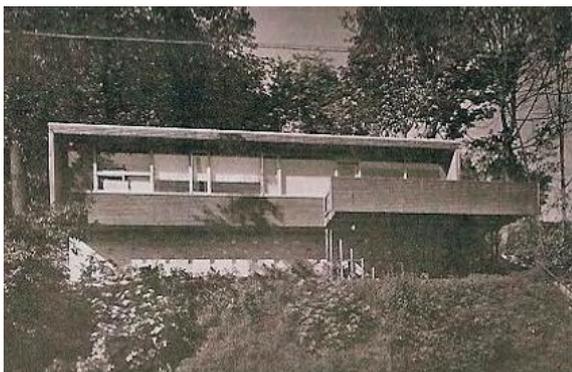


D



E

A HOUSE BY FRANK LLOYD WRIGHT FOR MR. AND MRS. HERMAN T. MOSSBERG



F



G

Fig 64 Referências literárias para a residência Meister

A, B e D : Residência Meister a Rua Julia Wandelerley, anos 50 foto autora 2001

C: Residência El Belgrado, S. Liaskowski fonte revista Nuestra Arquitectura, abril 1945

E: House by Frank Lloyd Wright for Mr. And Mrs. Herman T. Mossberg. fonte revista Architectural Forum, dezembro 1952

F: Alden Mason House, Victor Steinbrueck fonte revista Architectural Record, abril 1953

G: Casa Tugendhat a Brünn, Ludwing Mies Van Der Rohe 1931 fonte livro Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale



Fig 65 esquerda abaixo e direita Edifício Fiep, Meister, tipicamente miesiano, 1962 foto autora 2001
 direita acima Edifício Bamerindus, 1960, Meister com elementos da linguagem moderna foto autora 2001

como a ópera de Paris e a maior ópera que já foi construída, a ópera de São Petersburgo, cujo projeto está ali, algo fantástico, de um arquiteto alemão, houve muita influência alemã na Rússia.

Sobre o destino dado a seu acervo de revistas Meister conta:

Uma parte das revistas foi doado ao IEP, Instituto de Engenharia do Paraná, que depois passou para a Universidade Federal do Paraná. Ainda há parte das revistas, como você pode ver lá em cima, (da estante de 3,00m). Os livros estão aqui e em outra sala, há muita coisa.

Irã Dudeque (1999), foi quem constatou:

Sem teatros modernos construídos ou em construção, Meister foi obrigado a desenvolver sozinho soluções acústicas e de visibilidade. Os conhecimentos desenvolvidos na sua prática diária acabaram lhe valendo uma matéria na revista norte-americana Architectural Record, o primeiro registro internacional da arquitetura moderna paranaense, e um convite para participar, como representante da América Latina, no congresso da Society of Motion Pictures and Television Engineers, de Montreal, em 1965.

Irã Dudeque (1999) ainda observou sobre Meister :

Era devidamente atualizado na produção arquitetônica mundial através do contato com a literatura estrangeira e revistas especializadas. Abriu, em 1951, o primeiro escritório do Paraná e Santa Catarina dedicado exclusivamente à Arquitetura. Como lia alemão, a maior influência acabou sendo o racionalismo germânico.

REFLEXÕES DE MEISTER

Meister relembra sobre o estudo de arquitetura no curso de engenharia:

Fui autodidata. Eu me graduei em 1947 e arquitetura era dada em um ano. O pessoal tinha que, através da literatura, adotar um dos estilos que os livros ensinavam. O estilo em voga era neo-clássico.

Meister preocupou-se em construir uma linha de pensamento para exercer a arquitetura, e sobre este aspecto discorre:

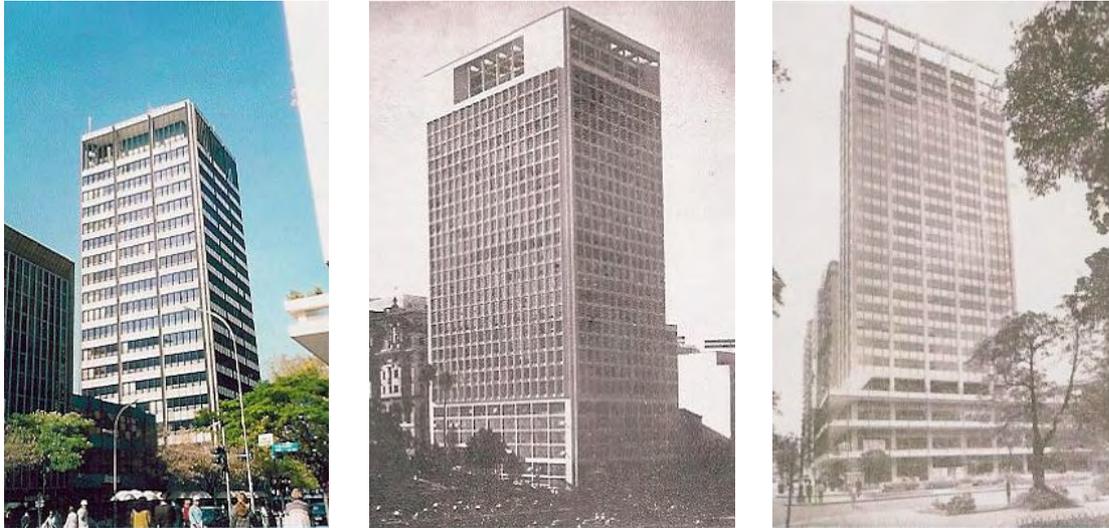


Fig 66 esquerda: Edifício Caixa Econômica Federal, 1967, Meister foto autora 2001
 meio: Edifício Centro Metropolitano, Lucjan Korngold
 fonte Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo, separata Acrópole 295/296
 direita: Edifício CBI, Salvador Candia e Giancarlo Gasperini
 fonte: Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo, separata Acrópole 295/296

Toda pessoa tem que encontrar a sua filosofia, especialmente na arquitetura. Passei muitos anos à procura de uma filosofia, porque ora é um movimento tal ou qual, hora é brutalista, agora não é, e assim por diante, uns eram da escola renascentista e outros eram neoclássicos. E eu aqui, perdido em Curitiba, como é que poderia seguir uma filosofia? Aí descobri um jeito, pensei ,se eu imitar a natureza eu estarei no bom caminho. Por que a natureza é a grande arquiteta e isso me serviu inclusive para certas discussões. Então, eu seguindo as leis da natureza, o equilíbrio da natureza, eu acho que estou no bom caminho. E foi assim que fiz.

Filosofia, desta forma, encontrava espaço entre suas preocupações:

Eu procurei estudar muito a parte de filosofia da arquitetura, porque eu dei aulas sobre esse assunto, então ia estudando, tenho vários livros de filosofia de arquitetura. É preciso, em primeiro lugar, escolher uma boa filosofia de arquitetura.

Mas o que respondeu de maneira melhor sobre esse assunto não foram os livros de arquitetura, foi um livro de artes, " Man and Arts", de Raymond Stites, que eu sempre cito porque me abriu os olhos, dando uma classificação de artes, e

falando dos vários aspectos que a arte apresenta, e aí pude compreender.

Meister exemplifica, na entrevista, sua interpretação das lições de Stites:

Há o aspecto utilitário, o aspecto associativo e o aspecto formal. Claro, em arquitetura e pintura, e isto engloba todas as artes, você olha e pensa, esta é formal, outra não, esta aqui é utilitária. Então a parte utilitária é aquela parte da arte que nos dá certo valor de uso, quem constrói, constrói para alguma coisa, principalmente na arquitetura, a parte utilitária é muito importante. Em segundo lugar está o aspecto associativo, que é aquele em que o fator psicológico se associa a idéias, principalmente na área de monumentos, onde o aspecto associativo é mais preponderante. Em terceiro lugar há o aspecto formal, que nos induzem a um sentido estético. A parte estética é essencialmente formal, em toda a áreas, até na música. Quem explorou muito isto foi Debussy, com La Mer, que lembra o mar, é muito associativa a música dele.

Mas não existe pureza absoluta, um limite certo entre um aspecto e outro.

Embora admitindo não ter especial preferência por um arquiteto em particular faz



A



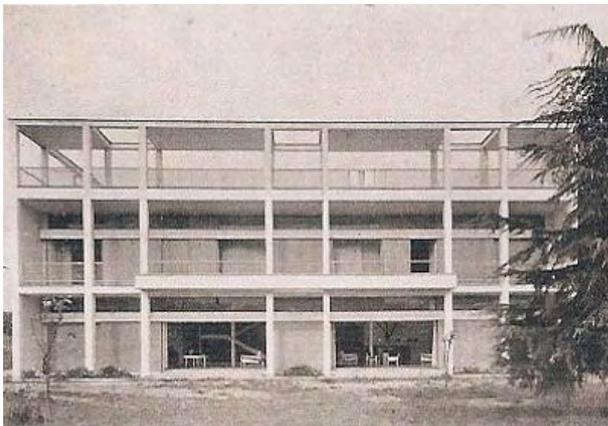
B



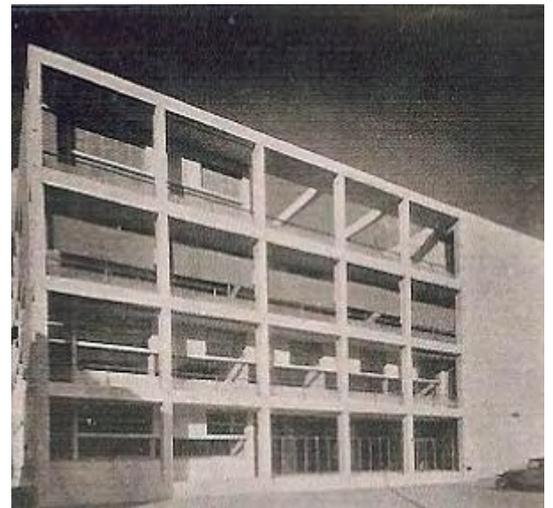
C



D



E



F

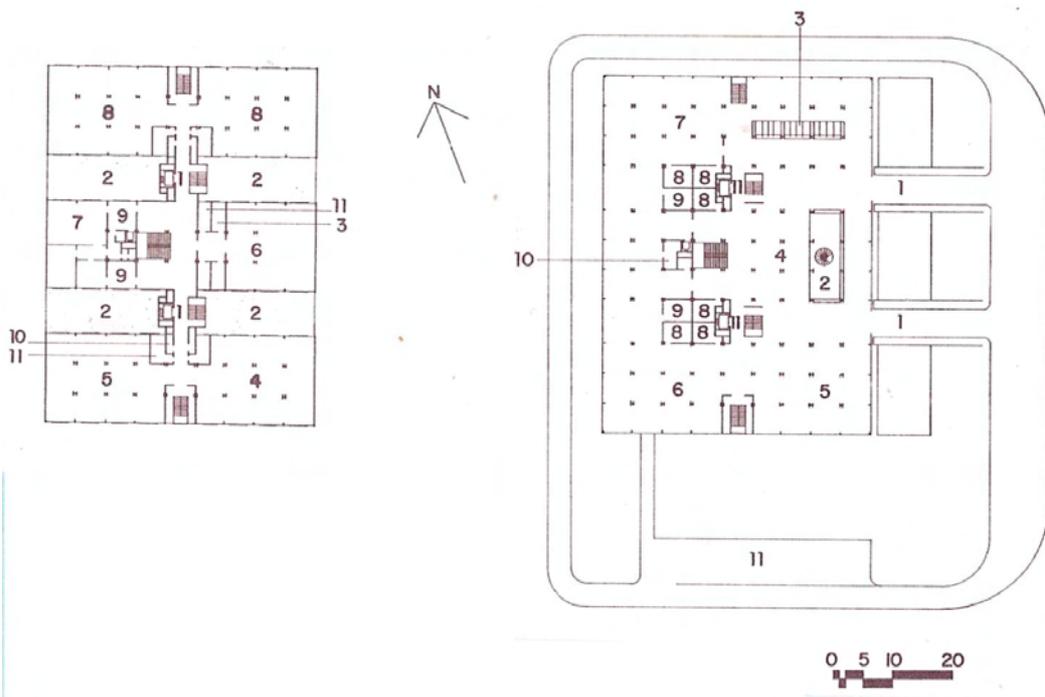
Fig 67 Referências literárias para a Prefeitura Municipal de Curitiba

A, B e C: Prefeitura Municipal de Curitiba, Meister, 1960 foto autora 2001

D: Residência no Morumbi, Oswaldo Arthur Bratke fonte: revista Acrópole 226, 1957

E: Villa Roaldi a Casorate Sempione, Luigi Ghidini, Guglielmo Mozzoni e Luigi Verni
fonte: livro Introduzione Alla Architettura Moderna

F: Casa del Popolo di Como, Giuseppe Ferragni fonte: livro Introduzione Alla Architettura Moderna.



A



B



C

Fig 68 O Edifício da Prefeitura, Meister

A: Prefeitura Municipal de Curitiba, planta do pavimento superior e térreo, 1960
 fonte livro Arquitetura Moderna em Curitiba

B: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1960 foto autora 2001

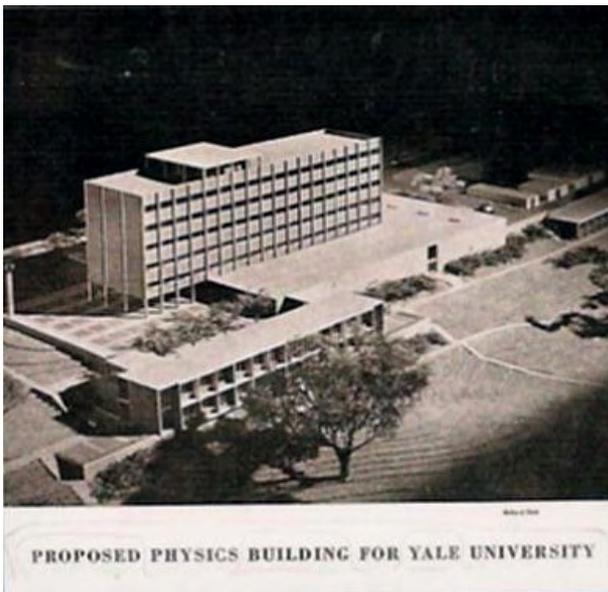
C: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1960 fonte livro Arquitetura Moderna em Curitiba



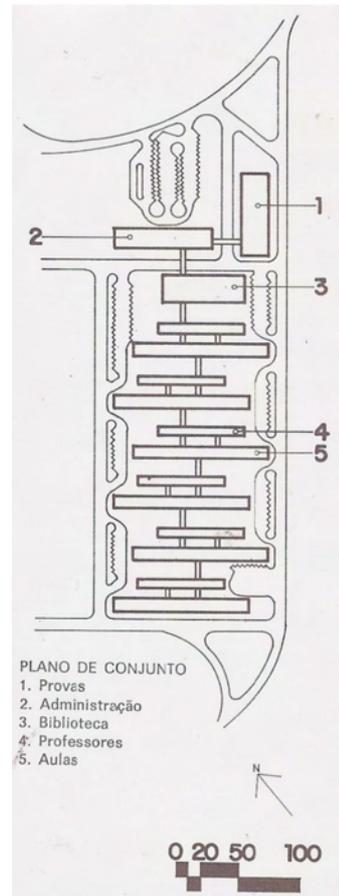
A



B



D



C

Fig 69 A: Edifício Administração Centro Politécnico, Meister, 1956 foto autora 2001
 B: Salas de aulas Centro Politécnico, Meister, 1956 foto autora 2001
 C: Centro Politécnico, plano de conjunto, Meister, 1956 fonte: livro Arquitetura Moderna em Curitiba
 D: Projeto Physics Building for Yale University, D. Orr e Saarinen fonte revista Architectural Record, setembro 1953



Fig 70 esquerda: Teatro Guaira, maquete. Ao centro Meister e a sua direita Munhoz da Rocha
 fonte Ilustração Brasileira, nº 224,dez 1953
 direita: Teatro Guaira, em obras, vista dos fundos, anos 1950 fonte arquivo Romeu P Costa

alguns destaques, principalmente para Mies Van der Rohe e Frank Lloyd Wright. São suas próprias palavras que ressaltam:

Eu posso lhe dizer que eu não tinha muitos favoritos. Os que eu achava bons nos seus caminhos ,e tive grande admiração, foram Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe e Le Corbusier, que influenciou muito na arquitetura brasileira. Era um grande arquiteto, era suíço, Jeanneret, era destes que apareciam muito nas revistas e livros que eram publicados.

Na entrevista a Locus (1999) também fazia destaques:

Eu aprecio muito o Frank Lloyd Wright, mas cada um dos mestres tem sua qualidade, seu conhecimento. Por exemplo, dou muito valor ao Mies Van der Rohe, pela pesquisa que ele fez, mas suas obras, para o uso, são mais experiências do que propriamente obras.

O (profissional) alemão é mais detalhista e olha muito pela construção e produziu teóricos muito bons, vindos daquela escola (Bauhaus). Mies van der Rohe, Walter Gropius, eram da Alemanha e por eles vi que o caminho era resolver realmente a parte

da função habitacional. Como se vê, as residências olham muito para isso e não tanto para o aspecto romântico. Mies van der Rohe só podia nascer na Alemanha, porque era a detalhista ao extremo, a junta da parede continuava pelo piso e era a mesma no teto. Era um purismo absoluto.

Estava interessado nos aspectos teóricos contidos nas publicações:

No conteúdo das revistas o que agradava mais era justamente as discussões dos arquitetos. Eu tenho aí, por exemplo, a Forum, onde havia e há discussões de todos estes arquitetos. Perguntaram a Mies van der Rohe o que ele achava dos movimentos da arquitetura, se eram muito repetitivos, estavam discutindo se a arquitetura estava em decadência, e Mies van der Rohe disse “Não é possível, e também não é necessário, criar uma nova arquitetura todos os dias”. Os gregos fizeram aquela arquitetura por muito tempo. A ânsia de querer criar uma coisa nova é que muitas vezes não leva a nada.

Eu sei que Mies Van der Rohe era muito da modulação, mais no sentido da industrialização, ele foi realmente o grande mestre do desenvolvimento do pré-moldado, que era repetitivo. Muito bem, era



Fig 71 esquerda: Teatro Guaira, em construção, anos 50/60 fonte arquivo Romeu P Costa
direita: Teatro Guaira fachada principal, em construção, anos 50-60 fonte: revista Centro Cívico

repetitivo mas não precisa ser contra a natureza, pois a própria natureza é repetitiva. As células são repetitivas mas não precisam ser todas iguais. Então nesse sentido eu acho que observando a natureza e ainda lendo livros de autores como Leonardo da Vinci, e lendo os livros dos brutalistas e etc., eu achei que estava no bom caminho e até hoje ainda acredito.

Achei genial Antonio Gaudi. Gaudi, por exemplo, era uma figura completamente fora do comum dos arquitetos. Era Gaudi de um lado e Mies Van der Rohe de outro, são verdadeiramente opostos, mas nem por isso vou deixar de apreciar um ou outro.

Dos arquitetos brasileiros havia os Irmãos Roberto, e Rino Levi, eu sempre admirei Rino Levi, que era um arquiteto sério, mas eu não aprecio certas coisas muito formalistas.

Meister avalia a influencia modernista sobre a produção arquitetônica local, em especial á suas obras, considerando que:

quem está em um certo meio é influenciado fortemente por movimentos, por exemplo, moderno, ou aquele movimento que fez a arquitetura clássica,

que entrou na parte moderna, usando elementos construtivos com um valor estético e não só na parte escultórica, tudo isto naturalmente influencia.

O que eu realmente percebia é que as obras todas que eu fiz, projetei, eram ligadas ao movimento racionalista, internacional.

Tinha também idéias formadas sobre métodos de trabalho: (Locus, 1999)

A minha aproximação com arquitetura moderna veio de informações como estas. Achava e acho que arquitetura floreada é uma bobagem. E estas informações técnicas levavam a soluções formalmente abstratas. A abstração representava liberdade projetual. Além disso, há sempre uma tendência em revolucionar, o jovem quer mudar tudo e é o que acontecia naquela ocasião.

Apesar de estudar continuamente, Meister não introduzia uma carga literária em seu trabalho.

Sempre procurei trabalhar com os elementos da própria construção e acho que esta é uma filosofia muito boa, lançar exclusivamente os elementos construtivos como elementos artísticos, estéticos, sem qualquer acréscimo cultural por cima.



Fig 72 esquerda: Teatro Guaira, em obras, escadaria interna fonte arquivo Romeu P Costa
 direita acima: Teatro Guaira, em obras, rampa externa, fonte arquivo Romeu P Costa
 direita abaixo: Entrada Teatro Guaira, época da inauguração ,anos 1970 fonte: arquivo Romeu Paulo da Costa

Isso cria um resultado abstrato e abstração artística representa liberdade.

Quando eu uso concreto, trabalho-o pensando como sendo concreto e não qualquer outro material. O que se pode fazer com concreto? É o mais maleável possível. Assim como não há substituto para alvenaria de terra, que não precisa revestir. Sempre procurei usar o material que nós temos. Um dos materiais artificiais que nós temos é o tijolo, material que dá um efeito notável de superfície, de textura, de tudo. E a forma vem depois. Não me preocupo se está moderno, se é velho ou não. (Locus 1999)

Meister pensava a arquitetura por ela mesma, desligado de regionalismos,
nunca me preocupei com referências paranaenses.

RELEITURAS DE MEISTER

Procurar exemplos na literatura dos anos 50 que sejam compatíveis com arquitetura de Meister é fácil, há inúmeros, como é possível verificar nas imagens selecionadas para este

capítulo, comparadas com as imagens das obras de Meister. Sobretudo porque funcionalismo e racionalismo, correntes com as quais tinha afinidade, estavam sendo seguidas por muitos arquitetos que tinham seus projetos publicados. Mais do que exemplos o que se deve procurar é a compatibilidade da linguagem arquitetônica modernista assimilada nos seus conceitos. Segundo suas próprias palavras, era admirador especialmente de Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright.

Seus projetos trazem a marca de um estilo próprio e são reconhecíveis por toda Curitiba e em outras cidades. São obras sóbrias, conforme disse uma vez,

me agrada extrair cada vez mais de cada vez menos,

frase certamente de inspiração miesiana. Meister, acrescenta sempre:

A simplicidade com que Mies apresentava as suas obras nos desenhos chega até a ser uma ofensa.



Fig 73 esquerda Teatro Guaíra final de construção, anos 1970 fonte: arquivo Romeu Paulo da Costa
direita: Teatro Guaíra, perspectiva do autor do projeto, 1949 fonte: livro Arquitetura Moderna em Curitiba

Dentre as inúmeras obras de Meister foram destacadas algumas para estabelecer um paralelo entre suas leituras e releituras, de acordo com os propósitos desta dissertação.

A **Casa do Pequeno Jornaleiro**(fig 61), um de seus primeiros projetos, realizado em torno de 1945, reflete a influência das revistas argentinas, com as formas curvas remanescentes da art-déco, usuais da arquitetura comum da época, o que acontecia também em Curitiba. Mas já era notável o cuidado compositivo dos rasgos verticais e das curvas dos balcões contrapondo aos recortes das paredes.

A **Residência Própria** (fig 64), de linhas retas e grandes panos de vidro voltados para os jardins do recuo frontal, este bem afastado do alinhamento predial, tem a linguagem da arquitetura do Movimento Moderno dentro das referências de Frank Lloyd Wright. Localizando a obra no meio do terreno, Meister aproveitou o desnível natural para a criação um subsolo, mas colocou a garagem ao nível da rua. Colocando os dormitórios no pavimento superior,

previu a instalação de um elevador para conectar os três pavimentos, o que era incomum para a época. Apreciando materiais naturais, como ensinavam os mestres, utilizou em sua casa tijolo a vista, pedra e vidro.

Meister apresentou uma proposta de projeto que a **Universidade do Paraná** (fig 62), composta de um conjunto de blocos ortogonais, com um elemento central diferenciado. O projeto finalmente executado foi o do arquiteto Azambuja, mas para o auditório foi preferido o projeto Meister. Para o **Auditório da Reitoria** (fig 63) foi escolhida uma estrutura externa, aparente, envolvendo uma forma externa em curva, coerente com a forma interna do auditório. A estrutura remete à referência corbusiana do Palais de Soviets, amplamente divulgada em livros e revistas.

O **Edifício Bamerindus** (fig 65) atual HSBC, está situado em uma esquina da Rua XV de Novembro, que já foi a avenida principal da cidade. O edifício é um paralelepípedo com balanços sobre uma base de pilares conectados

PLANTA NÍVEL PLATÉIA

1. Guarda-roupa
2. Depósito
3. Sanitário
4. Bar
5. Átrio
6. Platéia
7. Fosso orquestra
8. Saídas laterais
9. Palco

10. Plataforma giratória
11. Depósitos de cenários
12. Vazio platéia
13. Balcão I
14. Camarins
15. Sala dos solistas
16. Rampa
17. Coro/homens
18. Ensaio/coro
19. Oficinas

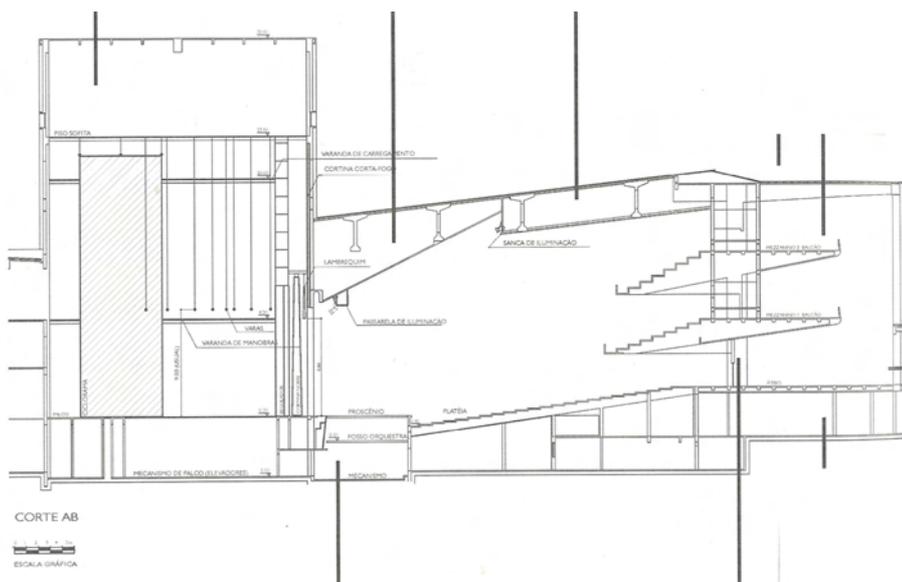
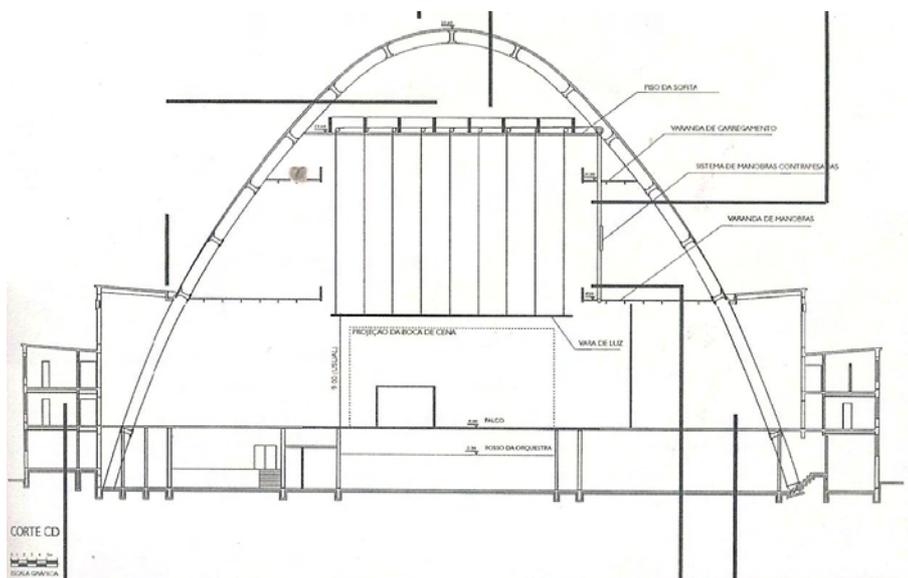
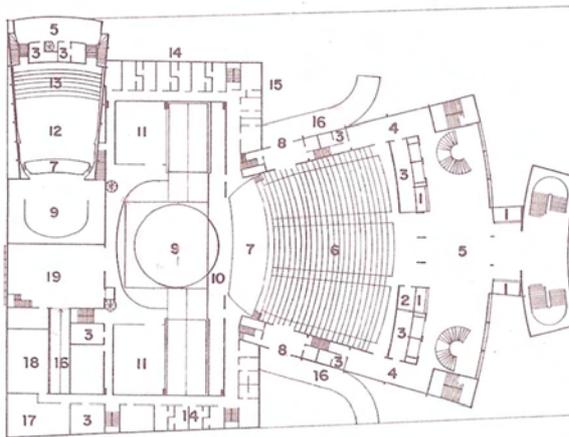


Fig 74 Projeto Teatro Guairá, Rubens Meister

acima planta nível platéia fonte livro Arquitetura Moderna em Curitiba

meio: Teatro Guairá, corte esquemático do arco, 1951 fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000

direita: Corte esquemático Teatro Guairá, 1951 fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000



Fig 75 esquerda Teatro Guaira, fachada principal, com painel de Poty, foto autora 2001
direita Teatro Cultura Artística, Rino Levi, uma referência literária brasileira
fonte revista Acrópole, maio 1950

por vigas aparentes, com fechamento de vidro. O bloco principal tem vedação de brises, posicionados de acordo com a insolação na face, de um lado horizontal e do outro vertical, da mesma maneira como era utilizado por Rino Levi. A base encostada no edifício vizinho recebeu painel esculpido que ao mesmo tempo identifica e integra o edifício ao entorno.

O **Edifício da Fiep** (fig 65) é um clássico, constituído de elementos miesianos, com estrutura modular externa e fechamentos característicos do Movimento Moderno, como foram observadas nas janelas da figura 10, que tendiam a configurar um padrão.

Para o **Edifício da Caixa Econômica** (fig 65) Meister optou pela composição em três partes composta de base, corpo e coroamento. Esta tipologia de composição passou a ser uma preferência para os edifícios urbanos dos anos 1950-60, e era encontrada nas revistas americanas e européias, havendo também diversos exemplos dos mesmos na arquitetura paulista.

Um dos principais exemplos das referências racionalistas de Meister é a **Prefeitura Municipal de Curitiba** (fig 67 e 68), obra integrante do Centro Cívico. Os volumes retos são estruturados por vigas e pilares aparentes, absolutamente cartesianos, e são intercalados por jardins, os quais, solucionando iluminação e ventilação, amenizam espaços rigidamente ortogonais. Esta é uma das obras mais fotogênicas do autor e a releitura do sistema de vigas e pilares aparentes compõe um dos seus trabalhos mais refinados. Alguns exemplos encontrados na literatura demonstram a releitura educada que Meister foi capaz de fazer.

O **Centro Politécnico** (fig 69) é um projeto no qual foram dispostos blocos interligados, à maneira do que é encontrado nas publicações americanas e na proposta de Corbu para a Universidade do Rio de Janeiro. Este sistema em árvore, ou dedos, foi muito divulgado e Meister elaborou a distribuição dos blocos de modo desencontrados, interligados por



Fig 76 esquerda: Teatro Guaíra, lateral esquerda ,rampa sem a cobertura foto autora 2001
 direita: Casa di concerti a Hälsingborg, Sven Markelius fonte: livro Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale

circulações envidraçadas. Os blocos continuam de forma intercalada as salas de aula e os serviços correlatos, como departamentos, sala de professores e cantinas. O edifício da administração é tipicamente miesiano, com estrutura externa e fechamento em vidro. A base envidraçada sobre pilotis soltou o edifício do solo.

A obra mais conhecida de Meister é o **Teatro Guaira**, (fig 70 a 78) cujo projeto, inicialmente realizado para um concurso e premiado com o terceiro lugar, foi revisto e realizado como uma das obras do Centenário.

O terreno original era maior, em uma praça, mas o Governador Munhoz da Rocha considerava que praças são praças e não devem ser ocupadas. Por outro lado, o teatro em frente a universidade configurava uma referência cultural para a cidade. Conforme contou na entrevista, Meister apoiou-se principalmente em leituras para adquirir o conhecimento e a tecnologia necessários para projetar o teatro. Adotou uma composição com

linhas curvas e volumes retos, solucionando um programa grande para um terreno relativamente pequeno. Há arcos horizontais no auditório e na recepção, seguindo e contrapondo a melhor forma acústica do auditório, do mesmo modo como fez Marcel Breuer .

Para solucionar a necessidade de grande altura e grande vão livre para o mecanismo do palco Meister foi estudar arcos feitos em casca de concreto. Com 56 metros de altura, o arco de concreto coberto com cobre foi previsto para solucionar as necessidades dos cenários e de iluminação. Tanto Meister como o governador pensavam na apresentação de grandes óperas, e por isto a boca de cena é também de grandes dimensões, com 20m de largura. Meister sempre destacou que a grande vantagem deste arco é permitir um grande vão livre, tanto em planta como em altura.

Referência literárias foram encontradas que remetem às diferentes partes da composição total do teatro. Por exemplo, Rino Levi adotou um painel frontal em seu projeto de

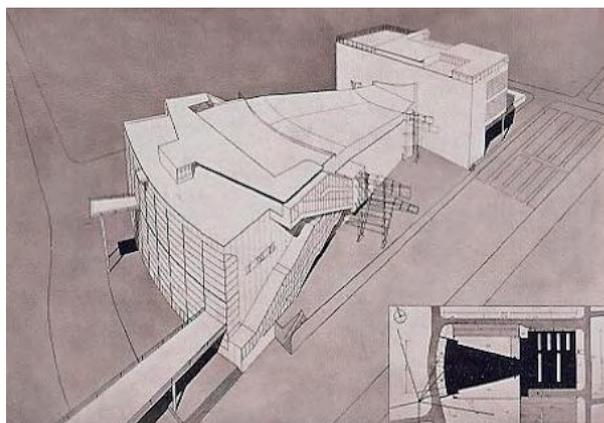
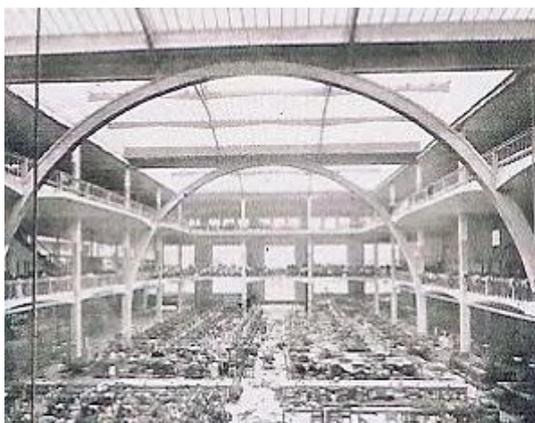


Fig 77 Referências literárias para arcos de concreto e teatro
esquerda Perret Factory in Paris Shows Light, August Perret fonte: revista Architectural Forum, junho 1952:
direita Projeto Teatro Attivo, 1930, Marcel Breuer fonte: livro Gli Elementi Dell' Architettura Funzionale

teatro em São Paulo. Marcel Breuer apresentou no livro sobre funcionalismo de Sartoris um teatro cuja forma externa seguia a forma do auditório, com rampas de acesso e Meister adotou rampas de acesso nas laterais do auditório, cobertas em função do clima chuvoso de Curitiba. Com as rampas Meister pretendeu também atender às normas de segurança propiciando rápida saída do público mas estas coberturas e uma rampa foram demolidas nos anos 90.

O saguão do teatro monumental, com pé-direito duplo e piso nobre em granito, tendo de um lado fechamento em vidro e do outro a abertura do balcão superior. Neste saguão foram localizadas duas escadas em espiral, de grande diâmetro, que propiciam o desfile social do ver e ser visto enquanto solucionam o acesso vertical entre os diferentes pisos do auditório. Há elevadores mas a maioria do público utiliza as escadas.

O tratamento acústico do teatro foi realizado com cuidado pelo autor, um

especialista no assunto. Os acabamentos em madeira, no teto e nas paredes, o revestimento das platéias, tapetes e cortinas foram escolhidos para realizar a correção acústica, propiciando um som audível de alta qualidade. Até hoje a correção eletrônica do som não convence o autor, que prefere trabalhar o melhor som natural possível.

Algumas das referências literárias sobre obras similares de teatro foram encontradas, como pode ser observado nas figuras 75, 76, 77 e 78. Estas referências, bem como as anteriores demonstram as pesquisas que Meister fazia na literatura dos anos 50 para adquirir o conhecimento necessário para fundamentar seus projetos.

Seu gosto pelas artes plásticas o levava a prever painéis artísticos em suas obras. Entre outros há o frontispício do Teatro Guaíra, executado por Poty, e o painel do saguão do centro Politécnico, que reveste toda a parede interna. Foi criado um painel no edifício Bamerindus da rua XV e foram previstos

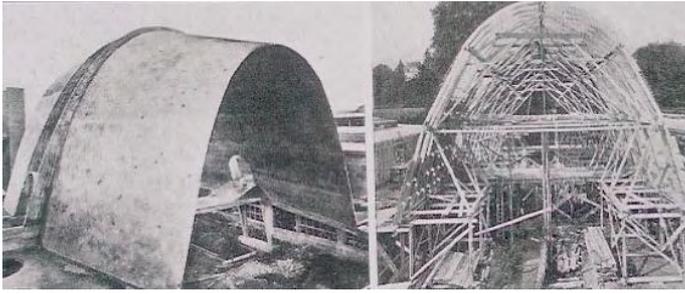


Fig 78 esquerda Exhibition Building fonte: revista Architectural Forum, dezembro 1949.
direita Teatro Guaira, lateral rua XV Novembro, foto autora 2001

painéis na Prefeitura, mas este, executado bem mais tarde, conta entre as decepções de Meister.

Meister é um intelectual e o seu aprendizado buscado nas leituras transparece nas suas composições arquitetônicas.

Por sua ação profissional liberal e acadêmica Meister é considerado hoje o introdutor do Movimento Moderno na arquitetura do Paraná e seus alunos foram os primeiros a estarem livres do classicismo que imperava até então.

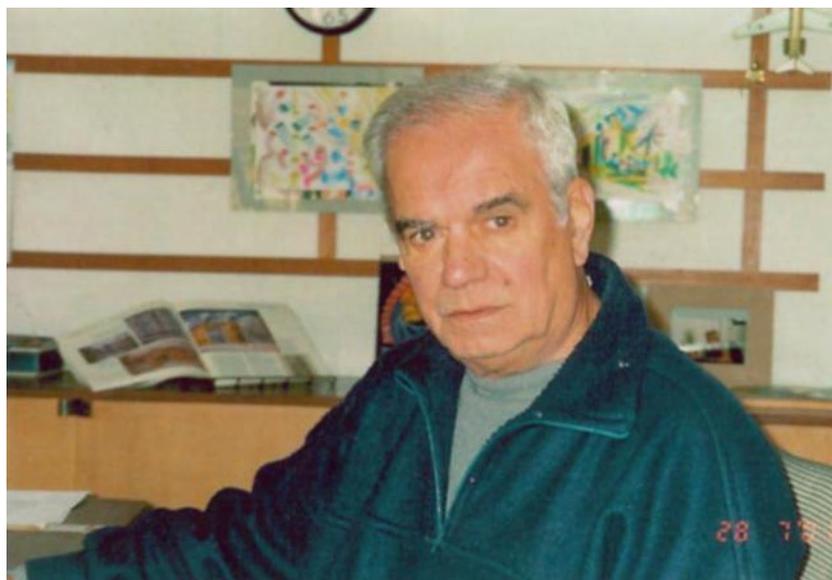


Fig 79 Romeu Paulo da Costa, 2001
foto autora 2001

ROMEU PAULO DA COSTA

O PROFISSIONAL ROMEU

Apresentando-se no Memória do Arquiteto, do IAB PR, em 26 Novembro de 1996, contava:

Vocês não me conhecem, sou Romeu Paulo da Costa, curitibano, nascido em 1924. Aqui cresci, estudei, me formei, casei, tive filhos, todos curitibanos. Fiz o curso primário no Colégio Bom Jesus, e na Escola Alemã, porque meu pai, por alguma razão, ao me matricular errou a porta e entrou na escola alemã, me inscreveu e fiz o curso primário lá, e cheguei a falar alemão, cheguei até a ser aluno muito bom, tanto que tenho amigos alemães, como o Meister e outros. Eu leio, falo, escrevo alemão.

Começou a trabalhar meninote, vindo de família realmente pobre.

Eu estava aprendendo desenho de móveis, na Oficina de Artes Mobiliárias chefiada por um

artista, Kurt Boiger. Fui atrás de melhoria salarial e o Meister, meu amigo que era desenhista nos Irmãos Thá, me levou e eu fui para lá como auxiliar, de aprendiz, onde fazia de tudo na seção técnica. Trabalhava como desenhista auxiliar e copista, fazendo as cópias heliográficas ao sol. Quando não havia sol, com dia nublado, não tinha cópia. Depois comecei a ir às obras fazer medições para projetos.

E ainda recordava mais adiante:

estudei engenharia civil por que ainda não existia o curso de arquitetura e os engenheiros por sua vocação, amor à arte e à arquitetura, iam desenhar. Por isso aprendi e estudava arquitetura paralelamente. Assim aprendi toda a história da arquitetura, desenho e a parte filosófica que acompanha.

Deste modo Romeu adquiriu conhecimentos arquitetônicos, apoiando-se em livros e revistas, muito interessado não só em arquitetura como também em artes plásticas, sobretudo pintura.

Formou-se em Engenharia Civil, pela Universidade Federal do Paraná, em 1948.

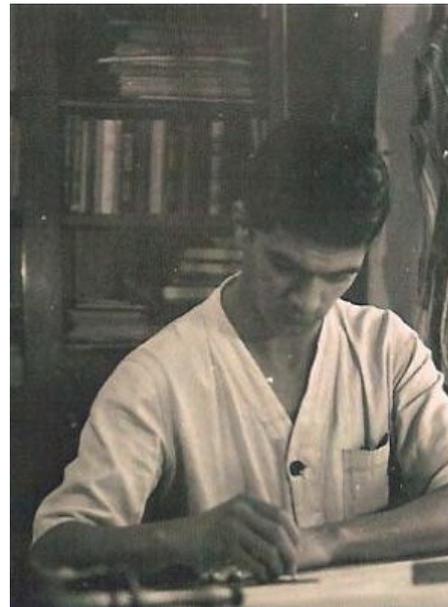


Fig 80 esquerda Romeu e Meister trabalhando nos Irmãos Thá, 1942
fonte arquivo Romeu P Costa
direita Romeu Paulo da Costa em seu escritório, anos 1950
fonte arquivo Romeu P Costa

Trabalhou muito tempo na Secretaria de Viação e Obras Públicas, SVOP, onde realizou projetos de escolas e outros, além de fiscalização de obras. Foi presidente da Comissão Especial da Obras do Teatro Guaira por longos anos, pois o teatro quase pronto incendiou-se e foi preciso reconstruí-lo. Na Secretaria aposentou-se nos anos 70 com um cargo de diretor.

Viajou muito, com a esposa, para a Europa e EUA, por conta própria e por lazer, sempre acompanhado da máquina fotográfica com a qual construiu um grande acervo de fotos com acentuado enfoque em arquitetura. Em 1960 foi para a França, onde ficou seis meses, para fazer especialização. Depois do curso realizou uma turnê cultural de quase dois meses pela Europa, o que lhe rendeu um considerável amadurecimento.

Para o exterior a primeira vez que viajamos foi para estudar, quando ganhei bolsa na França, em 1960, para especialização em acústica das construções e edificações escolares. Na França

aproveitei para esclarecer muita coisa de arquitetura, principalmente arquitetura escolar e desta forma voltei com uma boa carga teórica. Naquele tempo, (anos 50) só fiz viagens para a Argentina e o Uruguai. Fomos a Porto Alegre com os gaúchos (da família), Passo Fundo e depois fomos para a Argentina, e o Uruguai, um bom exemplo de arquitetura residencial, um colosso de qualidade. Em Buenos Aires foi mais a cidade, mais urbanismo do que arquitetura.

Foi professor na Escola de Engenharia da UFPR, desde 1948, na cadeira de arquitetura, a mesma de Rubens Meister, chegando a professor adjunto. Autodidata em arquitetura, uma opção assumida, lecionou arquitetura no curso de engenharia e construção no curso de arquitetura. Foi secretário na comissão de organização que criou o curso de arquitetura da Escola de Engenharia da UFPR. Pelas mesmas razões de Meister, não poder conciliar as posições de professor e aluno na mesma escola, não pode tirar as cadeiras que lhe dariam o diploma de



Fig 81 esquerda Panteão da Lapa, 1947, projeto Meister e Romeu
foto autora 1995
direita Residência Romeu P Costa, projeto próprio Rua Manaus(depois JJ Pedrosa),1954
fonte arquivo Romeu P Costa

arquiteto. Aposentou-se na UFPR também nos anos 70, depois de lecionar 37 anos.

Paralelamente às atividades da Universidade e da Secretaria de Obras desenvolveu inúmeros projetos arquitetônicos para iniciativa privada, em escritório próprio, onde realizou trabalhos para os mais diferentes usos, tendo realizado experiências até com pré-fabricação para residências em madeira. Trabalhou quase sem equipe, poucas vezes auxiliado por desenhistas, pois não gostava de conferir projetos, optando por elaborar, na maior parte das vezes, seus próprios desenhos, preferindo lápis sobre papel vegetal. Nos anos 1950 os órgãos públicos, tal como a Prefeitura, aceitavam projetos manuscritos. Habilidade com aquarelas, coloria perspectivas que era capaz de desenhar sem grande elaboração inicial e eram forte argumento de convencimento de idéias junto aos clientes. Desenhava perspectivas diretamente com lápis Conté sobre papel Fabriano.

Além de projetar para clientes de Curitiba, elaborou inúmeros projetos para o interior do estado, tanto para escolas, como para edifícios bancários e residências.

Entre diversas atividades profissionais correlatas foi conselheiro do CREA e duas vezes membro de diretoria do Instituto de Engenharia.

Foi a partir da literatura de arquitetura que se interessou em estudar línguas, dominando hoje inglês e francês, além de manter habilidade com o alemão aprendido na infância.

Foi deixando de fazer arquitetura nos anos 70, depois que se aposentou. Aos 78 anos, em 2002, continua interessado em arquitetura, embora não mais a exerça, lendo sempre os mais recentes periódicos profissionais. É encantado com as revistas modernas, como as brasileiras AU e Projeto, que lê e comenta todos os meses, impressionado com o alto padrão gráfico dos



A



B



C



D



E



F

Fig 82 Referências Literárias dos Primeiros Projetos de Romeu

A Edifício Perrone, 1945 fonte arquivo Romeu P Costa

B Edifício Perrone, 1945 foto autora 2001

C Immeuble Boulevard Montparnasse, Arq Elkouken. Fonte Encyclopédie Pratique Du Batiment et Des Travaux Publics, 1953.

D Museum of Modern Art, Arq. Louis Sullivan fonte: revista Architectural Forum, setembro, 1953

E Edifício Marumbi, 1945 foto autora 2001

F Edifício de Arturo J. Dubourg, Arq. Arturo J Dubourg fonte: revista Nuestra Arquitectura, junho, 1944

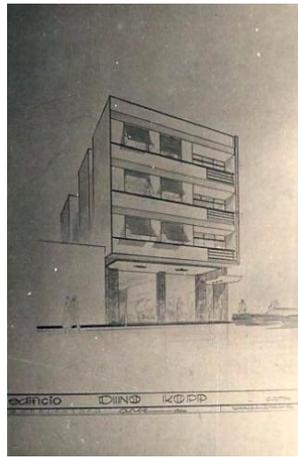
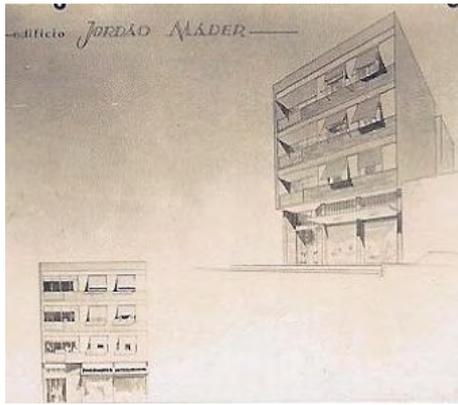


Fig 83 Pequenos Edifícios e Referência Literária
esquerda projeto edifício João Mader, anos 50 fonte arquivo Romeu P Costa
meio projeto Edifício Dino Kopp, anos 50 fonte arquivo Romeu P Costa
direita Habitação popular, A Magnaghi Delfino e M Terzaghi – 1939 fonte: SARTORIS, Alberto, *Introduzione alla Architettura Moderna*, 3ª edição, Ulrico Hoepli, Milano, 1949

dias atuais. Durante toda sua vida praticou artes plásticas, em pintura e fotografia, ganhando quando jovem alguns prêmios em exposições. Dedicou-se hoje, além do estudo de artes plásticas, à pintura abstrata. Participou de salões de artes mais recentes, nos anos 90 e ganhou outros prêmios, mas não tem, no entanto, nenhum interesse na comercialização de suas obras. Lendo filosofia de arte e estudando acervos de museus, continua a receber influências através de leituras.

Sua biblioteca dos anos 1950-60, iniciada em meados dos anos 1940, tem cerca de 80 volumes de arquitetura, além de livros de artes, incluindo técnicas de desenho e pintura, filosofia de arte e fotografia. Adquiriu ainda volumes de humanidades e filosofia, incluindo história, sociologia e psicologia. Isto sem falar em literatura em geral e no acervo de música, colecionando desde os discos de baquelite aos CDs modernos. Manteve sua coleção de revistas de arquitetura resumidas ao corpo principal, descartando toda a parte de

propagandas. Restaram, em 2001, cerca de doze caixas arquivos de extrato de revistas contendo os assuntos que mais o interessavam. Chegou ao ano 2002 com cerca de 3000 volumes diversos em casa. Hoje sua biblioteca sobre artes plásticas é maior do que foi sua biblioteca de arquitetura e continua adquirindo revistas e livros de artes plásticas. Eventualmente ainda assina revistas, como a *Art News* e *Art in América* e outras adquire avulsas.

LEITURAS DE ROMEU

Perguntado, na entrevista, sobre quais revistas e periódicos nacionais e importados lia nos anos 50, contou:

Quando os recursos permitiram fui comprando as revistas nacionais. Acrópole foi a primeira e a seguir vieram as revistas da Argentina, como a Nuestra Arquitectura. Depois apareceram as revistas americanas e francesas. A revista americana foi possível adquirir porque havia um



Fig 84 esquerda Edifício Maringá ,anos 1950 foto autora 2001
meio Edifício Maringá foto Romeu P Costa, 1955
direita Edifício João Sampaio ,anos 1950 fonte: arquivo Romeu P. Costa

vendedor de assinaturas em Curitiba e eram *Architectural Forum*, *Architectural Record* e *Progressive Architecture*.

Depois comecei a estudar revistas estrangeiras que traziam alguma coisa de novo, como Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Saarinen, Mies van der Rohe, Walther Gropius e sobre a Bauhaus, e também sobre aquele que fez uma boa cadeira, Marcel Breuer, lembro bem na cadeira dele, era um desenhista mais prático.

A mais simpática era a *Progressive* e a melhor de edição e tamanho era a *Architectural Forum*. E a revista que eu mais olhava e estudava era a *Architecture d'Aujourd'Hui*, que era uma revista mais de filosofia de arquitetura, como aparentemente são as européias, francesas e alemãs, não só de arquitetura construtiva, também revista de arte. Pega a revista francesa é uma coisa, pega revista americana é outra, os americanos são muito práticos e os franceses gostam muito de filosofia, de conversas, o que é muito bom também.

Depois de um certo tempo comecei a viajar e comprava em viagem. Tinha assinatura de algumas revistas americanas e a *L'Architecture d'Aujourd' Hui* era comprada em bancas.

Romeu faz uma avaliação desta literatura disponível:

A revista traz de tudo, uma miscelânea, há a parte de editoriais e de notícias, há a parte de projeto e a parte interna de filosofia e análise. Uma certa influência que tem sobre a vida profissional é a comunicação, a propaganda, muita coisa que você faz na vida vem através da propaganda de divulgação de materiais. Técnica vem através da propaganda, é ali que aprendemos muita coisa.

Livros eram comprados no Collares Marques:

*Livros era na Livraria Universitária, do Collares, que se comprava, e eu comprei muitos livros, ainda está aí a coleção. Ia na livraria, examinava os volumes com paciência e comprava, o Collares facilitava muito e eu era um freguês de caderno. O livro de começo básico era o Neufert e eu comprei também uma enciclopédia de arquitetura em francês, *Encyclopaedie Practique du Batiment et des Traveaux Publiques*, e os livros de teoria, que eu sempre gostei muito da teoria de arquitetura. Porque? Porque eu gosto de arte e arte tem que estudar a parte filosófica nos livros, porque os*

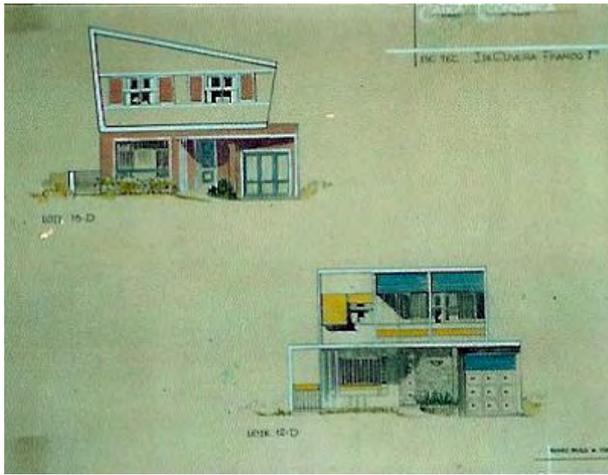


Fig 85 Projeto Residencial e Referência Literária

esquerda Projeto Residencial de Romeu fonte: arquivo Romeu P. Costa

direita acima Residência Av. João Dias SP, Arq. Rubens C Vianna, desenho fonte: revista Acrópole, nº 178, ano XV
 direita abaixo Residência no Alto de Pinheiros, SP Eng Civil E. Vidigal Pontes fonte: revista Acrópole, nº 185, ano XVI

professores não eram preparados. Não havia preparo naquela época, não sei hoje, não existia preparo especial dos professores na escola, sobre projeto, composição, não havia escola de arquitetura, todo mundo aprendia na prática e os que procuravam avançar estudavam através das revistas e livros. Começava nas revistas e continuava nos livros. Parece que continua até hoje, naquela época era difícil, não havia ciclos de palestras ,seminários, tinha que estudar só nos livros, revistas e na prática. As revistas brasileiras também ajudavam muito porque em São Paulo e Rio havia muito bons arquitetos que até hoje são considerados. Os livros dos anos 50 de arquitetura estão em casa, como você sabe. Das revistas, depois de ver o enorme volume que formavam, guardei só a parte principal que interessava, descartando a propaganda.

REFLEXÕES DE ROMEU

Em entrevista a Silviane Muller (2001), para uma dissertação de mestrado, confessou que apreciava a arquitetura brasileira, embora

considerasse o país como de difícil desenvolvimento. Pensava, no entanto, que era preciso acompanhar as tendências.

Como engenheiro formado e como arquiteto de coração, sempre digo, aliás, porque tenho uma arquiteta em casa e conversamos, que eu tenho como concepção que o arquiteto é o construtor. Nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, é o arquiteto que é o construtor, e não o engenheiro, que é quem faz cálculo estrutural, instalações hidráulicas, elétricas, etc, quem tem o nome nas placas, nas revistas, é o arquiteto, e isso para mim é insuperável, o arquiteto tem que ser o construtor, porque projetando e construindo ele sente o problema da edificação, tecnicamente, artisticamente, esteticamente. Mesmo que ele diga que não gosta da construção, como ele vai projetar? Ele faz arquitetura para quê? Para projetar a construção, do ponto de vista funcional, do desenho, estético, etc, Portanto, e essa é uma opinião minha, o arquiteto é que deve ser o construtor”.

Professores de arquitetura foram uma carência suprida pelas leituras:



Fig 86 Referência a F L Wright em Projeto Residencial
esquerda Residência João de Oliveira Franco, Projeto Romeu foto Romeu P Costa
direita Residência. Robie House, F L Wright, 1910 fonte: livro Built in Usa, 1945

Eu cursei engenharia, lá a parte referente à arquitetura era mais de construção e não de projeto. Não, tive nunca professores de arquitetura .

Sobre a influência das publicações pondera:

A revista não tinha um senso prático direto, como se imagina, vai na revista e aproveita para projeto de residências ou apartamentos . Não havia um aproveitamento prático direto e o que se fazia era estudar . Eu estudei muito Frank Lloyd Wright. O que se aproveitava era a revista que falava da Bauhaus, era a que tinha audiência maior, e grandes arquitetos mundiais, mas era um estudo teórico a depois a prática tinha que aprender direto nos escritórios.

Romeu tem idéias bem definidas acerca de quais arquitetos destas publicações eram seus favoritos:

O que veio ajudar muito o Brasil foi o Le Corbusier, que veio para fazer o Ministério da Educação e com isto trouxe também muito conhecimento na parte profissional, como interesse por insolação. O Brasil demorou a assimilar (essa arquitetura). Le Corbusier fazia uma arquitetura mais

racional, ele que veio (para o Brasil) e que fez, ele mudou a estética. Corbu veio com linhas simples, formas primárias, trouxe o pilotis. Hoje se fala muito do Niemeyer, que naquele tempo era estudante, ele trabalhava com nosso deão, nosso decano dos arquitetos brasileiros, o arquiteto básico do Brasil, da arquitetura moderna, Lúcio Costa, que era de formação francesa e trouxe o Le Corbusier.

Frank Lloyd Wright era mais estética, mas a arquitetura dele é romântica, e acho muito boa, com muito detalhe, só para a milionários.

Dos brasileiros e aqui residentes aprecio Rino Levi, para edifícios ele aproveitou bem as aulas de Le Corbusier e da Bauhaus, e é muito considerado pelos que conhecem arquitetura. Depois, na arquitetura domiciliar, era o Oswaldo Bratke, que fazia uma arquitetura residencial especial, com alguns exemplos aqui em Curitiba.

Gosto do paranaense Villanova Artigas, com o qual eu trabalhei um pouco porque ele fez projetos bem modernos para os parentes e irmãos, na rua Fontana, e eu fui encarregado de harmonizar com o código de obras de Curitiba, ele fazia pé-direito de 2,40. Obras muito boas, e o Villanova Artigas era daqui e fez muitas obras, como o Hospital São



Fig 87 Referência para Projeto de Edifício

Esquerda Edifício Banco Comercial do Paraná, desenho do autor fonte arquivo Romeu P Costa
Direita Edifício Sede da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil fonte: revista Acrópole nº 181, ano XVI

Lucas, bem na linha Le Corbusier. O arquiteto como pessoa era formidável, alegre, simples, sem confusão, trabalhou muito em São Paulo.

Sobre as bibliotecas disponíveis no início de sua carreira opina:

a escola de engenharia tinha uma biblioteca, digamos assim, gótica, não tinha nada, livro de arquitetura, então, zero. A Biblioteca Pública não existia, tive que fazer!

Viagens serviam sobretudo para estudar arquitetura

Naquela época a ligação era mais com o Rio de Janeiro, a capital, e com Brasília. Em cinquenta e pouco a gente já saía de excursão para Brasília em caravana, durante a construção.

O intercâmbio de idéias entre colegas também não era uma fonte de fácil acesso:

Conversar alguma coisa era com Meister com quem convivi por muitos anos, e ele era, e sempre foi, muito interessado, estudava e lia bastante. Conversas sobre arquitetura era nos escritórios particulares, onde é quase sempre que se trabalha, a conversa era pequena, se conversava

mais nos escritórios grandes, no começo nos Irmãos Thá, com o Meister.

Interrogado, pondera sobre a influência do Movimento Moderno sobre a produção arquitetônica local, em especial às suas obras:

Toda a parte estética, filosófica, técnica e prática foi através das revistas. Obtive informações somente através de revistas e viagens para São Paulo, para o Rio, observar exteriores. E só obtinha informações na revista e a parte filosófica nos livros, não era fácil.

A arquitetura que se fazia aqui em Curitiba era meio pós colonial ainda ,se adorava o barroco e aqui no sul havia a influência residencial da arquitetura alemã, uma influência germânica, com mansardas e aproveitamento do telhado, que se procurava adaptar às condições locais. Quem trouxe um pouco de influência foi mesmo a arquitetura da Argentina através de revista Nuestra Arquitectura, uma revista muito boa que trazia modelos de paradigmas que serviam para Curitiba.

Para Romeu, a fonte confiável de instrução eram realmente as leituras:



Fig 88 Outra Referência para Projeto do Banco Comercial
 esquerda Edifício Banco Comercial do Paraná foto autora 2001
 direita Edifício ABC, Arq Oswaldo Bratke
 fonte: Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo (separata revista Acrópole Nº 295/296)

Em qualquer revista ou livro eu leio tudo de ponta a ponta. Como diversão, como aprimoramento, como cultura e como leitura.

RELEITURAS DE ROMEU

A remanescente coleção de revistas de Romeu tem anotações e comentários escritos às margens, revelando o interesse com que eram lidas. O desenho arquitetônico foi aprendido na prática, mas o traçado de perspectivas sofreu influência das leituras, através das revistas argentinas, na qual eram encontrados muitos desenhos. Depois de ler revistas procurava aperfeiçoamento em livros, tendo aprendido pintura representativa de paisagens e figura humana, como é ensinado por Andrew Loomis, em *Ilustracion Creadora* e Eugene Clute, em *Drafting Room Practice*.

Foram as leituras que tornaram a obra de Romeu permeada do espírito modernista que captava na literatura e, mais tarde, em viagens. Embora acreditasse no preceito de

Sullivan “*forma segue a função*”, não o aplicava de maneira rígida. Para Romeu os componentes de volumetria, eixos de distribuição e soluções estéticas sempre foram conceitos importantes dos aspectos compositivos, dos quais não descuidava. Conforto e qualidade construtiva também ocupavam espaço importante em sua obra, além da coerência com o uso e modo de viver.

No início da carreira ao projetos de Romeu parecem remeter à Art-Déco. O **Edifício Perrone** (fig 82) e a fachada e revisão de projeto desenhados para o **Edifício Marumbi** (fig 82), estão entre os primeiros projetos, nos quais se vê nítido reflexo das revistas argentinas *Nuestra Arquitectura* e *Revista de Arquitectura*. O desenho das esquinas em curvas também podia ser encontrado na enciclopédia francesa e nos livros de arquitetura racionalista de Sartoris.(fig 82)

Porém Romeu logo sente a influência da literatura adquirida na Livraria Universitária e

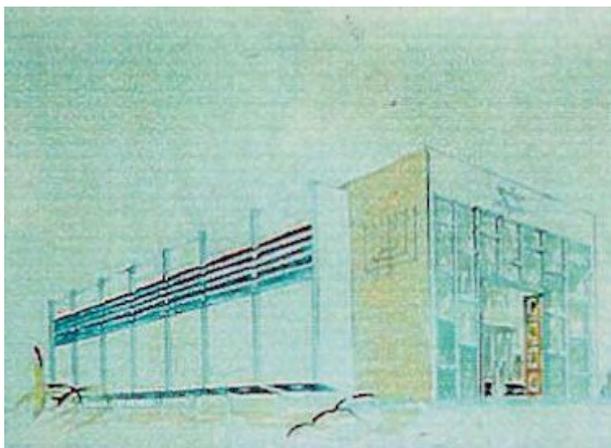


Fig 89 esquerda Projeto Sinagoga, anos 60, desenho do autor fonte: arquivo Romeu P. Costa
 direita acima Sinagoga, anos 60, fachada rua Cruz Machado foto autora 2001
 direita abaixo Sinagoga , anos 60, fachada lateral e rua Saldanha Marinho foto autora 2001

passa a projetar com inspiração do Movimento Moderno. Os diversos pequenos edifícios (fig 83) que projetou revelam influência racionalista, com o uso de formas simples ortogonais, com balcões, e janelas retas com persianas de enrolar, uma técnica bastante divulgada na Acrópole, nos projetos de Rino Levi.

Suas residências, tema que apreciava, eram consideradas confortáveis e funcionais pelos clientes (fig 85) A **residência João de Oliveira Franco** (fig 86) é uma nítida releitura da Robbie House de Frank Lloyd Wright, com o uso da cobertura de telhados como ponto importante na composição dos volumes.

Entre seus projetos há edifícios para habitação e escritórios de diferentes portes (fig 84) e também a **Sinagoga de Curitiba** (fig 89). Nesta são vistos igualmente os elementos que utilizava nas escolas, como formas retas e brises nas janelas corridas da lateral.

O edifício do **Banco Comercial do Paraná** (fig 87 e 88), situado na já citada rua

principal da época, Rua XV, foi projetado dentro da idéia de composição em três partes, base, corpo e coroamento, revelando influência da arquitetura paulista através da Acrópole. Base e coroamento procuram dar certa imponência e importância ao edifício bancário. O corpo central remete às esquadrias modernistas vistas anteriormente na figura 10. Este edifício está sendo preservado pelo IPPUC, que está exigindo a volta dos elementos originais, como a porta de ferro e vidro e o granito preto dos pilares externos.

Destaque especial deve ser dado aos **Grupos Escolares** (fig 90 a 94), outro dos temas da predileção de Romeu, cujos projetos introduziram novos conceitos nos edifícios para educação em Curitiba, através de projetos realizados para o governo. Quando retornou da França trouxe novas abordagens que pode aplicar em diferentes projetos, utilizando conceitos tais como clareza e luz natural controlada com o uso de parassóis (brises). Uma influência muito perceptível nos



A



B



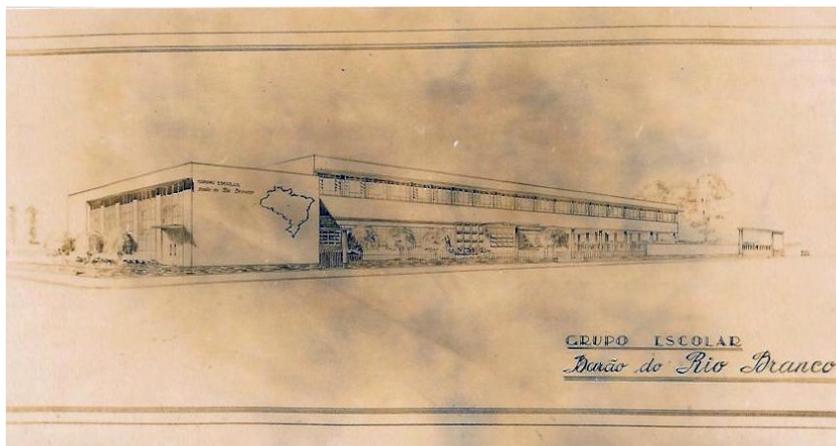
C



D

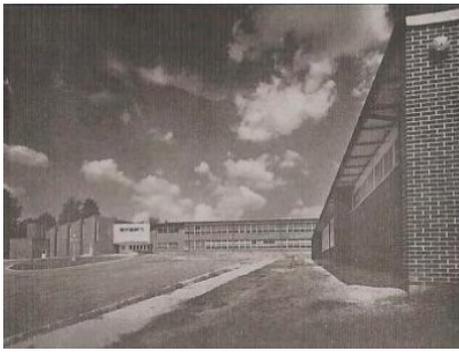


E

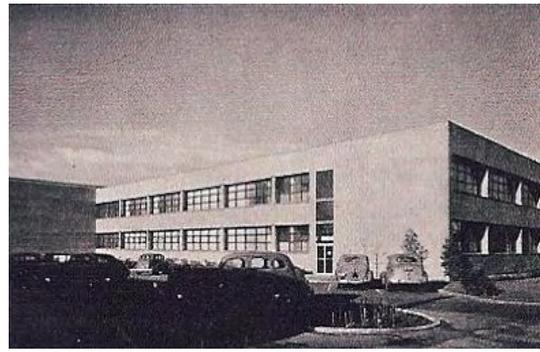


F

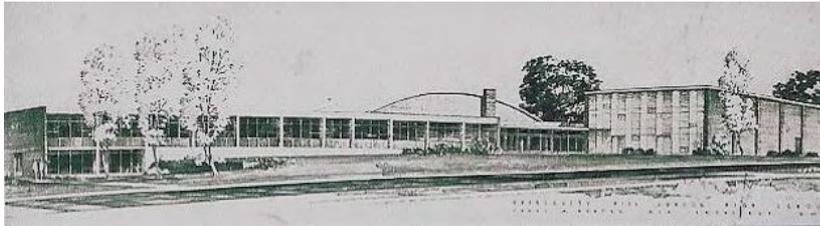
Fig 90 Grupo Escolar Barão do Rio Branco, anos 50/60
 A Detalhe da Fachada Rua Alferes Polli Foto Romeu P Costa
 B Fachada, vista esquina, Foto autora 2001
 C Entrada principal , anos 50/60 Foto Romeu P Costa
 D Detalhe janelas, anos 50/60 Foto Romeu P Costa
 E Detalhe entrada atual Foto autora 2001
 F Perspectiva do autor , anos 50/60 Arquivos Romeu P Costa



A



B



C



D



E



F



G



H

Fig 91 Referencias literárias de edificios escolares apreendidas por Romeu

- A Sawtooth auditorium, Peason, Tittle, e Narws Architects fonte: revista Architectural Forum, agosto 1953
- B City Hall, Franklin & Kump and Associates, 1941 fonte: GOODWIN, Philip, "Build in Usa since 1932", New York,.
- C University Hill Junior High Scholl, James. M. Hunter fonte: revista Progressive Architecture, janeiro, 1953
- D Frederick Douglass Stubbs Elementary School, Victorine & Samuel Homsey fonte: revista Progressive Architecture, janeiro, 1953
- E Primary School for the Tarrytowns, Rober tA Green fonte: revista Progressive Architecture, janeiro, 1953
- F Experimental School, Richard J. Neutra, 1935 fonte: GOODWIN, Philip, "Build in Usa since 1932", New York
- G Scuole Comunali, André Lurçat fonte: SARTORIS, Alberto, Introduzione alla Architettura Moderna, 3ª edição, Ulrico Hoepli, Milano, 1949
- H Warehouse and offices for Philco, John S. Cromelin fonte: revista Architectural Record, agosto, 1953

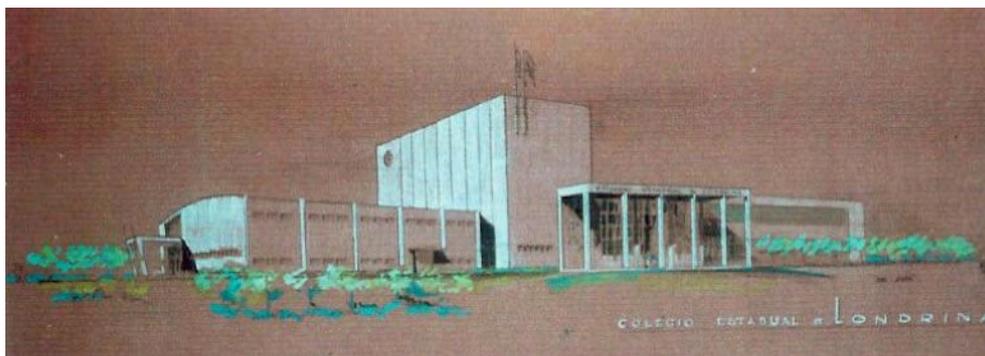


Fig 92 Projeto Colégio Estadual de Londrina , desenho do autor , anos 1950 fonte: arquivos Romeu P. Costa

grupos escolares vinha das revistas americanas, Architectural Forum, Architectural Record e Progressive Architecture. A volumetria era simples, até porque a maioria era edifício de pequeno porte, partindo de uma forma ortogonal. Utilizava, além dos brises, janelas contínuas, com a modulação evidenciada. Marcava sempre a entrada com um elemento de destaque, como uma marquise, à qual acrescentava algum elemento diferenciado nas aberturas de portas e janelas. Realizou diversos destes projetos escolares para a capital, interior e também para a Universidade de Londrina .

O grande projeto de Romeu é a **Biblioteca Pública do Paraná, BPP**, (fig 95 a 98), de 1953, integrante das edificações comemorativas do Centenário do Paraná. O convite para elaborar este projeto foi devido a Romeu ter vencido, pouco tempo antes, um concurso público para o projeto da Biblioteca Pública de Curitiba, que não foi construída mas

o qualificou, aos 26 anos, para projetar a Biblioteca Pública do Paraná.

Ao longo dos quase 50 anos de existência a BPP teve acentuado seu caráter de monumento e ponto referencial da cidade. Está situada em uma área super urbana, "core" central, a poucos metros do marco zero de Curitiba. Em terreno exíguo, com pequena área livre anexa ao espaço público, a BPP parece afogada entre edifícios de porte mais alto da cidade que cresceu muito ao longo do tempo em verticalidade. O entorno mudou a relação espacial, que era de um edifício grande em um entorno modesto, para um edifício pequeno em um entorno de edifícios altos, mas ainda assim a BPP abre um espaço diferenciado no atual centro urbano de Curitiba.

Com a projeção da construção ocupando 86,90 x 24,50 metros, seu terreno é exíguo. A área total construída tem hoje de cerca de dez mil metros quadrados, incluídos os mezaninos recém adicionados nos anos 90. Com exceção do acesso de serviços nos



Fig 93 esquerda Grupo Escolar Hidelbrando de Araújo foto autora 2001
direita Grupo Escolar Ribeiro de Macedo foto autora 2001

fundos, toda a área não ocupada do terreno foi integrada às calçadas públicas. Apesar de localizada entre três ruas, com três lados sem vizinhos, a BPP teve sua visibilidade prejudicada pelo entorno, sendo bem visível somente nos dois sentidos da rua da frente principal. Atualmente existe um jardim com palmeiras altas que prejudicam ainda mais a percepção de presença do edifício e sua visibilidade. Palmeiras, embora existentes em diversos pontos da cidade, não combinam com o clima nada tropical da mesma e provocaram em Romeu o comentário de que “*agora é a biblioteca de Miami*”. Outros equipamentos urbanos, como estação tubo de ônibus, banca de jornais, e telefones públicos, sobrecarregaram ainda mais a calçada do entorno, já de pequenas dimensões. O piso da calçada, de pedras, foi desenhado por Romeu e ainda se mantém. Como se pode ver pela perspectiva original, estava previsto no projeto um jardim baixo, dando destaque à edificação.

A BPP possui acesso em rampas, um elemento característico do movimento moderno, na fachada principal, vindas de dois lados, além do acesso de uma escada principal centralizada. A adequação aos deficientes físicos, em 1990, foi cumprida com facilidade, com o acréscimo de corrimãos que no entanto prejudicaram a pureza visual das rampas.

A volumetria na BBP é composta pelo volume central de maior porte ladeado por dois menores em torno de um eixo central que estabelece simetria. Como se pode observar no estudo de Bruno Werner Metzler F^o, (Fig 98) diferentes eixos que estabeleceram os espaços foram dispostos nos sentidos longitudinal e transversal, tendo sido estabelecida uma modulação de quatro metros nos dois sentidos, mantida com um raro sucesso. A distribuição destes eixos revela certa influência paladiana e dos livros de Le Corbusier. As alturas dos pavimentos são especiais, para atender ao requisito de monumentalidade, sendo 6,50 metros no térreo e 4,60 metros nos pavimentos.

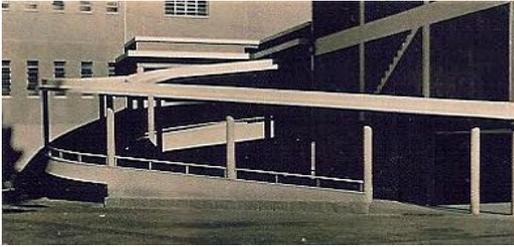


Fig 94 esquerda acima Grupo Escolar Pietro Martinez, anos 50/60 foto autora 2001
esquerda abaixo Rampa interna do grupo escolar Pietro Martinez, anos 50/60 foto Romeu P Costa
direita Grupo Escolar Pietro Martinez, anos 50/60 foto Romeu P Costa

Foram estas dimensões que permitiram a implantação dos mezaninos quando se cogitou da ampliação do edifício.

A construção acelerada excluiu alguns elementos do projeto original, como os brises horizontais previstos entre as aletas verticais, como também não foram executados os painéis artísticos previstos nos volumes laterais.

Internamente, a característica mais especial da BPP é que foi concebida, e se mantém até hoje, como biblioteca de livre acesso, isto é, o leitor pode escolher livremente livros nas estantes, o que dá uma grande acessibilidade ao edifício uma vez que os leitores podem circular livremente por todas salas. O core principal é um saguão de grande porte, que estabelece a centralidade, a partir do qual são distribuídos os demais espaços, incluindo a circulação vertical. Os espaços da BPP são fluidos, integrados também ao longo de um eixo longitudinal, de onde são acessadas as demais salas. O zoneamento dos usos previu áreas de uso mais intensivo no térreo,

diminuindo o fluxo de público ao subir. Serviços foram localizados no subsolo. Em cada pavimento um bloco de serviços hidráulicos está concentrado junto aos acessos, liberando todo o restante dos pavimento para salas de usos dos acervos.

Estas grande salas, com até 400 m², livres, foram construídas em concreto, com materiais e técnicas já em uso nos anos 50, procurando um visual muito limpo, nas quais colunas internas distribuem a sustentação dos vãos maiores. O revestimento externo deveria ser em mármore branco, mas a crise econômica obrigou a substituição deste por pastilhas e massa, denominada Travertino Kampmann, assemelhada ao grafiato atual. Estavam previstos no projeto original mais dois pavimentos, sendo fundações e estruturas construídas para tal, como também foi concluída a escada que levaria ao quarto andar. Nos anos 90 foram incluídos mezaninos metálicos, visando otimizar o aproveitamento do espaço já existente, com a utilização de

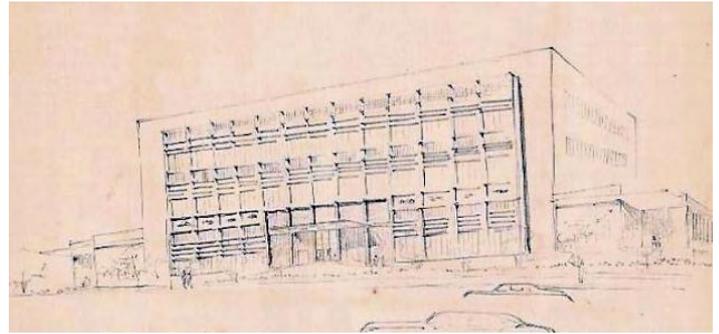
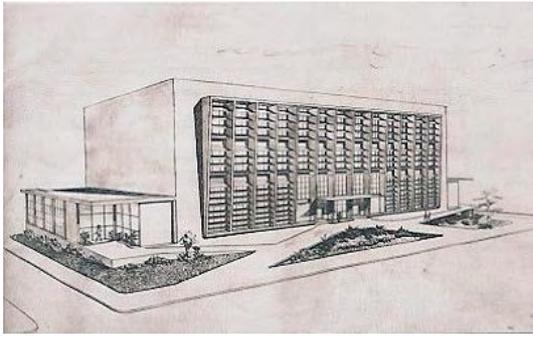


Fig 95 esquerda Perspectiva do projeto definitivo da Biblioteca Pública do Paraná , desenho do autor
 fonte: arquivos Romeu P. Costa
 direita Perspectiva do estudo inicial da Biblioteca Pública do Paraná, 1952 , croquis do autor
 fonte: arquivos Romeu P. Costa

elementos sobrepostos que não interferem na construção original. Aparentemente, não está mais cogitada ampliação destes pavimentos previstos, devido sobretudo às dificuldades operacionais construtivas.

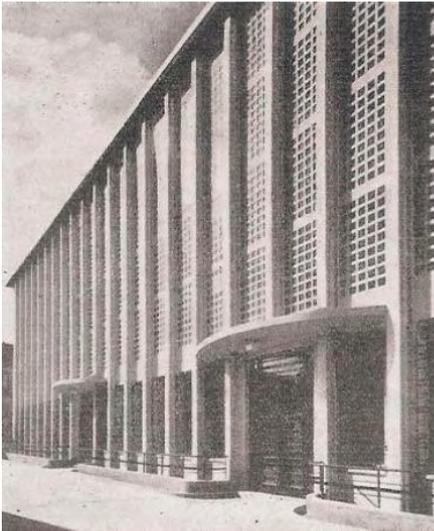
Na procura das referências literárias para o projeto da BPP foi encontrado o livro especializado de Pasquale Carbonara, italiano, titulado *Edifici per la Cultura, Biblioteche*.

Deste livro foi destacado o exemplo da biblioteca da Universidade de Roma, onde colunas sustentam um grande pé-direito , como nas salas maiores da BPP. No mesmo livro, a fachada da *Memorial Library do MIT, Cambridge*, mostrava uma estrutura ritmada externa, que também podia ser vista na Biblioteca de Versailles, que por sua vez podia ser encontrada também na francesa *Encyclopedie du Batiment*.

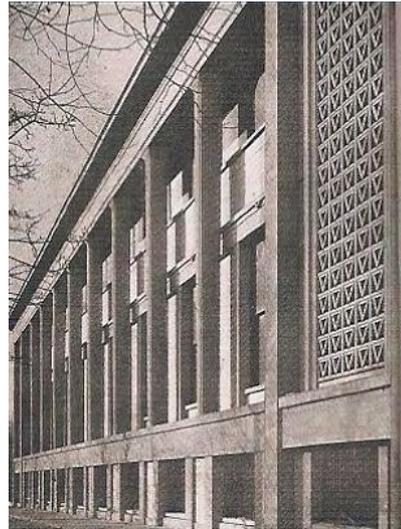
Na revista *Arquitetura de Hoy* foi encontrado um artigo sobre Auguste Perret, com a publicação de outra obra com a fachada

de pilares ritmados. Perret certamente não era um modernista, mas o artigo seguinte da mesma revista era assinado por Le Corbusier, onde este expressa grande admiração pelo mestre. A referência de um líder muito respeitado do Movimento Moderno deve ter chamado a atenção do jovem que buscava conhecimentos de arquitetura, daí porque o artigo de Perret ter sido cuidadosamente estudado e marcado. As lições de Perret para os aspectos monumentais levaram à releitura dos mesmos na fachada da BPP, com acentuação das verticais por aletas, mas estas deviam ser utilizadas como elementos de sustentação de brises.

O exame de obra de Romeu deixa perceber que aprendia as lições procuradas em revistas e livros e apresentava soluções compatíveis com o Movimento Moderno de forma até certo ponto intuitiva, misturada à intelectualidade adquirida nas leituras. Captava a essência arquitetônica de modo artístico, respeitava e conhecia técnicas e teorias mas



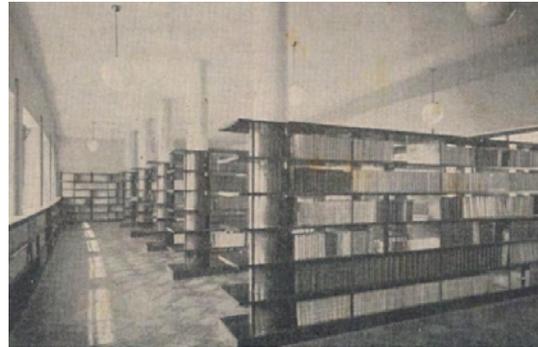
A



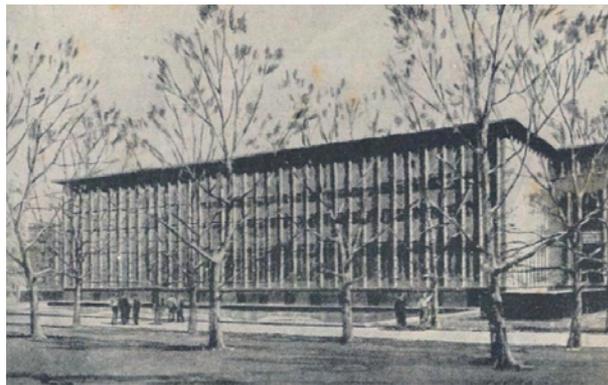
B



C



D



E

Fig 96 Referencias literárias de bibliotecas

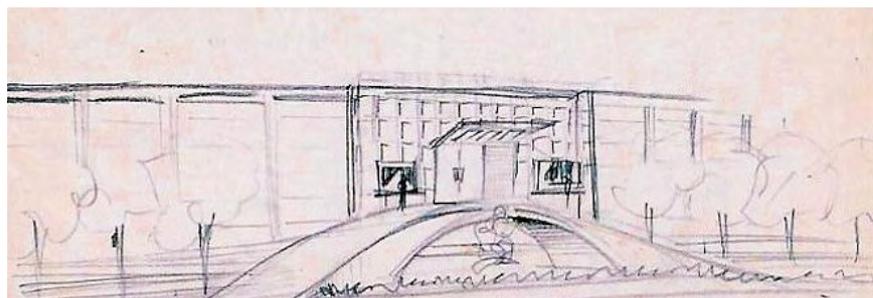
A Annexe de la Bibliothèque Nationale à Versailles, projeto Roux-Spitz
 fonte Encyclopédie Pratique Du Batimentet Des Travaux Publics, 1953.

B Facultad de Ciencias Exatas, Físicas y Naturales, projeto Augusto Perret
 fonte: revista La Arquitectura de Hoy: - Version Castellana de L'Architecture , 1947

C Hotel Lawton, projeto Paul Harris fonte: revista Progressive Architecture, janeiro, 1952

D La Biblioteca dell' Instituto di Botanica all' Università di Roma, projeto G. Capponi
 fonte: PASQUALE Carbonare. *Edifce Per La Cultura*. Milano: Antônio Vallardi, 1947.

E Prospetto Nord dell' Hayden Memorial Library del M.I.T. di Cambridge, Arq Vooches, Walker, Foley e Smith
 fonte: PASQUALE Carbonare. *Edifce Per La Cultura*. Milano: Antônio Vallardi, 1947.



A



B



C

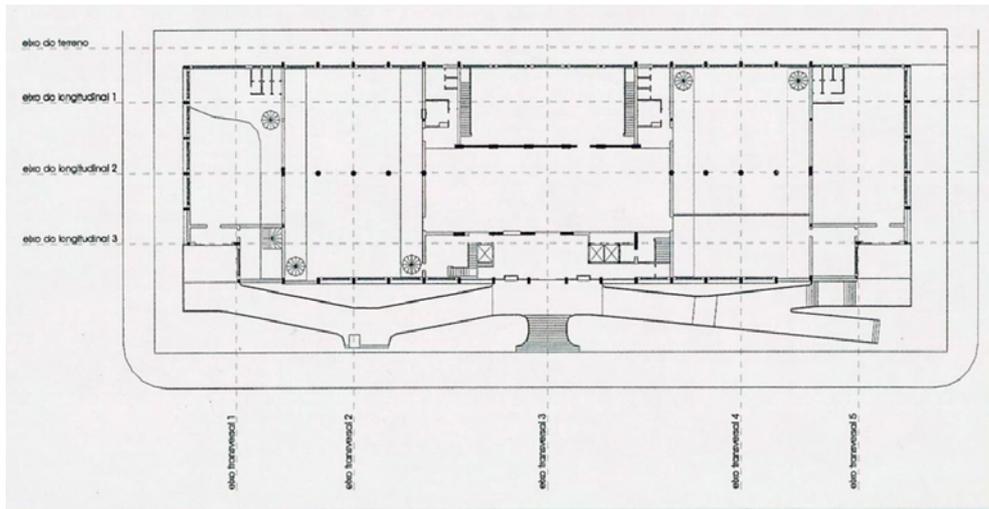


D

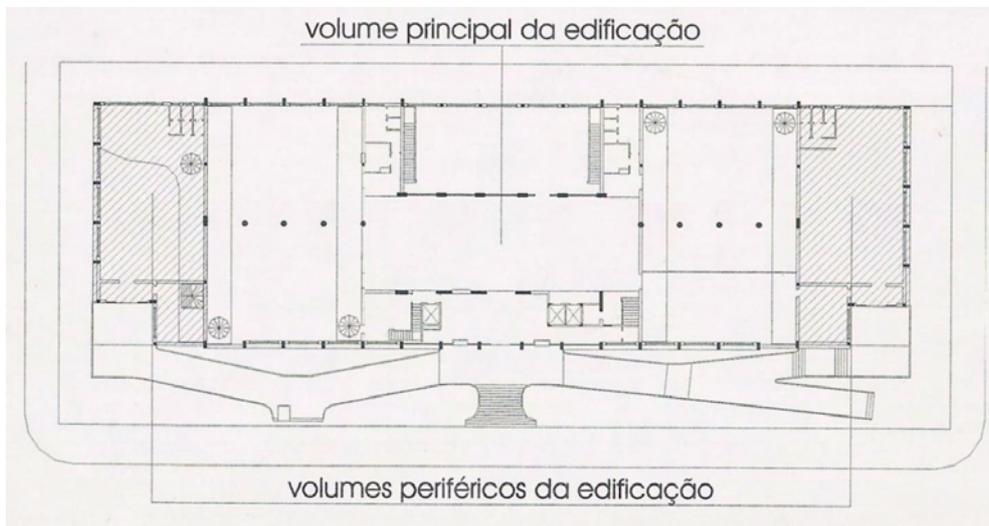


E

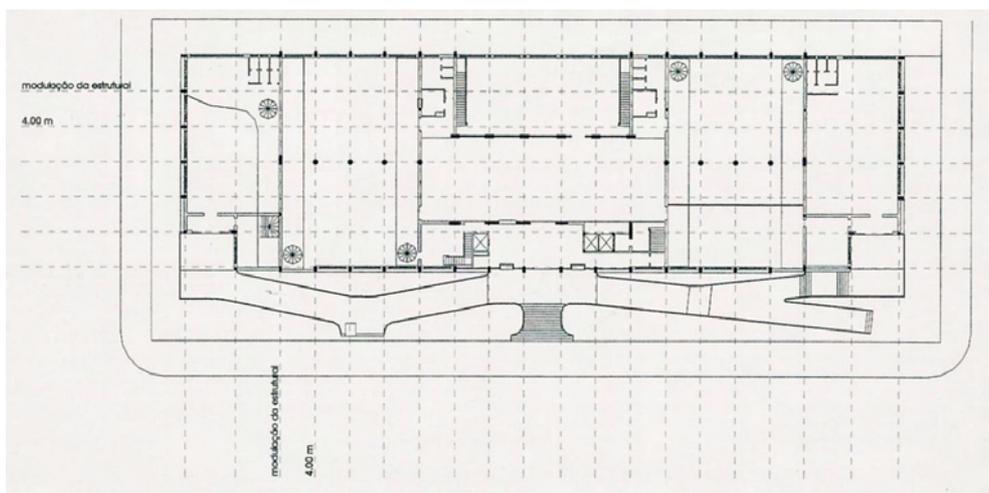
Fig 97 Biblioteca Pública do Paraná,
 A Estudo do acesso principal, fachada rua Ermelindo Leão, croquis do autor
 fonte: arquivos Romeu P. Costa
 B Biblioteca Pública do Paraná, fachada rua Cândido. Lopes, 1953
 fonte Revista Paraná ano III nº 5 - abril - dezembro 1954
 C Fachada rua Cândido Lopes, 2001 foto autora 2001
 D Fachada rua Cândido Lopes, 1953, rampas fonte arquivos Romeu P Costa
 E Fachada rua Ermilino de Leão Jr: foto autora 2001
 F Fachada rua Dr Muricy foto autora 2001



eixos principais



volumetria



modulação

Fig 98 Biblioteca Pública do Paraná, estudos compositivos
 acima composição geométrica do edifício
 meio eixos principais

abaixo modulação estrutural
 fonte: Metzler Filho, Bruno Werner, *Biblioteca Pública do Paraná: Uma análise da arquitetura*, 2000, Curitiba,
 Monografia, PROPARG – PUC-PR



Fig 99 Biblioteca Pública do Paraná,
esquerda fachada fonte acervo Romeu P. Costa
direita entrada principal foto autora 2001

não se concentrava nas mesmas, exercendo sua criatividade com liberdade. Além disso não se desvinculava da construção, pois pensava que era da mesma que resultava a arquitetura real, considerando o projeto uma representação de intenções. Um catálogo completo das obras de Romeu ainda não foi elaborado.

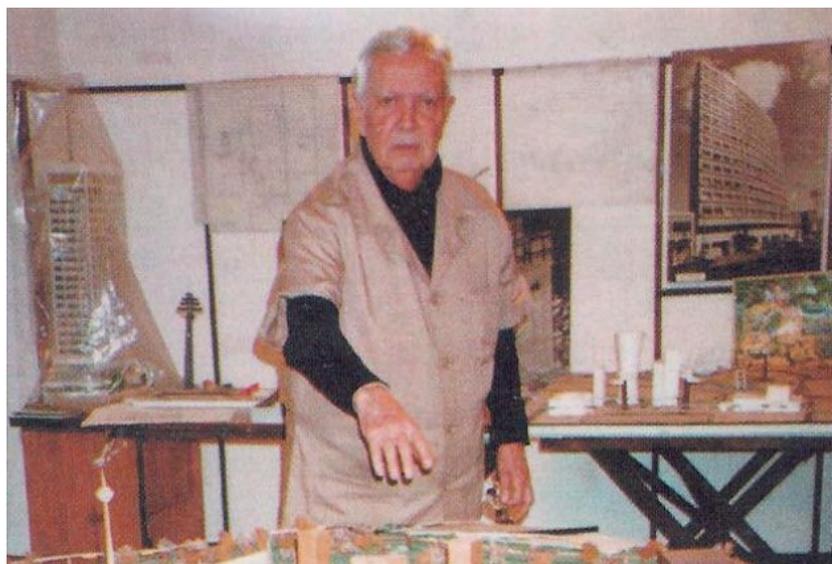


Fig 100 Elgson em seu escritório
fonte Jornal do Instituto de Engenheiros do Paraná - nº 562 - setembro 2001

ELGSON RIBEIRO GOMES

O PROFISSIONAL ELGSON

Nascido em 1922 em Santa Catarina, Elgson mudou-se para Curitiba para estudar. Com poucos recursos, começou a trabalhar aos 18 anos como apontador de obras, ao mesmo tempo em que iniciava o curso de engenharia da UFPR.

Descobriu nesta época as aquarelas e os desenhos de Carlo Barontini, de quem se aproximou e com quem depois trabalhou por algum tempo. Na escola de engenharia encontrou o professor Chaves, a quem deve uma inspiração para exercer arquitetura. Contou em 1995, no Memória do Arquiteto:

Havia um personagem diferente que lecionava matéria de arquitetura do quinto ano, de nome Chaves, uma pessoa fascinante, fisicamente baixo, corcunda devido a uma queda de infância, mas que falava diferente dos outros professores. Buscava transmitir uma visão global, que eu talvez possa resumir com a expressão entre poética e

humanística, dentro de uma visão global onde inseria as funções da própria vida, suas necessidades básicas e o conceito de estética das proporções, da beleza e da natureza como um todo, e também das cores e do equilíbrio ético entre o mundo dos homens e o mundo da flora e fauna. Creio que comecei a engatinhar para arquitetura efetivamente a partir deste estímulo, até mais por ordem cultural e espiritual do que no exercício da arte de projetar propriamente dita.

Eu saía do quarto ano para assistir aulas do Chaves no quinto ano, mas depois quando cheguei ele já tinha morrido, acho que fui o único que teve essa convivência relativa com o professor Chaves. Quando entrei no quinto ano o engenheiro Rafael Assunção tinha assumido a cadeira.

Assim recordou, na entrevista, seus primeiros tempos de Curitiba,

Curitiba no período de 1940 a 45 era uma cidade muito pequena, muito isolada inclusive do resto do país, mas que atraía estudantes de fora tendo em vista a facilidade de acesso ao vestibular. Era uma escola paga aonde tínhamos que entrar e depois não sair, pois a escola se mantinha pelas mensalidades. Dentro deste panorama surgiu um



Fig 101 esquerda Elgson Ribeiro Gomes e Adolf Franz Heep fonte: Dudeque, Irã Taborda, *Espirais de Madeira* São Paulo, Estúdio Nobel, 2001
direita Edifício Itália, F Heep fonte: revista Acrópole 210, abril 1956

estudante, que muitos ainda se lembram, que tinha a alcunha de Conde de Salamanca, mas que todos chamavam de Perinha por ostentar um cavanhaque, muito ridículo por sinal. O importante para mim foi que ele me levou à sua pensão para mostrar desenhos e fotografias de estudos urbanísticos, ele tinha vindo de Belo Horizonte, e também fotos do Ministério de Educação no Rio de Janeiro e da Escola de Arquitetura daquela época. Ele também pronunciou uns nomes estranhos na época, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Le Corbu. Em 1943, estes nomes me deixaram muito curioso e, vendo assim em clima de memória, posso dizer que me instigaram subjetivamente mais do que qualquer coisa naquela época,

Foi nesta ocasião que tomou conhecimento de outros trabalhos brasileiros:

Eu tinha 23 anos e Niemeyer tem 15 anos mais do que eu, tinha 38 anos. O primeiro personagem foi então Oscar Niemeyer. Lúcio Costa entrou depois, mais pela convivência com Heep. O Heep foi colega de Corbu e conheceu Lúcio Costa em Paris. Oscar Niemeyer era desenhista de Lúcio Costa. Brasília foi feita depois, Pampulha e outros (projetos) vieram depois.

As residências da rua Fontana de João Vilanova Artiga já estavam prontas em 45, ou sendo terminadas, o projeto do (Hospital) São Lucas, em 1947, estava inaugurando uma nova época, mas nós tivemos que realizar nosso projeto final da cadeira de arquitetura, em 1945, no estilo determinado pelo professor Assunção, do renascimento italiano ou francês.

Dalton Vidotti (1994) também identificou que Elgson estabeleceu um início para sua vontade de caminhar por uma trajetória de arquiteto, quando o ouviu relatando,

... muito tempo se passou desde a década de 40, e lembro-me que, quando alguns dos meus desenhos despontavam, me dei conta, creio pela primeira vez, de que algo diverso estava acontecendo lá fora, como o novo Ministério da Educação do Rio, etc., e de que havia um movimento profundo em curso, que necessitava ser analisado antes de se pretender um desempenho adequado e, ou, conseqüente ...

Tendo concluído engenharia em 1945, não se deu por satisfeito com a formação obtida para exercer arquitetura e foi para São Paulo estudar novamente, apoiando-se na intenção

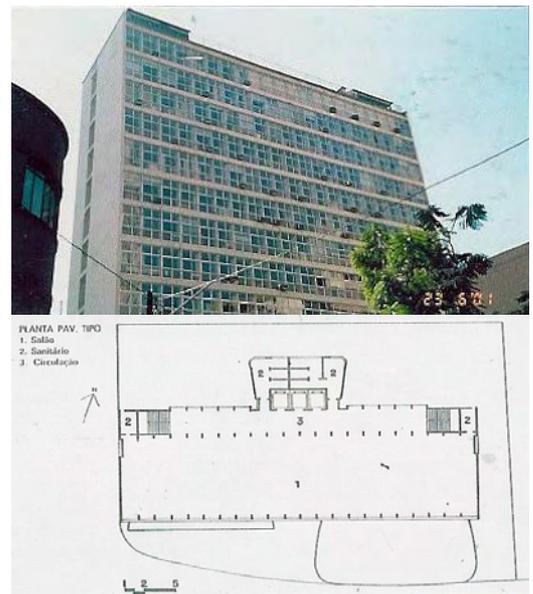


Fig 102 esquerda e direita acima Edifício Souza Naves-IPASE, 1953, co-autoria Franz Heep foto autora 2001
direita abaixo planta pavimento tipo Ed Souza Naves, fonte: Xavier A, *Arquitetura Moderna em Curitiba*

de trabalhar com Vilanova Artigas, em 1946. Não deu certo porque, coincidindo com a chegada de Elgson, Artigas ficou fora do país por algum tempo. Elgson foi então trabalhar em uma construtora e matriculou-se na Faculdade Mackenzie, no curso de arquitetura. Suas aventuras paulistas duraram cerca de catorze anos e o curso de arquitetura nove. Trabalhou muito, estudou quando pôde e acabou conseguindo o diploma de arquiteto. Foi muito difícil e houve ocasiões em que foi até colocado contra a parede pela empresa “*ou bem trabalha, ou bem estuda, isto é uma empresa*”. Pediu demissão.

Trabalhou de modo estável com o arquiteto Franz Heep, alemão radicado em São Paulo, autor do Edifício Itália (fig 101), na mesma cidade, com quem fez mais tarde diversas parcerias que resultaram em projetos paranaenses, como o edifício Mapi de Caiobá (fig 103), e o IPASE (fig 102).

Retornou a Curitiba em meados de 1959 por necessidades familiares e motivado pela

oferta de trabalho de Osman Pierri, que desejava projetos de edifício com ótimos e pequenos apartamentos. Desconfiado de suas possibilidades manteve casa montada em São Paulo até se estabilizar em Curitiba. Além de projetos de edifícios em geral começou a trabalhar nas áreas de arquitetura hospitalar e campus universitário. Fez inúmeras viagens para pesquisar temas hospitalares e integrou-se como professor do novo curso de arquitetura da Universidade Federal do Paraná.

Embora tenha procurado conhecimentos preferencialmente em escolas mais do que em leituras, Elgson apoiava-se também em livros e revistas, conforme relatou. Sua biblioteca atual não dispõe de muito volumes dos anos 50, sendo mais completa para os anos seguintes, contando com muitos volumes para o assunto específico de hospitais. Mesmo assim a literatura que mais lia nos anos 50, era semelhante a dos demais protagonistas desta pesquisa. Talvez sem se dar conta, sempre valorizou a comunicação escrita. Foi o único



Fig 103 esquerda Edifício Mapi, Caiobá, co-autoria F Heep fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000
direita Edifício Alvorada, 1961 foto autora 2001

professor dos inícios do curso de arquitetura da federal da UFPR a preparar apostilas para os alunos, tentando fazer com que entendessem a necessidade de leituras. A evolução dos seus caminhos e a maturidade alcançada o levou a ser um pensador e a ser escritor como consequência. Hoje tem livros sendo escritos e muitas publicações já realizadas, como mencionado adiante, nas páginas 152 e 154.

Depois do Edifício América realizado em torno de 1960, projetou mais de 140 edifícios em Curitiba, aproveitando ao máximo a experiência paulista que lhe permitia avaliar e aproveitar tudo o que um lote e a legislação permitiam, otimizando soluções que agradavam aos empresários, mas mantendo um consciente respeito pela arquitetura como musa. Criando uma arquitetura destinada ao uso de todos através de atividades comerciais de compra e venda de imóveis, Elgson nunca deixava de atender aos bons padrões de habitabilidade, criando espaços de qualidade, para qualquer dimensão ou faixa de renda.

O curso de engenharia lhe valia de sólida base técnica mas, tendo estudado numa escola de arquitetura, tinha intimidade com os arquitetos nacionais e estrangeiros, bem como com as diversas tendências e movimentos arquitetônicos, sobre os quais discorre com facilidade até hoje.

Viajou muito, com o objetivo de aprender mais :

Minhas viagens foram um enriquecimento, visitava bibliotecas e museus em toda parte: Suécia, Canadá, Ásia, Paris. Não morei fora mas estava sempre viajando e sempre sistematicamente eu estava aprendendo.

Dentre suas inúmeras atividades correlatas foi conselheiro em diversas comissões de educação.

Beirando, no ano 2001, seus 80 anos Elgson mantém-se em atividade e ainda hoje sustenta seu escritório com uma equipe de estagiários, onde desenvolve o que ele chama de “*minha herança para o futuro*”, com propostas arrojadas de edifícios e soluções urbanas. Como arquiteto muito pés no chão



Fig104 esquerda Planta do Pavimento Tipo Edifício Itália fonte: Xavier, A, *Arquitetura Moderna em Curitiba* direita Edifício Itália, 1961 foto autora 2001

que sempre foi, Elgson permite-se hoje vôos altíssimos.

Em entrevista ao IEP, declarava, com seu característico bom humor:

“Meu hobby é meu trabalho, é o meu dia-a-dia”, confessa o engenheiro e arquiteto, enquanto circula, passos rápidos e gestos apressados, pelo interior do seu escritório, um casarão num enorme terreno no bairro Juvevê, vizinho do Ippuc. “Hoje sou cliente de mim mesmo, encomendo-me projetos que julgo importantes oferecer à comunidade, como soluções para grandes espaços públicos, trânsito e reciclagem de prédios antigos. Mas pode dizer, também, que, tenho dez carros velhos, 25 chapéus, 12 sobretudos e uma coleção de 10.000 slides de hospitais da Europa”.

Suas idéias atuais vêem Curitiba como um grande parque temático, com revitalização de áreas centrais, metrô elevado e uma cidade satélite, todas expressas em projetos, desenhos e maquetes, á espera de despertar o interesse de empresários da iniciativa privada.

Elgson sempre valorizou muito sua equipe, tendo uma atitude de gratidão e carinho

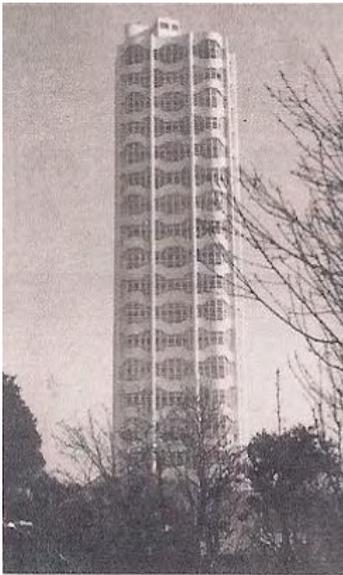
aos que participam do seu escritório. Incentivador, criou uma fundação para auxiliar pessoas que precisem de projetos, mas não podem pagar por eles, ou que precisem de auxílio para que se desenvolvam como arquitetos.

Sabendo disto, eu criei um instituto de projetos para ajudar pessoas com menos recursos na educação e profissionalização, para os trabalhos de teses e livros.

LEITURAS DE ELGSON

Para finalizar o curso de engenharia Elgson escolheu como tema fazer o projeto de um Palácio de Governo e como terreno escolheu o Alto São Francisco, a cavaleiro de toda a cidade da época.

Mas quando tive que fazer um projeto e escolher um tema escolar eu precisei de literatura, Fui à Livraria Universitária do Colares e encontrei um livro, precioso, que não se encontra mais, mas eu ainda tenho, um livro em inglês, chama-se “History of Architecture”, História da Arquitetura, de Sir Banister Fletcher, um clássico, um volume



Edifício Canadá

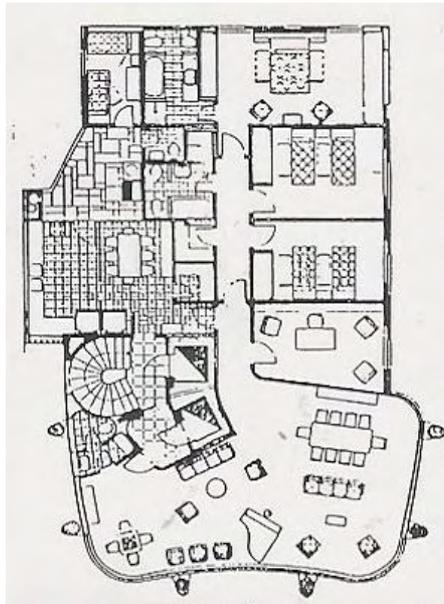


Fig105 esquerda Edifício Canadá, 1962 fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000
centro Edifício Canadá, planta fonte Dalton Vidotti, dissertação - 1994
direita Edifício Canadá, 1962 foto autora 2001

grosso. Esse foi o livro onde comecei a estudar os estilos todos. Foi a peça mais importante, em 1945 quando tive que fazer o tema do projeto final de disciplina, no final do ano.

Mas para fazer um palácio eu tinha que ter um livro para copiar as figurinhas e ler um pouco. E assim fui construindo, esse livro foi uma pedra angular, aos poucos, até chegar onde estou, foi o primeiro .

Muito jovem, Elgson começou suas experiências de escritor:

Eu havia feito duas publicações na Revista Técnica de Engenharia, uma residência colonial. Havia aqui em Curitiba uma pessoa que me intrigava muito, era Barontini, que é o pai na Nini Barontini, da galeria de artes. Eu convivi com ele, trabalhei um pouco no seu escritório, então ele tinha revistas italianas que a gente folheava, mas era mais desenho do que arquitetura.

Em São Paulo seus contatos literários mudaram:

Quando eu fui para São Paulo, na verdade em outro nível, foi a Acrópole, que era a única revista que publicava em São Paulo projetos da cidade, não tinha compromissos com nada a não ser

com os projetos dos arquitetos e construtores paulistas. Nesta revista o Heep publicou (seus projetos). Quando fui estudar no Mackenzie esta era a revista, e eu lia do começo ao fim, então eu me destaquei entre os colegas, porque eu tinha o livro e os outros não, eu me nutria de alguma informação, os outros não.

Dentro do Mackenzie nós tínhamos um professor que nos obrigava a estudar livros, era professor de arquitetura do Brasil, chamado Nestor Goulart, que deve agora deve ter 81, 82 anos não mais do que isso. Um homem talentoso, um grande professor, mas não era arquiteto que projetava, era arquiteto de contar histórias. Ele nos obrigava a estudar e agora eu entendo, agora estou entendendo melhor, o sentido daquelas aulas. Eu voltei para a escola mais para pegar o diploma, já me considerava suficientemente treinado para fazer um projeto. Mas quando voltei à escola para pegar o diploma eu já tinha 36 anos, voltei depois de um tempo, interrompi seis anos e quando voltei para terminar e pegar o diploma eu já tinha uma maturidade que eu não tinha quando cheguei e era recém-formado em engenharia.

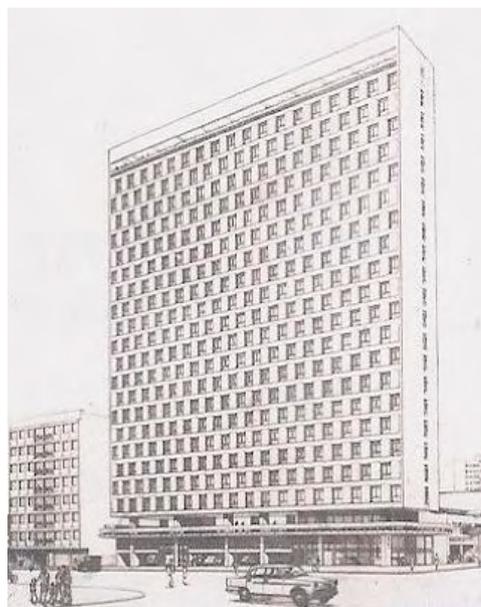


Fig 106 esquerda Edifício Paraná, atual residência, 1964-68 foto autora 2001
direita Edifício Paraná, 1964-68, perspectiva do autor fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000

Sobre as bibliotecas especializadas: sua opinião é semelhante às dos demais entrevistados

Aqui não tinha nada, quando eu freqüentava engenharia, havia a biblioteca da universidade, UFPR. Naquela época eram assuntos ligados à disciplina de engenharia, física, resistência dos materiais. Lá em São Paulo nós tínhamos duas coisas preciosas, uma era o IAB, onde havia almoços e feijoadas aos sábados e se encontrava todo mundo. E depois tinha também o Museu de Arte Moderna e a Bienal.

Trabalhar com Heep levou Elgson a novas leituras:

Em 49 eu fiz (o curso) o ano inteirinho, foi quando conheci o Heep, e quando fui trabalhar com ele entrou na minha cabeça a Architecture d'Aujord'Hui, que era a revista de que ele se nutria. Desde então eu me tornei assinante da Architecture d'Aujord'Hui. Mais tarde um pouco eu conheci a Architectural Digest e a Architectural Record que eram revistas americanas, e não mais do que isso... não mais do que isso!

Houve livros, agora me lembro, que o Heep me deu de presente. Então, já falei da revista Acrópole, dos livros do Nestor Goulart, de Gilberto

Freire, e mais tarde de Oliveira Vianna ("História Econômica do Brasil") e de "Espaço, Tempo e Arquitetura" de Gideon, esses foram os livros que o Heep me deu de presente. Depois ele ainda me deu um grande álbum sobre arquitetura egípcia, que me interessava muito, me fascinava a esfinge e essas coisas.

O resto era trabalho, com o Heep, que era um homem impressionante, e a quantidade trabalho era tão grande, tão grande, que não tínhamos tempo para pegar livros. Para não dizer que não lia, como complemento havia outra coisa, que era a convivência com o Heep e as referências que ele fazia da Europa.

As leituras descobertas por sua vez o levaram a outros caminhos:

Eu encontrei dois livros importantes, um era a história de Michelangelo e outro Leonardo da Vinci, que sou capaz de ter ainda aqui, quer ver? Por conta própria, li Leonardo da Vinci, porque no Mackenzie era proibida essa atualidade. Outro livro que eu li por minha conta, já incumbido de dar aulas, era chamado "Os grandes mestres", e foi onde estudei detalhadamente a história do Le Corbusier, Mies van der Rohe, e Frank Lloyd Wright. Sempre



Fig 107 esquerda Edifício Itamaraty – Balneário de Camboriú/SC (1966-71)
fonte: fonte Revista Locus –nº 004 - setembro 2000
direita Edifício Barrisul (1967-69) fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000

valorizo muito, sempre falo desses três, dentro de uma certa seqüência: Mies van der Rohe, Walter Gropius e também falo da Bauhaus.

Com o passar do tempo Elgson começou a escrever e se juntarmos tudo que já publicou teremos um material representativo. Publicou projetos na Acrópole em fevereiro 63 e abril 64. Sua proposta premiada para o Vale do Anhangabaú de São Paulo (fig 112) foi publicada diversas vezes, bem como suas propostas para campus universitários, em Cascavel, Palmas e Rondônia. Seus discursos, para ocasiões solenes, escritos com cuidado, são manifestações de seu pensar arquitetônico.

Em 1970 fazia apostilas para os alunos, uma sorte para quem foi seu aluno. A dissertação de Dalton Vidotti, já citada, contém um capítulo inteiro dedicado às publicações de Elgson.

No momento da entrevista para esta pesquisa tinha seis livros em elaboração .

Estou juntando material para alguns livros, o primeiro vai se chamar “O Telhado Lá de Casa”, onde cresci desde criança, debaixo daquele telhado.

O segundo será sobre meus projetos, com obras realizadas e muitas obras não realizadas. O terceiro será sobre arquitetura hospitalar e eu tenho um arsenal imenso de pesquisa. O quarto será sobre projetos para Curitiba do futuro e estou trabalhando com três gerações de arquitetura. O quinto será sobre arquitetura no terceiro milênio, face ao grande crescimento populacional, com o progresso da ciência e novas tecnologias. O sexto será uma temática mais abstrata, ficcional sobre “Os Caminhos da Civilização Ocidental e a Arquitetura no Terceiro Milênio”. Isto é muita presunção!! Mas eu vou chegar lá! Também não vou ficar perguntando se vou ou não vou, eu tenho pouco tempo para chegar lá, tenho quase 80 anos!

No dia seguinte telefonou agitado :

Lauri, esqueci de dizer uma coisa, que era falar da Revista Domus, dos livros de Le Corbusier e da Architecture D’Aujourd’Hui . E do livro de Gideon, e os de Leonardo e Michelangelo!

REFLEXÕES DE ELGSON

As influências sobre seu trabalho são compreendidas pelo próprio arquiteto:

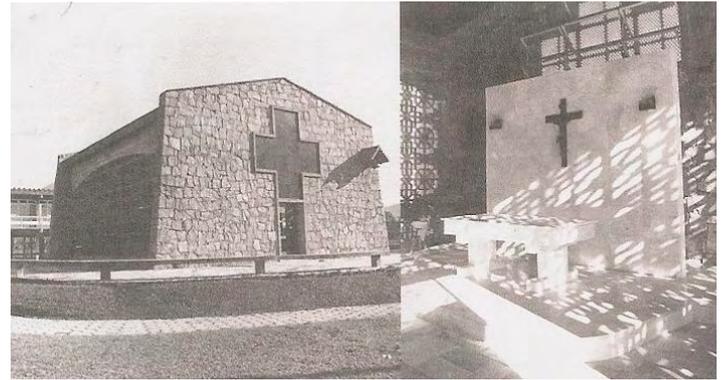


Fig 108 esquerda 28 Edifício José Biscaia, 1974 fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000
direita Capela do Sesc, Caiobá, 1965 fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000

Naturalmente houve influência européia, e eu já mostrei um livro que comprei e que foi a pedra fundamental, e que começa desde os primitivos gregos até os aspectos modernos na América do Norte. Le Corbusier fez a crítica das cidades antigas, e as constatações da Carta de Atenas que analisaram as cidades antigas, Paris, Atenas. Depois propôs sobre aquilo uma visão de cidade moderna baseada no automóvel e no transporte de massa, quando todas aquelas cidades medievais eram baseadas no transporte animal.

Elgson acredita estar agora conectando o que aprendeu entre a prática e a academia:

O desempenho profissional de um arquiteto não é conseguido numa escola formal mas a escola é uma coisa cultural. A universidade ensina o contexto cultural e o sistema (educacional) arquitetônico é um exercício, vamos dizer, descontraído, sem compromisso do desempenho profissional, é cultural.

Agora estou ligando as coisas. Tudo que você vê aqui agora é a ligação da parte cultural com a parte profissional.

Aqui, (este escritório), é uma escola em que uma pessoa trabalha dentro de uma filosofia de

trabalho, dentro da filosofia de arquitetura, aprende a trabalhar em arquitetura. Lá (na escola) se aprende a cultura da arquitetura, que é um passaporte para depois fazer uma viagem do jeito que você quiser.

Eu podia ter trabalhado com o Heep dez anos como engenheiro e voltar com a mentalidade de engenheiro fazendo projeto. Mas foi a escola que formou a base cultural. Na parte cultural os arquitetos tem uma capacidade que eu aprendi pela mão de Nestor Goulart, em um momento particular em função da pessoa do professor Goulart. Ele nos sentava em grupinhos e dizia, vocês estudam duas horas hoje, um capítulo ou outro, e depois quando terminar levantam e falam sobre esta aula. Duas vezes por semana sentávamos duas horas para ler um livro. Depois ele fechava tudo com uma preleção interessantíssima.

A visão de Elgson sobre comportamento profissional e trabalho foi muito influenciada por Heep:

Ah, sobre isto eu tenho uma frase do Heep, dita para mim, sobre a maneira de um arquiteto se comportar. Como desenhista, e engenheiro já, eu fazia projetos em função da vontade do cliente. E tinha outra(vontade) que era a do escritório onde eu

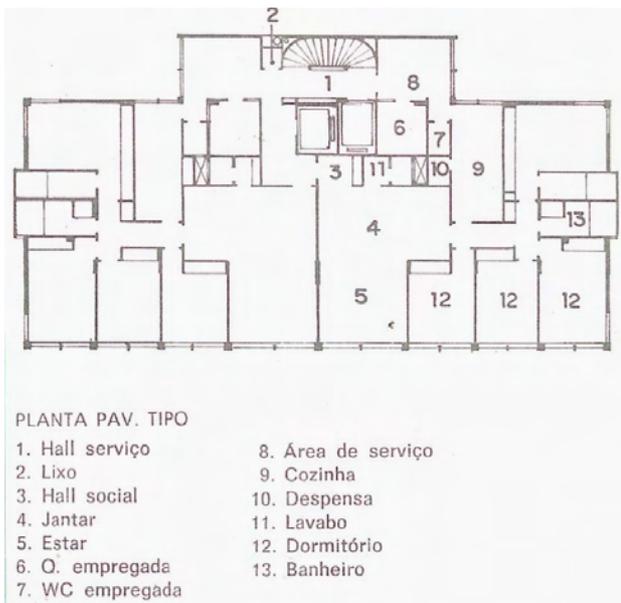


Fig 109 esquerda Planta do pavimento tipo – Edifício Gemini fonte: Livro Arquitetura Moderna em Curitiba. direita Edifício Gemini, 1968 foto autora 2001

trabalhava, com Heep. Quando tinha uma encomenda pessoal eu fazia a vontade do cliente, eu era engenheiro, o estudo da arquitetura estava interrompido e no escritório não tinha que ter idéias, era só participar, ajudar nas idéias dele, e era um obstáculo ter uma idéia dele antes dele. Uma ocasião ele olhou, e disse, Elgson, o que é isso? Negativo! Nesta história da arquitetura moderna ou você entra nas idéias com tudo, sério, ou não entra nunca. Aí eu mudei ,aí eu abandonei (meu modo), o Heep foi honesto, foi um mestre, eu convivi com ele nove anos e meio, diariamente de manhã tarde e noite, dialogando idéias sobre arquitetura e a vida.

Elgson entende que seu aprendizado múltiplo lhe valeu de modo particular:

Existiam os engenheiros todos, como eu e outros, eram eles que projetavam mas não eram arquitetos, que olhavam revistas e procuravam informações para fazer alguma coisa de acordo com a imagem fotográfica moderna para fazer uma interpretação de que aquilo que iam fazer era moderno também. Mas eles não tinham uma escola profissional, o que eu quero dizer é que a diferença que por acaso exista não é porque sou mais talentoso ou mais artista, é porque eu tenho três

diplomas. Um de engenheiro civil, que até pouco tempo atrás no Brasil era praticamente tudo, porque o país é muito grande e precisa de alguém capaz de fazer todo tipo de coisa, até mesmo projetar prédios. O segundo de arquiteto, por que não se deve fazer arquitetura sem ter uma cultura arquitetônica, que é milenar, e o terceiro vem de São Paulo, trabalhando com aquele alemão do pós-guerra.

Seu conselho sobre como estudar arquitetura pode ser visto como recomendação sobre como ser arquiteto:

Um aluno deve entrar nesta profissão como mestre que entra em uma catedral. Talvez seja este o recado que Gaudi quisesse dar em Barcelona. Se eu tivesse que ensinar arquitetura hoje diria para aprender a desenhar magnificamente bem e tocar um instrumento musical magnificamente bem, a estudar uma língua universal como o inglês fluentemente e viajar, olhar e ver, não só olhar, ver tudo que estiver ao alcance da vista, a dominar os meios modernos da comunicação da expressão gráfica e se relacionar com tudo que esteja na ponta do processo evolutivo em qualquer área de conhecimento. Tentar compreender que o nosso mundo está em expansão exponencial e

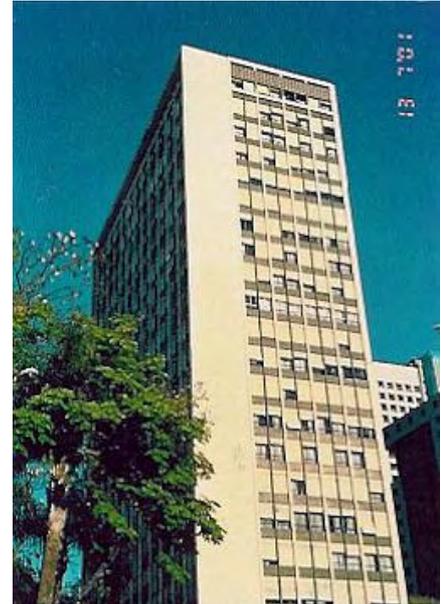


Fig 110 Edifício Provedor André de Barros, 1968 fotos autora 2001

transcendente em função do desenvolvimento da ciência e da tecnologia e que o nosso mundo é um mundo dinâmico e em movimento e que a arte estática pertence ao passado. Também que há um desenvolvimento populacional enorme pressionando predatoriamente sobre a face da terra e que se tornará extremamente urgente a adoção de novas soluções que possibilitam a condição humana em coexistência com a vida.

RELEITURAS DE ELGSON

Tendo desenvolvido uma sólida amizade com Franz Heep, Elgson realizou alguns projetos em parceria com o amigo ao retornar a Curitiba. Heep por sua vez, era influenciado pela escola modernista de Le Corbusier, com quem tinha convivido em Paris, e é esta influência que é observada nos dois edifícios que desenvolveram juntos, o Souza Naves e o Mapi .

O **Edifício Souza Naves** (fig 102), de 1953, foi construído para abrigar o IPASE, um

órgão público. Com linhas retas e base diferenciada, o desenho do edifício remete ao visual limpo que era visto nas publicações da Architecture D'Aujoud'Hui. No entanto, observando a partir das características visuais modernistas, o Edifício Souza Naves também pode remeter às referências de edifícios americanos que abrigavam escritórios.

Por outro lado o **Mapi** (fig 103), de 1960, é um edifício residencial praiano de pequenos apartamentos de lazer, sendo uma composição de elementos soltos com dois prismas ortogonais de dimensões e alturas diferentes com um terceiro elemento triangular que continha um restaurante. O conjunto, ao lado de um morro, era integrado por uma piscina.

Elgson procurava utilizar nos seus projetos de edifícios alguns elementos constantes, tais como compor uma base diferenciada do corpo e este corpo composto com janelas de elementos repetitivos ritmados, colocando sobre os dois volumes um coroamento, sempre aplicando um trabalho



Fig 111 fachadas e acesso principal Hospital N Sra das Graças, 1969 foto autora 2001

diferenciado entre os três para demarcar bem cada um deles. No entanto, para cada caso estudava uma solução adequada. Fazia uso dos elementos vazados de forma criativa, adequando-os ao local onde se encontravam, fossem na base, nas janelas ou na parte superior do edifício. O embasamento, sempre diferente do corpo, deixava perceptível a existência do andar de transição, cuja função era adequar a estrutura de pequenos vãos dos pavimentos-tipo aos vãos maiores necessários no térreo, fossem para comércio ou estacionamento, cujas formas diferentes também contribuíam para evidenciar funções diferentes.

Procurando atender aos empresários locais com a otimização da aplicação da legislação Elgson conseguia trabalhar com seriedade, atendendo aos requisitos de boa composição e caráter adequado. Apesar do uso de elementos repetitivos seus edifícios transmitem adequadamente a imagem do uso, evidenciando serem residenciais ou comerciais.

O **Edifício Itália**, em Curitiba(fig104) de 1962, residencial, deve sua forma à adequação ao terreno, com a planta solucionando um edifício com quase todos apartamentos de frente recebendo adequada insolação. As janelas incluíam floreiras e foram divididas em partes, facilitando a ventilação com entrada inferior e saída superior do ar. Nas áreas de serviço foram colocados elementos vazados.

O **Hospital Nossa Senhora das Graças** (fig 111), de 1969, tem composição de blocos sobre uma base, interpretando novamente o trio base, corpo e coroamento. A entrada foi acentuada por uma marquise, na qual está a porta principal do hospital e o acesso de veículos, para desembarque de clientes. Um grande hall contendo a sala de espera organiza o acesso interno do público. A circulação interna é resolvida por rampas, escadas e elevadores. As janelas, que estabelecem ritmo nas fachadas, foram resolvidas com o conforto de venezianas. O

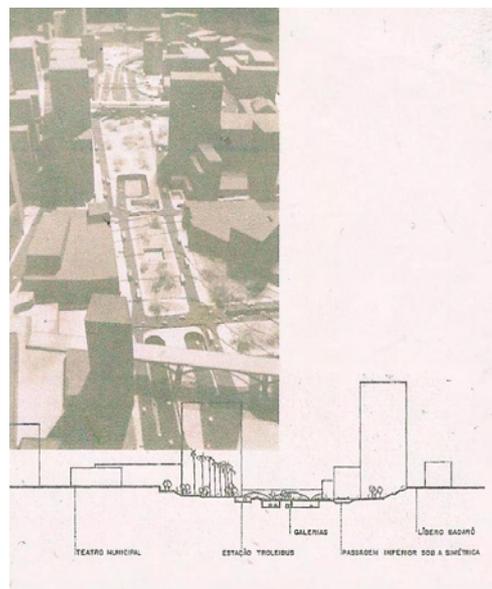


Fig 112 esquerda Edifício Leonor Moreira Garcez (1971) fonte Revista Locus - nº 004 - setembro 2000
 direita Proposta para o vale Anhangabaú, concurso fonte Revista Locus - nº 004— setembro 2000.

hospital expandiu-se muito mas o projeto original ainda está mantido.

O **Edifício Canadá** (fig 105) é um de seus projetos mais personalizados e nele Elgson reinventou as vigas horizontais aparentes, que deixaram de ser retas para assumir formas mais elaboradas em linhas quebradas. A base utiliza pilares em V, e a planta igualmente apresenta formas que integram curvas. Este edifício único de Elgson dá margem a ponderações que remetem a vontade de utilizar formas que não mais as ortogonais modernistas, numa reinterpretação consciente, mas contida de tal forma a ser aceita pela comunidade tradicionalista dos curitibanos, adequada à viabilidade econômica local.

No **Edifício José Biscaia**, (fig 108) de 1974, Elgson continua a utilizar seus elementos preferidos e a volumetria retoma formas puras do prisma ortogonal composto com um cilindro. Este projeto tem todas suas faces bem

trabalhadas, sendo inteiramente monocromático em sépia.

Entre os edifícios escolhidos para exemplo da arquitetura de Elgson temos o **Edifício Alvorada** (fig 103) de 1961; o **Edifício Paraná** (fig 106) de 1964 e atual residência do autor; o **Edifício Itamaraty** (fig 107) de 1966; o **Edifício Banrisul** (fig 107) de 1967; o **Edifício Provedor André de Barros** (fig 110) de 1962; o **Edifício Gemini** (fig 109) de 1968 e o **Edifício Leonor Moreira Garcez** (fig 112) de 1981.

Os projetos de edifícios utilizavam a repetição de elementos adotada pelos arquitetos de meados do século XX, como se pode observar nas referências selecionadas da literatura (fig 112). A fidelidade de Elgson aos princípios do Movimento Moderno veio através de Heep, da vivência paulista e da literatura que o próprio Heep apresentava a Elgson no seu escritório. Uniformidade, permanência, e durabilidade são qualidades dos projetos de Elgson, e ele as aplicou também nos hospitais e universidades mais recentes.



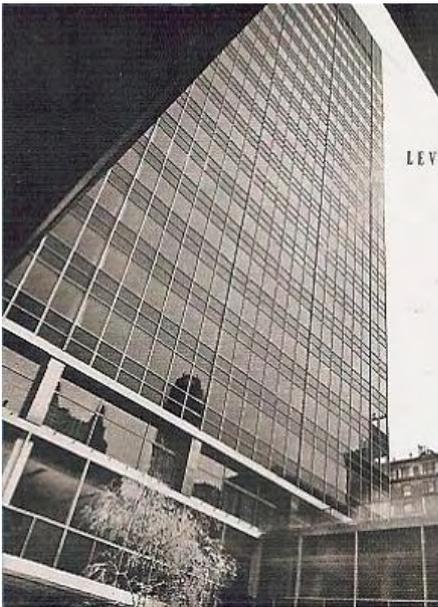
A



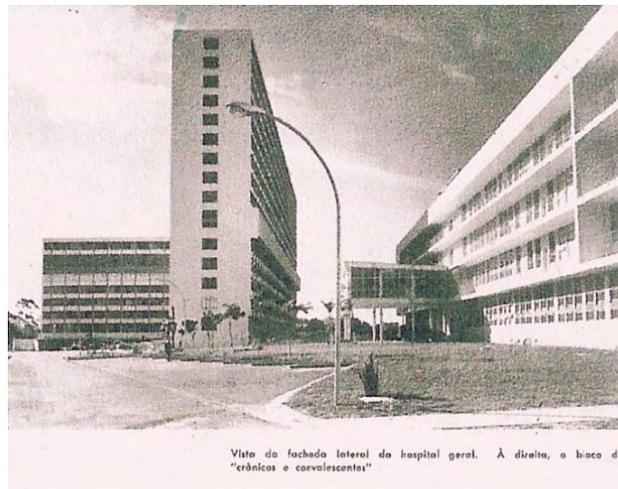
B



C



D



E

Vista da fachada lateral do hospital geral. À direita, o bloco de "crônicos e convalescentes"



F

Fachada posterior do hospital geral. O corpo avançado no 6.º andar pertence ao centro cirúrgico

Fig 113 Referencias literárias de edifícios característicos do Movimento Moderno

A Edifício de Apartamentos em Santos, A. F. Heep fonte: Revista Acrópole 199, pag 320.

B Edifício Lausanne, A. F. Heep fonte: Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo, separata revista Acrópole 295/296

C Edifício de Apartamentos, Rino Levi, Roberto C. Cesar e Luiz R. Carvalho Franco fonte Revista Acrópole 226, 1957

D Research Center, Austin, Field e Fry fonte: revista Architectural Record, junho 1952

E Hospital Geral, Jorge Wilhelm fonte revista Acrópole 279

F Hospital Geral, Jorge Wilhelm fonte revista Acrópole 279



Fig 114 esquerda Edifício Paraná foto autora 2001
direita Hospital Nossa Senhora das Graças foto autora 2001

Ao realizar comparativos entre edifícios modernos e a obra de Elgson é perceptível o parentesco entre os mesmos.

Prismas ortogonais e elementos repetitivos nas fachadas estabelecem um sistema compositivo que coloca os edifícios de Elgson em similaridade com os edifícios destas referências.

Dos exemplos selecionados na literatura da época (fig 113), apenas um deles é americano, sendo os demais paulistas, publicados na revista *Acropole*.

Elgson integrou-se ao grupo de arquitetos brasileiros que se inspiravam no Movimento Moderno adotando as características da chamada *escola paulista*, com a qual se sentia irmanado, devido a convivência com Heep. Ao chegar a Curitiba trazia o necessário aprendizado para desenvolver sua própria arquitetura.

5

LEITURA INFLUENTE

A arquitetura com características modernas chegou em Curitiba por volta dos anos 1950 pelo trabalho de profissionais locais atentos ao Movimento Moderno. O ambiente estava amadurecido e a oportunidade da implantação aconteceu através das edificações públicas das Obras do Centenário.

O Governador Bento Munhoz da Rocha era engenheiro e, tendo conhecimento da arquitetura dos EUA e da Europa, ao decidir pela construção das obras Comemorativas do Centenário escolheu projetos modernistas e recusou projetos ecléticos, procurando uma imagem moderna para o Paraná. Foi buscar na capital do país o que havia de melhor em arquitetura naquele momento no Brasil, dirigindo-se aos cariocas, porque lá encontravam-se os arquitetos de maior projeção que desenvolviam a arquitetura do Movimento Moderno. No Brasil dos anos 1950 os princípios do Movimento Moderno foram contextualizados sob a liderança de Lúcio Costa, no Rio de Janeiro, por arquitetos que se tornaram reconhecidos e premiados, entre os quais destacavam-se, nomes como Oscar Niemeyer, os irmãos Roberto, Jorge Moreira e Affonso Reidy .

Era através da literatura que chegavam em Curitiba notícias sobre a arquitetura brasileira, principalmente através da revista *Acropole* e pelo reflexo da imprensa internacional, que observava a arquitetura

brasileira depois do paradigmático livro “Brazil Builds”. Ao lado de elogios a arquitetura brasileira também despertava críticas nas publicações internacionais que nem sempre agradavam e eram respondidas com veemência por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Releituras são uma forma de trabalho arquitetônico resultante da pesquisa preliminar em obras já realizadas para temas semelhantes que seriam projetados. As releituras podem ser encontradas na obras de muitos autores. Como exemplo, o Pavilhão Brasileiro, construído para a exposição de New York por Lúcio Costa , apresenta parentesco com a obra do pavilhão japonês encontrado na *Encyclopédie Pratique du Bâtiment*, uma publicação francesa (fig115). Observa-se em ambos o uso de elementos vazados e de rampas, bem como a presença de um prisma simples envolvente sobre pilotis. No entanto, os arquitetos brasileiros introduziram no conjunto curvas modernas tropicalizadas .

O Governador do Paraná encontrou no Rio de Janeiro o arquiteto David Xavier de Azambuja, um paranaense com currículo significativo. Outros nomes importantes cariocas acompanharam Azambuja para a realização dos projetos do Centro Cívico e apresentaram de modo uniforme uma imagem representativa da arquitetura moderna carioca.

Os autores da *escola carioca* demonstraram lições de modernidade tanto nos edifícios como no plano urbanístico do Centro

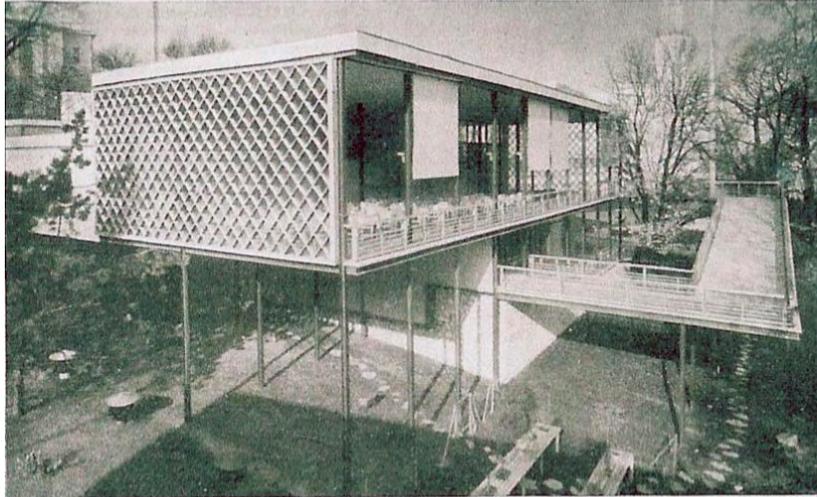


Fig. 157 — Pavillon japonais à l'Exposition de 1937. Sakakura, architecte.

Kolla



Fig 115 Arquitetura que se referencia em outra arquitetura

acima Pavillon japonais à l'Exposition de 1937, Sakakura fonte: ROBIN, Pierre (direção).
Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics (vol. I). Paris; Aristide Quillet, 1953.

abaixo Pavilhão Brasileiro Feira Mundial de Nova York, 1939, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Paul Lester Wiener
fonte: GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds*. 4ª edição. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
Build in Usa since 1932. New York; Elizabeth Mock, 1945.

Cívico, aplicando e consolidando paradigmas modernistas que, por sua vez, já estavam permeados de interpretações brasileiras. A influência da escola carioca que veio pelas obras do Centro Cívico ficou como exemplo, porque depois não ocorreram na cidade outras obras significativas dos mesmos autores ou de autores do mesmo grupo.

Com o passar da década a ligação com São Paulo foi se tornando também muito importante e a influencia paulista tornou-se mais acentuada do que a carioca devido a criação da escola de arquitetura, quando muitos arquitetos vieram lecionar em Curitiba.

Para as obras comemorativas do Centenário o governador exigiu que as demais edificações, situadas ou não no Centro Cívico, tivessem também o mesmo espírito, optando por prestigiar profissionais atuantes da cidade. Meister e Romeu, muito jovens, qualificaram-se por terem sido premiados anteriormente em concursos públicos, Meister com um projeto de teatro e Romeu com uma biblioteca, e por terem apresentado projetos compatíveis com a imagem pretendida. Outro profissional residente convidado foi Edmir Silveira D'Ávila, que projetou a Casa da Criança.

As obras de autores locais para o centro Cívico foram projetadas ao mesmo tempo das obras cariocas do Centro Cívico, evidenciando um conhecimento já adquirido anteriormente pelos profissionais locais. Meister, por exemplo, seguia mais os ensinamentos de Mies Van der Rohe do que exemplos do Centro Cívico, como é evidenciado no edifício da Prefeitura de Curitiba, cujo caráter o difere das obras dos autores cariocas.

Mas o Centro Cívico não foi o único evento a influenciar o desenvolvimento da arquitetura paranaense, ainda que marco importante.

Nesse meio tempo, nos anos 50, havia em Curitiba a Livraria Universitária, de Collares Marques, que abria horizontes. Collares adotou o modelo das livrarias de São Paulo e Rio e atuava como centro de cultura e ponto de encontro, com uma sala de leitura muito freqüentada e contribuindo para a formação dos acervos particulares por facilitar aquisições. A literatura que era encontrada na livraria indicava outros caminhos, diversos daquele da escola de engenharia, com revistas e livros que mostravam um pensar arquitetônico muito diferente daquele que o curso indicava. Uma vez que os estudos acadêmicos não eram a única possibilidade, e viajar era difícil, a leitura passou a ser a opção como fonte de aprendizado.

A literatura especializada trazia sempre, e de modo uniforme entre diferentes publicações, as idéias do Movimento Moderno do qual as lideranças vieram a ser bem conhecidas. Nomes como Le Corbusier, Mies van der Rohe, Frank Lloyd Wright e Walter Gropius, entre outros, tornaram-se familiares, acompanhados de novos princípios de arquitetar. Passaram a ser bem conhecidos os princípios que norteavam a nova arquitetura, bem como aspectos definidos como racionalismo, funcionalismo, arquitetura orgânica e o tão discutido *Estilo Internacional*. Os engenheiros de Curitiba se sentiam motivados também ao estudar a biografia dos principais expoentes da arquitetura modernista porque muitos deles também não eram diplomados como arquitetos.

A alta qualidade gráfica observada nos livros e revistas pesquisados era igualada pela qualidade especial do conteúdo dos textos que eram altamente informativos, completos e críticos, dirigidas a um público especial, não leigo, sempre ressaltando detalhes e sendo muito didáticas.

O primeiro encontro de Meister, Romeu e Elgson com a arquitetura do Movimento Moderno ocorreu logo no início da vida profissional de cada um, quando foram trabalhar em construtoras, na procura de uma atividade que os levasse ao aproveitamento do talento inato para o desenho. O segundo encontro ocorreu na escola de engenharia, onde definiram o gosto pela atividade arquitetônica, mas o que lá conheceram foram aspectos de uma arquitetura eclética, tida naquele meio acadêmico como a mais aceitável e, portanto, a que deveria ser aprendida.

Com mentes abertas perceberam que a arquitetura contemporânea estava apresentando algo diferenciado e se alimentaram do disponível. A educação recebida na universidade que freqüentaram, considerada insuficiente para o exercício de arquitetura, foi complementada através de leituras, através de livros e revistas estabelecendo-se um idealismo que se alimentava e aumentava através das publicações que mostravam a imagem de modernidade arquitetônica que estava sendo realizada em lugares mais cosmopolitas. Para Elgson nem mesmo as leituras foram suficientes e sua busca o levou às universidades paulistas.

A contextualização das releituras realizadas a partir da literatura levou a adequação de princípios modernistas às

condições locais de Curitiba, adequação que foi exercida com uma relativa liberdade sobre os dogmas, na busca da solução mais prática, adequada e menos onerosa, apesar dos autores não dispensarem o esforço de manter o espírito encontrado na leitura referencial.

Na elaboração dos projetos havia o conhecimento autoral de que o vocabulário e as idéias apresentadas pelos princípios modernos deviam ser utilizados, mas havia também o conhecimento de que era necessário compreendê-los para aplicá-los, ao contrário da maneira de aprendizado e imitação de modelos da Beaux Arts.

A composição arquitetônica inspirada nas leituras dos anos 50 levou à adoção de uma volumetria simplificada pelo uso de formas ortogonais, como eram observadas nos livros bastante conhecidos de arquitetura racionalista e funcionalista de Alberto Sartoris. Destaque-se que o termo composição está hoje em debate, mas a idéia subjacente do arranjo da solução arquitetônica subsiste. O uso de modulações normativas também é encontrado em diferentes projetos. Apesar da adoção das idéias Modernas, sobreviveram em algumas obras aspectos clássicos, como o uso de simetria, tal como no projeto da biblioteca.

Como elementos plástico-funcionais integradores as rampas foram muito utilizadas pelos modernistas como instrumento de articulação sensorial, promovendo uma interligação suavizada entre espaços. A arquitetura carioca e sobretudo Niemeyer fizeram uso intenso de rampas. No caso curitibano o uso de rampa nos edifícios escolares e no Teatro Guaíra prendeu-se muito

a aspectos de conforto e segurança, mais do que a soluções meramente plásticas. A Biblioteca Pública apresentou rampas como solução integradora de acesso.

Os pilotis e as janelas sequenciadas ritmando fachadas foram aspectos igualmente assimilados, na forma como eram freqüentemente mostrados nas revistas americanas, como também o foram os elementos brasileiros dos brises, sob forma de elementos vazados e parassóis diversos, horizontais e verticais, utilizados para o controle da iluminação, e dirigidos de forma adequada à orientação da fachada na qual eram aplicados. Os projetos e desenhos dos autores estudados mostravam o uso freqüente dos brises, mas a execução apressada das obras muitas vezes os eliminavam, como já foi mencionado para a Biblioteca Pública. Meister e Romeu valiam-se seguidamente do recurso de brises e abas Elgson adotou elementos vazados em quase todos seus edifícios, para os quais chegou a desenvolver desenhos especiais.

Uma das características do Movimento Moderno é considerar a cidade como o lugar das artes e o edifício como a síntese de todas as artes. Neste espírito, o Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, foi integrado com diversas obras de Portinari, em azulejos, esculturas e pinturas. Em Curitiba, ao serem construídos edifícios que partilhavam das idéias do Espírito Novo de Le Corbusier diferentes manifestações artísticas foram agregadas aos mesmos, na forma de painéis e na praça comemorativa do Centenário, onde o casal representativo do povo paranaense referenciava-se à proposta corbusiana da estátua do homem brasileiro. Tanto Meister,

como Romeu e Elgson manifestaram-se admiradores e seguidores das artes, procurando deixar espaço para realizações artísticas em suas obras.

Deve ser ressaltada também a importância que os autores davam para a construção de boa qualidade, um esforço realizado a partir das possibilidades locais. O uso de materiais disponíveis e das tecnologias acessíveis, como concreto e alvenaria em tijolos eram explorados com cuidado, adaptados à escala curitibana. Meister e Elgson exploraram detalhes elaborados, como elementos vazados com desenhos específicos para uma determinada obra ou detalhes em madeira, como os que Meister utilizou para revestimentos do Teatro Guaira.

Outra evidencia encontrada nas observações sobre a influencia das leituras refere-se aos desenhos e à representação gráfica. Para desenhos especiais geralmente era elaborada uma única via a qual, entregue ao cliente, muitas vezes desaparecia depois da execução da construção. O sistema de cópias heliográficas era caro, ainda feitas ao sol nos anos 40, como contou Romeu. Nos anos 1950, cópias heliográficas, que não mais eram feitas ao sol, ainda tinham um custo alto e eram utilizadas com parcimônia. Desenhos técnicos e projetos executivos ou legais eram muitas vezes elaborados a lápis sobre papel vegetal, sendo admirável a elegância do desenho de letras que pode ser observada junto aos projetos dos entrevistados. Os instrumentos de desenho habituais eram o lápis especial e o nanquim, usado com tira-linhas, e um pouco mais tarde com canetas especiais como a Graphos, além

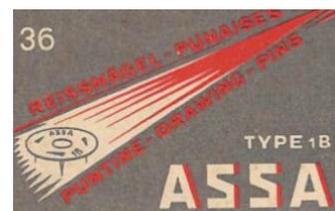
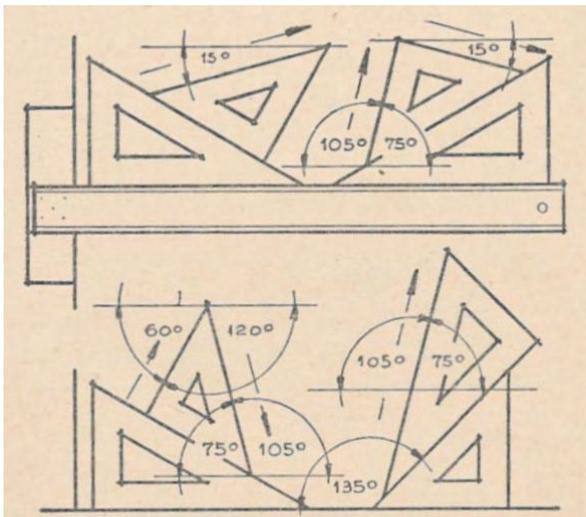
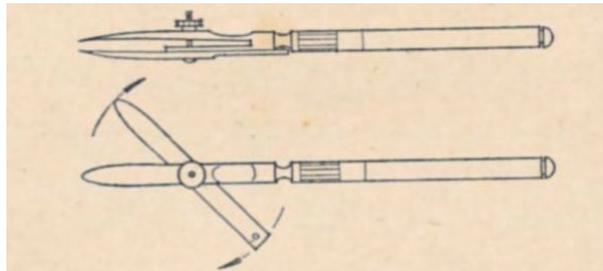
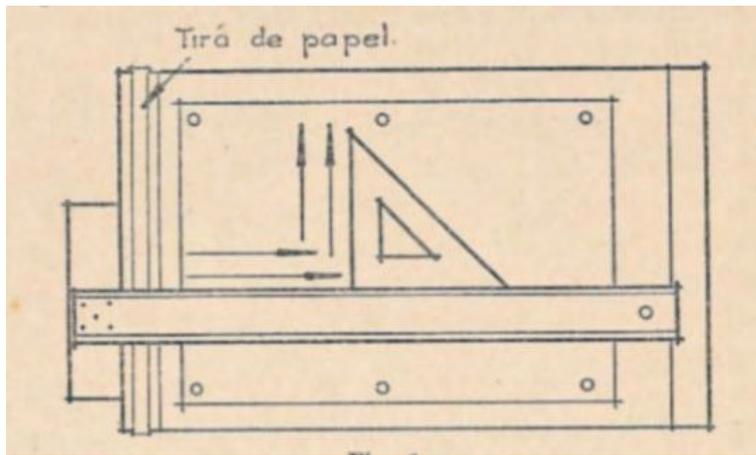


Fig 116 Instrumentos de desenho dos anos 50
 acima Régua T e prancheta
 meio acima Tiralinhas

esquerda Combinação de esquadros para se obter ângulos de 15° e ângulos múltiplos de 15°
 fonte: MOIA Jose Luis, "Curso Completo de Dibujo Arquitectónico", Buenos Aires, Windsor, 1948
 direita abaixo duas caixas de tachinhas de três pontas, arquivo Romeu P Costa

dos esquadros de baquelite e da régua T feita em carvalho, em geral importadas. (fig 116). A prancheta era em madeira e a fixação do papel feita com tachas de três pontas. O desenho colorido era realizado com aquarela ou guache sobre papéis especiais como o Fabriano, muito caro por ser também importado. As perspectivas denunciavam a influência das leituras na escolha dos pontos de vista, bem como na traçado e na técnica utilizada dos pontos de fuga, do tipo de traçado e na elaboração dos complementos dos desenhos, como vegetação e figuras humanas.

Em Curitiba o pragmatismo dos engenheiros resultou em uma arquitetura limpa, sintética e despojada, menos exuberante que a carioca, até porque, entre outros fatores, o caráter discreto dos curitibanos refletia-se também na arquitetura que era aceita. Nos projetos elaborados estava sempre presente a consciência do nível econômico da população e a decisão assumida de não criar obras exageradamente caras ou de execução muito difícil. A questão financeira levou também a uma certa distância entre projeto e execução, observando-se que os projetos eram muitas vezes mais elaborados que as obras executadas, a exemplo dos brises não executados da Biblioteca Pública.

Outro aspecto prontamente assimilado foi a eliminação de ornamentos, substituídos pelo uso de elementos que cumpriam um largo espectro de funções arquitetônicas, construtivas e estéticas, com acabamentos buscados em materiais naturais como tijolo à vista, pedra ou simplesmente reboco, ficando o concreto sempre que possível aparente.

As obras posteriores aos anos de 50 dos autores entrevistados mantiveram por algum tempo as mesmas características, prova de sinceridade autoral. Os arquivos remanescentes dos projetos de Elgson e Meister são muito grandes, mas Romeu guardou pouca coisa.

Outro reflexo das leituras foi encontrado no material de preparo de aulas de Meister e Romeu, que lecionaram a cadeira de arquitetura na Escola de Engenharia da UFPR, onde procuraram dar aos seus alunos condições de compreensão da arquitetura moderna. Meister, catedrático, é considerado o introdutor do estudo da arquitetura do Movimento Moderno no curso de engenheiros. O espírito principal motivador da criação do curso de arquitetura na Universidade Federal do Paraná pode também ser considerado um reflexo do idealismo surgido depois do conhecimento adquirido em leituras.

Embora o primeiro contato com as obras realizadas na Curitiba de meados do século XX pareça remeter a uma assimilação plástica, superficial e visual, uma análise mais aprofundada remete à percepção de que o mais importante foi uma assimilação conceitual do ideário do Movimento Moderno pela leitura dos seus princípios, divulgados com profundidade nas publicações. Com o difícil contato direto com Rio e São Paulo, a fonte primária de educação arquitetônica na Curitiba dos anos 1950 foi a literatura, e a releitura foi feita diretamente de leituras, principalmente americanas e européias. A arquitetura de Curitiba nos anos 50, foi fortemente marcada por esta releitura, ainda que sejam evidentes características próprias, um tanto desvinculadas



Fig. 213 — Stade de Florence.

Alinari

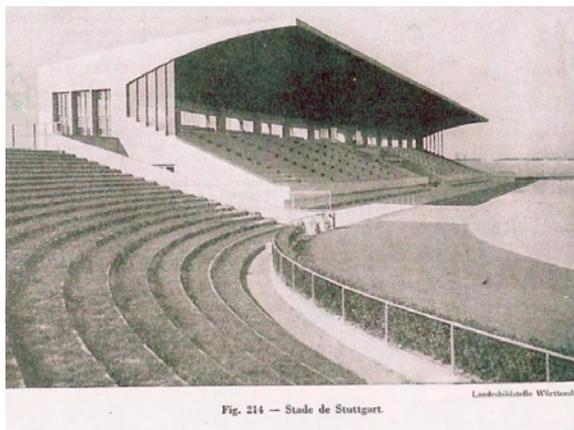


Fig. 214 — Stade de Stuttgart.

Landesbibliothek Württemberg



Fig 117 Releitura de outros autores curitibanos – Edmir Silveira D'Avila
acima esquerda Stade de Florence

fonte: ROBIN, Pierre (direção). *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics (vol. I)*. Paris; Aristide Quillet, 1953.
acima direita Stade de Stuttgart

fonte: ROBIN, Pierre (direção). *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics (vol. I)*. Paris; Aristide Quillet, 1953.
meio Hipódromo do Tarumã, 1952, Edmir Silveira D'Avila
fonte Silviane Muller ,2001

da arquitetura brasileira praticada por cariocas e paulistas, mas mesmo assim sendo uma arquitetura brasileira, contextualizada pelas características locais, a par das diversidades culturais que um país de dimensões continentais como o Brasil apresenta.

A partir das obras do Centenário o público começou a aceitar a arquitetura proposta e as obras comuns passaram a apresentar características semelhantes.

Ensaio de releituras foram realizados para os três protagonistas, Meister, Romeu e Elgson e foram desenvolvidos com mais detalhes nos textos referentes aos mesmos.

Outros autores que trabalhavam em Curitiba nos anos 1950 também se valiam da educação pelas leituras, como pode ser visto na obra do Joquei Club, de Edmir Silveira D'Ávila. Nesta percebe-se o desejo de expressar uma forma exuberante a partir das cascas de concreto, uma tecnologia paradigmática para a época e para estabelecer os comparativos para este exemplo foram destacadas as obras publicadas na mesma Encyclopédie du Bâtiment, mostrando dois estádios com cobertura do mesmo tipo, indicativas de releituras que provavelmente foram realizadas a partir da literatura. (fig 117).

O que se observa também nos tempos atuais, cinquenta anos depois, é que o patrimônio da arquitetura curitibana dos anos 1950 está sofrendo uma deterioração rápida para as obras que sejam ou não monumentos, apesar da capacidade maior de sobrevivência de obras especiais. A deterioração e até o desaparecimento dos edifícios podem ser devidos à má compreensão do significado dos

mesmos para a história da arquitetura paranaense. É recomendável a urgente preservação deste patrimônio histórico, para possibilitar a visualização do mesmo pelas novas gerações, como forma das mesmas apreenderem e valorizarem o esforço dos pioneiros.

Não é possível fazer boa arquitetura sem ter assimilado uma grande base de informações, como disse Elgson na sua entrevista, ressaltando que um professor nas aulas de cursos acadêmicos não consegue passar toda informação necessária, sendo preciso procurar pelo conhecimento. É de Elgson também o destaque de que leituras são fonte de nutrição para educação arquitetônica.

Quem aprende a fazer arquitetura também segue uma escola, e reproduz um aprendizado. Releitura é a aplicação de um aprendizado contextualizado

Como disse Mahfuz (1994), nada se cria do nada e informações que são sincretizadas na mente retornam como releituras, a luz de interpretações e adequação a uma nova realidade. Pode-se dizer que em arquitetura tudo é releitura, a criação de arquitetura se alimenta de arquitetura.

O intercâmbio de idéias sempre acompanhou a cultura da arquitetura e foi a assimilação pelas leituras que possibilitaram o desenvolvimento da arquitetura do Paraná antes da criação das escolas especializadas.

A literatura, que fluiu e influenciou, tornou-se leitura influente, suprimindo a falta de educação especializada e dela beneficiando-se a própria arquitetura dos anos 50 de Curitiba.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Citada e/ou Consultada

Livros

- ALBA, Antonio Fernandez. *La metrópole vacía*. Barcelona; Antropos, 1990.
- AUTORES DIVERSOS. *Brasil*. Paris; Paul Hartmann, 1957.
- AUTORES DIVERSOS. *Espacio fluido versus espacio sistemático*. Catalunya; UPC (Universidade Politècnica de Catalunya), 1995.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo; Abril Cultural, 1979.
- BAYES, Kenneth. *Living Architecture*. New York; Anthroposophic Press and Floris Books, 1994.
- BLANC, Oscar Tusquets. *Mas que discutible*. Barcelona; Tusquets Editores S A, 1994.
- CARBONARA, Pasquale. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifici per la Cultura*. Milano; Antonio Vallardi, 1947
- CARVALHO Benjamin De A. *Duas Arquiteturas no Brasil*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira S.A., 1961.
- CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era Moderno/Guia de arquitetura*. Rio de Janeiro; Aeroplano, 2001.
- COLLINS, Peter. *Los Ideales de la Arquitectura Moderna su Evolución (1750-1950)*. 5ª edição Barcelona; Gustavo Gilli, S.A, 1998.
- COLQUHOUN, Alan. *Arquitectura moderna y cambio histórico*. Barcelona; Gustavo Gilli, S. A, 1978.
- CORONA, Eduardo e LEMOS Carlos, *Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo*. São Paulo; Ipsis S.A, Separata Revista Acrópole 295/296.
- DORFLES, Gillo. *A Arquitectura Moderna*. Lisboa; Edições 70, 2000.
- DUARTE, Fábio. *Arquitetura e tecnologias de informação: da revolução industrial à revolução digital*. São Paulo; FAPESP, 1999.
- DUDEQUE, Irã. *Cidade sem véus*. 20ª edição. Curitiba; E UChampagnat, 1995.
- DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espirais de Madeira*. In. Uma História da Arquitetura de Curitiba. São Paulo; Estudio Nobel, 2001
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 15ª edição. São Paulo; Perspectiva, 1999.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. edição 1964, quesito "Architecture", 2- composition.
- FERNANDES, Carlos Renato. *O Paraná*. 2ª edição. Curitiba; EDIPAN, 1991.
- FIZ, Simon Marchan. *Contaminaciones figurativas*. Madrid; Alianza Forma, 1986.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna..* São Paulo; Martins Fontes, 1997.
- GOODWIN, Philip L *Brazil Builds*. 4ª edição. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- Build in Usa since 1932*. New York; Elizabeth Mock, 1945.
- GOULART REIS FILHO, Nestor. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo; Perspectiva, 1970.
- GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construido*. Madri; Nerea SA, 1992.
- GRIFFINI, Enrico A. *Costruzione Razionale Della Casa*. 4ª edição. Milano; Ulrico Hoepli, 1952.
- HEREU, Pere, MONTANER, Josep Maria, OLIVEIRAS, Jordi. *Textos de Arquitectura de la modernidad*. Madrid; Nerea, 1994.
- JENCKS, Charles. *El Lenguaje de la Arquitectura Posmoderna*. 3ª edição. Barcelona; Gustavo Gilli, S.A, 1984.
- LE CORBUSIER & JEANNERET, Charles Edouard. *Le Corbusier 1929-34*. 4ª edição. Zurich: Les Édition D'Architecture SA, 1947.
- LE CORBUSIER & JEANNERET, Charles Edouard. *Le Corbusier Et Pierre Jeanneret*. Zurich; Les Edition D'Architecture AS, 1948.
- LOCUS, Revista do Curso de arquitetura e urbanismo da PUC PR , número 003, novembro de 1999.
- LOCUS, Revista do Curso de arquitetura e urbanismo da PUC PR, número 004, setembro de 2000.

- MAHFUZ, Edson C. *Composição e caráter e a arquitetura no fim do milênio, em Projeto Design, 195*. São Paulo, ABR/96.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. *Ensaio sobre a razão compositiva*. Belo Horizonte; AP Cultural, 1995.
- MARIANI, Riccardo. *A Cidade Moderna entre a História e a Cultura*. São Paulo; Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1986.
- MARTINEZ, Alfonso Corona. *Ensaio sobre el proyecto*. 3ª edição. Buenos Aires; Kliczkowski Publisher, 1990.
- MONTANER, Josep Maria. *Después del movimiento moderno*. Barcelona, Gustavo Gili, S.A, 1993.
- NEUFERT, Ernst. *Arte de Projectar en Arquitectura*. Barcelona; Gustavo Gili, S.A, 1951.
- NIEMEYER, Oscar. *Conversa de arquiteto*. 4ª edição. Rio de Janeiro; Revan, 1999.
- NOVAES, Adauto. *O Olhar*. Companhia da Letras, 1999.
- PAPADAKI, Stamo. *The Work of Oscar Niemeyer*. Reinhold Publishing Corporation, 1950.
- PEREIRA, Miguel Alves. *Arquitetura, texto e contexto*. Brasília; Universidade de Brasília, 1997.
- PITA, Severino. *La Madera Al Servicio Del Arquitecto*. Buenos Aires; Contemporanea, S. R. L., 1950.
- PUPPI, Marcelo. *Por uma História não Moderna da Arquitetura Brasileira*. São Paulo; Pontes Editores, 1998.
- QUARONI, Ludovico. *Proyectar un edificio ocho lecciones de arquitectura*. Madrid; Xarait Ediciones, S.A, 1980.
- RAMELLI, A Cassi. *Manuali di Composizione e Tecnica nell Architettura Moderna/Edifício Per Gli Spettacoli*. Milano; Officine Grafiche Dell Editore Antonio Vallardi, 1948.
- RIOS FILHO, Adolfo Morales De Los. *Teoria e Filosofia da Arquitetura*. Rio de Janeiro; A Noite, 1955.
- ROBIN, Pierre (direção). *Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics (vol. I)*. Paris; Aristide Quillet, 1953.
- ROSSI Aldo. *Para una arquitectura de tendencia*. Barcelona; G Gili, 1977.
- ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo; Martins Fontes, 1995.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: Pequena História de uma Idéia*. Rio de Janeiro; Record, 1999.
- SARTORIS, Alberto. *Gli Elementi Dell'Architettura Funzionale*. 2ª edição. Milano; Ulrico Hoepli, 1942.
- Introduzione alla Architettura Moderna*. 3ª edição. Milano; Ulrico Hoepli, 1949.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil (1900-1990)*. 2ª edição. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- SILVA, Elvan. *Matrizes do Discurso Doutrinário na Arquitetura*. P Alegre, 2000. versão preliminar.
- SOLÀ MORALEZ, Ignaci. *Architettura, Lingua Morta*. Milano; Electa, 1988.
- XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna em Curitiba*. Curitiba; Pini - Fundação cultural de Curitiba, 1985.
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 5ª edição São Paulo; Martins Fontes, 1996.

Textos distribuídos em aulas

- COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Uma certa Arquitetura Moderna*, texto distribuído em aulas.
- COLLINS Peter, *La influencia de lo pintoresco, em Los Ideales de la Arquitectura Moderna*, Barcelona ,G Gili, S A, 1998
- FROTA, José Artur D´ Aló. *O passado no presente, um caminho para preservação e contemporaneidade*, texto para o Propar, 2000.
- CRUICKSHANK ,Dan. *An english reason*. Extraído de Theories behind the formation of a Rational architecture,1712-50.
- HERNANDEZ Antonio. *J N L Durand´s Architectural Theory : a Study in the History of Rational Building Construction*, em Perspecta 12, 1969
- KAUFMANN, Emil. *La autonomia arquitectonica*. Capítulo IV de Architecture in the Age of Reason, New York, Dover, 1968
- KAUFMANN, Emil. *La arquitectura del Renacimiento*. Capítulo VII de Architecture in the Age of Reason, New York, Dover, 1968
- MADRAZO, Leandro. *Durand and the Science of Architecture*, em Journal of Architectural Education,48/1,setembro,1994
- MAHFUZ Edson C. *Nada provem do nada. Em Projeto nº 69,1984*
- MARTINEZ, Alfonso Corona. *Anotações sobre a teoria da arquitetura nos séculos XVIII e XIX: o problema dos elementos da arquitetura*. Porto Alegre,1986

MONTANER Josep Maria. *La arquitectura de la tercera generacion*, em El Croquis 35, agosto-setembro, 1988

ROWE, Colin. *Character and composition; or Some Vissitudes of Arquitectural Vocabulary del siglo XIX*, em *The Mathematics of the Ideal Villa and Other Essays*, Cambridge, MIT Press, 1976.

ROWE Colin. *Despues de que arquitectura moderna?* em *Arquitectura Bis*, março, 1984

RYKWERT, Joseph. *The Ecole des Beaux-Arts and the classical tradition*, em Robin Middleton, ed, *The Beaux Arts and Nineteenth Century Architecture*, Cambridge, MIT Press, 1982

SOLA-MORALES Ignasi De. *Dela memoria a la abstraccion: La imitacion arquitectonica en la tradicion Beaux Arts*.
Em *Arquitectura* 243 ,7-8 1984 , madrid

Revistas Pesquisadas

Números diversos entre os anos 1946 a 1965, conforme ficou detalhado em REENCONTRANDO LEITURAS e “ACERVOS ENCONTRADOS”, parte 3 desta dissertação.

A CASA, (brasileira),
ACROPOLE (brasileira),
AD-ARQUITETURA E DECORAÇÃO, (brasileira),
A DIVULGAÇÃO, Álbum do Centenário do Paraná
ARCHITECTS JOURNAL, (inglesa),
ARCHITECTURAL FORUM, (americana),
ARCHITECTURAL RECORD, (americana),
ARQUITETURA E ENGENHARIA, (brasileira),
ARQUITETURA E URBANISMO, (brasileira),
ARTS & ARCHITECTURE, (americana),
BETON KALENDER, (alemã),
BRASIL-ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, (brasileira),
ESTRUTURA, (brasileira),
HABITAT, (brasileira),
L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, (francesa),
LA ARQUITECTURA DE HOY, (argentina),
ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA,
NUESTRA ARQUITETURA, (argentina),
PILOTIS, (brasileira),
PROGRESSIVE ARCHITECTURE, (americana),
REVISTA DE ARQUITECTURA, (argentina),
REVISTA CC, comemorativa do Centenário
REVISTA PARANÁ
SCHÖNER WOHNEN, (alemã),
TECHNIQUES ET ARCHITECTURE, (francesa)

Revistas Citadas

A DIVULGAÇÃO, número de set/out 1953, Álbum do Centenário do Paraná
ACRÓPOLE, números de maio 1950, Ano XV-1953 (178) (180), Ano XVI (181) (185) maio 1955 (199), agosto 1955 (202), abril 1956 (210) julho 1956 (213), setembro/dezembro 1957 (226), outubro 1958 (240), Ano XXIV (279),
AD-ARQUITETURA E DECORAÇÃO número de dezembro 1957 (26)
ARCHITECTURAL FORUM ,números de janeiro 1948, maio 1949, dezembro 1949, junho 1952, dezembro 1952, fevereiro 1953, agosto 1953 ,setembro 1953, novembro 1955
ARCHITECTURAL RECORD , número de, janeiro 1947, junho 1952, agosto 1952, abril 1953, agosto 1953, setembro 1953

ARQUITETURA E ENGENHARIA , número de julho-agosto 1952 (22)
ARTS & ARCHITECTURE, número de dezembro 1963
BRASIL-ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA número de 1956 (7)
CATÁLOGO da Exposição Internacional do Café,1953
HABITAT número de setembro 1949 (12)
ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, número de dezembro 1953, (244),Edição Comemorativa do Centenário do Paraná
L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, número de março 1949 (115)
LA ARQUITECTURA DE HOY, número de janeiro 1947 (1)
NUESTRA ARQUITETURA, número de junho 1944 (6),abril 1945
PILOTIS, número de setembro 1949 (3)
PROGRESSIVE ARCHITECTURE, número de janeiro 1952, agosto 1952 , janeiro 1953, abril 1954
REVISTA CC, 1953
REVISTA DE ARQUITECTURA, número de fevereiro 1946 ,maio 1946
REVISTA PARANÁ, número de abril/dezembro 1954 (5)
TECHNIQUES ET ARCHITECTURE, número de 1947 (5-6)

Dissertações e Teses

CAROLLO, Braulio. *Alfredo Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo*. Curitiba, 2002 Dissertação (Mestrado) PROPAR-PUC PR.
D'ALO FROTA, José Artur. *El Vuelo Del Fénix*. Doutorado: Barcelona, 1997. Tese (Doutorado) - Escola Técnica Superior D'Arquitectura de Barcelona,
GNOATO, Luís Salvador P. *Introdução do Ideário Modernista na Arquitetura de Curitiba (1930-1965)*. São Paulo, 1997
Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.
METZLER FILHO, Bruno Werner. *Biblioteca Pública do Paraná: Uma análise da arquitetura*. Curitiba, 2000 Monografia (Curso de Mestrado) - PROPAR-PUC-PR.
MÜLLER, Silvine Rosi. *Arquitetura e Ensino no Paraná: Uma Trajetória em Análise*. Curitiba, 2001 Dissertação (Mestrado) - PROPAR-PUC-PR.
VIDOTTI ,Dalton. *Elgson Ribeiro Gomes, Arquiteto*. Curitiba 1994 Monografia (Curso de Especialização em História da Arte) PUC PR.

Boletins

AGACHE, Donat-Alfred. *Plano de Urbanização de Curitiba*. In: Boletim da P.M.C.-ano II-nº 12, Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1943, *apud* Agenda Mais 2001

Depoimentos Orais à Autora

ELGSON RIBEIRO GOMES, Curitiba, fevereiro de 2001
ROMEY PAULO DA COSTA, Curitiba, 2001
RUBENS MEISTER, Curitiba, 15 de maio de 2001

Palestras (Série Memória do Arquiteto, IAB-PR, Curitiba)

RUBENS MEISTER, 31.08.1995
ELGSON RIBEIRO GOMES, 1995
ROMEY PAULO DA COSTA, 1997

Webgrafia:

Literatura Art Déco (retirado de “O Urbanismo Art Deco de Agache” do Guia da Arquitetura Arte Déco do Rio de Janeiro)
<http://www.cos.ufri.br/~gorg/artdeco>

Redação de Referências Bibliográficas Aplicadas e Trabalhos Acadêmicos e Científicos.
<http://www.icr.hcnet.usp.br/BIBLIOTECA/Refebibl.htm>

REIDY, Afonso E. A Ênfase no Espaço Público na Arquitetura
<http://uol.com.br/bienal>

Do Guayra ao Guairão em 74 anos
<http://www.pr.gov.br/guaira>

Noções Básicas sobre Referências Bibliográficas
<http://www.unicamp.br/bc/refebiblio.htm>

Prefeitura Municipal de Curitiba. O Plano Agache
<http://www.pr.gov.br/curitiba>

O Estado do Paraná-Tribuna. Aniversário de Curitiba
<http://www.parana-online.com.br/aniversario>

A N E X O S

REFLEXOS DO "BRAZIL BUILDS"

O texto a seguir é síntese de monografia desenvolvida durante o curso de mestrado do Propar-PUC PR, por Lauri da Costa

Por se estar tratando de literatura considerou-se dar destaque a um livro especial dentre os mais importantes, sempre encontrado ao se examinar contínuas referências ao Brasil na imprensa internacional, sobretudo das proximidades dos anos 1950.

BRAZIL BUILDS, que despertou a atenção mundial sobre a arquitetura brasileira, é um livro muito interessante, com conteúdo, embora fosse e parecesse ser um catálogo apresentando a exposição do mesmo nome. Era parte de um programa mais completo de intercâmbio cultural e políticas de boa vizinhança entre países, que os Estados Unidos costumavam fazer. A exposição continha uma parte fotográfica com textos explicativos, três maquetes, uma pioneira apresentação de slides com textos gravados em voz e o próprio livro. Foi escrito em 1942, publicado em 1943, por Philip L. Goodwin, arquiteto, então presidente da Comissão Relações Exteriores da AIA (American Institute of Architects), e da Comissão de Arquitetura do Museu de Arte Moderna de New York, sob o patrocínio deste museu.

Philip Goodwin era arquiteto e se fez acompanhar de um arquiteto-fotógrafo, G E K Smith. Ambos viajaram pelo Brasil mais conhecido, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, e também por cantos longínquos, como São Miguel, Manaus, Fortaleza, Recife e Bahia. Em curto espaço de tempo, cerca de dois meses, reuniu um acervo que deve créditos ao auxílio de profissionais locais engajados no movimento modernista, cujas opiniões (anti-ecletismo, por exemplo) parecem ter ido de encontro às opiniões do autor.

A intenção era revelar aos americanos, em particular aos arquitetos, a arquitetura brasileira, avaliando sobretudo as soluções de controle ambiental para o problema do calor e dos efeitos da luz e insolação sobre as grandes superfícies de vidro, colocadas em uso pela arquitetura moderna nas décadas iniciais do século XX.

A maior parte das fotos são em preto e branco, de alta qualidade, com poucos cromos preciosos. Relembre-se que a fotografia colorida e a impressão a cores estava em seus passos iniciais e representavam alto custo até mesmo para americanos.

Goodwin dividiu sua pesquisa em dois aspectos gerais: edifícios antigos e edifícios modernos. Organizou os edifícios antigos por locais, e os modernos por tipos de uso. A amostragem é considerada significativa, nas duas fases, em que pese o costumeiro questionamento de alguns críticos atuais. A apresentação bilingüe, inglês e português, tornou-se referência útil para todos, além de um marco histórico. Mas a versão ao português, de Paulo Duarte, não é muito fiel ao texto original em inglês e é recomendável ler as duas versões para compreender melhor o que o arquiteto Goodwin pretendeu expressar. Como exemplo, o mesmo título foi traduzido de "Brazil Builds" para "Construção Brasileira", e não arquitetura brasileira, ou mesmo edifícios brasileiros. Não se sabe ao certo como eram as sutilezas de algumas expressões idiomáticas em 1942, mas hoje existem mais que sutis diferenças entre as palavras construções, edifícios e arquitetura.

Outro aspecto interessante do Brazil Builds é que contém opiniões do autor e desta forma transmite uma idéia de como a arquitetura brasileira era vista nos anos 50. O que mais chamava sua atenção era a ousadia das formas na nova arquitetura brasileira, que a Goodwin parecia uma revisão do antigo barroco tradicional. A expressão "barroco de Niemeyer" começou a ser usada para explicar esta exuberância, e continua a ser utilizada até hoje, suas curvas arquitetônicas sendo ainda motivo de deslumbramento. Como diz Ferreira Gullar "uma das características do Barroco é a linha curva que suplanta a linha reta... é também uma das características da arquitetura de Oscar Niemeyer..."

Enfoques de destaque no livro:

- ressalta a influencia da França sobre o Brasil, em diversificados aspectos culturais, o que facilitou a aceitação de Le Corbusier

- reconhece que os arquitetos brasileiros estavam bem informados e familiarizados "com todas as minúcias da arquitetura moderna na Europa", sobretudo italianas e germânicas.

- nota que muito pouco da teoria arquitetônica dos Estados Unidos foi aproveitada, mas em compensação muito da prática foi adotado, como banheiros confortáveis, elevadores e detalhes técnicos de construção.

- considera que apesar da forte influencia estrangeira, sobretudo européia, o Brasil encontrou seu próprio modo de expressão nas artes e na arquitetura onde o modernismo brasileiro não recusa a influencia da arquitetura tradicional, ao contrário do purismo proposto pelo modernismo que hoje está rotulado como ortodoxo.

- grande destaque é dado aos pára-sóis (brises) como solução para controle ambiental, com apresentação de bons e estudados detalhes

- Os autores ficaram muito impressionados com a construção governamental de grande porte, dada as características de país emergente, o que lhes pareceu confiança da população nos destinos futuros (e grandiosos) do país.

Alguns comentários surpreendentes contidos no Brazil Builds :

- o agudo senso de observação de Goodwin não pode deixar de perceber e distinguir o que era realmente arquitetura de qualidade e autenticidade, do que não era. Ousou também emitir opiniões próprias, agradassem ou não a todos.

- depois de comentar sobre a arquitetura colonial brasileira, admirado com a riqueza de detalhes e adequação ao meio ambiente, cita que é melhor nem falar da avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, com a biblioteca, o teatro e o palácio Monroe, "vítimas da mania internacional do carregado á Palladio". Deve-se destacar que hoje, no inicio do século 21, este edifícios paladianos são considerados como exemplares marcantes de uma época que teve seu momento histórico.

- Goodwin admirou os jardins de Burle Marx com o uso da flora nacional, e acrescenta: " o principal problema de jardinagem nesta região é combater a extraordinária exuberância das plantas, evitando o retorno á selva, desconcertantemente rápido".

- a respeito dos revestimentos , disse " a arquitetura moderna do Brasil deve muito do seu cunho particular ao uso imaginoso de azulejos ".Mesmo assim , Mr Goodwin não gostou dos azulejos que recobrem a igreja da Pampulha que considerou pobres, pequenos, antigos e impróprios á arquitetura que decoram.

- comenta também que o arquiteto projetista (designer) era *avis-rara* no país, a maior parte da construção realizada por empreiteiros não diplomados nem em arquitetura nem em engenharia. Comenta também que a velocidade de crescimento prejudicava a aplicação de legislação urbana, com desastrosos resultados previsíveis.

- destacou como digno de menção o fato de Mr Johnson, industrial americano, ter contratado Niemeyer para fazer sua casa em Fortaleza. Comentou que sendo proprietário de uma residência projetada por F L Wright., "Mr Johnson escolhe seus arquitetos admiravelmente"

Os arquitetos citados, cujas obras são mostradas em fotos e desenhos, são atualmente nomes muito reconhecidos, exercendo ainda inestimável influência na produção arquitetônica atual, como Rino Levi, MM Roberto, H Mindlin, Jorge Moreira, Niemeyer, entre outros.

A importância do Livro de Goodwin continua a ser marcante ainda hoje e Alan Powers comenta, para *The Spectator*, em junho de 1998, com o título "Baroque swagger" (barroco orgulhoso) a exposição da Architectural Association denominada, não sem certa malícia, de "**Brazil Still Builds**". A exposição apresenta obras até 1964, antes portanto do processo de reciclagem da arquitetura moderna. O comentário é sucinto, mas não deixa de destacar que, ao lado do barroquismo reinante no país e da adequação climática da arquitetura, Brasília parece ser vista como um sonho fatal de grandeza, fora de contato com a escala e necessidades humanas.

No Brasil, a Bienal de 99 promoveu um *revival*/comemorativo do Brazil Builds e Marcos Carrilho antecipadamente publica na AU 77-maio 98 - um extenso artigo sobre o histórico livro. Além dos comentários, o grande interesse do artigo está na comparação das fotos dos edifícios do Brazil Builds e fotos que mostram como os mesmos se apresentam hoje. Alguns já restaurados como peças históricas, outros precisando de atenção urgente.

Concluindo estes comentários sobre o Brazil Builds, o trabalho de Mr Goodwin foi altamente valorizado, e ele foi agraciado com o título de membro honorário do IAB- Instituto de Arquitetos do Brasil.

Muitos livros e revistas foram examinados nesta pesquisa á procura das referencias brasileiras, sobretudo no que foi publicado entre os anos 40 e 60, após a data de publicação do Brazil Builds. Foi encontrado uma quantidade considerável de matérias jornalísticas e publicações. Dada a diversidade, a opção foi colocar as referencias encontradas em ordem cronológica ficando deste modo perceptível a continuidade e constância das menções publicadas, evidenciando que a arquitetura brasileira passou a ser freqüentemente acompanhada pela imprensa especializada mundial.

Este reflexo que a arquitetura brasileira retornava pela imprensa de todo mundo certamente refletia-se também na valorização que os profissionais locais percebiam sobre a arquitetura brasileira, suprimindo a escassez da imprensa nacional.

Esta dissertação verificou algumas opiniões vindas de fora do país sobre a nossa arquitetura, comentando enfoques emitidos por quem não viveu a nossa realidade de perto. Foi possível encontrar inúmeras referencias aos brasileiros na imprensa mundial, demonstradas aqui algumas das mesmas. Partindo de publicações posteriores a histórica "Brazil Builds", foi coletado um apanhado da imagem arquitetônica que os arquitetos brasileiros transmitiam ao mundo.

É importante ressaltar que os textos são em geral muito abrangentes, falando de locação e ambiente, aspectos climáticos, com muita ênfase em aspectos técnico-construtivos, além dos apropriados aspectos arquitetônicos

Após o Brazil Builds a imprensa americana, sobretudo através das revistas como *Architectural Forum*, *Progressive Architecture* e *Architectural Record* se tornaram atentas e traziam sempre alguma noticia sobre os trabalhos brasileiros. O mesmo pode ser dito da imprensa européia, através da *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, nas quais aconteceram muitos artigos e números especiais sobre o Brasil. Também livros de caráter didático passaram a fazer referencias ao Brasil, como é o caso do livro de A. Sartoris, nos anos 50.

Por outro lado a *Acrópole*, revista brasileira, costumava trazer uma resenha de outras publicações internacionais, dando especial destaque quando os citados eram brasileiros

É possível perceber que o intervalo entre publicações que traziam algo sobre a arquitetura brasileira era de meses, mostrando continuidade, presença e atenção com a mesma. Ressalte-se que esta amostra não é exaustiva, nem se pretendeu levantar todos as publicações existentes, mas verificar a presença da arquitetura brasileira no cenário

mundial desde os anos 50, tornando-se sempre presente a partir de então e verificar também quais as notícias que os profissionais locais recebiam através da imprensa sobre arquitetura brasileira.

Niemeyer aparecia com freqüência na imprensa mundial, configurado como referencia de Brasil, destacado fortemente sobre outros profissionais atuantes brasileiros. Cria-se assim o circulo: o tempo funciona como filtro e fica na memória o que todos conhecem. gerando mais referencias, mais procura e mais memória.

Seguem algumas das principais referencias encontradas, com alguns comentários

1943-INTRODUÇÃO À ARQUITETURA MODERNA ,Alberto Sartoris

Apresentando a arquitetura moderna como um movimento em diferentes lugares , Sartoris discute a obra de muitos autores modernistas. Do Brasil mostra a casa de G Warchavchick para Raul Crespi, no Guarujá e menciona os planos de Le Corbusier para a Cidade Universitária e para o Rio de Janeiro.

1944-maio ACRÓPOLE, Nº 73,

"Brazil Builds" e os edifícios públicos paulistas

Contem artigo com referencia direta ao Brazil Builds, denominado " Brazil Builds e os edificios públicos paulistas", de Leo Ribeiro de Moraes, engenheiro-arquiteto. Realça a importância do livro para os próprios brasileiros , valorizando "que a obra dos nossos arquitetos não é simples exotismo ou desejo de ser diferente, mas obra de arte segura e bem orientada". Depois reclama da falta de concursos para escolha de projetos. Quase todos do Brazil Builds foram realizados por escritórios particulares, enquanto que em São Paulo o governo dava preferencia ao escritório técnico do estado, cerceando oportunidades aos profissionais em atividades da livre iniciativa.

1944- outubro NUESTRA ARQUITECTURA

Casa em São Paulo, arq. Bernardo Rudofsky

Republica a casa João Arnstein, com pátios e pérgolas, principal tema desta moradia térrea que foi selecionada para o Brazil Builds.

1947- janeiro- LA ARQUITECTURA DE HOY

Igreja da Pampulha (Brasil)

Esta é a versão castelhana da francesa L' Architecture D' Aujourd' Hui.

O artigo sobre Niemeyer tem um tom entusiasmado, entre outras citações diz "Todo o edificio é um canto á glória da parábola". Destaca os afrescos de Portinari e tem um excelente croquis da Pampulha.

1947- nº 7 e 8-TECHNIQUES ET ARCHITECTURE (numero duplo)

Jardins au Brésil- Burle Marx

Revista francesa, traz artigo escrito pelo próprio Burle Marx, e começa com seu mote conhecido: " On ne fait pas un jardin,on le crée" - um jardim não se faz, se cria. Traz diversas fotos de jardins diferentes em duas páginas em cores

1947- nº 7 e 8-TECHNIQUES ET ARCHITECTURE (número duplo)

Cidade Ipiranga-A Vital Brasil

Uma revista francesa. Este número é dedicado á moradia e traz artigo de Álvaro Vital Brasil, denominado "Brasileira Piranga em Niterói", um conjunto habitacional de 489 unidades com quatro tipos de apartamentos.

1949-setembro PILOTIS editorial- Outra vez

O editorial deste número comenta que, além de divulgar a arquitetura brasileira ,Brazil Builds contribuiu também para a divulgação de artistas plásticos que se realizam através da arquitetura, como pintores, paisagistas e escultores.

1950- julho -THE WORK OF OSCAR NIEMEYER Stamo Papadaki

Analisando e mostrando o trabalho do arquiteto brasileiro em livro, Papadaki explicitamente agradece ao autor do Brazil Builds pela acessoria e por ceder seus arquivos.

1952-agosto - PROGRESSIVE ARCHITECTURE

Edifício de apartamentos - Rino Levi

Segundo R Levi, " em arquitetura deve ser evitada a rigidez de grandes massas de paredes contínuas ". O edifício é solto do terreno por pilotis e para atender ás condições topográficas .É dada ênfase aos jardins de Burle Marx e á forma de planta livre, que permite soluções individualizadas, bem como ás cores fortes utilizadas no térreo .

1952- outubro ARCHITECTURAL RECORD

Centro esportivo no Rio (Maracanã)

Projeto dos arquitetos R. Galvão, Pedro P Bastos, Antônio Dias Carneiro e Orlando Azevedo. A revista faz um acompanhamento das obras do complexo do Maracanã, destacando o ginásio coberto de 35000 pessoas., uma vez que anteriormente já fora publicado artigo sobre o grande estádio de futebol e esportes. Analisa a solução estrutural, bem como destaca o uso múltiplo proposto, a iluminação natural preservada e as facilidades de acesso. Festeja a leveza, elegância e qualidade do desenho, bem como a relação harmônica obtida entre os vários edifícios do complexo.

1953-junho - PROGRESSIVE ARCHITECTURE

Estruturas- expressões plásticas

Em artigo sobre estruturas geodésicas são apresentadas uma obra de P L Nervi e outra de Niemeyer, o Club dos 500, em São Paulo, além de vistas de duas casas no Centro de Treinamento da Aeronáutica. Em todas obras é dado destaque à estrutura, à leveza e ao barroco uso das curvas, além da compatibilização da arquitetura com o clima local.

1A 1953-setembro - PROGRESSIVE ARCHITECTURE

Projeto de Tv Station - Arq O Niemeyer

O desenho para a estação de TV dos Diários Associados ,no Rio, foi considerado provocativo e dotado de caráter particular, "desenvolvido por uma das mais vivas imaginações trabalhando hoje em dia" .Dramatizando um terreno em

declive, Niemeyer projetou uma estrutura em concreto sobre o topo e balançou estrutura e paredes . Brises verticais foram usados para controle da luz. Os autores da revista mostram-se impressionados com a ousadia do arquiteto, notadamente em relação às formas adotadas.

1954- junho ARCHITECTURAL RECORD

Nova comunidade a beira-mar- arq. Henrique E Mindlin

Estes apartamentos de alta renda, no Guarujá, em conjunto com casas, e serviços comunitários como escolas, igreja, centros comerciais e etc., foram destacados pela implantação cuidadosa em relação ao meio ambiente ,incluindo insolação, vistas, ventilação e intercomunicação. Os edifícios assumem a forma laminar e os lotes individuais são pequenos, para facilitar a manutenção e por serem ligados a um grande parque coletivo.

1954- outubro ARCHITECTURAL RECORD

Hotel Copan- arq. Henrique E Mindlin

Sem deixar de destacar a participação americana neste projeto, dá ênfase à locação e inserção urbana , bem como à forma de lamina do hotel, em contraste com a serpentina curva da parte residencial, de Niemeyer. Novamente é destacado o uso de cores na fachada e a ousadia das formas .

1954- outubro ARCHITECTURAL RECORD

Roberto Burle-Marx Arte e Paisagem

Com muitas fotos a cores e comentários entusiasmados repletos de simpatia, traz também a palestra que Burle Marx fez na convenção na Sociedade Americana de Arquitetos Paisagistas. O artigo dá especial destaque às formas e cores utilizadas pelo paisagista, ressaltando sua formação de artista plástico em pintura.

1956-Fevereiro ACRÓPOLE, Nº 208,

Na seção " Revista das Revistas " , que vem a ser uma resenha das publicações disponíveis em outros países, comenta a reportagem sobre o conjunto residencial da cidade Universitária de São Paulo, de Rino Levi, publicada na Inglaterra , na Arquitetural Design de dezembro 1955 Relata também a publicação da residência fazenda de Rino Levi, em São José dos Campos, na revista Espacio, de maio - agosto 1955, de Havana, Cuba. E ainda acrescenta comentário sobre a publicação no Japão, em japonês ,lamentando que não haja tradução, de um livro sobre residências contemporâneas no mundo, uma série . No livro sobre a América latina estão apresentadas obras de diversos brasileiros.

1956- junho ACRÓPOLE, Nº 213,

Traz a resenha de Architecture and Arts, australiana, de janeiro 56, contendo ampla reportagem sobre a arquitetura contemporânea do Brasil

1957-junho ACRÓPOLE, Nº 224

Comenta com entusiasmo sobre o novo livro do Museu de Arte Moderna de New York, denominado "Latim American Architecture Since 1945", que contem obras de onze países, incluído o Brasil.

1958-Agosto ACRÓPOLE, Nº 238,

Traz a resenha de Architektura, nº 4-1958, uma publicação da Polônia. Em uma crônica são apresentados projetos de Lucio Costa, MM Roberto e Rino Levi.

1964-setembro - ARTS & ARCHITECTURE

Projeto de casa em Santa Monica- California , Arq O Niemeyer

As duas primeiras soluções propunham localizar as salas no pavimento superior e quartos no inferior, aproveitando a topografia e principalmente a magnífica vista da paisagem , além da intenção deliberada de criar um desenvolvimento livre da cobertura em laje com forma plástica. Os códigos locais proibiam quartos em pavimento inferior, e o arquiteto foi obrigado a abandonar o partido arquitetônico, substituído por outro mais convencional, em um único piso, com cobertura plana em vigas e alumínio. A reportagem traz várias páginas com croquis e cartas de próprio punho do arquiteto. O artigo comenta também que até aquela data nunca tinha sido permitido a Niemeyer entrar nos EUA devido às suas idéias políticas e lamenta a obrigação da troca de partido arquitetônico, considerando a legislação restritiva incoerente.

1965-Fevereiro - ARTS & ARCHITECTURE

Arquitetura moderna, nascimento, estabelecimento e futuro

Em longo artigo, republicado da Architectoniki, (grega), é feita análise de aspectos funcionais, estruturais, tendências e formas da arquitetura. O Museu de Brasília, de Niemeyer é citado como bom exemplo de " estruturalismo negativo", mencionado a forma de seus três cubos como procura de leveza máxima. Para o autor, " estruturalismo negativo" vem a ser estrutura minimizada, quase imperceptível.

REVISTA DE ARQUITECTURA e NUESTRA ARQUITECTURA , de Buenos Aires

Foram examinados cerca de trinta números, da Revista de Arquitectura, publicados entre 1943 e 1948. A constatação foi surpreendente: não há nada publicado sobre a arquitetura brasileira nessas revistas, mais surpreendente ainda se verificarmos que era uma publicação especializada, da Sociedade Central de Arquitectos e do Centro de Estudantes de arquitectura, de Buenos Aires. Muito próximos portanto e situados em importante centro cultural da época, os argentinos deste grupo e desta época não se interessavam em absoluto pela arquitetura brasileira, ainda que discutissem arquitetura moderna e a publicação contivesse artigos de alto nível sobre diversos enfoques arquitetônicos de discussão mundial.

Já Nuestra Arquitectura dedicava-se de preferencia a projetos de residências, mais tradicionais, com alguns poucos artigos sobre urbanismo ou sobre a arquitetura norte americana. Como já se constatou, republicou uma residência do Brazil Builds, possivelmente sob o impacto do livro americano .Apesar desta reprodução, verifica-se que sobre a arquitetura do Brasil., vizinho e próximo, nada era publicado!

Talvez outras publicações argentinas tenham sido mais condescendentes.

BIBLIOGRAFIA , referente a esta monografia

LIVROS

Goodwin, Philip L e G E Kidder Smith, fotografias, "Brazil Builds" The Museum of Modern Art, New York, 1943

Novaes, Adauto, " O Olhar ", Companhia da Letras, 1999

Sartoris, Alberto " Introduzione alla Architettura Moderna" ,Editore, Ulrico Hoepli, Milano, 3ª edição, 1949

Papadaki, Stamo " The Work of Oscar Niemeyer" , 1950, Reinhold Publishing Cortoration

Pereira, Miguel Alves, " Arquitetura, texto e contexto" , 1997, Editora Universidade de Brasília,

Frampton, Kenneth, " História critica da arquitetura moderna" , 1997, Martins Fontes

REVISTAS DE ARQUITETURA

1 **Progressive Architecture** ,americana, números de agosto 1952 ; junho 1953 ; setembro 1953

2 **Arts & Architecture**, americana, números de setembro 1964 ; fevereiro 1965

3 **Architectural Record**, americana, números de outubro 1952 ; outubro 1953 ; junho 1954 ; outubro 1954

4 **Revista de Arquitectura**, argentina, de Buenos Aires, números diversos

5.**Nuestra Arquitectura**, argentina, número 44

6 **Acrópole**, brasileira, números 73,maio1944 ; 208,Fevereiro/1956 ; 213,julho1956 ; 224,junho1957 ; 238,agosto 1958

7. **A U , Arquitetura e Urbanismo**, brasileira, Ano 13, nº 77-abr/mai 98 ;Ano 15, nº 86-out/nov 99 ;Ano 16, nº 87-dez/jan 2000

8 **Art in America**, americana, nº 1 - janeiro 2000

9. **Techniques et Architecture**, (França) nº 7/8, 1947

10. **La arquitectura de hoy** edição em espanhol da francesa L´ ArchitectureD´ Aujourd´ Hui ; janeiro 1947

11 **Pilotis**, brasileira, setembro 1949 ; Publicação de estudantes de arquitetura

TEXTOS

Powers, Alan- " Brazil Still Builds", em The Spectator,London, Jun 13,1998

Scott, james- " Tyranny in Bricks & Mortar", em The American Enterprise, Washington,10 fevereiro 1998

Mc Daniels, Andrea, " Modernist Buildings in a Fix" , em Christian Science Monitor, jan/fev 2000

Textos diversos distribuídos em aulas, prof. Comas.

Notas de aulas de " Arquitetura Moderna Brasileira", prof Comas

QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

As questões abaixo estabeleceram um roteiro para as entrevistas, mas como em toda conversa, serviram mesmo para estabelecer um assunto em pauta.

A própria personalidade de cada entrevistado deu o rumo final da entrevista. Cada um falou como gosta. Romeu, mais calado, seguiu o roteiro, Elgson retornou no dia seguinte, com mais lembranças, Meister buscava seus livros na biblioteca.

O bate-papo foi gravado, transcrito e revisado, além de ter sido feito o possível para manter a fidelidade ao que foi dito, preservando a expressão de cada um e o sabor e a simpatia pessoal da maneira de falar.

Foram apresentadas as seguintes as questões:

Qual foi seu primeiro contato (profissional) com arquitetura? O que o despertou para o assunto e a profissão?

Quais as revistas e periódicos a que tinha acesso (lia) nos anos 50 ? Nacionais e importadas. Como era fomentado o interesse: pelo ambiente de trabalho, por colegas, pela faculdade...?

Comprava avulso ou tinha assinatura? Onde comprava? Acessibilidade aos periódicos, difícil, razoável, fácil (!)...Qual o assunto ou enfoque que mais apreciava nestas publicações?

O mesmo para livros. Comprava livros? Qual o assunto ou enfoque que mais apreciava?

Freqüentava bibliotecas? Quais? O que procurava e o que encontrava nelas?

Quais arquitetos destas publicações eram seus favoritos, brasileiros, estrangeiros e por qual a razão da preferência?

Observou alguma influencia destas publicações no seu exercício profissional? Como avalia a influencia modernista sobre a produção arquitetônica local, em especial á suas obras?

Quais foram seus melhores professores , pessoalmente ou por literatura?

Costumava mostrar e discutir com colegas suas descobertas na literatura especializada ?

Que destino deu ao seu acervo da época?

Qual sua avaliação desta literatura disponível, o que era bom e o que era ruim?

Estava interessado nos aspectos teóricos contidos nas publicações ou preferia aspectos práticos? Quais e porque ?

Quais das suas obras indicaria para uma comparação com as influencias recebidas?

ENTREVISTA RUBENS MEISTER

Realizada em 15 de maio de 2001. Revisada pelo entrevistado em abril 2002.

A vida de um Professor catedrático, sua carreira, exigia o máximo, por isso defini uma tese e fui fazer um concurso para professor catedrático, que era aprovada anos atrás. Os exames da cátedra eram coisa muito séria. É evidente que havia correntes contra porque achavam que o professor catedrático era dono da cadeira e fazia o que bem queria. Isso também podia acontecer. Mas pelo menos o professor no fim era responsável pela sua cadeira e não era qualquer político que poderia tirar; somente com assinatura do presidente da república e, com motivos, se podia demitir um professor catedrático. E está aí o grande valor que eu dou a este título, porque o título dependia de provas, didática, escrita e prova prática. Uma série de provas eram examinadas por uma banca geralmente de cinco professores catedráticos; dois poderiam ser da própria escola e os outros três professores de outras escolas ou universidades, justamente para dar um caráter mais sério ao concurso. Eu tive o professor Batista Pianca de Porto Alegre e Jurandir Pieres Ferreira do Rio , o professor Puppi, daqui, e também o professor Cavallin. A prova levava praticamente uma semana. Em primeiro lugar havia uma defesa de títulos, só aquele que era no mínimo livre docente concursado é que poderia participar do concurso de professor catedrático. Era um exame de provas e títulos e obras publicadas, onde trabalhou, etc. Muitas vezes o candidato era simplesmente reprovado já pela prova de títulos que não satisfaziam.

Eu já era professor catedrático interino da Cadeira de Construção Civil e Arquitetura por nomeação do presidente da república: tenho essa nomeação publicada em diário oficial, com a assinatura original de Getúlio Vargas, era interino e estava ministrando a cadeira por nove anos. O concurso para Professor Catedrático consistia de uma prova prática, para fazer um projeto arquitetônico onde foi sorteado uma biblioteca, uma prova escrita, com um ponto também sorteado. Mas além das provas citadas havia também a didática: no fim, tinha que proferir uma aula sobre um assunto sorteado, que fazia parte do programa, em 50 minutos, que eram improrrogáveis e irredutíveis. Se passasse dos 50 minutos e não desse todo o assunto podia ser reprovado e também não podia chegar ao final, dar todo assunto, e ficar parado dois ou três minutos, que pareciam uma eternidade para o candidato ,e todos esperando que o tempo do professor passasse.

Era um verdadeiro massacre, e podia arruinar a carreira e a vida profissional do professor, sem razão e sem motivo. Era grande responsabilidade fazer um concurso para a Cátedra, eis porque dou muito valor a esse título. Porque eu fora primeiro nomeado por Getúlio Vargas e depois, para conferir o diploma de professor catedrático, fiz todas as provas. Então quem firmou meu diploma foi Juscelino Kubitschek: era do regimento o presidente da república aprovar a nomeação de professores catedráticos em escolas federais. Hoje com todos esses movimentos estudantis alguns muitas vezes de direita ou esquerda , eu não entro neste emérito, quiseram acabar com a cátedra.

Em que ano foi?

A cátedra? Foi em 1957; eu estava com 37 anos de idade, foi uma carreira rápida. Eu tinha algumas vantagens de ordem prática: já havia ganho primeiro lugar em concurso de arquitetura, já havia ganho terceiro lugar num concurso de um teatro e havia feito projeto de um teatro, já haviam publicado estes projetos todos, eu assumi a cadeira. Naturalmente faço questão de dizer que ainda sou professor catedrático porque o título é vitalício. Não fazem mais concurso de cátedra e o que eu vejo aí são professores titulares ou não, que não dão número de aulas para se aposentar em tempo integral.

Havia grande vantagem em um professor viver na vida prática, e especialmente em arquitetura, porque senão as aulas se tornam apenas teóricas. Quando me aposentei, eu dava meio-dia de aulas e muitos, nos anos 80, disseram "Meister por que você não indicou o dia inteiro?" Vai receber só a metade da aposentadoria. Como poderia solicitar o dia inteiro se eu tinha um escritório de arquitetura, não podia dar dedicação exclusiva às aulas. Também não era vantagem para a universidade porque, com a vida prática nos primeiros anos e passei um ano dando aulas práticas, como é que vou

responder pela aula prática se eu não tenho prática? E aula prática para um engenheiro é muito importante. No primeiro ano, aliás também no segundo ano, assumi a cadeira inteira. Para mim era uma facilidade porque eu já havia trabalhado muito tempo num escritório de arquitetura. No começo não sabia qual a espessura de uma parede, aprendi que existem paredes de um tijolo e de meio tijolo. “Um tijolo com 30 cm e meio com 15cm. Naquela época os tijolos eram maiores que os de hoje. E assim eu fui desenvolvendo e pude dar com toda liberdade e todo conhecimento aulas práticas.

E o seu escritório como era ?

Bom, o escritório... antes disso eu já fazia meus projetos quando era estudante e, claro, não podia responder legalmente pelas obras, mas eu trabalhei quatro anos em escritório de construção dos “Irmãos Thá”, e já fazia projetos, entrei como estudante e saí como estudante ainda, mas elaborando projetos. No fim entregavam a mim, e Romeu sabe disso porque ele também trabalhou nos Irmãos Thá. Em todo caso um interfere na vida do outro, como se disse, se eu não atravessasse a rua não podia contar essa história. Nossa vida depende muitas vezes de pequenas atitudes, vai se formando uma teia, uma trama.

Qual foi seu primeiro contato (profissional) com arquitetura? O que o despertou para o assunto e a profissão?

O primeiro contato foi como desenhista de arquitetura. Depois de um ano trabalhando sem vencimentos em um escritório de construção da Construtora Calvide, eu já tinha aprendido a fazer projetos de prefeitura, e a desenhar pequenos projetos de arquitetura. Precisando naturalmente obter alguma recompensa, fui procurar um emprego. Ouvi falar que na Aeronáutica precisavam de desenhista, e levei um rolo de desenhos. O responsável disse “*nós poderíamos ficar com você já, mas não sei se seria vantagem para você, porque pelo que eu vejo a sua vocação é arquitetura, seria mais interessante para você trabalhar num escritório de arquitetura*”. Eu não esqueço esta recomendação, porque se eu entrasse naquele escritório poderia ser que derivasse para outro ramo. E eu segui o conselho e fui procurar a empresa que estava construindo mais em Curitiba, a que tinha mais placas, era a dos Irmãos Thá. Trabalhei alguns anos e aprendi a parte prática de construção. Quando Eduardo Thá me disse: você vai falar com Eurico Fonseca pois ele quer construir uma residência. Ele, que era meu tio, mais tarde comentou: “*eu pedi para mandar um profissional para fazer o estudo da residência e me mandaram meu sobrinho; o Eduardo Thá respondeu: vocês estavam com o nosso melhor técnico, vocês foram servidos pelo melhor elemento da nossa equipe*”. Tudo isto ajuda na vida da gente, eu sempre lidei com arquitetura.

O mais interessante é que quando estava no segundo ano primário, no Colégio Bom Jesus, na ala alemã, ganhei um presente do meu professor: uma folhinha só sobre arquitetura das catedrais góticas e eu fiquei admirado e pensei que bela profissão. E assim foi, o desenho para mim era facilidade.

Sei que há inúmeras histórias sobre a tentativa de estudar arquitetura no Rio, no meio do curso de engenharia, das vantagens e desvantagens, do retorno e outras. Já tenho relatos sobre isso, mas precisamos continuar. Vamos falar um pouco sobre literatura? Quais as revistas e periódicos a que tinha acesso (lia) nos anos 50 ? Nacionais e importadas. Como era fomentado o interesse: pelo ambiente de trabalho, por colegas, pela faculdade...? Comprava avulso ou tinha assinatura? Onde comprava? A acessibilidade aos periódicos, difícil, razoável, fácil (!)...Qual o assunto ou enfoque que mais apreciava nestas publicações? O mesmo para livros. Comprava livros? Qual o assunto ou enfoque que mais apreciava?

Em um primeiro lugar devo dizer que as revistas nacionais eram poucas, Acrópole e outras, tinham uma vida muito efêmera, muitas boas revistas em pouco tempo apareciam e desapareciam. Infelizmente essa face do país continua sendo como hoje, não fomentava muito a produção das revistas especializadas. As revistas de peso: Architecture D’Aujourd’Hui, Architectural Forum e as revistas alemãs, felizmente eu aprendi alemão, ainda tenho algumas aí. Muitas eu mandei para a Biblioteca do Centro Politécnico para o Curso de Arquitetura. Havia também as italianas e as alemãs. O alemão é mais detalhista e olha muito os detalhes de construção e o interessante é que o alemão produziu mesmo

teóricos muito bons, vindos daquela escola. Mies van der Rohe, Walter Gropius, eram da Alemanha e pelo caminho deles eu vi que era para resolver realmente a parte da função habitacional. Como se vê, as residências olham muito para isso, não tanto para o aspecto romântico. Mies van der Rohe só podia nascer na Alemanha, porque era detalhista ao extremo, a junta da parede continuava pelo piso e era a mesma no teto. Era um purismo absoluto. Agora, existiram outros arquitetos...]

Havia uma revista americana que falava muito de filosofia de arquitetura mas que também não durou muito tempo, ou não importaram mais. Só mais tarde que eu faria naturalmente a assinatura dessas revistas.

Em revistas e livros eu procurava muito artigos sobre acústica. Uma inclinação, por que eu apreciava muito concertos sinfônicos e achava que a coisa mais bela em um bom auditório deveria se reproduzir na música em toda a sua riqueza. Então eu me empenhei muito com os problemas de auditórios.

Eu comprava e importava, só mais tarde é que eu fazia assinaturas. Algumas eu assinei depois, mas quem colaborou muito, com catálogos e ajudou muito neste sentido, foi o Collares Marques, da Livraria Universitária, que foi uma verdadeira mãe para os estudantes: mostrava revistas novas, catálogos e não precisava comprar porque ele não forçava nada. Outra coisa que ele fazia para os estudantes: muitos iam estudar lá, pesquisar nos livros, ele tinha uma salinha, a loja dele funcionava como biblioteca, temos que homenagear o Collares Marques, que me auxiliou muito. Revistas, uma vai puxando outra, eram de arquitetura moderna, Beaux Arts, alemãs, fui colecionando, assinando.

Os livros aqui (nesta biblioteca) são todos vinculados a um conhecimento geral. Por exemplo aqueles cinco livros ali, sobre o Egito e a Grécia. Não posso dizer quantos livros há aqui, nessa biblioteca e em outra sala também. Eu quase não tinha nada quando casei, tinha poucos livros e revistas e depois fui acumulando. Naturalmente, visitava-se bibliotecas.

Adquirir livros sempre foi caro, principalmente livros de arquitetura. Aqueles livros ali são muito caros, não sei se ainda existem. Tem ali o Egito e a Grécia, que são livros formidáveis, tem outros livros lá, italianos, do Griffini e outros, também filosóficos, e mais, que achei muito interessante, sobre artes. Não é só sobre arquitetura, e eu sempre gostei muito de pintura, eu tinha uma inclinação para artes. Até o professor Pedro Macedo, que era professor de desenho, quando terminei o curso, convidou-me: “*Olha você vai me substituir, eu vou me aposentar e você vai ser professor de desenho*”. Havia duas ofertas, uma para ser professor e assumir a cadeira de desenho e outra para arquitetura. E eu fui para a mais difícil, que era arquitetura, evidentemente, o que foi muito bom. Quem pretendia a cadeira de desenho era o Professor Orlando Silveira Pereira, então eu cedi e optei pela arquitetura.

Freqüentava bibliotecas? Quais? O que procurava e o que encontrava nelas?

Eu realmente pouco freqüentei bibliotecas porque fazia questão de ter o livro em casa sempre à disposição, mesmo porque as bibliotecas possuíam mais livros de história do que arquitetura. Tenho um livro que pertenceu a um membro da minha família, do século passado, anos de 1800, sobre teatros, e via ali os desenhos dos teatros notáveis, com a descrição, com os projetos apresentados e os interiores, não com esquemas, mas com os desenhos todos, até o pessoal sentado. Como a ópera de Paris e a maior ópera que já foi projetada, a de São Petersburgo. Têm o projeto ali, algo fantástico, de um arquiteto alemão, houve muita influência alemã na Rússia.

Que destino deu ao seu acervo da época?

Uma parte das revistas foi doado ao IEP, Instituto de Engenharia do Paraná, que depois as doou a Universidade Federal do Paraná. Ainda há parte das revistas, como você pode ver lá em cima. Os livros estão aqui e em outra sala, tem muita coisa agora.

Qual sua avaliação desta literatura disponível, o que era bom e o que era ruim?

Havia algumas revistas que eram perfumaria, tenho algumas ali, caras e que não traziam nada de novo.

Quais arquitetos destas publicações, naqueles anos 50, pré escola de arquitetura em Curitiba, brasileiros e estrangeiros, eram seus favoritos? Por que?

Eu posso lhe dizer o seguinte, eu não tinha muitos favoritos. O que eu achava bom nos seus caminhos e tive grande admiração foram: Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe e Le Corbusier, que influenciou muito na arquitetura brasileira. Havia o arquiteto inglês Charles Wren, que projetou a catedral de Londres e que construiu quase toda a cidade depois do incêndio. Mesmo para o rei, que encomendava, ele só mostrava o projeto depois de assinados contratos. Então a catedral de São Paulo e uma série de outras obras em Londres, igrejas e bibliotecas, e etc, foram projeto dele, era um grande arquiteto. Não era arquitetura moderna, mas também nos Irmãos Thá não aprendi muita filosofia de arquitetura.

Observou alguma influencia destas publicações no seu exercício profissional?

Toda pessoa tem que encontrar a sua filosofia, e especialmente na arquitetura. Passei muitos anos à procura de uma filosofia, porque ora é um movimento tal ou qual, hora é brutalista, agora não é, e assim por diante, uns eram escola renascentista e outros eram neoclássicos. E eu aqui perdido em Curitiba como é que poderia seguir uma filosofia? Aí eu descobri um jeito, e pensei: se eu imitar a natureza eu estarei no bom caminho. Por que a natureza é a grande arquiteta e isso me serviu inclusive para certas discussões, por exemplo, uma que tive com Leo Grossmann, que dizia “*eu não uso pintura na construção*”. Eu disse ao Leo, “olha Leo, eu uso, em alguns casos eu uso, porque se você olhar para o corpo humano, se Deus fosse do movimento brutalista nos teria feito com as vísceras de fora, não teria pele, mas interessante, nos fez até simétricos, quando o interior não é simétrico”. Então, seguindo a leis da natureza, o equilíbrio da natureza, eu achei que estava no bom caminho. E foi assim que fiz. Procurei estudar muito a parte de filosofia da arquitetura também porque dei aulas sobre esse assunto.

Por exemplo, eu sei que Mies Van der Rohe, era muito da modulação, mais no sentido da industrialização, e ele foi realmente o grande mestre do desenvolvimento do pré-moldado, que era repetitivo. Muito bem, era repetitivo mas não precisa ser contra a natureza. A própria natureza é repetitiva. As células são repetitivas mas não precisam ser todas iguais. Então nesse sentido eu acho que observando a natureza e ainda lendo livros de autores como Leonardo da Vinci, e lendo os livros dos brutalistas e etc, eu achei que estava no bom caminho no qual até hoje ainda acredito.

Dos arquitetos brasileiros havia os Irmãos Roberto, Rino Levi e Niemeyer. Eu sempre admirei Rino Levi que era um arquiteto sério.

Agora, o que respondeu de maneira melhor sobre esse assunto não foram os livros de arquitetura, foi um livro de arte, “*As artes e o homem*”, de Raymond Stites (*The Arts and Man*), que eu sempre cito porque este me abriu os olhos, dando uma classificação de artes, e falando dos vários aspectos que a arte apresenta. Diz Stites que todas as artes apresentam três aspectos. Há o aspecto utilitário, o aspecto associativo e o aspecto formal. Ele misturou essas três partes. Claro, em arquitetura e pintura, isto engloba todas as artes, você olha e pensa esta é formal, outra não, esta aqui é **utilitária**. Então a parte utilitária é aquela parte da arte que nos dá certo valor de uso, quem constrói, constrói para alguma coisa, principalmente na arquitetura, a parte utilitária é muito importante. Em segundo lugar está o aspecto **associativo**, em que o fator psicológico se associa a idéias principalmente na área de monumento, onde o aspecto associativo é preponderante. Em terceiro lugar está o aspecto **formal** que nos induz a um sentido estético. A parte estética é essencialmente formal, em todas as áreas. Até na música, quem explorou muito a parte associativa foi Debussy, com *La Mer*, que já se associa ao mar, é muito descritiva a música dele. Mas não existe pureza absoluta, um limite certo entre um aspecto e outro.

Como avalia a influencia modernista sobre a produção arquitetônica local, em especial á suas obras? Quais foram seus melhores professores , pessoalmente ou por literatura?

Em parte eu até já respondi, por que influências, a gente está em um certo meio, é influenciado fortemente por movimentos, por exemplo, moderno, ou aquele movimento que fez a arquitetura clássica, que entrou na parte moderna, usando elementos construtivos com um valor estético e não só na parte escultórica, tudo isto naturalmente influência. O que eu realmente via é que nas obras todas que eu fiz, projetei, foi com esse movimento racionalista, internacional

Estava interessado nos aspectos teóricos contidos nas publicações ou preferia aspectos práticos? Quais e porque ?

No conteúdo das revistas o que agradava mais era justamente as discussões dos arquitetos Eu tenho aí, por exemplo, a Forum, onde havia discussões de todos estes arquitetos. Perguntaram a Mies van der Rohe o que ele achava dos movimentos da arquitetura, se eram muito repetitivos, estavam discutindo se a arquitetura estava em decadência e Mies van der Rohe disse “*Não é possível ,e também não é necessário, criar uma nova arquitetura todos os dias*” Os gregos fizeram aquela arquitetura por muito tempo e outros também. A ânsia de querer criar uma coisa nova é que muitas vezes não leva a nada.

Achei genial Gaudi. Gaudi, por exemplo, era uma figura completamente fora do comum dos arquitetos. Gaudi de um lado e Mies Van der Rohe de outro. São verdadeiramente opostos e não é por isso que vou deixar de apreciar um ou outro. Isto tudo somando, no fim você faz um estudo, dá a uma certa solução às obras .

Costumava mostrar e discutir com colegas suas descobertas na literatura especializada ?

Sim, mas era muito pouco, não havia lá muito diálogo. Trabalhei durante alguns anos com o arquiteto de São Paulo, Salvador Candia, fizemos muitos projetos aqui em Curitiba, e encontrei muitos outros, de qualquer forma também não tinha muito tempo. Aconteceu uma coisa que me deixou aborrecido até com a profissão porque eu estou vendo que não progrediu nada. Havia uma briga entre arquitetos e engenheiros. Nunca vi um grupo de arquitetos criar um curso de engenharia, mas os engenheiros, aqui em Curitiba construíram um de arquitetura.

Vocês eram engenheiros acidentalmente não havia um curso de arquitetura e se houvesse uma escola da arquitetura não teriam estudado engenharia, teriam estudado arquitetura

Não era bem assim! Porque havia necessidade do curso de arquitetura aqui. Mas no fim foram engenheiros, que pouco tinham a ver com arquitetura, não eram só os que queriam projetar, eram todos professores de física, de matemática e todas as ciências básicas, todos na congregação aprovaram a criação do curso de arquitetura. Fui escolhido por unanimidade de voto, para ser o primeiro membro da comissão de criação do curso de arquitetura, afinal de contas era o professor Catedrático de Arquitetura da faculdade.

O interessante é justamente isto, todo mundo me olhava como engenheiro e ninguém dizia que eu era arquiteto, porque eu era engenheiro. Então fizemos umas palestras que tínhamos combinado e íamos trazer arquitetos, como o Villanova Artigas, entre outros, da parte de filosofia. O Villanova Artigas disse” *interessante o engenheiro se mete em tudo, entende de tudo, entende de arquitetura*”. E eu disse: “é de fato, e justamente neste ano o Prêmio Nobel de Medicina, sabe quem ganhou? Foi um engenheiro, ele se mete em tudo!”

ENTREVISTA ROMEU PAULO DA COSTA

Realizada em 2001. Revisada pelo entrevistado em 2001.

Qual foi seu primeiro contato (profissional) com arquitetura? O que o despertou para o assunto e a profissão?

Bom, quando eu estava aprendendo desenho de moveis, na Oficina de Artes Mobiliárias, chefiada por um artista, Kurt Boiger, ele me encaminhou... não... eu fui atrás de melhoria salarial e como era colega do Meister e o Meister era desenhista nos Irmãos Thá, eu fui para lá como auxiliar, como aprendiz, onde fazia de tudo na seção técnica, desenhar, tirar cópias e depois comecei a ir as obras para fazer medições para projetos. Foi nos Irmãos Thá, foi o Meister que me levou para lá, para arquitetura, engenharia naquela época. Os Irmãos Thá eram construtores fortes, havia Irmãos Thá, Gutierrez, Paula & Munhoz e uns poucos outros.

Quais as revistas e periódicos nacionais e importadas a que tinha acesso (lia) nos anos 50? Como era fomentado o interesse: pelo ambiente de trabalho, por colegas, pela faculdade...?

Depois de um certo tempo, quando os recursos permitiram, fui comprando as revistas nacionais, que estão aqui alguns exemplares, a Acropole, foi a primeira revista comprada, e a seguir vieram as revistas da Argentina, Nuestra Arquitectura, que tinha alguma coisa, estas foram no começo. Depois fui indo adiante e apareceram as revistas americanas e francesas.

Comprava avulso ou tinha assinatura? Onde comprava? Quais assinava? A acessibilidade aos periódicos, difícil, razoável, fácil (!)...

A revista americana foi possível porque tinha um vendedor de assinaturas e aí nós fomos comprando, o Meister comprou, eu comprei, e alguns outros compraram. As revistas foram Architectural Forum, Architectural Record e Progressive Architecture.

A mais simpática era a Progressive e a melhor de edição e tamanho era a Architectural Forum. E a revista que eu olhava e estudava era a L'Architecture D'Aujourd'Hui, que era uma revista mais de filosofia de arquitetura, como aparentemente são as européias, francesas e alemãs, não só de arquitetura construtiva, também revista de arte. Pega a revista francesa é uma coisa, pega revista americana é outra, os americanos são muito práticos e os franceses gostam muito de filosofia, de conversas, o que é muito bom também. Comprei anos e anos estas revistas.

Depois apareceu também no Brasil outra revista, que não me lembro mais qual era, e depois começamos a estudar revistas estrangeiras que traziam alguma coisa de novo como Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Saarinen, Walter Gropius e a Bauhaus, Mies van der Rohe e aquele que fez uma boa cadeira, Marcel Breuer, me lembro bem na cadeira dele, era um desenhista mais prático e conversa sobre arquitetura é baseada nisso.

Depois de um certo tempo a gente começou a viajar e comprava em viagem, como hoje se compra revistas de arte em viagens, mas as revistas boas em geral são de assinatura. Tinha assinatura de algumas revistas americanas e a L'Architecture d'Aujourd'Hui era comprada em bancas.

Como foram suas viagens?

Para o exterior a primeira vez que viajamos foi para especialização, quando ganhei bolsa na França em 1960 para especialização em acústica e edificações escolares, depois pegamos gosto pela viagem. Naquele tempo, (anos 50) só fizemos viagem para a Argentina e o Uruguai, Porto Alegre com os gaúchos (da família), Passo Fundo. Depois fomos para

a Argentina, e o Uruguai, foi um bom exemplo de arquitetura residencial, um colosso de qualidade, Buenos Aires foi mais a cidade, mais urbanismo do que arquitetura.

Costumava mostrar e discutir com colegas suas descobertas na literatura especializada ?

Conversas sobre arquitetura era nos escritórios particulares, onde é quase sempre que se trabalha, a conversa era pequena, se conversava mais nos escritórios grandes, no começo nos Irmãos Thá com o Meister. Ninguém ia entrar num escritório para ver o que se estava fazendo!!

O mesmo para livros. Comprava livros? Qual o assunto ou enfoque que mais apreciava?

Livros era na Livraria Universitária, do Collares, que se comprava, e eu comprei muitos livros, ainda está aí a coleção. Ia na livraria, examinava com paciência e comprava, o Collares facilitava muito e eu era um freguês de caderno

A revista não tinha um senso prático direto, como se imagina, vai na revista e aproveita para projeto de residências ou apartamentos. Não havia um aproveitamento prático direto e o que se fazia era estudar. Eu estudei muito Frank Lloyd Wright. O que se aproveitava era a revista que falava da Bauhaus, era a que tinha audiência maior, e de grandes arquitetos mundiais, mas era um estudo teórico a depois a prática tinha que aprender direto nos escritórios.

O livro de começo básico era o Neufert e eu comprei uma enciclopédia da arquitetura em francês "*Encyclopaedie Practique du Batiment e des Traveaux Publiques*" e os livros de teoria, que eu sempre gostei muito da teoria de arquitetura. Porque? Porque eu gosto de arte e arte tem que estudar a parte filosófica nos livros, porque os professores não eram preparados. Não havia preparo naquela época, não sei hoje, não existia preparo especial dos professores na escola, sobre projeto, composição, não havia escola de arquitetura, todo mundo aprendia na prática e os que procuravam avançar estudavam através das revistas e livros. Começava nas revistas e continuava nos livros. Parece que continua até hoje, não muda muito, a escola não tinha um desenvolvimento cultural aprofundado, não sei bem como está hoje, naquela época era difícil, não havia ciclos de palestras, seminários, tinha que estudar só nos livros, revistas e na prática.

As revistas brasileiras também ajudaram muito porque em São Paulo e Rio havia muito bons arquitetos, que até hoje são considerados na arquitetura residencial paulista.

Freqüentava bibliotecas especializadas ? Quais? O que procurava e o que encontrava nelas?

Bibliotecas... a escola de engenharia tinha uma biblioteca, digamos assim, gótica, não tinha nada, livro de arquitetura, então, zero. A Biblioteca Pública não existia, tive que fazer o projeto! Não sei hoje, sobre arquitetura, nas artes é boa a Biblioteca Pública. Em arquitetura, hoje, parece estar melhor nas universidades, na Federal e na Puc.

Falando de conteúdo, além dos já mencionados, quais arquitetos destas publicações eram seus favoritos, estrangeiros e brasileiros? Por que?

O que veio ajudar muito o Brasil foi o Le Corbusier, que veio para fazer o Ministério da Educação e com isto trouxe também muito conhecimento na parte profissional, como interesse por insolação.

Frank Lloyd Wright era mais estética, os americanos protegem muito o Frank Lloyd, claro, mas a arquitetura dele é romântica, e acho muito boa, com muito detalhe, só para milionários, como é boa aquela casa das cascatas e a outra dos telhadões.

O Brasil demorou a assimilar (essa arquitetura), era mais Le Corbusier, arquitetura mais racional, ele que veio e que fez, mudou a estética. Le Corbu veio com linhas simples, formas primárias, trouxe o pilotis. Hoje se fala muito do Niemeyer, que naquele tempo era estudante, ele trabalhava com nosso deão, nosso decano dos arquitetos brasileiros, o

arquiteto básico do Brasil, da arquitetura moderna, Lúcio Costa, que era de formação francesa e trouxe o Le Corbu. Niemeyer era desenhista e depois arquiteto do escritório de Lúcio Costa, um sujeito inteligente que fez muito uso do que aprendeu em Brasília.

Dos brasileiros e aqui residentes era Rino Levi, para edifícios, que aproveitou bem as aulas de Le Corbusier e da Bauhaus, e é muito considerado pelos que conhecem arquitetura. Depois, na arquitetura domiciliar era o Osvaldo Bratke, que fazia uma arquitetura domiciliar especial, com alguns exemplos aqui em Curitiba.

Havia o paranaense Villanova Artigas, com o qual eu trabalhei um pouco porque ele fez projetos bem modernos para os parentes e irmãos, na rua Fontana, e eu fui encarregado de harmonizar com o código de obras de Curitiba, ele fazia pé-direito de 2,40m, na época era 2,80. Obras muito boas, e o Villanova Artigas era daqui e fez muitas obras, o Hospital São Lucas, bem na linha Le Corbusier. Ele trabalhou bastante para Curitiba, fez as casas dos parentes muito boas. O arquiteto como pessoa era formidável, alegre, simples, sem confusão, trabalhou muito em São Paulo.

Naquela época a ligação era mais com o Rio de Janeiro, a capital, e com Brasília. Em cinquenta e pouco a gente já saía em excursão para Brasília em caravana, durante a construção. O Rio era a capital do país, era o centro, e como eu fui funcionário do Estado e minha ligação era com o governo, era o lugar que eu ia mais. Para São Paulo ia mais como curiosidade particular. Fui à segunda bienal de artes e aí já entrava em contato com os prédios e a cidade, isso e aquilo. Naquele tempo não havia estrada, era uma dificuldade, tinha que ir de avião.

Como avalia a influencia modernista sobre a produção arquitetônica local, em especial às suas obras?

Toda a parte estética, filosófica, técnica e prática foi através das revistas. Curitiba como que ia fazer? Obtive informações somente através de revistas e viagens para São Paulo, para o Rio, observar exteriores. Você não entra em um escritório para ver o que fazem e só obtinha informações na revista e a parte filosófica nos livros, não era fácil.

A arquitetura que se fazia aqui em Curitiba era meio pós colonial ainda, se adorava o barroco e aqui no sul havia a influência residencial da arquitetura alemã, a influência era germânica, que está voltando hoje, com mansardas e aproveitamento do telhado, era coisa germânica, que se procurava adaptar às condições locais.

Quem trouxe um pouco de influência foi mesmo a arquitetura da Argentina pela revista Nuestra Arquitectura, uma revista muito boa que trazia modelos de paradigmas que serviam para Curitiba

Quais foram seus melhores professores, pessoalmente ou por literatura?

Eu cursei engenharia, lá a parte referente à arquitetura era mais de construção e não de projeto, muito simples, com o professor Puppi, era mais engenharia. O Meister já era assistente, quando estudei ele entrou de assistente, era mais desenho arquitetônico, não tinha arquitetura. Arquitetura aprendia-se no dia-a-dia, ao vivo e fazendo no escritório de arquitetura, estudo era só de revistas e livros. Professores não... Não, tive nunca professores de arquitetura.

Conversar alguma coisa era com Meister com quem convivi por muitos anos, tanto no trabalho, eu fiquei uns três anos nos Irmãos Thá, onde convivia muito com Meister e depois na escola, por muitos anos, e ele era e sempre foi muito interessado, estudava e lia bastante.

Que destino deu ao seu acervo da época?

Cerca de 80 livros estão em casa, como você sabe. Das revistas, depois de ver o enorme volume que formavam, guardei só a parte principal descartando a propaganda. Não sei onde foram parar as L'Architecture d'Aujourd'Hui que eu comprava, restou apenas um número, mas estas revistas não vinham muito aqui para Curitiba.

A máquina americana funciona, você assina uma revista e ela vem. A parte referente a filosofia, arte, arquitetura veio depois, nos livros. Quando parei de ler sobre arquitetura passei a ler mais sobre a arte e pintura, fiz um curso de litografias e passei a me dedicar mais às artes.

Qual sua avaliação desta literatura disponível, o que era bom e o que era ruim?

A revista traz de tudo, uma miscelânea, tem a parte de editoriais e notícias ,tem a parte de projeto e a parte interna de filosofia e análise e uma certa influência que tem sobre a vida profissional é a comunicação, a propaganda, muita coisa que você faz na vida vem através da propaganda de divulgação de materiais. Técnica vem através da propaganda, é ali que aprendemos muita coisa.

Qualquer revista ou livro eu leio tudo de ponta a ponta. Como diversão, como aprimoramento, como cultura e como leitura .

Quais das suas obras indicaria para uma comparação com as influencias recebidas?

A Biblioteca Pública é a obra número um. Depois vieram os grupos escolares. A parte que mais gosto da Sinagoga, e nem sou judeu, que foi toda imaginada por ser um edifício religioso e eu não tinha informações, só dos clienters, é a porta de madeira .Era um pessoal craque, marceneiros ótimos e está no sol há 40 anos. O edifício Maringá já é da minha parte profissional, resumo de todo o estudo feito. Residências, a do Laércio Forbeck é bastante modernista, planos simples, vãos definidos e pronto. E outros, de acordo com a listagem apresentada.

ENTREVISTA ELGSON RIBEIRO GOMES

Realizada em fevereiro de 2001. Revisada pela autora em 2002.

(Começamos com Elgson mostrando a monografia de Dalton Vidotti)

Esta monografia é uma especialização em história da arte, uma pós-graduação feita na PUC, baseado só na minha vida profissional, de Dalton Vidotti. É uma monografia que tem todos os meus trabalhos não só os prédios, mas também as publicações. É uma especialização em história da arte, artes plásticas e arquitetura sob orientação de Maria Luiza Piermartiri, orientação de metodologia com o professor Bortolo Valle. Aqui há sobre arquitetura moderna brasileira, arquitetura moderna em Curitiba e um levantamento fotográfico. Estão aqui todos os trabalhos e edifícios nos quais eu participei com o arquiteto Heep em SP, depois os meus propriamente ditos, construídos, uma profusão de obras citadas e a conclusão.

E leu a conclusão de Dalton Vidotti (1994)

E concluindo, uma parte do depoimento de Elgson Ribeiro Gomes, que estabelece a sua vontade, ou melhor o início da sua vontade de caminhar por esta trajetória de arquiteto. "... muito tempo se passou desde a década de 40, e lembro-me que, quando alguns dos meus desenhos despontavam. . . me dei conta, creio pela primeira vez, de algo diverso lá fora, como o novo Ministério da Educação do Rio, etc., de que havia um movimento profundo em curso, que necessitava ser analisado antes de se pretender um desempenho adequado e ou conseqüente ..."

É uma atitude filosófica: se caminha pela vida, mas o meu caminho é arquitetura, é uma atitude, eu não sou um indivíduo que tem emprego e faz projetos, com um caminho para empregos, eu deixei os empregos para caminhar pela arquitetura.

É outra atitude, leal a minha trajetória de arquiteto. Muita gente tem um emprego e faz o que mandam, manda fazer um projeto, faz, manda fazer fotografia, faz, a trajetória dele é o emprego, a filosofia é porque é empregado. Não foi bem esta a minha posição. Muita gente prefere o emprego por razões pessoais ou temperamento. Eu estive empregado por dez anos uma vez, mas em um escritório de arquitetura, e quando eu estive empregado em outros lugares eu renunciei. Renunciei ao emprego na Prefeitura de Curitiba, renunciei à grande empresa construtora e vim para cá, para o Mapi e já renunciei.

Eu só fui empregado uma vez, na verdade 10 vezes, mas num escritório de arquitetura e depois me transformei em patrão em um escritório de arquitetura. E esta é a postura, e quando dei aulas não foi como empregado da faculdade, mas como indivíduo que tinha uma experiência forte. Agora tenho dez alunos. Dentro de um ou dois meses estou montando um novo escritório lá no Bacacheri, no tanque, um grande estúdio onde vou ter mais de 20 pessoas trabalhando no que é uma outra jornada de trabalho.

A universidade ensina o contexto cultural e o sistema arquitetônico é um exercício, vamos dizer descontraído, sem compromisso do desempenho profissional, mas é cultural. Nenhum professor participa disso profundamente, nem eu participei com vocês, como (um aluno) participa aqui de um projeto. Aqui não, é uma escola em que uma pessoa trabalha dentro de uma filosofia de trabalho, dentro da filosofia de arquitetura, aprende a trabalhar em arquitetura. Lá se aprende a cultura da arquitetura que é um passaporte para depois fazer uma viagem do jeito que você quiser .

O Dalton tinha trabalhado comigo quatro anos por isso tinha essa compreensão. "*Que estabeleça sua vontade*" e isto é importante, foi o que ele captou ,eu não tinha falado isso, ou melhor ,o início de sua vontade de caminhar por essa trajetória como arquiteto. Minha trajetória na vida foi minha vontade de caminhar pela via da arquitetura. Eu não saí diplomado em engenharia fazendo projetos, como fez seu pai (Romeu) e Rubens Meister. Quais foram os instrumentos, isto que você está tentando colocar, a bibliografia, que se usou? Aqui, na monografia de D Vidotti, também tem algumas das minhas publicações e também um levantamento fotográfico de obras.

O tema do quarto ano era “edifícios” e você fazia uma apostila, um pacote, e dava para cada aluno uma cópia, acho que era rodado em mimeógrafo e papel jornal e tenho absoluta certeza que era do seu bolso. De todo material que eu guardei do curso, estas apostilas eu guardei.

(sorrisos)...Arquitetura (o curso) era uma coisa nova, não tinha nada, ficava horas no escritório para fazer (a apostila) Eu estive meditando ,desde a última vez que você esteve aqui , sobre qual foi o primeiro contato que eu tive com arquitetura, quais as revistas e periódicos. Eu quando voltei para cá, era 1959, em Curitiba não havia nada, eu não era estudante de arquitetura em Curitiba, eu era estudante de arquitetura em São Paulo.

Como eu era, vamos dizer assim, enfeitiçado pela idéia de estudar arquitetura, para usar uma expressão, o que eu comprei aqui em Curitiba, e está em casa, o meu primeiro livro, que eu usei, foi na Livraria Universitária do Collares. Foi a peça mais importante, em 1945 quando tive que fazer, como seu pai, o tema final da cadeira no final do ano, o projeto final de disciplina. Da área de arquitetura, o professor Chaves tinha morrido e o professor era Rafael Assunção, que era professor de desenho do segundo ano tinha sido promovido provisoriamente para professor do quinto ano. Eu saía do quarto ano para assistir aula do Chaves no quinto ano, depois quando cheguei ele tinha morrido, acho que fui o único que teve essa convivência relativa com o professor Chaves.

Mas quando tive que fazer um projeto e escolher um tema escolar eu precisava ter literatura, eu fui a Livraria Universitária e encontrei um livro, precioso, não se encontra mais, mas eu ainda tenho, um livro em inglês, chama-se *History of Architecture*, História da Arquitetura, de Sir Banister Fletcher ,um clássico ,um volume grosso. Esse foi o livro onde eu comecei a estudar os estilos todos . Por que o professor Assunção tinha dado um tema da administração pública, onde cada um podia escolher o tema que quisesse, mas que fosse Renascimento Francês ou Italiano. Nós tínhamos a liberdade de escolher um tema, podia escolher o que quisesse, fosse chefatura de polícia ou correio, fosse prefeitura de cidade do interior, qualquer coisa por pequenina que fosse mas ligado à administração pública. Não, aliás, não dava tanta liberdade assim , tinha que ser em Curitiba, que na época tinha uns 200.000 habitantes. Tinha que ser na capital. Escolhi um Palácio de Governo, você já viu o desenho, e escolhi o alto São Francisco para colocar hipoteticamente o palácio. Mas para fazer um palácio eu tinha que ter um livro para copiar as figurinhas e ler um pouco. E assim fui construindo, esse livro foi uma pedra angular, aos poucos, até chegar onde estou, foi o primeiro.

Eu tinha feito duas publicações na Revista Técnica de Engenharia, uma residência colonial, tinha aquelas publicações do tempo colonial. Tinha aqui (em Curitiba) uma pessoa que me intrigava muito, era Barontini, que é o pai na Nini Barontini da galeria de artes. Eu convivi com ele, trabalhei um pouco no seu escritório, então ele tinha revistas italianas que a gente folheava, mas era mais desenho de arquitetura.

Quando eu fui para São Paulo, na verdade em outro nível, foi a Acropole, que era a única revista que publicava em São Paulo projetos da cidade de São Paulo, não tinha compromisso com nada a não ser com os projetos dos arquitetos paulistas, construtores de São Paulo. Nesta revista o Heep fez publicações. Quando fui estudar no Mackenzie esta era a revista, e eu lia do começo ao fim, então eu me destaquei entre os colegas, porque eu tinha o livro e os outros não tinham, eu me nutria de alguma informação, os outros não. O que os outros tinham eram os professores que eram arquitetos e que nos nutriam de alguma informação, alguma fotografia de cursos feitos lá fora, nos Estados Unidos.

Eu entrei no Mackenzie em 46, não, 47, eu não agüentei e não pude continuar, em 48 pulei fora . Voltei para Curitiba e voltei para lá. Em 49 eu fiz o ano inteirinho, foi quando conheci o Heep, e quando fui trabalhar com ele entrou na minha cabeça a L'Architecture D'Aujord'Hui, que era a revista de que ele se nutria e desde então eu me tornei assinante da L'Architecture d'Aujord'Hui. E mais tarde um pouco eu conheci a Architectural Digest e a Architectural Record que eram revistas americanas, e não mais do que isso... não mais do que isso!

O resto era trabalho, com o Heep, que era um homem impressionante, e a quantidade trabalho era tão grande, tão grande que não tínhamos tempo para pegar livros. Para não dizer que não lia, havia uma coisa complementar que era a convivência com o Heep e as referências que ele fazia da Europa. Eu encontrei dois livros importantes, um era a história de Michelangelo e outro Leonardo da Vinci , que sou capaz de ter aqui.

Dentro do Mackenzie nós tínhamos um professor que nos obrigava a estudar livros, era professor de arquitetura do Brasil ,chamado Nestor Goulart.

Esteve em Curitiba na semana passada ou retrasada. Deve estar com muita idade não?

Ele não é muito mais velho do que eu... Mas ele está com muita idade !! há há há!!! Esta é uma brincadeira ,eu fiz um pacto com vários colegas que nós vamos viver muito mais que os outros, não sei se vai dar certo. Em todo caso quando fui aluno dele eu tinha 36 anos, ele tinha uns 39, 40 . O Nestor Goulart deve ter 81 , 82 não mais do que isso. Um homem talentoso, um grande professor, mas não era arquiteto que projetava, era arquiteto de contar histórias. Mas ele nos obrigou a estudar e agora eu entendo, agora estou entendendo melhor o sentido daquelas aulas. Eu voltei para a escola mais para pegar o diploma, já me considerava suficientemente treinado para fazer um projeto. Mas quando voltei à escola para pegar o diploma eu já tinha 36 anos, voltei depois de um tempo, interrompi seis anos e quando voltei para terminar e pegar o diploma eu já tinha uma maturidade que eu não tinha quando cheguei e era recém-formado. Veja bem a disparidade entre o engenheiro formado naquela época e escola de arquitetura era muito diferente, eu fui para lá com o pressuposto de que bastava pegar o diploma e eu já seria arquiteto. A medida que fui entrando na escola e conversando com ele (Heep) foi que eu percebi que a coisa era um pouco diferente, a transformação que eu sofri foi graças à escola. Eu podia ter trabalhado com o Heep dez anos como engenheiro e voltava com a mentalidade de engenheiro fazendo projeto. Mas foi a escola que formou a base cultural. Na parte cultural os arquitetos tem uma capacidade e eu aprendi pela mão de Nestor Goulart, um momento particular em função da pessoa do professor Goulart. Ele nos sentava em grupinhos e dizia: “*vocês estudam duas horas hoje, um capítulo ou outro, e depois quando terminar levanta e fala sobre aquela aula*”. Duas vezes por semana sentávamos duas horas para ler um livro. Depois ele fechava tudo aquilo com uma preleção interessantíssima.

Foi então, atualmente me dei conta, ainda mais agora com a situação aguda da energia elétrica, o que o professor Nestor vislumbrava, a compreensão de que tínhamos que viver e compreender um país tropical, como Gilberto Freire e outros autores, lutando para que tenhamos uma soberania energética, de país tropical, pela fotossíntese, que vai dar lugar a uma reversão do êxodo do campo para a cidade da cidade para o campo, contanto que nos abasteçamos com a energia do sol. Nós temos o sol, nós temos a água, mas nós temos homens famintos. Temos aqui o mar que pode nos abastecer. Bom, esta fonte eterna ,o sol é eterno, sol também têm na África, mas África não é um país, e nós somos um país continental, com o sol e águas. Os outros não têm nem isso e nós temos, com uma população que pode trabalhar.

E o Nestor Goulart...A escola de arquitetura nunca deu isso a ninguém, não dá essa visão. Não é o objetivo fim, não é por maldade, basear a arquitetura no sentido de uma visão diferente, a dos países de pós guerra, nos quais Le Corbusier que criou as cidades tentaculares.

O maior erro de Juscelino Kubitschek não foi Brasília, isto não é errado, foi o automóvel e a estrada rodada, que foi uma opção para consumir petróleo para os americanos dominarem, quando se tem um oceano que é uma estrada pronta e grandes rios navegáveis. Quem faz isto é a engenharia, que nos coloca em dependência. São coisas que eu estou vendo só agora. Na ocasião a literatura e o Heep diziam, mas eu não entendia, só agora estou entendendo.

Naturalmente houve influência européia, e eu posso te mostrar um livro que eu comprei e que foi a pedra fundamental, e que começa desde os primitivos gregos até os aspectos modernos na América do Norte. Esta é a parte de biblioteca que eu tinha para te dar uma pincelada ,com estes livros de brasilidade que eu tenho aqui . Falta alguma coisa em especial?

Dos brasileiros você falou pouquinho, quem eram seus ídolos seus ícones?

Como arquitetos? Aqui tem uma coisa interessante, quando eu estava tirando engenharia, aqui em Curitiba, surgiram dois caras, o Galdino Tito de Oliveira, o Barão de Salamanca, transferido de Minas Gerais, e o Bacana, que seu pai conheceu, o Eleazar Batista da Silva, vindos de Minas Gerais, da época da guerra, e trouxeram informação sobre Niemeyer e Lúcio Costa, trouxeram na cabeça deles e falaram para mim porque eu estava interessado em arquitetura. Eu

fui o primeiro a ser informado. Mostraram na escola de engenharia os planos, os projetos, e eu fiquei assustado, com o Lúcio Costa e Oscar Niemeyer em 1945.

Eu tinha 23 anos e Niemeyer tem 15 anos mais do que eu, tinha 38 anos. O primeiro personagem foi então Oscar Niemeyer. Lúcio Costa entrou depois, mais pela convivência com Heep. O Heep conheceu Lúcio Costa em Paris, onde foi colega de Le Corbusier. Oscar Niemeyer era desenhista de Lúcio Costa. Brasília foi feita depois, Pampulha e outros vieram depois.

Le Corbusier fez a crítica das cidades antigas, as constatações da Carta de Atenas que analisaram as cidades antigas, Paris, Atenas. Depois propôs sobre aquilo uma visão de cidade moderna baseada no automóvel e no transporte de massa, quando todas aquelas cidades medievais eram baseadas no transporte animal. Esta coisa me fascina. A metamorfose de uma cidade antiga, com tração animal. Basta ver que a primeira palestra que eu fiz, para a Universidade de Londrina, em 1964, eu já abracei e citei a Carta de Atenas e as constatações dos grupos do Ciam sobre as cidades antigas e a transformação das antigas em cidades novas. Houve livros, agora me lembro, que o Heep me deu de presente. Então já falei da Revista Acropole, dos livros do Nestor Goulart, de Gilberto Freire, e mais tarde Oliveira Vianna, *História Econômica do Brasil*, e *Espaço, Tempo e Arquitetura* de Gideon, estes foram os livros que o Heep me deu de presente. Depois ele me deu de presente um grande álbum sobre arquitetura egípcia, que me interessava muito, me fascinava a esfinge e essas coisas.

E eu por conta própria, li Leonardo da Vinci, porque no Mackenzie era proibida essa atualidade. Outro livro que eu estudei por conta própria, já incumbido de dar aula, era chamado *Os grandes mestres*, aí eu estudei detalhadamente a história do Le Corbusier, Mies van der Rohe, e Frank Lloyd Wright, sempre valorizo muito, sempre falo desses três. Dentro de uma certa seqüência: Mies van der Rohe, Walter Gropius e também a Bauhaus.

Depois passei para hospitais, fui para o Japão, visitei as obras dos grandes mestres nos EUA, Oakland, em São Francisco e Michigan, em Nova York. Com o tempo comecei a me preocupar, ainda procurando compreensão, com a teoria urbana. A cidade para viver, uma teoria urbana que Frank Lloyd desenvolveu e isso faz parte da minha chegada aos 38 anos, para dar aulas, estudava como professor e usava os estudantes como cobaias.

E já transformava a minha vida em dois caminhos, um que era o escritório, para fazer projetos, como escravo do Heep, como diz Dalton, mas com interpretação pessoal, e eu tinha outra personalidade que era a que dava aulas, tudo que eu dava nas aulas lá, eu não aplicava aqui. Tudo que eu falava lá não era o trabalho aqui, isso eu estou fazendo agora. Agora que estou ligando as coisas. Tudo que você vê aqui agora é a ligação da parte cultural com a parte profissional, e há uma terceira dimensão, que o Heep não alcançou, poucos alcançaram. Eu sou o primeiro depois de passar pelos dois caminhos, a ter um compromisso pessoal de caminhar pela arquitetura, e eu abracei agora um grande projeto, assumi o grande compromisso de fazer a ligação.

Isto tudo o que falei não está no livro, são confidências. Eu estou fazendo um livro para publicar em 2 meses, aqueles dois alunos do lado me ajudam a fazer. Algumas idéias minhas estão sendo analisadas pelo IPPUC, então alguém me alertou, se você não lançar a público vão dizer que você copiou deles. Então eu abrirei o jogo, já anunciei a uns tempos atrás ao prefeito, mas ninguém se interessou, o governador está sabendo que eu estou mexendo com isto. Na própria revista Locus há um prenúncio.

Este trabalho vai seguir o seguinte caminho. O jornal Indústria & Comércio vai criar, assim que eu estiver pronto, um suplemento sobre a minha vida e sobre os trabalhos avançados que estou fazendo. Eu vou fazer 500 fascículos e vou inundar a cidade, prefeito, deputados, Assembléia, vereadores e Ippuc, em uma semana quero entregar 500 na mão de cada um. Todos os jornais, o Francisco Cunha Pereira me convidou para publicar o que quisesse, quando quisesse, no jornal Gazeta do Povo. A primeira mensagem estou entregando semana que vem. E por fim, tudo que estou fazendo é como plataforma para um vô maior que é o que eu pretendo fazer o ano que vem, que é criar. Eu não estou mais fazendo projetos para vender, eu só estou fazendo projetos nesta área. Só pequenas coisas assim, esses dois prédios que você viu aqui. Mas na verdade o que estou iniciando, estou me esforçando para alcançar uma certa aura, que

signifique um conceito de credibilidade, um caminho coerente. Materialmente eu não tive herança, só dei, não recebi nada, renunciei ao emprego que meu sogro quis dar, tudo que eu tenho foi trabalhando. Se esse trabalho mereceu uma consideração e uma referência de gerações, então eu tenho uma legitimidade. E com esta legitimidade assegurada, eu tenho como projetar minhas idéias maiores, eu posso fazer a minha grande tese, que é esta do Brasil país tropical. Nós vamos viver com novas idéias urbanísticas, com um novo tipo de energia. Esta é a explicação de nascido engenheiro e arquiteto nesse contexto bem diferente, com uma visão de 500 anos de Brasil que muito pouca gente pode ter.

Tenho uma turma que está entusiasta, aqui dentro comigo, os nomes deles estarão presentes. Então são seis livros que eu estou alinhavando, uma visão um pouco poética, um pouco de ficção em idéias que eu quero levar a publicação e discussão. Eu não estou dizendo que tem que ser assim São sugestões, tanto que na entrevista de anteontem, com o Julio Zaruck, um homem de 55 anos, a pedido do Gilberto Piva, (do IEP), quando mostrei tudo isto aqui ele me perguntou *por que você está fazendo isso? Você não é empregado, ninguém lhe encomendou*, eu disse estou fazendo porque sou um cidadão livre e posso gastar cem mil reais nas minhas idéias, não posso? Ele ficou surpreso e comovido. Você sabe que isto custou mais de cem mil reais, e eu estou fazendo um ateliê novo.

E o futuro? Estou juntando material para alguns livros, o primeiro vai se chamar “O Telhado Lá de Casa”, onde eu cresci desde criança, eu cresci debaixo daquele telhado. O segundo será sobre meus projetos, com obras realizadas e muitas obras não realizadas. O terceiro será sobre arquitetura hospitalar, e eu tenho um arsenal imenso de pesquisa. O quarto será sobre projetos para Curitiba do futuro, eu estou trabalhando com três gerações de arquitetura, o quinto será sobre arquitetura no terceiro milênio, face ao grande crescimento populacional, com o progresso da ciência e a nova tecnologia. O sexto será uma temática mais abstrata, ficcional sobre “Os Caminhos da Civilização Ocidental e a Arquitetura no Terceiro Milênio”. Isto é muita presunção!! Mas eu vou chegar lá. Também não vou ficar perguntando se vou ou não vou, eu tenho pouco tempo para chegar lá, tenho quase 80 anos!

Sabendo disto, eu criei um instituto de projetos para ajudar pessoas com menos recursos na educação e profissionalização, para os trabalhos das teses e livros. Quando eu morrer o instituto prosseguirá, eu vou morrer em pleno processo de expansão. Esta é idéia, porque são horizontes que só o brasileiro pode ter.

Sobre bibliotecas especializadas? Aqui não tinha nada, quando eu freqüentava engenharia havia a biblioteca da universidade, UFPR, naquela época eram muitos assuntos ligados à disciplina de engenharia, física, resistência dos materiais. Lá em São Paulo nós tínhamos duas coisas preciosas, uma era o IAB, onde havia almoços e feijoadas aos sábados e se encontrava todo mundo. E depois tinha o Museu de Arte Moderna e a Bienal. Era uma cidade mais dinâmica, quando o Heep saía do escritório todo dia eu acompanhava, eu era solteiro, na Associação de Artes, para chope e papos.

Quando casei eu casei para fazer família, e tudo isto já tinha sido vencido. Senão eu não teria liberdade para ir, porque a mulher ficaria sozinha em casa à noite, para ver Bienal.

Eu viajei quando? Minhas viagens foram um enriquecimento, visitava bibliotecas e museus em toda parte: Suécia, Canadá, Ásia, Paris (quatro ou cinco vezes) e isso foram minhas viagens internacionais, Congresso da UIA. Não morei fora mas estava sempre viajando e sempre sistematicamente eu estava aprendendo.

A influencia modernista no seu trabalho veio através do Heep?

Ah, sobre isto eu tenho uma frase dele para mim sobre uma maneira de se comportar. Como desenhista, e engenheiro já, eu fazia projetos em função da vontade do cliente. E tinha outra(vontade) que era do escritório onde eu trabalhava com Heep. Quando tinha uma encomenda pessoal eu fazia vontade do cliente, eu era engenheiro, o estudo da arquitetura estava interrompido e no escritório não tinha que ter idéias, era só participar, ajudar nas idéias dele, e era um obstáculo ter uma idéia antes dele. Uma ocasião ele olhou, e disse, *Elgson que é isso? Negativo! Nesta história da arquitetura moderna ou você entra nas idéias com tudo, sério, ou não entra nunca*. Aí eu mudei, o Heep foi honesto, foi um mestre, eu convivi com ele nove anos e meio, diariamente de manhã, tarde e noite, dialogando idéias sobre arquitetura e a vida. É impressionante, isso não está nos livros, nas bibliotecas, porque pega toda uma experiência, todo sofrimento, e

isto eu fui filtrando, filtrando, todas suas conversas sobre Paris, sobre o desenvolvimento do pós-guerra, tudo isto era praxis, traduzido para mim e para todos nós. Os outros eram casados e iam para casa, eu ia tomar um chope. Aquelas conversas todas são uma coisa que só eu vivi, e isto me marcou, me diferenciou em relação aos outros. Não foram como eu, que fui escravo do Heep, noite e dia, para sobreviver. Não como um Meister, por exemplo, que era catedrático, e falava com o governador, eu não tive nada disso.

Sem querer eu falei muito do Heep e de Paris, o que você vai entender aqui no Dalton, a tal ponto que ele disse para mim “*Mas eu não quero fazer uma entrevista sobre o Heep e eu quero falar sobre você*”, foi aí que eu caí em mim. Quando eu terminei de falar eu disse ao Dalton “ Mas você está interessado especificamente em quê, na escola de São Paulo, na história do Heep, na minha história ou na evolução da arquitetura dos últimos trinta anos? Em que você está realmente interessado?” E ele disse “*na sua história, o senhor acabou falando mais do Heep do que de si*”. Respondi, “eu estou falando mais do Heep do que de mim porque eu estou começando!” Eu estou falando mais do Heep do que de mim porque eu sou de uma escola profissional de arquitetura. Eu faço questão de chamar atenção para esse ponto. Há uma equívoco, do meu ponto de vista, no que se refere ao aprendizado de arquitetura, formação do arquiteto para ter um desempenho profissional. O desempenho profissional de um arquiteto não é conseguido numa escola formal. Mas a escola é uma coisa cultural. E você não pode pretender que um professor sozinho possa ensinar de tudo a todos alunos todos os anos, depois de uma turma vem outra e depois outra e depois outra. Você quase desaparece num ateliê de alunos. Então existe a necessidade de se obter o título como um passaporte para esta viagem, e precisa trabalhar com quem sabe trabalhar, para aprender durante muitos e muitos anos, 10 anos no mínimo, entre 5 e 10 anos e depois você pode fazer a sua arquitetura.

Foi assim com todos os grandes, de Mies van der Rohe a Frank Lloyd Wright. Mesmo Le Corbusier e o arquiteto alemão Mies van der Rohe e Walter Gropius, fizeram o mesmo com Sullivan. Eu fixei bem isso por que todos arquitetos que aqui começaram uma história da arquitetura propriamente dita, diplomados nos anos 60, em arquitetura fui eu que iniciei. Existiam os engenheiros todos, como eu e outros, eram eles que projetavam mas não eram arquitetos, que olhavam revistas e procuravam informações para fazer alguma coisa de acordo com a imagem fotográfica moderna para fazer uma interpretação de que aquilo que se vai fazer é moderno também. Mas eles não tinham uma escola profissional, não, o que eu quero dizer é que a diferença que por acaso exista não é porque sou mais talentoso ou mais artista, é porque eu tenho três diplomas. Um de engenheiro civil, que até pouco tempo atrás no Brasil era praticamente tudo, porque o país é muito grande e precisa de alguém capaz de fazer todo tipo de coisas, até mesmo projetar os prédios. O segundo de arquiteto, por que não se deve fazer arquitetura sem ter uma cultura arquitetônica, que é milenar, e o terceiro vem de São Paulo, trabalhando com aquele alemão do pós-guerra.

Depois fui me envolvendo com arquitetura especializada, hospitais e campus universitários.

Quando voltei em 59 a turma já era de 30 (alunos), quando me formei já tinha turma de 60, mas em 46 só tinha 5 ou 6 alunos no Mackenzie, na USP nem se conta. A USP era escola de engenharia onde se estudava uma disciplina ou outra para ser arquiteto. Curso de arquitetura real era no Mackenzie, embora clássica, tinha uma concepção, metodologia, filosofia da arquitetura, embora clássica. E havia a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro onde Oscar Niemeyer e Lúcio Costa se formaram. Isso no Rio era mais cedo, mas em São Paulo foi mais tarde, começou mesmo em 46, 47, depois da guerra. Na minha turma tinha sabe quantos alunos ? Cinco!!

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

Siglas mencionadas na dissertação

A&E: Arquitetura e Engenharia

AD: Arquitetura e Decoração

AIA : American Institut of Architects

AU: Arquitetura e Urbanismo

BPP: Biblioteca Pública do Paraná

CEOC: Comissão Especial de Obras do Centenário

CIAM: Congrès Internationaux d'Architecture Moderne

CREA: Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia

DECOM: Departamento de Obras

DEOE: Departamento de obras especiais

EMOPAR: Empresa de obras do Paraná

FAU-USP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

FIEP: Federação das Indústrias do Estado do Paraná

IAB: Instituto dos arquitetos do Brasil

IAB-RIO: Instituto dos arquitetos do Brasil do Rio de Janeiro

IAB-SP: Instituto dos arquitetos do Brasil de São Paulo

IBA: Instituto Brasileiro de Acústica

IEP: Instituto de Engenharia do Paraná

IPASE: Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado

IPPUC: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

Irmãos MMM Roberto: Irmãos Marcelo, Maurício, Milton Roberto.

MEC: Ministério da Educação e Cultura

PUC-PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Revista CC: Revista do Centro Cívico

SVOP: Secretaria de Viação e obras Públicas

UFPR: Universidade Federal do Paraná

UIA: Union Internationale d'Architectes

